

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CENTRO DE EDUCAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM SOCIEDADE,
CULTURA, E FRONTEIRAS
LINHA DE PESQUISA: TERRITÓRIO, HISTÓRIA E MEMÓRIA

GIULIANO SILVEIRA DERROSSO

VIVÊNCIAS NAS TERRITORIALIDADES TRANSFRONTEIRIÇAS DO IGUAÇU
(TTI)

FOZ DO IGUAÇU – PR
2018

GIULIANO SILVEIRA DERROSSO

**VIVÊNCIAS NAS TERRITORIALIDADES TRANSFRONTEIRIÇAS DO IGUAÇU
(TTI)**

Tese apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para a obtenção do título de Doutor no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Sociedade, Cultura e Fronteiras. Área de concentração: Sociedade, Cultura e Fronteiras. Linha de pesquisa: Território, História e Memória.

Orientador: Prof. Dr. Mauro José Ferreira Cury

FOZ DO IGUAÇU – PR

2018

GIULIANO SILVEIRA DERROSSO

**VIVÊNCIAS NAS TERRITORIALIDADES TRANSFRONTEIRIÇA DO IGUASSU
(TTI)**

Esta tese foi julgada adequada para a obtenção do Título de Doutor em Sociedade, Cultura e Fronteiras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Sociedade, Cultura e Fronteiras, área de concentração em Sociedade, Cultura e Fronteiras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Mauro José Ferreira Cury (UNIOESTE)
Orientador

Prof. Dr. Jorge Carlos Morgan Medina (UABC – México)
Membro Externo

Prof. Dr. Milton Augusto Pasquotto Mariani (UFMS)
Membro Externo

Profa. Dra. Regina Coeli Machado e Silva (UNIOESTE)
Membro Interno

Prof. Dr. José Carlos dos Santos (UNIOESTE)
Membro Interno

Prof. Dra. Denise Rosana da Silva Moraes (UNIOESTE)
Membro Interno

Foz do Iguaçu, 6 de agosto de 2018.

A vida não é um movimento
desterritorializado. (Hissa, 2006)

AGRADECIMENTOS

Concluir o curso de Doutorado certamente é uma oportunidade de expressar a gratidão por todas as pessoas que contribuíram para que este momento acontecesse.

Agradeço meus pais Nora Egláe Silveira Derrosso e Eucárdio Antônio Derrosso pela oportunidade de viver e por todo incentivo aos estudos, a erudição e a melhoria constante.

A minha esposa Carolina Ellwanger por compartilhar mais esta fase de trabalho árduo, em que ter uma pessoa ao lado que conforte, estimule e encoraje faz toda a diferença!

Ao meu professor orientador doutor Mauro José Ferreira Cury, por ter aceitado me orientar e por ter me acompanhando neste percurso, sempre com sua disponibilidade assistencial e seu interesse em ajudar.

A todos professores e técnicos administrativos do Programa de Pós-graduação Sociedade, Cultura e Fronteiras (PPGSCF-UNIOESTE) por iniciarem o curso de Doutorado na cidade de Foz do Iguaçu, oportunizando e democratizando o acesso a pós-graduação nesta região.

A banca de qualificação, formada pelos professores Dr. José Carlos dos Santos, Dr. Eric Cardin e Dra. Regina Coeli da Silva, pelas sugestões e significativas contribuições a esta pesquisa.

Ao CAPES pela bolsa de doutorado sanduíche oportunizando uma experiência internacional acadêmica que agregou na ampliação do meu mundo pessoal.

Ao prof. Dr. Xosé Manoel dos Santos Solla (Universidade de Santiago de Compostela – Espanha) por ter me recebido durante meu estágio sanduíche e ter me ampliado os contatos, acesso a bibliografias e conhecimentos de interesse da minha pesquisa.

Aos colegas e amigos que contribuíram com ideias, sugestões, críticas ou mesmo uma escuta paciente de todas as angústias de um doutorando.

A todos os moradores das TTI, especialmente aqueles que me compartilharam seu tempo e suas narrativas para compor este trabalho e os resultados desta pesquisa.

DERROSSO, Giuliano Silveira. **Vivências nas Territorialidades Transfronteiriça do Iguassu (TTI)**. 2018. 221 p. Tese (Doutorado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Foz do Iguaçu, 2018.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é compreender como ocorrem as vivências transfronteiriças nas TTI – Territorialidades Transfronteiriças do Iguassu, englobando a fronteira entre Foz do Iguaçu (BR), Ciudad del Est (PY) e Puerto Iguazú (AR). A partir deste objetivo foram realizadas pesquisas documentais procurando identificar aspectos econômicos, sociais, culturais, geográficos e históricos das TTI e também entrevistas semiestruturadas com indivíduos que nasceram nesta territorialidade para compreender como ocorrem suas vivências transfronteiriças. Como aporte teórico, foram utilizados autores de diferentes áreas do conhecimento para a discussão do conceito de territorialidade, de fronteiras e do transfronteiriço. A partir daí, foram apontadas evidências de constituição da territorialidade transfronteiriça, enfatizando os aspectos de integração no relacionamento entre os três países da fronteira. E da mesma forma que foi observada esta integração em aspectos econômicos sociais, foi possível estabelecer os parâmetros do viver transfronteiriço, vivência construída no cotidiano da territorialidade onde a percepção das fronteiras por parte dos indivíduos não está relacionada com os limites impostos pelos Estados-nação. Como características deste viver transfronteiriço pode-se observar os aspectos do multipertencimento, das multiapropriações identitárias, do binômio mobilidade-liberdade, da adaptabilidade e flexibilidade, do senso de universalidade, das aproximações e confrontos e do estar-entre. Todas essas condições apontam para a existência de características específicas da vida transfronteiriça baseada na diversidade e na tolerância ao outro e construída no dia a dia dos habitantes desta territorialidade. Do ponto de vista dos indivíduos, as fronteiras não são percebidas como limite, mas sim como oportunidades de (des)encontros, confrontos, aproximações e principalmente de (des)identificações em curso, que favorecem uma aproximação maior à realidade humana, mais tolerante, diversa e universal.

Palavras-chave: Territorialidade; Fronteira; Viver Transfronteiriça.

DERROSSO, Giuliano Silveira. **Vivências nas Territorialidades Transfronteiriça do Iguassu (TTI)**. 2018. 221 p. Tese (Doutorado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Foz do Iguaçu, 2018.

ABSTRACT

The objective of this research is to understand how transboundary experiences occur in the TTI - Transboundary Territorialities of Iguassu, encompassing the border between Foz do Iguaçu (BR), Ciudad del Est (PY) and Puerto Iguazú (AR). Based on this principle, documentary research was carried out to analyze the development process of territoriality in its economic, geographic, political and social aspects and semi-structured interviews individuals born in the border establishes relationships between cross-border living and aspects related to territoriality. As a theoretical contribution, authors from different areas of knowledge were used to discuss the concept of territoriality, borders and cross-border. From that point on, evidence was presented of the constitution of a transboundary territoriality, emphasizing the aspects of integration in the relationship between the three countries of the border. And in the same way that this integration will be observed in social economic aspects, it was possible to establish the parameters of a cross-border living, an experience built in the daily life of a territoriality where the individual's perception of borders is not related to the limits imposed by the states -nation. As characteristics of this cross-border living one can observe the aspects of the multiperience, of the multipropriations of identity, of the mobility-freedom binomial, of adaptability and flexibility, of the sense of universality, of approximations and confrontations, and of being-between. All these conditions point to the existence of specific characteristics of a transformer life based on diversity and tolerance of the other and built in the daily life of the inhabitants of this territoriality. From the point of view of individuals, the boundaries are not perceived as a limit, but rather as opportunities for (dis) encounters, confrontations, approximations, and especially of ongoing (de) identifications that favor a greater approximation to the more tolerant, diverse and universal.

Keywords: Territoriality; Boundary; Transboundary Identity.

DERROSSO, Giuliano Silveira. **Vivências nas Territorialidades Transfronteiriça do Iguassu (TTI)**. 2018. 221 p. Tese (Doutorado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Foz do Iguaçu, 2018.

RESUMEN

El objetivo de esta investigación es comprender cómo ocurren las vivencias transfronterizas en las TTI - Territorialidades Transfronterizas del Iguassu, englobando la frontera entre Foz do Iguaçu (BR), Ciudad del Est (PY) y Puerto Iguazú (AR). A partir de este principio, se realizaron investigaciones documentales buscando analizar el proceso de desarrollo de la territorialidad en sus aspectos económicos, geográficos, políticos y sociales y entrevistas semiestructuradas individuos nacidos en la frontera establece relaciones entre la vivencia transfronteriza y los aspectos relacionados con la territorialidad. Como aporte teórico fueron utilizados autores de diferentes áreas del conocimiento para la discusión del concepto de territorialidad, de fronteras y del transfronterizo. A partir de ahí, se señalaron evidencias de constitución de una territorialidad transfronteriza, enfatizando los aspectos de integración en la relación entre los tres países de la frontera. Y de la misma forma que se observará esta integración en aspectos económicos sociales, fue posible establecer los parámetros de un vivir transfronterizo, una vivencia construida en el cotidiano de una territorialidad donde la percepción de las fronteras por parte del individuo no está relacionada con los límites impuestos por los Estados-nação. Como características de este vivir transfronterizo se pueden observar los aspectos del multipertencimiento, de las multiapropiedades identitarias, del binomio movilidad-libertad, de la adaptabilidad y flexibilidad, del sentido de universalidad, de las aproximaciones y confrontaciones y del estar-entre. Todas estas condiciones apuntan a la existencia de características específicas de una vida transfornteriza basada en la diversidad y la tolerancia al otro y construida en el día a día de los habitantes de esta territorialidad. Desde el punto de vista de los individuos, las fronteras no se perciben como límite, sino como oportunidades de (des) encuentros, enfrentamientos, aproximaciones y principalmente de (des) identificaciones en curso, que favorecen una aproximación mayor a la realidad humana, más tolerante, diversa y universal.

Palavras-chave: Territorialidad; Fronteras; Identidad Transfronteiriça.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Foto da Avenida Brasil em Foz do Iguaçu (1969)	86
Figura 2 - Pirâmide Etária de Foz do Iguaçu	89
Figura 3 - Economia familiar.....	89
Figura 4 - Empregos Formais e Ocupação Total.....	90
Figura 7 - Ponte Tancredo Neves – Ponte Internacional da Fraternidade	97
Figura 8 - Comércio de Ciudad del Este	101
Figura 5 - Cataratas do Iguaçu.....	106
Figura 6 - Itaipu Binacional.....	107
Figura 9 - Hospital Costa Cavalcanti – Foz do Iguaçu (BR)	110
Figura 10 - Hospital Marta Schawarz – Puerto Iguazu (AR).....	111
Figura 11 - Hospital Regional de CDE – Ciudad del Este (PR)	111
Figura 12 - Aeroporto Internacional de Foz do Iguaçu (BR).....	113
Figura 13 - Aeroporto Internacional de Puerto Iguazú (AR)	114
Figura 14 - Aeroporto Internacional Guarani (PY)	114
Figura 15 - Rodoviária Internacional de Foz do Iguaçu (BR)	116
Figura 16 - Rodoviária Internacional de Puerto Iguazú (AR).....	116
Figura 17 - Rodoviária Internacional de Ciudad Del Este (PY).....	116
Figura 18 - Área Comercial em Ciudad del Este (PY)	118
Figura 19 - Centro de Puerto Iguazú (AR).....	119
Figura 20 - Projeto de Parque Industrial – Parque Mercosul – Ciudad del Este (PY)	120
Figura 21 - Linha Internacional – Puerto Iguazú (AR) – Foz do Iguaçu (BR)	121
Figura 22 - Linha Internacional – Foz do Iguaçu (BR) – Ciudad del Este (PY)	121
Figura 23 - Ponte Internacional da Amizade	125
Figura 24 - Ponte Internacional da Fraternidade	125
Figura 26 - Nuvem de Palavras - software Iramuteq	131
Figura 27 - Análise de Similitude - Software Iramuteq	133

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Comparação do fluxo diário médio de pedestres (20110 até 2016)	122
Gráfico 2 - Comparação do fluxo diário médio de veículos (2011 a 2016)	123
Gráfico 3 - Comparação do fluxo diário médio de veículos (2013 a 2016)	124

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Área Urbana das Territorialidades Transfronteiriças do Iguassu	19
Mapa 2 - Localização da Fronteira Brasil - Paraguai – Argentina	77
Mapa 3 - Localização de Foz do Iguaçu (BR)	83
Mapa 4 - Localização da cidade de Puerto Iguazú (AR)	96
Mapa 5 - Localização de Ciudad del Est (PY)	100

LISTA DE SIGLAS

AR – Argentina

BR – Brasil

CTG – Centro de Tradições Gaúchas

EUA – Estados Unidos da América

ETB – Eurorregião Trinacional da Basiléia

G-8 – Países mais ricos do mundo (USA, Japão, Inglaterra, França, Itália, Canadá, Alemanha e Rússia)

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

IFPR – Instituto Federal do Paraná

MERCOSUL – Mercado Comum do Sul

MST – Movimento dos Sem Terra

OMC – Organização Mundial do Comércio

PIA – Ponte Internacional da Amizade

PIB – Produto Interno Bruto

PIF – Ponte Internacional da Fraternidade

PR – Paraná

PTI – Parque Tecnológico de Itaipu

PY – Paraguai

SIS – Sistema de Informação Schengen

SUS – Sistema único de saúde

TTI – Territorialidades Transfronteiriças do Iguassu

UDC – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas

UE – União Europeia

UNESCO – Organização das nações unidas para Educação, Ciência e Cultura

UNILA – Universidade Federal de Integração Latino-americana

UNIOESTE – Universidade do Oeste do Paraná

UPAP – Universidad Politécnica y Artística del Paraguay

UY - Uruguai

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1. EM UM MUNDO DE MULTITERRITORIALIDADES, FRONTEIRAS E TRANSFRONTEIRICIDADES.....	23
1.1 O TRANSFRONTEIRIÇO.....	40
1.1.1 A União Europeia e suas Políticas Transfronteiriças.....	44
1.1.2 O Mercosul e suas Políticas Transfronteiriças	53
2. PERCURSO METODOLÓGICO	61
2.1 O DESAFIO DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM FRONTEIRAS.....	67
2.2 AS ENTREVISTAS	69
3. AS TERRITORIALIDADES TRANSFRONTEIRIÇAS DO IGUASSU (TTI)	77
3.1 AS ORIGENS DAS TTI.....	78
3.2 FOZ DO IGUAÇU	82
3.3 PUERTO IGUAZÚ	92
3.4 CIUDAD DEL ESTE.....	98
3.5 ELEMENTOS DE CONSTITUIÇÃO DAS TERRITORIALIDADES TRANSFRONTEIRIÇAS DO IGUASSU (TTI).....	102
3.5.1 Atrativos e Empreendimentos Transfronteiriços.....	106
3.5.2 Saúde.....	109
3.5.3 Transportes – Aeroportos, Rodoviárias e Estradas.....	112
3.5.4 Economia	117
3.5.5 Mobilidade Urbana	120
3.5.6 Educação	126
3.5.7 Trabalho	127
4. VIVÊNCIAS TRANSFRONTEIRIÇAS: A PERCEPÇÃO DOS INDIVÍDUOS NAS TERRITORIALIDADES TRANSFRONTEIRIÇAS DO IGUASSU	129
4.1 A ANÁLISE DO SOFTWARE IRAMUTEQ.....	131
4.2 A PERCEPÇÃO DA FRONTEIRA	134
4.3 VIVER NA FRONTEIRA OU VIVER A FRONTEIRA... ..	142
4.4 AS APROPRIAÇÕES IDENTITÁRIAS TERRITORIAIS e MULTITERRITORIAIS.....	147
4.5 COMO É TER NASCIDO NA FRONTEIRA?	157
4.6 OS HIBRIDISMOS BRASIGUAIOS E BRASENTINOS	162
4.7 A RESPOSTA DA SIMPLES PERGUNTA: “ONDE VOCÊ NASCEU?”	167
4.8 VIVER A FRONTEIRA: AS CARACTERÍSTICAS DO VIVER TRANSFRONTEIRIÇO	172

4.8.1 Multipertencimento	172
4.8.2 Apropriações Transfronteiriças.....	174
4.8.3 O binômio Mobilidade-Liberdade.....	176
4.8.4 Adaptabilidade e Flexibilidade.....	177
4.8.5 Senso de Universalidade	178
4.8.6 As aproximações, os confrontos, as (re)definições e as (re)afirmações	179
4.8.7 O estar-entre	180
4.9 O VIVER TRASNFRONTEIRIÇO: PRINCÍPIO UM SENSO DE UNIVERSALIDADE OU DE UMA CIDADANIA COSMOPOLITA?.....	183
CONSIDERAÇÕES FINAIS	191
REFERÊNCIAS.....	200
APÊNDICE - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS	216
ANEXO	217

INTRODUÇÃO

A vida na fronteira mais dinâmica da América do Sul, localizada no encontro das cidades de Foz do Iguaçu (BR), Ciudad del Este (PY) e Puerto Iguazú (AR), representa uma oportunidade de encontros, confrontos, aproximações e contatos.

Ordinariamente, quando se pensa em fronteira, é feita a associação de ideias de divisão, muros e intransponibilidade, entretanto, o espaço vivido pelos indivíduos que habitam a fronteira é mais amplo e complexo do que as delimitações possam determinar. De fato, o mais usual é, em estudos de fronteiras, ressaltar a dicotomia geográfica do “nós e eles”, porém existem outros aspectos, dentro da subjetividade inerente ao indivíduo residente em tais fronteiras, importantes de serem analisados e compreendidos. Com efeito, a abordagem da literatura moderna considera, principalmente, os aspectos subjetivos e sociais em relação aos conceitos de territorialidades e fronteiras.

Quanto ao propósito, as fronteiras territoriais podem ter um duplo efeito, de um lado a dimensão prática de limite, com seus efeitos políticos, administrativos e econômicos e por outro o caráter simbólico que ela pode incorporar. Pelo lado prático, os conceitos de nação, estado, cidadania e comunidade se fazem presentes a partir dos movimentos coletivos e dinâmicas destas territorialidades.

Atualmente, esta condição prática de limites, enfrenta um paradoxo: ao mesmo tempo em que se vive a revolução tecnológica, que possibilita maior fluxo de informações e pessoas ao redor do mundo, os Estados, por meio de suas leis e os direitos de cidadania, procuram tornar mais rígido o controle migratório e as políticas de movimentação populacional destas regiões. Ao mesmo tempo em que se vive o liberalismo democrático, vemos a criação de leis e políticas de fronteira com caráter de exclusão. Em parte, isso representa e explica a ocorrência de novas ondas de nacionalismos percebidos em algumas partes do mundo, espelhando um novo sentimento de identidade nacional subjetiva.

Fronteiras representam linhas de separação ou contato entre dois ou mais Estados, revelando descontinuidade entre as territorialidades de cada país. Esta descontinuidade pode ser territorial, econômica, cultural ou religiosa e nem sempre esta relacionada com as fronteiras geográficas reconhecidas.

Para além das definições, pode-se considerar a fronteira como fechada, quando o objetivo principal é a segurança e o controle dos fluxos para reafirmar a posse ou proteção da territorialidade, ou, fronteira aberta, quando permeável e aberta para a criação de uma territorialidade de trocas mútuas e interdependência. Na realidade das fronteiras fechadas é possível perceber áreas inabitadas, pouco conectadas ao interior da territorialidade do seu país, altamente militarizadas, enquanto nas fronteiras abertas se verifica regiões mais urbanizadas em ambos os lados da fronteira, densamente conectada e construída.

Há, ainda, a condição alternada da fronteira que, de acordo com interesses governamentais, ou econômicos, pode se abrir para determinados tipos de fluxo e se fechar para outros, revezando sua condição fronteira, de acordo com as conveniências e necessidades dos Estados. Tal situação é identificada até mesmo na União Europeia (UE) a partir de 1995, com a entrada em vigor do acordo Espaço Schengen, onde alguns Estados, evidenciando sua soberania, acabam por fechar as fronteiras ou dificultar certos fluxos transfronteiriços.

Sinal dos tempos, atualmente até fronteiras abertas passaram a contar com sistemas de vigilância e controle eletrônicos, que substituem, em parte, o aparato físico de controle pelo aparato tecnológico. A fronteira dos Estados Unidos da América (EUA) com o México, por exemplo, atualmente é controlada em sua grande extensão por torres e câmaras de vigilância com sensores de calor e presença para os seus mais de 3.200 quilômetros de extensão.

Embora se identifique linhas divisória formais, as fronteiras devem ser vistas e compreendidas como regiões ou zonas. Por essa razão, a construção e determinação das identidades não poderão acompanhar apenas divisão geográfica orientadas pelo Estado-Nação, elas funcionam, de forma mais ampla, tal como a fronteira enquanto territorialidade vivida. É com essa visão que se analisa o conceito de transfronteiriço.

Compreende-se a territorialidade transfronteiriça como aquela que, pelo menos, parte da sua fronteira se encontra com outra fronteira internacional. Além da sua definição geográfica, a análise do transfronteiriço pode ser ampliada para as relações sociais, culturais, políticas e populacionais. Os grupos que ocupam essa territorialidade de acordo com os modelos e regras definidas pelo corpo e mundo socioespacial deles, aliados à historicidade regional, à interação política, ambiental e

econômica, formam um complexo relacionamento entre as bases estruturais e suas subjetividades – próprias de cada povo.

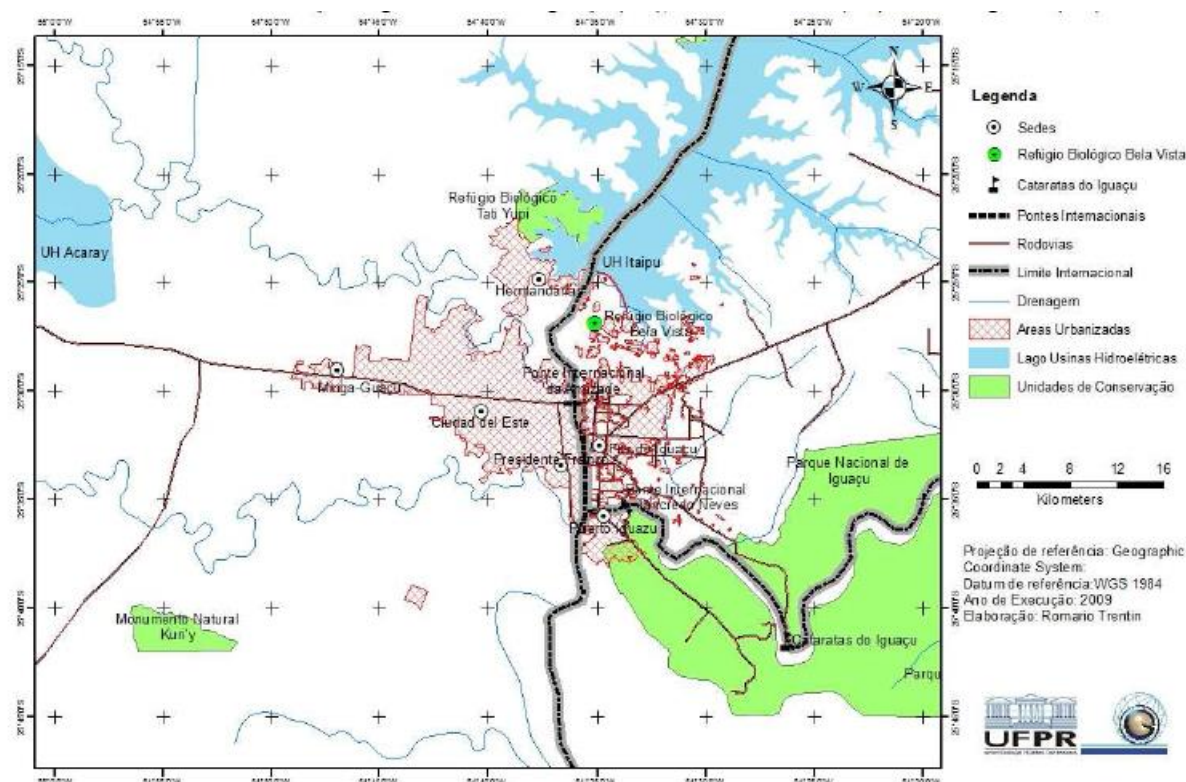
Logo, pode-se considerar para a análise das regiões de fronteira, o conceito de transfronteiriço, ampliando-se a análise para além da fronteira artificial, considerando-se o funcionamento econômico, social e cultural de tais regiões.

Um viver transfronteiriço contorna diariamente as fronteiras geográficas e estatais, no sentido de estabelecer relacionamentos entre os países, de acordo com a conveniência e interesse dos indivíduos. Esta condição nos leva a reflexão de que fronteiras, principalmente aquelas fechadas, vêm atender mais os interesses estatais, econômicos e tributários do que o desejo das pessoas em transitarem livremente entre territorialidades.

Cada indivíduo experimenta de forma diferente a transfronteiricidade, entretanto, não há como negar a influência dessa “conturbação” social e cultural. Cada país cria seus elementos como forma de afirmar a identidade nacional, como por exemplo, nas questões linguísticas, símbolos, moeda etc. Por outro lado, a vida na *transfronteira* agrega elementos que apontam para a diversidade desses mesmos componentes, o que altera as experiências de vida desses indivíduos.

A base teórica do presente estudo é a proposição contida na tese de Mauro José Ferreira Cury (2010), onde o autor demonstra a existência das Territorialidades Transfronteiriças do Iguassu (TTI)¹, centralizada pelos municípios de Foz do Iguaçu, no Brasil, Puerto Iguazú, na Argentina e Ciudad del Este, no Paraguai. Adota-se, neste sentido, o termo *tríplice fronteira* para designar a territorialidade que é o encontro das fronteiras entre os três países (Brasil – Paraguai e Argentina). Quando se trata de TTI, considera-se área de abrangência maior, que inclui as cidades conturbadas, no Brasil, a cidade de Foz do Iguaçu e Santa Teresinha de Itaipu, no Paraguai, a cidade de Ciudad del Est, Hernandarias, Presidente Franco e Minga Guazú e, na Argentina, a cidade de Puerto Iguazú (Mapa 1).

¹ Segundo CURY (2010) as Territorialidades Transfronteiriças do Iguassu (TTI) são compostas pela área urbana entre as cidades de Foz do Iguaçu – Estado do Paraná – Brasil; Puerto Iguazú – Província de Misiones – Argentina, e Ciudad del Este, Presidente Franco, Minga-Guazu e Hernandárias – Departamento de Alto Paraná – Paraguai.



Mapa 1 - Área Urbana das Territorialidades Transfronteiriças do Iguassu
Fonte: Cury (2010)

Tais territorialidades são objetos deste trabalho, uma vez que diversas evidências concorrem para transformar essa territorialidade em ambiente onde é possível evidenciar as transfronteiricidades, sendo o *lócus* de pesquisa apropriado e viável às análises.

O presente estudo se debruçará sob o seguinte problema de pesquisa: **Como ocorrem as vivências transfronteiriças dos indivíduos que moram nas Territorialidades do Iguassu?**

Com a função de delimitar e aprofundar o roteiro de pesquisa, foram apresentadas as hipóteses:

- Os elementos históricos, geográficos, econômicos e sociais de uma territorialidade influenciam nas experiências de vida;
- A existência de um viver transfronteiriço, forjada nas experiências diárias nesta transterritorialidade;
- A conformação de uma vivência transfronteiriça apresenta características específicas;

- d) Os indivíduos que nasceram na fronteira têm a oportunidade de vivenciar experiências singulares, próprias da transfronteiricidade, e estas experiências conferem características às suas vivências.

Para alcançar os resultados tem-se o objetivo geral: Compreender como ocorrem as vivências transfronteiriças dos indivíduos nas TTI. Desta maneira, procura-se compreender como os indivíduos vivenciam esta realidade territorial. Com objetivos específicos desta pesquisa têm-se:

- a) Realizar levantamento de dados a respeito das TTI's, identificar sua história, constituição, evolução, mudanças no contexto geoeconômico;
- b) Identificar, por meio de entrevistas semiestruturadas com os indivíduos que nasceram e moram nas TTI, como são suas vivências transfronteiriças;
- c) Delinear as características de um viver transfronteiriço, a partir dos elementos relatados.

Desta forma, esta tese propõe apontar novas dimensões aos estudos que buscam relações entre as vivências dos indivíduos e territorialidade, com a inclusão da categoria fronteira. Assim, o que se preconiza é a necessidade da análise pormenorizada e específica de contextos de vida dos indivíduos em territorialidades fronteiriças.

O interesse pelo objeto desta pesquisa nasceu no dia em o pesquisador passou a morar na cidade de Foz do Iguaçu – PR, em 2004. Viver nesta transfronteira é, diariamente, ter que superar limites e fronteiras impostas pela diversidade das cidades que a compõe. Em razão da diversidade de línguas faladas (português, espanhol, guarani e as línguas dos turistas estrangeiros); diferentes moedas (real, dólar, guarani, peso argentino, euro); várias etnias que vivem na cidade; distintos hábitos culturais (dos muçulmanos, dos chineses, dos brasileiros, dos paraguaios etc.); marcos religiosos (templo budista, mesquita muçulmana, catedral católica); distintos hábitos alimentares (o *xauarma*, a *chipa*, o *tererê*); enfim, viver nesta territorialidade inspira os moradores a ultrapassar as fronteiras pessoais, aceitar o outro e muitas vezes até incorporar certos hábitos, costumes e tradições. Este contexto pode ser comparado a cidades cosmopolitas, que dentro da sua territorialidade absorve diferentes contextos culturais, contudo com o diferencial em

relação a TTI por se tratar de identidades nacionais. Os confrontos e aproximações que se estabelecem neste viver transfronteiriço se chocam com as realidades nacionais e por este motivo torna-se o *lócus* interessante para esta pesquisa.

Nesse espaço, onde a fronteira estatal, representado por Estados Nacionais, (a divisão Brasil – Paraguai – Argentina) parece não acompanhar o modo de vida dos habitantes da territorialidade, é comum, por exemplo, a pessoa morar e acordar em um país, trabalhar em outro e até fazer uma programação de lazer em um terceiro país, como se a demarcação territorial fronteiriça não representasse barreira para o seu viver. Desta maneira, se constituem as experiências dos indivíduos nas territorialidades onde as fronteiras são superadas por distintos movimentos populacionais na busca da integração efetiva e os moradores das fronteiras nacionais não as percebem de forma clara como em outras territorialidades.

É necessário, pois, valorizar e destacar os efeitos da territorialidade transfronteiriça na vida dos indivíduos que vivem nesta territorialidade, além dos aspectos econômicos, populacionais e culturais. Esta tese, portanto, se justifica pelo desenvolvimento de estudos qualitativos que procuram compreender e melhorar as realidades fronteiriças, e que aponta aportes teóricos e práticos para o desenvolvimento deste campo de interesse.

Os estudos fronteiriços têm destacada importância na atualidade, parte devido a esforços governamentais em estudar e compreender como as fronteiras do nosso país se desenvolvem, parte em função de projetos e pesquisas nessas territorialidades. O que se pretende é contribuir com referências teóricas a respeito dos estudos fronteiriços, na zona de maior densidade populacional, a tríplice fronteira de Foz do Iguaçu ou as TTI.

ESTRUTURA DA TESE

Para o alcance dos objetivos propostos, esta tese está estruturada em 4 capítulos assim organizados:

No primeiro capítulo apresenta-se as pesquisas teóricas para a compreensão dos conceitos geográficos de territorialidades, multiterritorialidades e

transterritorialidades. Assim, é possível estabelecer os referenciais para a ideia de fronteira até se chegar as transfronteiricidades.

É apresentado, no capítulo dois, o percurso metodológico que este trabalho percorreu e os entrevistados que fizeram parte desta pesquisa.

Na parte prática deste estudo, no terceiro capítulo, procura-se demonstrar as TTI, nos seus aspectos históricos, sociais, geográficos e econômicos das três principais cidades, no caso, Foz do Iguaçu (BR), Ciudad del Este (PY) e Puerto Iguazú (AR).

No quarto capítulo são apresentados os resultados das entrevistas semiestruturadas realizadas com indivíduos que nasceram nas TTI, com o objetivo de se delinear a percepção destes indivíduos das suas experiências do viver transfronteiriço.

1. EM UM MUNDO DE MULTITERRITORIALIDADES, FRONTEIRAS E TRANSFRONTEIRICIDADES

A compreensão de território, para Jean Gottman (1980), se dá a partir do resultado das ações de cada sociedade em demarcar e controlar o espaço, seja ela demarcação jurídica, cultural e econômica. Isso traz para a discussão a soberania do Estado (em função da segurança) e a interdependência no nível internacional. Já o conceito de territorialidade corresponde à circulação (favorece a fluidez) e à iconografia (símbolos religiosos e políticos), englobando a vinculação à ação do Estado, ao mercado, aos regionalismos e à ação da autoridade. Percebe-se na ênfase dessas definições o caráter do Estado nas relações territoriais e a divisão política do espaço.

Já Claude Raffestin (1994), outro autor que discute os conceitos de territorialidade e territórios, define o território como fronteiras e frentes de ocupação e povoamento, desde os aspectos econômicos e geopolíticos. O território é resultado das relações de poder multidimensionais, um produto histórico, relacional e material. Para o conceito de territorialidade, Raffestin aborda o que significa relações de poder: alteridade e exterioridade, relações biossociais e múltiplas, correspondente ao espaço-temporalmente. Nessa abordagem, vê-se o enfoque relacional e reticular, que destaca o papel das redes, nós e relações de poder que se estabelecem para formar a territorialidade.

Raffestin (1992) propõe para identificar territórios criados a partir de situações culturais algumas categorias: a primeira é chamada de território do cotidiano: é o território atual, de todos os dias, no qual se garante a satisfação das necessidades. É caracterizado mais pelas descontinuidades e, por isso, pode ser considerado um arquipélago de lugares isolados uns dos outros. “O território do cotidiano é, ao mesmo tempo, aquele da tensão e da distensão, aquele de uma territorialidade imediata, banal e original [...], previsível e imprevisível [...], território dos fatos de crônica [...]” (RAFFESTIN, 1994, p.6-7). Cada indivíduo cria seus territórios para estabelecer seu cotidiano de relações, de vida e de significações, e cria certa descontinuidade espacial e temporal.

Na segunda concepção de território, Raffestin (1992) propõe chamar o território das trocas onde há articulação entre o regional, nacional e internacional por meio da circulação de mercadorias. O território é aberto e fluido e está em constante movimento de mudanças. As trocas são estabelecidas e intercâmbios são criados por diferentes territórios. Nessa condição, percebe-se a fluidez e o movimento que caracterizam esses espaços.

Já o território de referência é aquele onde se encontram o material e imaterial; histórico e imaginário, subjetivo (memória individual e/ou coletiva). “O território de referência é justamente aquele dos antecedentes” (Raffestin, 1994, p.7). Não é o território que se habita, mas aquele que se habitou ou se conhece por intermédio de leituras e da memória. São imagens que nutrem a identidade atual. Tal território é aquele onde a memória, seja individual ou coletiva, localiza na história do sujeito as vivências e experiências da vida cotidiana que servem de referências para a própria constituição das identidades

Por fim, Raffestin (1994) traz a ideia do território sagrado: está ligado à religião e à política, como ocorre em Jerusalém e Roma. Nas festas e cerimônias se efetivam sacralidades, territorialidades, rituais que caracterizam traços identitários. Muitas vezes esses territórios são reconhecidos pelas tradições religiosas e delimitam um conjunto de tradições, hábitos e padrões de comportamento e pensamento comuns.

No caso das TTI é utilizada a abordagem do território de referência, na perspectiva em que os aspectos materiais e imateriais interagem para construir as vivências dos indivíduos nesta territorialidade. A partir das memórias e das histórias de vida dos indivíduos que habitam esta territorialidade, é possível compreender as dinâmicas que se estabelecem no viver transfronteiriço.

Com essas determinações de Raffestin (1994), se pode perceber a dinâmica e as múltiplas funções que a territorialidades pode assumir a partir das apropriações materiais e simbólicas que as pessoas fazem e a utilidade que se coloca em determinado ambiente.

Na busca de outras definições e interpretações, Francesco Indovina e Donatella Calabi (1974) conceituam o território como produto e condições das relações capitalistas de produção junto com a atuação do estado, resultado do uso e da apropriação do espaço para produção, circulação, valorização do capital e

reprodução dos trabalhadores. E o conceito de territorialidade segue o mesmo enfoque, onde se destaca a relação capital-trabalho, vinculada à reprodução e valorização do capital. Percebe-se nessas definições a influência de autores como Marx e Castells, na abordagem materialista, relacional e com caráter político de denúncia bem definido.

Na concepção de Saquet (2015, p.107), que aponta a territorialidade em quatro níveis correlatos: a) como relações sociais, identidades, diferenças, redes, malhas, nós, desigualdades e conflitividades; b) como apropriações do espaço geográfico, concreta ou simbolicamente, implicando dominações e delimitações precisas ou não; c) como comportamentos, objetivos, metas, desejos e necessidades e, por fim, d) como práticas espaço-temporais, pluridimensionais, efetivadas nas relações sociedade-natureza, ou seja, relações sociais dos homens entre si (de poder) e com a natureza exterior por meio dos mediadores materiais (técnicas, tecnologias, instrumentos, máquinas...) e imateriais (conhecimentos, saberes, ideologias,...), a territorialidade é processual e relacional ao mesmo tempo.

Segundo Saquet (2009), territórios compreendem quatro elementos principais: a) as relações de poder; b) as redes de circulação e comunicação; c) as identidades; d) a natureza. Logo, para se entender as territorialidades se precisa analisar esses elementos e seus relacionamentos. Importante ressaltar aqui o elemento da identidade enquanto componente de territorialidades.

Já, a territorialização, ou apropriação do território pelo indivíduo, foi abordada por Pimentel e Carrieri:

É importante salientar que toda territorialização (e seu movimento inverso, a desterritorialização) pressupõe uma espacialidade, embora nem toda espacialidade corresponda à territorialização do espaço. Isso porque a territorialização pressupõe práticas de apropriação e exclusão, tendo como lógica subjacente a competição. Já a espacialidade como prática social de relacionamento com o espaço pressupõe somente apropriação. Esta pode ocorrer, por exemplo, de forma compartilhada (no caso de bens públicos) ou simbólica, em relação a bens e espaços, como ocorre no turismo. A diferença, que parece apenas semântica, traduz-se de maneira mais contundente quando se analisa, por exemplo, a polaridade entre espaços públicos e privados. Enquanto aqueles estão submetidos à lógica de apropriação coletiva e da solidariedade (ROUSSEAU, 2006), que reforça os laços entre os membros de uma comunidade, já que todos podem se apropriar de algo comum; estes últimos (espaços privados) pressupõem uma lógica de apropriação por meio da exclusão, onde algo só pode ser apropriado se for expropriado de outros. Reconhece-se aqui a relevância da

apropriação do espaço pela lógica da exclusão. Contudo, ela faz parte de um quadro mais amplo de relações sociais com o espaço – da “espacialidade” – (SOJA, 1998), que tende a promover uma lógica de apropriação não necessariamente de exclusão, mas, antes, inclusiva. PIMENTEL E CARRIERI (2011, p. 15)

Na visão de Pimentel e Carrieri (2011), portanto, essa apropriação envolve a incorporação do espaço físico pelo indivíduo, atribuindo-lhe significados subjetivos e, dessa forma, traduzindo-se no uso desse território carregado de marcas individuais e identitárias. Assim, a apropriação está intimamente ligada à maneira como é incorporado pelo indivíduo, que, por sua vez, irá caracterizá-lo de acordo com seus traços e marcas pessoais e identitária.

Segundo Gomes-da-Silva e Wetzel, a incorporação do espaço:

Trata-se de um conceito não relacionado apenas ao espaço material ao redor do corpo, à esfera que contém os movimentos ou atividades físicas, mas também às distâncias mantidas nas relações sociais [pelas quais] os indivíduos tendem a preservar o seu espaço pessoal e a definir a sua forma de interação com os outros, [o que varia] em função da personalidade dos sujeitos, de fatores individuais, tais como idade e status social, de fatores interpessoais, tais como atração, de fatores situacionais (elementos físicos ligados ao contexto) e de fatores culturais. GOMES-DA-SILVA E WETZEL (2006. P.5)

Conforme a abordagem de Souza e Pedon (2007), a relação que se estabelece entre identidade e território cria a forma de um constante processo em movimento, que vai se constituir ao longo do tempo e tem como seu principal elemento o sentimento de pertencimento ou apropriação do indivíduo ou do grupo junto ao seu espaço de convivência ou sua localidade. O que torna o caráter de território ao espaço é esse sentimento de apropriação, enquanto local de práticas, da cultura e da interação do indivíduo com a sociedade. Nessa relação é que o indivíduo vai criar suas identificações com tudo mais que está a sua volta. O conhecimento dessa ordem simbólica, por meio de suas manifestações materiais e imateriais, poderia esclarecer as relações que os atores sociais estabelecem com o espaço e entre si mesmos. (SAQUET, 2015)

Na visão de Souza e Pedon (2007), a estrutura espaço-território-identidade parte do enraizamento da complexa trama de sociabilidade estabelecida pelo

indivíduo que torna o espaço um território onde sua identidade pessoal se consolida a partir de aspectos culturais e sociais criados e estabelecidos nas rotinas de vida.

Eis a visão ampliada por Haesbaert:

O espaço é, portanto, palco de dimensões simbólicas e culturais que o transforma em território a partir de uma identidade própria criada pelos seus habitantes que o apropriam, não necessariamente como propriedade, mas com a ideologia-cultural manifestada nas relações políticas, sociais, econômicas e culturais. Destarte é pertinente a afirmação de que “toda identidade só se torna ativamente presente na consciência e na cultura de sujeitos e de um povo quando eles se veem ameaçados a perdê-la”. HAESBAERT (1988, p.78)

No referido trecho, Haesbaert (1988) destaca a relação direta que o espaço tem no momento em que um conjunto de dimensões culturais e simbólicas o transforma em território, criado a partir das realidades dos indivíduos que vão conferir sentido ao espaço. Por meio das atuações e manifestações sociais, políticas, econômicas e culturais, o indivíduo vai ampliar a relação identidade-território e passa a identificar aquele espaço enquanto extensão da sua própria identidade ou algo que justifica sua essência enquanto indivíduo. Segundo Rebouças (2000), a mudança incide sobre os modos de ocupação e apropriação do espaço, sobre o universo de práticas econômicas e sociais, os valores e representações vinculados ao ecossistema local, seu conhecimento acumulado sobre os usos materiais e simbólicos da natureza.

Já o autor Haesbaert (2014) traz o conceito de território com dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de *terra-territorium* quanto de *terreo-terror* (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação da terra e com inspiração do terror. O território pode inspirar a identificação (positiva) e a efetiva apropriação. Do ponto de vista do “espaço-tempo vivido”, o território é sempre múltiplo, diverso e complexo, desdobra-se de um *continuum* que vai da dominação político-econômica mais concreta e funcional à apropriação mais subjetiva e/ou cultural-simbólica.

Haesbaert (2014, p.64) faz revisão teórica das diversas formas que a concepção de territorialidade foi, e continua proposta, por meio dessas posições:

- a) Territorialidade como abstração num enfoque mais epistemológico: condição genérica (teórica) para a existência do território (dependendo, assim, do conceito de território proposto);
- b) Territorialidade num sentido mais efetivo, seja ele material ou imaterial;
- c) Como materialidade;
- d) Como imaterialidade (por exemplo, controle simbólico, através de uma identidade territorial ou comunidade territorial imaginada);
- e) Como espaço vivido (frente aos espaços – nesse caso, territórios, formais-institucionais), conjugando materialidade e imaterialidade.

Em função do objetivo principal desta pesquisa, será utilizado o conceito de territorialidade como expressa a afirmativa 5, compreendendo o território como espaço-vivido, matéria-prima na construção das identidades, a partir dos elementos materiais e imateriais desse território.

A partir das territorialidades, se pode pensar nos processos de territorialização, conforme apresenta Haesbaert (2014, p.68). Ao longo do tempo a territorialização foi compreendida como objetivo principal desde a questão de:

- a) abrigo e segurança física;
- b) fonte de recursos materiais ou meio de produção que pode fortalecer o poder político-econômico de certo grupos e classes;
- c) identificação de grupos sociais (fortalecendo o poder simbólico) por meio de representações espaciais (a começar pela própria construção de fronteiras);
- d) controle ou disciplinarização por intermédio da definição de espaços individualizados (com o consequente fortalecimento da ideia de indivíduo, no caso do mundo moderno);
- e) controle ou direcionamento da circulação, de fluxos, por meio de conexões e redes (principalmente fluxos de pessoas, mercadorias e informações).

No caso específico das TTI, serão observadas as diferentes concepções dos processos de territorialização, desde a perspectiva mais objetiva relacionada aos aspectos históricos, geográficos e econômicos até mesmo aos aspectos sociais e individuais dos habitantes destas territorialidades. Nesta pesquisa se procurou a

integração destas perspectivas, apresentadas por Haesbaert (2014) que destaca as vivências dos indivíduos e suas características.

A partir da compreensão da territorialização, passa-se a apresentar a ideia dos múltiplos territórios ou de territórios-rede. Haesbaert (2014, p.72) traz as múltiplas territorializações como:

- a) Territorializações (para quem efetivamente exerce o controle) de caráter mais desterritorializante (para quem é subordinado), “espaços de indistinção” entre legal e ilegal, exceção e regra, desidentificadores e destituidores de cidadania, como os campos de refugiados e outros espaços nos quais se tenta conter a massa de precarizados, genericamente definidos por Agamben como “campos” (tendo no seu extremo os campos de concentração);
- b) Territorializações mais fechadas, quase “uniterritoriais” no sentido de imporem a correspondência entre poder político e identidade cultural, ligadas ao fenômeno de territorialismo, como nos territórios político-administrativos defendidos por grupos étnicos que se pretendem culturalmente homogêneos, não admitindo uma pluralidade territorial de poderes e identidades;
- c) Territorializações político-funcionais mais tradicionais, como a do Estado-nação, que, pelo menos quando referido mais ao território do que ao “sangue” (do contrário equivaleria ao caso anterior), mesmo admitindo certa pluralidade cultural (sob a bandeira de uma mesma nação enquanto comunidade imaginada – Anderson, 2008), não admite a pluralidade de poderes;
- d) Territorializações efetivamente múltiplas – uma multiterritorialidade em sentido estrito, construída por grupos que se territorializam na conexão flexível de territórios-rede multifuncionais, multigestionários e multi-identitários, como no caso de alguns grupos pertencentes a diásporas de migrantes.

Como se depreende, nessas diferentes concepções de multiterritorialização, será adotada nesta pesquisa a concepção da flexibilidade de territórios-redes, onde a diversidade é percebida e valorizada, como o caso da territorialidade transfronteiriça, conceito que será apresentado na sequência. Ou seja, na modernidade a ideia de territórios fixos vai ser superada por uma perspectiva que leve em consideração as características da fragmentação e da simultaneidade, onde

não se pode mais distinguir facilmente onde começam e onde terminam determinadas territorialidades.

Na visão de Haesbaert (2014, p.81), as multiterritorializações incluem:

- a) Uma dimensão tecnológica-informacional, que permite que tenhamos acesso a informações em diferentes níveis simultaneamente, é o cyberspaço;
- b) Uma compreensão espaço-tempo de múltiplos alcances ou “geometrias de poder”, verificado mediante contatos globais com alto grau de imprevisibilidade e instabilidade;
- c) Uma dimensão cultural-simbólica, com a identificação territorial ocorrendo muitas vezes no com o próprio movimento e, no seu extremo, referida a própria escala planetária como um todo.

Se adotou a dimensão cultural-simbólica, utilizando a fronteira como espaço de referência e de múltiplas identificações territoriais, que o indivíduo utiliza para constituição da sua identidade pessoal, a expressão da vivência da multiterritorialidade. Há que se considerar, o caráter contínuo ou descontínuo da multiterritorialidade, até que ponto ela ocorre pela justaposição (encaixe), num mesmo espaço, de múltiplos territórios, e até que ponto ele corresponde à conexão de múltiplos territórios, em rede. (HAESBAERT, 2014)

Podemos compreender a TTI como um fenômeno de multiterritorializações, onde culturas e elementos nacionais distintos interagem e que formam um todo geográfico, um espaço urbano conurbado onde a vida dos indivíduos é atravessada por movimentos simbólicos que são apropriados e incorporados no cotidiano dos indivíduos que habitam as TTI.

Na perspectiva de fazer conexão entre territorialidade e a questão de fronteira, é importante se discutir a noção e o papel do Estado nesse sentido. Bourdieu (1996, p.97) afirma que o Estado é um X (a ser determinado) que reivindica com sucesso o monopólio do uso legítimo da violência física e simbólica em um território determinado e sobre o conjunto da população correspondente. Ou, o autor afirma que o Estado molda as estruturas mentais e impõe princípios de visão e de divisão comuns, formas de pensar que estão para o pensamento culto assim como as formas primitivas de classificação, que contribuem para a construção do

que se designa comumente como identidade nacional – ou, em linguagem tradicional, o caráter nacional (BOURDIEU, 1996).

Ao compreender a questão das fronteiras a partir da lógica do Estado em impor divisões e criar o monopólio do uso da violência na perspectiva de segurança ou mesmo na visão econômica de limites e questões que envolvem a ordem tributária.

Para ampliar a compreensão do Estado, Bourdieu, se apresentam as seguintes ideias:

O Estado é o resultado de um processo de concentração de diferentes tipos de capital, capital de força física ou de instrumentos de coerção (exército e polícia), capital econômico, capital cultural ou melhor, de informação, capital simbólico, concentração que, enquanto tal, constitui o Estado como detentor de uma espécie de metacapital, com poder sobre os outros tipos de capital e sobre os seus detentores. A concentração de diferentes tipos de capital (que vai junto com a construção dos diversos campos correspondentes) leva, de fato, à emergência de uma capital específico, propriamente estatal, que permite ao Estado exercer poder sobre os diversos campos e sobre diferentes tipos específicos de capital, especialmente sobre taxas de câmbio entre eles (e, concomitantemente, sobre as relações de força entre seus detentores). BOURDIEU (1996, p.99)

Haesbaert (2014, p.92) traz a dimensão de território composto por fronteiras não obrigatoriamente bem definidas e sem clara distinção entre “dentro” e “fora” (apesar de se reconhecer que fronteiras são mais definíveis político-territorialmente do que as delimitações indicadas pela conceituação de lugar), pois proliferam hoje situações de ambiguidade mesmo em territorialidades aparentemente melhor demarcados. Ou seja, do ponto de vista do espaço vivido a fronteira parece ter uma importância menor do que sua função de limite político e econômico.

Para se compreender o conceito de fronteira, faz-se necessário discutir as questões de limite que na verdade trazem reflexão sobre divisão, algo em que se pretende separar ou anunciar uma diferença, que de alguma maneira não pode estar ligado ou junto. O limite é algo que foi colocado entre dois ou mais mundos e marca a necessidade da diferença e da separação. Assim, o limite pode dificultar o exercício da liberdade individual, do livre trânsito das pessoas e das ideias. (HISSA, 2006)

O limite cria a separação entre o “eu” e o “outro”, cria a noção de propriedade e a necessidade de controle e vigilância sobre o que é meu, separa as visões de mundo, delimita áreas de atuação e fronteiras. Entretanto, os conceitos de fronteira

e limites, apesar de terem aproximações, podem revelar suas diferenças. Enquanto o limite pode ser entendido como uma linha abstrata, a fronteira pode ser é o espaço abstrato por onde passa o limite. Essas diferenças foram explicadas por Hissa:

O marco de fronteira, reivindicando o caráter de símbolo visual do limite, define por onde passa a linha imaginária de determinados territórios. Fronteiras e limites ainda parece dar-se as costas. A fronteira coloca-se à frente (*front*), como se ousasse representar o começo de tudo onde exatamente parece terminar; o limite, de outra parte, parece significar o fim do que estabelece a coesão do território. O limite visto do território, está voltado para dentro, enquanto a fronteira, imaginada do mesmo lugar, está voltada para fora como se pretendesse a expansão daquilo que lhe deu origem. O limite estimula a ideia sobre a distância e a separação, enquanto a fronteira movimenta a reflexão sobre o contato e a integração. Entretanto, a linha que separa os conceitos é espaço vago e abstrato. (HISSA, 2006, p. 34)

Outro aspecto que não se pode esquecer na discussão dos limites é a questão do poder. Limites existem para demarcar espaços de poder e domínios das territorialidades. Existem para dar precisão necessária para o exercício do poder, e delimitar seu espaço de atuação e hegemonia e de controle. Além do poder, tem-se a existência da ética, dos comportamentos e da cultura local. Para isso, muitas vezes é necessária a criação de marcos e imagens que tornam objetivo a abstração do limite. E nessas condições é que surgem as fronteiras. Da mesma forma, isto não significa que limites e fronteiras não possam ser transgredidos.

É possível encontrar diversidade de autores que procuram estudar e definir o que é a fronteira. Newman (2008) aborda que a linguagem, em que está se discute fronteiras, vem mudando ao longo do tempo. Quando se fala em fronteirização, a fronteira pode ser vista como dispositivo de regulação dos processos de inclusão-exclusão, basicamente se referindo à fronteira estatal. Entretanto, hoje se discute fronteira do ponto de vista multidimensional, e se compreendem as relações de poder e manifestação territorial que estão dispostas.

Para Carneiro (2016, p.20), “inventada na Europa, no século XIII, a fronteira surgiu como a função inicial de definir a distribuição das áreas entre Estados Territoriais. Na história da humanidade, a demarcação de fronteiras ocupa posição de destaque tanto nos tratados de paz como na convivência pacífica entre os povos”.

O autor Haesbaert (2008), ao refletir sobre questões de fronteira, aborda que elas devem ser vistas mais como zonas do que como linhas. Ao olhar a fronteira

enquanto zona, além das questões inerentes ao Estado, as questões econômicas de circulação de mercadorias e políticas devem ser consideradas. As fronteiras para Haesbaert (2008) constituem zonas vivas ou naturais, identificadas por elementos físicos, ou artificiais, apresentadas pela visão geopolítica do estado.

O mesmo Haesbaert (2014, p. 135) aborda que esse jogo de dentro e fora a que Deluze e Guattari aludem tem a ver, do ponto de vista geográfico e relacionado à soberania estatal, com o papel das fronteiras territoriais internacionais. Elas atuam como pretensos filtros entre interior e exterior, e bem se sabe de sua permeabilidade, especialmente hoje, no mundo informacional em que se vive.

Antes de ser fronteiras, a territorialidade passa por demarcações e limites, aponta espaços de poder e necessidade de controle, como afirma Hissa:

A demarcação e a própria marca podem ser entendidas como iniciativas que definem momentos introdutórios do estabelecimento do poder. Contudo, eles podem ser projetados indefinidamente para o futuro, como resposta à necessidade de controle contínuo ou a situação de disputa permanente. A marcação do território: o marco de fronteira, a fronteira. Para Foucault, a fronteira é apenas um símbolo de poderes; a manutenção do governo e o controle dos domínios não se dariam, de fato, através do estabelecimento e da proteção da fronteira: "mais do que os problemas de legitimidade de um soberano sobre um território, o importante será o conhecimento e o desenvolvimento das forças de um Estado". (HISSA, 2006, p.39)

No âmbito do Estado-Nação, as fronteiras possuem, em tempos de paz, três principais funções: legal, fiscal e de controle. A função legal significa que no interior da linha política, que delimita o território nacional, prevalece um conjunto de instituições jurídicas que regem a existência da sociedade política. A função fiscal tem por objetivo defender o mercado interno do Estado-Nação. Por fim, a função de controle tem por objetivo vigiar bens e pessoas que cruzam a fronteira do território nacional (GUICHONNET; RAFFESTIN, 1974)

Para Rosiérer (2007), existem três tipos de fronteira: morfológico, ligado à natureza do traçado, ou à permeabilidade da fronteira; genético, ligado ao modo de formação da fronteira e controverso, relacionado ao grau de contestação da fronteira. O autor afirma que existe um conjunto heterogêneo de tipos de fronteiras onde estão incluídas: as organizações regionais; as fronteiras internas ou limites administrativos e as fronteiras socioculturais.

Cury (2010, p.61) aponta que toda fronteira é uma demarcação política representativa da dominação do Estado, mesmo como um traço físico de territórios.

É um campo de forças, de disputa, seu estabelecimento sempre envolverá negociações ou conflitos entre os Estados envolvidos.

Para Bourdieu (1996, p. 114), “a *regio* e as fronteiras (*finis*) não passam do vestígio apagado do ato de autoridade que consiste em circunscrever a região, o território, em impor definição (outro sentido de *finis*), legítima, conhecida e reconhecida, das fronteiras e do território, em suma, o princípio de divisão legítima do mundo social”.

Segundo Arraiga-Rodrigues (2012), analisando o autor Gottman, observa que o limite territorial é juridicamente uma linha-limite e a fronteira é uma zona de interação humana. Entretanto, ambos são espaços geográficos periféricos, cuja origem é resultado da partição da geografia do planeta e a sua primeira função é diferenciar os compartimentos que tenham sido divididos no mundo, no caso os territórios.

Bourdieu, traz sua visão de fronteira:

Ninguém poderia hoje sustentar que existem critérios capazes de fundamentar classificações naturais em regiões naturais, separadas por fronteiras naturais. A fronteira nunca é mais do que o produto de uma divisão a que se atribuirá maior ou menor fundamento na realidade segundo os elementos que ela reúne. Cada um está de acordo em notar que as regiões delimitadas em função dos diferentes critérios concebíveis (língua, habitat, amanho de terra, etc. Nunca coincidem perfeitamente. Mas não é tudo: a realidade, neste caso, é social de parte a parte e as classificações mais naturais apoiam-se em características que nada tem de natural e que são, em grande parte, produto de uma imposição arbitrária, quer dizer, de um estado anterior da relação de forças no campo das lutas pela delimitação legítima. A fronteira, esse produto de um ato jurídico de delimitação, produz a diferença cultural do mesmo modo que é produto desta. BOURDIEU (1996, p.130)

Percebe-se nas definições de fronteiras que para os autores está associada à ideia de limite, demarcação de espaço físico e econômico e principalmente a ideia de um poder exercido. Para Haesbaert (2014, p.126), o território observado como *continuum* funciona desde o caráter mais material-funcional até aqueles com carga mais simbólica. No primeiro caso, vinculados à ideia de controle de mobilidade via fortalecimento de limites ou fronteiras e no segundo caso controle no campo do vivido e dos simbolismos. Isto é importante para a ideia de Estado, pois ele se fortalece por meio da entidade territorial material e sua concepção simbólica (especialmente a ideia de nação).

Um dos fenômenos que podem ser observados nas territorialidades de fronteira é a concentração *versus* dispersão que são organizadas, que dependem das condições destas fronteiras. Pode-se pensar em que em fronteiras abertas teriam mais concentração, enquanto em fronteiras fechadas serão encontradas mais dispersão, mas a análise mais detalhada pode trazer outras nuances. Da mesma forma, não é somente a densidade populacional que deve ser levada em consideração para definição destas áreas.

Na realidade, pode-se afirmar que concentração e dispersão coexistem na mesma territorialidade, fruto da busca por parte dos indivíduos de melhores condições econômicas e de vida, de forma geral. Em fronteiras onde se encontram as cidades-gêmea, os fenômenos de concentração são mais significativos. Esta condição pode ser observada na fronteira entre Brasil – Paraguai – Argentina, e na fronteira EUA – México (as cidades de El Paso e Puerto Juárez), considerada fechada. A concentração favorece a unidade territorial e identitária a partir da constituição de elementos comuns ou aceito pela maior parte dos habitantes dessa territorialidade.

Já o processo de dispersão é percebido em fronteiras com altos confrontos entre as partes, em regiões militarizadas, onde os controles fronteiriços acabam por expulsar quaisquer atividades econômicas das territorialidades. Este tipo de fronteira se encontra especialmente em territorialidades de conflito do Oriente Médio. A própria dispersão, de certa forma, auxilia no controle de toda a fronteira, pois permite a ocupação de uma extensão área, por núcleos habitacionais dispersos.

Com relação às temáticas de estudo de fronteiras, os autores Trillo Santamaria e Lois Gonzáles (2011), estabelecem os principais campos de estudos na literatura mundial:

- a) Estudos relacionados a cooperação transfronteiriça: procuram estudar a teoria e a prática, enfocando aspectos como a institucionalização das regiões, modo de gestão, projetos políticos-administrativos, assim como os problemas étnicos nas áreas transfronteiriças;
- b) Estudos que analisam a razão da existência das fronteiras internacionais que dividem sociedades e as diferenças que as fronteiras criam em territorialidades que antes eram unidas e integradas. Dentre os principais temas, pode-se citar: o trabalho, meio ambiente, relações comerciais, cooperação policial, dentre outras;

- c) Estudos relacionados aos mercados a partir da criação de espaços transfronteiriços, como o turismo e educação.
- d) Dimensão identitária e de pertencimento relacionada a fronteira e o espaço delimitado por ela, incluindo os processos de nacionalização. Esta área pode-se chamar de antropologia das fronteiras.
- e) As relações políticas destas territorialidades, a democracia e governanças de áreas fronteiriças, que envolvem questão de segurança e imigração, cidadania.
- f) Um campo em expansão relacionado aos espaços urbanos onde se estabelecem fronteiras entre grupos étnicos, sociais e os possíveis efeitos na criação de guetos.

Por essa diversidade de temas, o estudo das fronteiras requer uma abordagem interdisciplinar, para melhor compreensão dos fenômenos que ocorrem a partir desta determinação territorial. Assim, as fronteiras não só separam territorialidades, grupos e indivíduos como são elementos que repercutem diretamente na sociedade, na cultura e no espaço que as pessoas habitam.

Já a literatura brasileira sobre fronteiras, conforme aborda Dorfman (2015), relaciona basicamente três elementos: o primeiro o caráter didático-descritivo, que buscar teorizar sobre os traçados, litígios e a consolidação territorial pelo qual passam a fixação das fronteiras no país. Em segundo lugar o caráter teórico, que buscam apresentar exercícios de classificação, e diferenciar fronteiras de limites, fronteiras esboçadas, vivas ou mortas e de acumulação. O terceiro tipo de textos sobre fronteiras está relacionado com o caráter estatutário, ou seja, se busca estudar os acordos, regulamentos, regimentos ao processo de territorialização e ocupação das fronteiras no Brasil.

Mais modernamente, em função da economia mundial e regional, talvez seja necessário se ampliar a compreensão de fronteira, de modo a enxergá-las como algo mais flexível do que a ideia tradicional de limite e contenção, ou mesmo da fronteira-separação. Pode-se ver a fronteira como espaço de transição ou mesmo de interface entre países vizinhos que estabelecem um conjunto de relações, desde seus aspectos econômicos até a vida das suas populações (CARNEIRO, 2016).

Farret (1997) aponta que foi difundida a ideia de que, ao longo do tempo, as regiões de fronteira criam complementariedades independentemente das macrodecisões nacionais, pelo de fluxos de pessoas, bens e serviços, onde as

vantagens econômicas comparativas – decorrentes das diferenças de câmbio – são aproveitadas. As próprias territorialidades fronteiriças criam dinâmicas que vão além das decisões das nações e criam uma rotina própria, que só quem vive na fronteira é capaz de compreender e vivenciar.

Outro ponto, que se observa nesses movimentos fronteiriços, é a proliferação dos muros fronteiriços, que fazem parte da ideia da repressão física direta e da instalação do sentimento de medo, fundamental para a legitimação das políticas pautadas pelos discursos de segurança. Tal ideia reflete as biopolíticas de contenção da circulação (dos imigrantes, das pessoas, em geral) e da circulação de mercadorias. Parece que os muros de hoje têm mais a função de postergar o agravamento das desigualdades, da precarização e da própria instabilidade social do que de propriamente conter fluxos migratórios e de circulação de mercadorias e capital. (FOUCAULT, 2007; HAESBAERT, 2014)

O muro contemporâneo, então, podemos afirmar, tem uma dupla e inglória função: em primeiro lugar, representa a força de um poder – o estatal – que em parte está em crise; e, em segundo lugar, como decorrência da anterior, controlar a circulação em fronteiras de um mundo cada vez mais global, onde muros físicos, materiais há muito deixaram de ter eficácia em relação ao controle dos fluxos mais relevantes a nível internacional. Como entender então, o papel desses novos muros? (HAESBAERT, 2014, p. 224)

Por outro lado, percebe-se que as funções tradicionais das fronteiras estão sendo modificadas em virtude do que ocorre com o sistema dos Estados Nacionais, por meio da criação de blocos regionais como o Mercosul (Mercado Comum do Sul) e União Europeia. Entretanto, não é raro ver movimento internacional que pretende novamente impor a separação das fronteiras, principalmente com o discurso de controle da criminalidade, do terrorismo e da imigração. Logo, a discussão de fronteira passa ora por momentos de maior aproximação e integração ora por movimento de separação, controle e exercício da soberania do Estado Nacional.

Haesbaert (2014, p.136) assinala que tal situação levou a uma relativa debilitação da capacidade do Estado, não só de exercer controle externo, sobre fluxos de fronteiras, como de intervir, internamente, na (re)configuração de regiões e territórios e na redução das desigualdades, sobretudo por meio do planejamento econômico-territorial no sentido integrado.

Trillo Santamaria e Lois González (2011) apresentam os principais fatos históricos que estão modificando os estudos e a compreensão sobre fronteiras, a partir do século XX:

- a) A aproximação das duas Europas, reforçada através das ampliações e aproximações promovidas pelas UE e as políticas de cooperação transfronteiriça interna e externa, iniciada a partir dos anos 1960 e tomam um importante impulso com os fundos econômicos das Interregs;
- b) Na Europa do oeste se aceleram os processos de integração com a assinatura do Tratado de Maastricht e o estabelecimento da União Europeia em 1992 com a consolidação de um mercado único, a livre circulação de mercadorias, serviços e pessoas;
- c) O fim da Guerra Fria e o colapso da União Soviética, produzindo mudanças nas fronteiras que se fixaram ao finalizar a Segunda Guerra Mundial;
- d) Os processos de independência (Estônia, Letônia, Lituânia), separação (Tcheca e Eslováquia), reunificação (Alemanha) que fazem ressurgir os problemas étnicos;
- e) Perda do protagonismo do Estado-nação que se vê superado e esvaziado de poder por instâncias superiores (UE, NAFTA, Mercosul) como inferiores (múltiplos atores locais e regionais, ONGs);
- f) Ressurgimento das identidades etnoterritoriais em plena era global, onde os nacionalismos se apresentam como chave identitária frente aos movimentos de globalização e homogeneização.
- g) Ameaças de caráter global que afetam a proteção do médio ambiente a o terrorismo internacional, envolvendo o tema de segurança nas fronteiras, migração e controle.

Outro fenômeno observado nas fronteiras são as cidades gêmeas, que se desenvolvem em conjunto, apesar das diferenças administrativas e de políticas existentes entre elas. Ao mesmo tempo em que essas cidades podem criar fluxos de integração e compreensão, elas podem gerar ambiente de tensão e de demandas de separação, como, por exemplo, na fronteira EUA – México, entre as cidades de El Paso e Ciudad Juárez. Em função das diferenças político-administrativas dessas cidades, verifica-se um desenvolvimento desigual nas condições de vida e

oportunidades geradas por cada cidade. Somente com políticas de cooperação bilateral é que essas desigualdades serão diminuídas, e será proporcionado espaço de maior integração transfronteiriça.

A fronteira vive constantemente esses fluxos de aproximação e de separação, e busca compreender as mudanças que ocorrem no mundo, mas por outro lado, defender o Estado como garantidor das liberdades individuais e da cidadania. No mundo atual, marcado pelas questões de circulação, a mudança das funções das fronteiras, torna-se uma discussão relevante para maior fluidez e movimentação.

Como assinala Haesbaert:

Daí a ambígua posição do Estado frente a suas fronteiras – por exemplo, cada vez mais abertas para o capital financeiro e mercadorias e cada vez mais (tentativamente) fechadas e/ou seletivas para o fluxo de pessoas. Também em relação às questões ambientais as políticas estatais podem atuar de forma ambivalente: obrigadas a abrir seu território para atacar problemáticas ecológicas de maior magnitude, mais fluidas e globais e, ao mesmo tempo, a fechar territórios internamente a fim de criar áreas de preservação, muitas vezes pretensamente vedadas a qualquer intervenção humana. HAESBAERT (2014, p.145)

Paradoxalmente, o que se percebe hoje é que o limite e a fronteira que foram criados para delimitar território e “por fim” com precisão na divisão estão virando zonas de interfaces e de transição entre mundos tomados como distintos. Assim, têm-se no nosso tempo que as fronteiras nunca foram tão fechadas, e ao mesmo tempo, nunca foram tão vulneráveis. (HISSA, 2006; HAESBAERT, 2014)

As fronteiras parecem que perdem seu sentido tradicional de definição do “dentro” e do “fora”, pois de certa forma os limites não estão mais tão claros, tem-se dificuldade de perceber as ações e modalidades de poder que estão presentes na territorialidades, pode-se falar, portanto, da multiescalaridade de poder.

Depois da conceituação de territorialidades e fronteiras passaremos as bases empíricas da transfronteiricidade que se faz importante para analisarmos o objeto de estudo desta pesquisa que são as vivências transfronteiriças dos indivíduos que nasceram e moram nas TTI. Será realizada uma apresentação teórica deste conceito e depois serão apresentadas as políticas dos blocos econômicos da União Europeia e o Mercosul, como mecanismos de transfronteirizações.

1.1 O TRANSFRONTEIRIÇO

É preciso, na atual configuração de geografia e da economia mundial, refletir e procurar alternativas para o conceito de fronteiras, e torna mais flexível as ideias de contenção e de separação, criando sinergias possíveis e interfaces em países e regiões vizinhas. Nesse contexto, surge o conceito da Transfronteirização. Para Carneiro (2016, p.10), “a palavra pode ser classificada como um conjunto de estratégias de atores públicos (estatais e não estatais) e privados que visam o desenvolvimento de ações de integração supranacional. Para Rolim (2004) uma territorialidade transfronteiriça é constituída pelas áreas contíguas a uma linha de fronteira entre dois ou mais Estados, sendo diferentes regiões de fronteira, que são as áreas vizinhas à linha de fronteira”.

Ligrone (2006) diz que a transfronteirização pode ser descrita como um conjunto de processos de aproveitamento e valorização de uma fronteira limite territorial que separa dois sistemas políticos, econômicos e ou socioculturais. Os habitantes de um lado da fronteira podem aproveitar e incorporar no seu cotidiano múltiplas maneiras, que transcendem esse limite e vice-versa. É possível perceber transfronteirizações em zonas urbanas, rurais, parques naturais e em territorialidades dispostos em redes.

Já na visão de Ianni (1996), transfronteirização está ligada ao tipo de fronteira, por exemplo, a que divide o espaço de vida de um povo, aquela que surge de um território não antropotizado, a que gera em seu entorno tecidos geoeconômicos e sociais, e a que se redefine em função de conflitos geopolíticos ou interesses econômicos na era do globalismo. São como aglomerações urbanas que se espalham sobre o limite internacional e ocupa territórios de dois ou mais estados, criando um polo urbano e uma centralidade. (REITEL, 2006)

Juntamente com a vontade de aproximação entre Estados Nações, a fronteira traz configurações especiais das relações geopolíticas e geoeconômicas em escala local, regional, nacional e internacional. Assim, compreender a transfronteirização em seus vários aspectos apresenta-se como desafio da modernidade, em função dos diversos atores que se apresentam e das relações formais e informais entre os Estados. (RAFFESTIN, 1992)

Pode-se compreender a territorialidade transfronteiriça como uma forma de regionalização que se expande por mais de uma fronteira nacional e que, em parte, faz sumir ou ao menos suavizar os efeitos da fronteira enquanto divisão e controle. Tal condição faz surgir uma relativização da escala nacional e na formação de novas configurações entre essas territorialidades. Assim, as regiões transfronteiriças começam a ser consideradas objetos de políticas específicas por parte dos entes governamentais e ampliam sua dimensão enquanto área de influência internacional. (MATIAS, 2002 e JESSOP, 2004)

Para Mondardo (2012, p. 35), “a transterritorialidade é a manifestação de uma multiterritorialidade em que a ênfase se dá no estar-entre, no efetivamente híbrido, produzido mediante distintas territorialidades. Para os autores, o estar-entre reflete uma transição no sentido de trânsito e de imbricação territorial.

Essa condição transfronteiriça cria nova configuração desses espaços, com maior cooperação mútua, com o nível baixo dos conflitos entre os Estados e os movimentos de aproximação superam as diferenças e a necessidade de controle, próprias das regiões de fronteira. Percebe-se que acordos econômicos impulsionam a existência e a criação de territorialidades transfronteiriças, como é o caso da União Europeia e os países do Mercosul.

Essa possibilidade de livre trânsito entre diferentes territórios ou vivências concomitantes de múltiplas territorialidades, de certa forma, representa a chance de contornamento de certos limites ou fronteiras territoriais. (HAESBAERT, 2014)

Outro fator que se percebe é a reordenação do poder local, onde nessa territorialidade transfronteiriça o Estado-nação fica difuso e a organização e as dinâmicas locais ganham maior força. Como exemplo, têm-se os acordos entre polícias em regiões de fronteiras, acordos comerciais para trânsito de mercadorias e produtos, dentre outros. Nessa perspectiva, a territorialidade passa a ganhar especial atenção dos poderes públicos, interessados no controle da nova dinâmica de pessoas e mercadorias. No transfronteiriço, a noção do limite fica transgredida.

Da mesma forma, não se pode esquecer a dimensão do poder que se sobrepõe em regiões transfronteiriça, que em parte fazem os processos de aproximação e cooperação se aprofundarem, mas de outro lado, prejudicam o pleno desempenho da territorialidade transfronteiriço na colocação de barreiras e burocracias próprias do exercício do poder estatal. Percebem-se tais condições nos diferentes procedimentos administrativos, legais e formais que se estabelecem

nessas regiões como forma de prejudicar os movimentos de integração, sempre na intenção de defender o Estado-nação. (MOURA, 2009)

Carneiro expõe como é a territorialidade transfronteiriça na sua avaliação:

Uma região transfronteiriça pode ser entendida como um lugar vivo, onde os atores não institucionais estão mobilizados, onde pequenos espaços são confrontados com espaços nacionais e solidariedades locais têm o desempenho medido como acesso aos mercados internacionais. (PINHEIRO, 2009) Um tipo de região formado pela integração de duas ou mais cidades e que pode ser enquadrado na definição “arranjo-regional”. No entender de Moura (2009) regiões transfronteiriça constituem arranjos concentradores de população, com relevância econômico-social e na infraestrutura científico-tecnológica, possuindo relativa densidade urbana e forte articulação regional. (CARNEIRO, 2016, p.36).

Em territorialidades transfronteiriças, encontram-se aglomerações urbanas presentes em fronteiras nacionais e junto com isso se percebe a criação do ambiente econômico, onde são estabelecidos fluxos de pessoas e capitais e são criadas barreiras a essa dinâmica. Nessas territorialidades são verificados o desenvolvimento de cultura e hábitos comuns, mas as diferenças culturais são aguçadas. Assim, a territorialidade transfronteiriça é parte de um movimento de aproximação entre nações e, por outro, um marco no reconhecimento das individualidades e da cultura local (CARNEIRO, 2016).

Os autores Trillo Santamaria e Lois Gonzáles (2011), propõem 4 critérios para se considerar a territorialidade transfronteiriça:

- a) Território compartilhado: em primeiro lugar se necessita um território que se estenda sobre a fronteira e seja compartilhado pelos países vizinhos;
- b) Mobilização política e institucional: nesta territorialidade estão presentes forças de mobilização política regional que colocam em marcha projetos comuns, através de organismos de cooperação, sejam públicos, privados ou da sociedade civil;
- c) Estratégias Econômicas e de mercado: a fronteira é vista como elemento de união e não de separação, podendo ser utilizada como oportunidade de atividades econômico-empresariais que reforcem a mobilização política e os laços de integração;
- d) Cultura e símbolos comuns: a dimensão simbólica e identitária que projeta a ideia de compartilhar um território é fundamental no momento de se mensurar os êxitos dos projetos comuns empreendidos.

Nas TTI, é possível observar que existe uma territorialidade compartilhada, formado pelas cidades que fazem parte da tríplice fronteira. Já a mobilização política e institucional, apesar de pequena, pode ser observada nas tentativas de integração das políticas públicas (saúde, segurança, transportes) que ocorrem na territorialidade, e se ampliam as trocas entre indivíduos nos três países. Com relação as estratégias econômicas, pode-se observar a realidade do trabalho transfronteiriço, as trocas comerciais entre as cidades da fronteira e a situação de empresas que estabelecem filiais em países diferentes das suas matrizes, dentro da tríplice fronteira. E a dimensão simbólica e identitária, que será apresentada através das entrevistas com os indivíduos que nasceram nesta territorialidade e diariamente vivenciam a fronteira. Em função destes elementos considera-se que ocorre a transfronteirização nesta territorialidade. Todos estes aspectos serão aprofundados no capítulo 3 desta pesquisa.

Já Goetttert e Mondardo (2009) fazem distinção entre uma transterritorialidade aberta e outra fechada. A fechada seria a territorialidade marcada por relações de poder “negadoras da territorialidade do outro”, predominando imposições, constrangimentos, preconceitos e restrições. Já as transterritorialidade abertas são aquelas passíveis de incorporação pelo menos parcial da territorialidade do outro, dominando reações de mediação e de negociação.

Haesbaert (2014) já propõe distinção entre transterritorialidade imposta ou forçada e uma espontânea. Na imposta, ou forçada, tem-se a condição de que a transculturação ou o trânsito entre diferentes territorialidades se dá de modo compulsório, como as colonizações latino-americanas. Na transterritorialidade espontânea, ou voluntária, as relações sociais são mais igualitárias e o trânsito transterritorial é mais espontâneo.

Portanto, se compreende o transfronteiriço como a sobreposição de territorialidades e populações na área de fronteira, que superam os limites impostos pelo Estado-nação. Essa temática é relativamente nova na academia, principalmente no contexto sul-americano. Entre os estudos pode-se citar Ruckert (2001) que traz as concepções da mudança da fronteira-separação em fronteira-cooperação por meio da construção de novas redes territoriais, onde se ultrapassam as linhas fronteiriças, como redes ferroviárias, rodoviárias e hidroviárias.

Toda essa dinâmica transfronteiriça leva ao aparecimento de um novo tipo de territorialidade, mais próximo e funcional das demandas do mundo globalizado e interconectado onde a aproximação entre os Estados-nações pode levar a criação do sentimento de universalização e solidariedade mútua. (COURLET, 1996)

Como apresenta Haesbaert (2014, p. 227):

O paradoxo entre um mundo cada vez mais fluido e multiterritorial e um mundo onde nunca se construíram tantos muros, e em tão diversas escalas, revela-se então nem tão paradoxal assim. Geometrias de poder profundamente desiguais marcam a mobilidade diferencial entre os diversos sujeitos contemporâneos, sejam eles ricos ou pobres, homens ou mulheres, negros ou brancos, jovens ou velhos, participantes desta ou daquela identidade nacional ou étnica. Ao mesmo tempo que, para alguns, o espaço é composto de arenas e dutos seguros, integrando múltiplos territórios de alcance planetário, para outros o espaço é uma sucessão de constrangimentos – entre os quais os novos muros – a serem constantemente, se não derrubados, pelo menos contornados, em estratégias que nem sempre representam o caminho rumo a um espaço mais justo e/ou seguro. (HAESBAERT, 2014, p.227)

Na geopolítica atual, percebe-se que a criação de blocos econômicos e acordos multilaterais tem possibilitado e facilitado a criação de espaços transfronteiriços, por intermédio da emergência de políticas públicas em comum que favorecem o livre trânsito de pessoas. Para isto, irá se explorar os dois principais acordos que interessam para esta pesquisa, que são a União Europeia (UE) e o Mercosul.

1.1.1 A União Europeia e suas Políticas Transfronteiriças

A União Europeia (UE) é a reunião econômica e política de 28 Estados-membros independentes situados principalmente na Europa e que atuam unidas com moeda comum (o euro), Parlamento, entre outros organismos integrativos, e de leis conjuntas em busca da integração regional europeia.

A UE tem as suas origens no BENELUX - acordo entre Bélgica, Luxemburgo e Holanda, na Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA) e na Comunidade Económica Europeia (CEE), formadas por seis países na década de 1950. Nos anos

seguintes, o território da UE foi aumentando de dimensão por meio da adesão de novos Estados-membros, ao mesmo tempo em que aumentava a sua esfera de influência e da inclusão de novas competências políticas. O Tratado de Maastricht instituiu a União Europeia com o nome atual em 1993, e sua sede está na cidade de Bruxelas, sua capital de fato. A última revisão significativa aos princípios constitucionais da UE, o Tratado de Lisboa, entrou em vigor em 2009. (UE, 2017)

Na UE, ao longo de todo seu processo de constituição histórica, é possível verificar a transferências das competências nacionais para o nível supranacional, mediante mecanismos de cooperação, integração econômica e práticas intergovernamentais com tomadas de decisão consensual. Tal integração é vista como forma de se reduzir as diferenças e discrepâncias regionais, e a condição das fronteiras assume um papel mais permeável. (GUIMARÃES e GIOVANELLA, 2006)

A UE atua por meio do sistema de instituições supranacionais independentes e de decisões intergovernamentais negociadas entre os Estados-membros, e representa uma das maiores iniciativas de integração entre os povos de fazer parte dessa união, e trazem preocupações a seus membros natos. As instituições da UE mais importantes são a Comissão Europeia, o Conselho da União Europeia, o Conselho Europeu, o Tribunal de Justiça da União Europeia e o Banco Central Europeu. O Parlamento Europeu é eleito a cada cinco anos pelos cidadãos da EU e tem sede em Bruxelas atua junto com o Conselho Europeu como poder legislativo e exerce o controle democrático sobre as instituições agregadas e tem como auxiliares os conselhos acima citados na organização política.

Pode-se verificar a governança do bloco, na fala de Guimarães e Giovanella:

Na União Europeia, os arranjos institucionais realizados pressupõem ao mesmo tempo a migração de responsabilidades nacionais para aparato transnacional, a promoção de consensos e a superação de conflitos. As instâncias supranacionais tratam de assuntos de políticas, de regulação e econômicos com delegação para decidir sobre questões de interesse comum e representar cidadãos, Estados-Membros e a União Europeia. A instância decisória mais elevada é o Conselho Europeu integrado pelos Chefes dos Estados-Membros e pelo Presidente da Comissão Europeia. A Comissão Europeia é órgão executivo, defensor dos interesses comuns, integrado por membros indicados pelos países; zela pelo cumprimento do acordado e acompanha as decisões do Conselho de Ministros da União Europeia. O Conselho de Ministros representa os governos nos debates comunitários. O Parlamento Europeu, formado por deputados eleitos nos países, exerce controle democrático. (GUIMARÃES E GIOVANELLA, 2006, p. 179)

Como marco da integração, a aprovação da Constituição Europeia em 2004 sintetizou uma série de regulamentações e tratados, que consolidam direitos civis, políticos, econômicos e sociais. Deixam claro as repartições das competências entre a Comunidade e cada um dos Estados-membros, as tarefas das instituições comuns e a legitimidade da União. A partir da adoção da Constituição, abre-se um caminho para a consolidação do Estado supranacional, e reafirmam as políticas de integração entre os países parceiros. (GUIMARÃES e GIOVANELLA, 2006)

Jesus (2009) destaca que a cidadania europeia sinalizava que um europeu poderia circular livremente, trabalhar e residir em toda a União, bem como eleger e ser eleito nas eleições para o Parlamento no Estado-membro em que reside, fortalecendo-se meios de participação política além da esfera nacional. Na vertente institucional, aplica-se o princípio da subsidiariedade no controle das competências, pois as instituições europeias só interviriam quando a ação comum fosse mais eficaz que a ação nacional ou local, e tem no Parlamento Europeu, papel fundamental neste mecanismo de co-decisão.

O mesmo autor destaca condições da identidade destes cidadãos frente a relação entre a comunidade o Estado:

As identidades locais ou europeias podem ser aquelas mais aninhadas do que as nacionais. Porém, isso não significa que, para tais indivíduos, o Estado seja pouco importante ou que seus vínculos com essa autoridade sejam totalmente rompidos em face de novas lealdades que assumem. Passando do nível individual ao do relacionamento intersubjetivo entre os Estados, esses países constroem suas identidades mútuas reforçando sua ação em algumas áreas fundamentais, como taxaço, provisào de bem-estar social, defesa e política externa. (JESUS, 2009, p. 119.)

A UE instituiu mercado comum por meio de um sistema harmonizado de leis aplicáveis a todos os Estados-membros. A Zona do Euro, a união monetária, foi criada em 1999 e é atualmente composta por 18 Estados-membros. Pela Política Externa e de Segurança Comum, a UE exerce papel nas relações externas e de defesa. A UE tem em todo o mundo missões diplomáticas permanentes, e está representada nas Nações Unidas, na Organização Mundial do Comércio (OMC), nos chamados G-8 e G-20. Com população total de mais de 500 milhões de pessoas, o que representa 7,3% da população mundial, fala 25 idiomas, a UE gerou produto interno bruto (PIB) de 12,2 mil milhões de euros em 2010, o que representa cerca de 20% do PIB global, medido em termos de paridade do poder de compra. (UE, 2017)

Dois dos principais objetivos originais da Comunidade Económica Europeia eram o desenvolvimento de um mercado comum, posteriormente rebatizado de mercado único, e da união aduaneira entre os países membros. O mercado único implica a livre circulação de bens, capitais, pessoas e serviços na UE, enquanto a união aduaneira envolve a aplicação de tarifa externa comum a todas as mercadorias que entram no mercado comum. Uma vez que bens foram admitidos no mercado, eles não podem ser submetidos a direitos aduaneiros, impostos discriminatórios ou quotas de importação. Países que não são membros da UE, como Islândia, Noruega, Liechtenstein e Suíça participam do mercado único, mas não da união aduaneira. Metade do comércio na UE é abrangido pela legislação homogênea do bloco.

Por outro lado, a comissão tem procurado reforçar os mecanismos do mercado comum frente às pressões protecionistas com múltiplas medidas, e a ênfase no cumprimento das normas do mercado interno e da integração econômica. Embora um mercado integrado suponha a inexistência de barreiras, persistem obstáculos que resultam no incumprimento das regras de livre circulação. Não cumprir as regras do mercado comum pode ser usado com forma de proteção nas trocas entre Estados membros, e estas violações configuram formas de resistência à livre circulação de bens, podendo demover concorrentes estrangeiros de entrar no mercado do país. (GUIMARÃES, 2016)

Sabe-se que a quebra de barreiras tarifárias e não tarifárias representa potencial aumento das desigualdades, uma vez que tal derrubada gera ônus para os menos industrializados, que tem suas economias sensibilizadas pela entrada de produtos mais competitivos, o que pode estimular as disparidades entre os Estados-membros e/ou entre suas unidades infra-estatais, que inibem o processo de integração. Para tanto, como forma de compensação destas desigualdades, a UE tem a iniciativa de diversos projetos e ações de investimentos em seus Estados-membros, principalmente representada pelos fundos de investimento da comunidade. (MEDEIROS e VIEIRA, 2007)

Um ponto importante de atenção da UE é as políticas de migração dentro da comunidade e as migrações externas. O tratamento dado as migrações garantem a reserva à soberania nacional, permite que cada Estado-membro maneje as migrações de acordo com seus interesses (cobertura de mão-de-obra e questões demográficas, por exemplo). A integração do bloco levou ao fechamento das

fronteiras externas e a abertura progressiva das fronteiras internas para a livre circulação de cidadãos europeus. Em 1992, o Tratado de Maastricht criou a cidadania comunitária, e conferiu direitos políticos a seus cidadãos.

Guild resume as principais regras e acordos sobre migrações na UE:

Nacionais da UE e seus familiares de terceiros países podem mover-se para e residir em qualquer Estado-membro por três meses sem nenhum tipo de questionamento. Após este período, se forem trabalhadores assalariados ou autônomos, têm direito de residência e acesso a benefícios sociais contanto que se qualifiquem para eles; se forem economicamente inativos ou estudantes, precisam no mínimo declararem-se como capazes de se sustentar. Depois de cinco anos nessas condições, adquirem direito de residência permanente, que garante acesso completo a todos os direitos sociais que podiam ser limitados anteriormente. Após dez anos de residência, uma proteção adicional contra expulsão é aplicada. Nacionais da UE, por meio da aquisição de direitos – notadamente de movimento, residência, exercício de atividades econômicas, tratamento igualitário com relação aos nacionais e proteção contra expulsão –, moveram-se, aos olhos da maior parte dos cidadãos da UE, de simples estrangeiros ou imigrantes para o status de concidadãos. (GUILD, 2011, p. 16)

Dessa maneira, percebe-se que a UE avançou em muitas questões, mas há que se caminhar com relação aos direitos de nacionais de terceiros países para que se aproximem dos direitos dos nacionais europeus. Tal situação é fonte de conflitos e disputas entre os Estados-membros, mas o caminho aponta para a integração regional cada vez mais intensa.

O desenvolvimento técnico é facilitado mediante programas científicos da UE, o primeiro dos quais iniciado em 1984. Os objetivos da política da UE nesta área são de coordenar e estimular a pesquisa. O independente Conselho Europeu de Investigação aloca fundos da UE para projetos de pesquisa europeus ou nacionais. O Sétimo Programa (FP7) promove várias áreas, por exemplo, a energia, onde ele pretende desenvolver um *mix* diversificado de energias renováveis para o meio-ambiente e para reduzir a dependência de combustíveis importados. (UE, 2017)

No campo da educação, a UE avança na conformação de currículos comuns, para facilitar o acesso e o trânsito de seus cidadãos nos diferentes níveis educacionais, em qualquer país membro. Como aborda Pacheco (2003) esta proposta tem objetivo de definir um perfil de competências globais para a educação e formação do cidadão europeu, tal e criar normas sobre as políticas educativas – com ênfase na clarificação de áreas de conhecimento, na declaração de critérios de empregabilidade e na proposta de parcerias – e curriculares, sobretudo na

abordagem de uma cultura básica comum que seja o suporte de um currículo europeu. É certo, que tal currículo deve dar resposta ao pluralismo social e cultural, e admitir as diferenças sem renunciar à universalidade de traços em comum.

Pacheco traz o papel no ensino superior para a formação da comunidade comum:

Por isso, não é sem razão que o ensino superior, tal como foi pensado a partir do século XIX, seja chamado a reforçar o projeto de identidade política (Amaral & Magalhães, 2000), dantes nacional, agora europeia. Ao Estado-Nação sucede o Estado-União, um espaço de soberania fragmentada, mas cimentada pela homogeneização das políticas económicas. Tal tem vindo a ser proposto por organismos, como o Banco Mundial e a OCDE, quando atribuem ao ensino superior uma importância capital para o desenvolvimento económico, na base dos critérios pertinência, qualidade e internacionalização. (PACHECO, 2003, p.21)

Já os cuidados de saúde na UE são fornecidos por meio da ampla gama de diferentes sistemas que funcionam em nível nacional. Os sistemas são principalmente financiados com dinheiro público, mediante o pagamento dos impostos. O financiamento privado do sistema de saúde pode representar contribuições pessoais para cumprir a parte não-contribuinte reembolsada de cuidados de saúde ou pode refletir cuidados de saúde totalmente privado (não subsidiados), pagos do próprio bolso ou atendidos por algum tipo de seguro particular ou financiado pelo empregador.

A maior parte dos países da UE tem a tradição do Estado de proteção social, caracterizados por sistemas de bem-estar, que se diferencia entre cada um dos países, tem em comum o caráter público, a solidariedade social e a cobertura universal. A política comunitária consiste no domínio da saúde pública, por meio de comissões, comitês, agências e programas específicos. Seu objetivo está na melhora da informação, resposta rápida as ameaças, educação e tratamentos médicos seguros. (GUIMARÃES e GIOVANELLA, 2006)

Todos os Estados-membros da UE e outros países europeus oferecem aos seus cidadãos o Cartão Europeu de Seguro de Saúde gratuito, que, numa base de reciprocidade, fornece seguro para tratamento médico de emergência ao visitar outros países europeus participantes. Além dessas ações, destacam Guimarães e Giovanella os seguintes avanços:

No mercado de trabalho foram regulamentados o reconhecimento mútuo de diplomas e a adaptação de currículos para facilitar a mobilidade de

profissionais de saúde. Pelo lado da demanda, os direitos sociais e de saúde de trabalhadores foram regulamentados para a coordenação de sistemas de previdência e cobertura de seguros, de maneira a facilitar a movimentação destes cidadãos e garantir o exercício de direitos adquiridos. A segurança, a saúde do trabalhador e as condições de trabalho são harmonizadas desde o início da União Europeia de forma que não impeça a livre circulação de trabalhadores. (GUIMARÃES e GIOVANELLA, 2006, p. 179)

O maior fluxo de serviços de saúde entre os Estados-membros está nas regiões fronteiriças, que a comunidade acaba por ter políticas específicas para estes contextos territoriais. As atividades buscam promover a cooperação em matéria de cuidados de saúde entre os países membros e facilitar o acesso seguro e de alta qualidade aos cuidados de saúde transfronteiriços para os doentes europeus. Nas fronteiras a garantia de acesso aos serviços de saúde é importante para que disparidades territoriais e dos sistemas de saúde não representem obstáculos não tarifários à integração e à coesão econômica e social.

Em função de todas as regulamentações e acordos, as pessoas têm liberdade para buscar serviços de saúde em qualquer Estado-membro, sob certas condições. O atendimento prestado deve ser nas mesmas condições que ao cidadão residente, e torna o acesso a saúde direito de todos os cidadãos da comunidade europeia.

A cooperação cultural entre os Estados-membros tem sido preocupação da UE desde a sua inclusão como competência comunitária no Tratado de Maastricht. As ações tomadas na área cultural pela UE incluem o programa de sete anos "Cultura 2000", o evento do "Mês Cultural Europeu" e orquestras, como a Orquestra Jovem da União Europeia.

O programa da Capital Europeia da Cultura seleciona uma ou mais cidades em cada ano para ajudar o desenvolvimento cultural dessa cidade. Cinquenta e três cidades da UE fizeram parte dessa iniciativa até 2016

Assim, percebe-se como a UE se desenvolveu ao longo do tempo políticas econômicas conjuntas, juntamente com políticas sociais e de desenvolvimento dos Estados-membros. Todas estas condições geram maior proximidade entre estes Estados e políticas de transfronteirizações, e a mais evidente a adoção do Espaço Schengen.

O Espaço Schengen, criado a partir do acordo assinado em 1985, começa com cinco países (Alemanha, Bélgica, França, Luxemburgo e Países Baixos) nessa cidade, teve a adesão de outros países com o tempo, e inclui atualmente 26 estados-membros e outros estados não membros da EU estão aderindo a essa

convenção. Igualmente, é uma prova de integração entre os países da Europa. Seu principal benefício foi a abolição dos controles de passaporte onde os membros desses países assinantes do tratado podem entrar e sair de seus territórios sem a necessidade de vistos. As políticas da UE, no Espaço Schengen, têm por objetivo assegurar a livre circulação de pessoas, bens, serviços e capitais, legislar sobre assuntos comuns na justiça e manter políticas comuns de comércio, agricultura, pesca e desenvolvimento regional. (UE, 2017)

O Espaço Schengen, que foi o predecessor da União Europeia, traz inúmeros benefícios à economia desses países como extinguir fronteiras, representa o esforço dessas nações para a convivência pacífica entre os povos com igualdade de direitos e livre circulação de pessoas e bens representa um dos maiores feitos da EU. Em consequência, tanto os cidadãos da União Europeia (UE) como os nacionais de países terceiros podem viajar livremente dentro do Espaço Schengen, o controle só ocorre no momento em que atravessarem as suas fronteiras externas. Os Estados Schengen são objeto de avaliações periódicas para controlar se aplicam corretamente as regras de Schengen.

Durante o período 2014/2020, está disponível um total de 2,76 mil milhões de euros para reforçar a gestão e os controlos nas fronteiras externas, a fim de agilizar o combate à migração ilegal e melhorar a tramitação dos pedidos de visto Schengen. Além disso, a fim de aumentar a cooperação policial e o intercâmbio de informações no próprio Espaço Schengen, a União Europeia disponibiliza um milhão de euros para o Fundo de Segurança Interna.

Segundo Silva e Amaral, a criação do Espaço Schengen criou uma dupla condição, uma interna e outra extra, relacionado às migrações:

Do outro lado da fortaleza europeia, no exterior das fronteiras Schengen, consolidou-se um sistema de controle dos fluxos migratórios no interior dos países de emigração. Formou-se uma “muralha burocrática” de dupla face, caracterizada pela rigidez na aplicação (mesmo fora do seu território) dos critérios de seleção de pessoas consideradas aptas para circular pelo território da UE. Assim, do lado de fora de Schengen, o visto de entrada e circulação temporária obtido nos países de origem representa o primeiro ônus da livre circulação de pessoas. Outros mecanismos de controle foram também engenhados no interior dos países europeus, desde medidas de controle aplicadas em zonas fronteiriças até as políticas de cooperação bilateral e multilateral com os países de origem e de trânsito das migrações. (SILVA e AMARAL, 2013, p. 188)

Mesmo assim, os controles fronteiriços não são capazes de deter os fluxos migratórios e a criminalidade associada a estes fluxos. Para isso são necessárias políticas de segurança pública e inteligência, que são objeto de trabalho comunitário. Para combater a criminalidade, os Estados Schengen criaram até à data cerca de 50 centros de cooperação policial bilateral ou multilateral na Europa, bem como um número considerável de equipas conjuntas. Isso permite o rápido intercâmbio de informações a nível regional e reações rápidas a ameaças iminentes em regiões fronteiriças.

O sistema de Informação Schengen (SIS) foi instituído para ajudar a manter a segurança interna nos Estados Schengen, na ausência de controlos nas fronteiras internas. Trata-se do sistema de informação de grande escala que permite às autoridades policiais, de migração, judiciais e outras introduzirem e consultarem alertas sobre pessoas desaparecidas, pessoas ou objetos relacionados com infrações penais, bem como sobre nacionais de países terceiros que não estejam autorizados a entrar ou a permanecer no Espaço Schengen.

A União Europeia está atualmente trabalhando no programa Fronteiras inteligentes para a fronteira externa. Este consiste num Sistema de Entrada/Saída, que permitirá melhorar os controlos de fronteira e combater a imigração ilegal, o que facilita simultaneamente o atravessamento das fronteiras aos viajantes frequentes e previamente aprovados.

Com pode-se perceber, na UE existe vontade política de se promover cooperação e integração transfronteiriça, principalmente pelo grau de institucionalização da comunidade e se suas ações cooperativas. A abertura de fronteiras interiores e o contínuo alargamento da UE conduziram a integração de um número crescente de zonas fronteiriças e aumentaram as fronteiras exteriores do bloco. Segundo Carneiro (2016, p.89): “a experiência de cooperação transfronteiriça em curso na União Europeia comprova a importância de certo nível de institucionalidade na implementação e na consolidação da territorialidade transfronteiriça”

A partir das possibilidades que se apresentaram da União Europeia, traremos a realidade do Mercosul, um bloco econômico mais jovem e em um estágio mais inicial de desenvolvimento, mas que pode funcionar como elemento de transfronteirizações dos países participantes.

1.1.2 O Mercosul e suas Políticas Transfronteiriças

O Mercosul é o acordo celebrado entre Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, no dia 26 de Março de 1991, conhecido como Tratado de Assunção e tem como principal objetivo a integração dos Estados por meio da livre circulação de bens, serviços e fatores produtivos, do estabelecimento de Tarifa Externa Comum (TEC), da adoção de política comercial comum, da coordenação de políticas macroeconômicas e setoriais e da harmonização de legislações nas áreas pertinentes.

O acordo foi precedido, a partir de 1980, de uma série de tratados de “preferências tarifárias regionais” e “acordos de complementação econômica”, principalmente por Brasil e Argentina, resultante da complementação entre estas duas economias. Destaque, para a constituição em 2000 da Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana (IIRSA) que trabalhou com as antigas demandas por transporte e integração regional (SOUZA, 2015)

De acordo com Granato, o processo de redemocratização dos países da América Latina foi fator impulsionados dos acordos de cooperação e futuramente a constituição do Mercosul:

Con América Latina al margen de los principales flujos del comercio mundial y de la captación de inversiones, el gobierno argentino comenzó a diseñar, desde el regreso de la democracia en 1983, un espacio regional que le permitiera, junto a Brasil, competir con el resto del mundo, así como ampliar sus márgenes de decisión y negociación, disminuyendo la brecha con el mundo desarrollado. Recuperada la democracia en Brasil, ambos países dieron impulso al Programa de Integración y Cooperación Económica (PICE) que, si bien no fijaría como objetivo la creación de una zona de libre comercio, estableció principios para desarrollarla con la herramienta del intervencionismo estatal.(GRANATO, 2016. P.382)

Todos esses acordos iniciais previam gradual ampliação dos países, em função das inúmeras diferenças e assimetrias entre os países membros. Ocorre que com a assinatura do Tratado de Assunção este processo foi acelerado que estabelecia prazo máximo de dez anos para se atingir zona de livre-comércio, a harmonização gradual das políticas setoriais e a coordenação das políticas

macroeconômicas. Com isto, os países passaram a ser considerados importantes receptores de capital estrangeiro. (GRANATO, 2016 e SOUZA, 2015)

A partir da sua criação outros Estados se associaram ao Mercosul: Bolívia (em processo de adesão), Chile (1996), Peru (2003), Colômbia (2004), Equador (2004), Venezuela (2012), Guiana (2013) e Suriname (2013).

O acordo tem seu foco principal, desde seu início, no aprimoramento da união aduaneira e desde 2010 têm as negociações para aprovação do Código Aduaneiro do Mercosul. O bloco responde por 71,8% do território da América do Sul, sua população total é de 275 milhões de habitantes, que corresponde a 69,78% dos habitantes da América do Sul. (MERCOSUL, 2017)

De acordo com o art. 1º do Tratado de Assunção, a criação do mercado comum implica, (MERCOSUL, 2017):

- a) livre circulação de bens, serviços e fatores de produção entre os países do bloco;
- b) estabelecimento de uma tarifa externa comum e a adoção de uma política comercial conjunta em relação a terceiros Estados ou agrupamentos de Estados e a coordenação de posições em foros econômico-comerciais regionais e internacionais;
- c) coordenação de políticas macroeconômicas e setoriais entre os Estados Partes;
- d) compromisso dos Estados Parte em harmonizar a legislação nas áreas pertinentes, a fim de fortalecer o processo de integração.

Dentre as estruturas criadas pelo bloco para favorecer a integração e o desenvolvimento, pode-se citar:

- Tribunal Permanente de Revisão (2002),
- Parlamento do MERCOSUL - PARLASUL (2005),
- Instituto Social do MERCOSUL (2007),
- Instituto de Políticas Públicas de Direitos Humanos (2009),
- Fundo para a Convergência Estrutural do MERCOSUL (FOCEM).

Uma das questões que interfere no bloco é a assimetria entre os Estados membros e associados, tanto do ponto de vista econômico como no social e político. E estas diferenças acabam por dificultar ou mesmo impedir um processo maior de integração previsto no bloco.

Nessa diretriz de diminuir as assimetrias do bloco, foi criado o Fundo para a Convergência Estrutural do Mercosul (FOCEM), para ampliar o financiamento de projetos e aumentar a coesão social entre os Estados, principalmente das economias de menor porte, como por exemplo, Paraguai e Uruguai. O fundo tem contribuído para a melhoria em setores como habitação, transportes, incentivos à microempresa, biossegurança, capacitação tecnológica e aspectos sanitários.

O FOCEM foi criado com clara intenção compensatória e redistributiva entre os países mais pobres, e 70% dos aportes financeiros provêm do Brasil, 27% da Argentina, 2% do Uruguai e 1% do Paraguai. Por outro lado, a distribuição dos fundos será realizada de forma inversa, 48% para o Paraguai, 32% para o Uruguai, 10% para a Argentina e 10% para o Brasil. (GRANATO, 2016). Com isto, se pretende ampliar e fortalecer o processo de integração, principalmente entre aqueles com menor potencial econômico e social.

A organização administrativa do bloco é composta por reuniões semestrais de cúpula, que envolvem os presidentes dos Estados parceiros, até encontros em nível municipal que tratam dos mais diversos temas de interesse do bloco, distribuídas nas 21 câmaras temáticas, que participam os ministros de Estado.

Na dimensão política do bloco, importante ressaltar a criação do Parlamento do Mercosul (Parlasul), criado em 2005 como órgão de representação dos povos do Mercosul, com sede em Montevideo (UY), que tem funções deliberativas e de recomendação aos demais órgãos do bloco. Sua composição é integrada por representantes designados pelos congressos nacionais até que sejam realizadas eleições diretas de forma proporcional a população dos Estados membros. Hoje (2017), o Parlasul tem 37 representantes brasileiros, 26 argentinos, 18 paraguaios, 18 uruguaios e 23 venezuelanos. Todos os representantes são membros dos congressos nacionais, com exceção do Paraguai, que realizou eleições diretas para o Parlasul em 2008. (PARLASUL, 2017)

Entretanto, o órgão não está desempenhando seu papel, conforme apontam Dri e Paiva:

Desde o final da década de 1990, o Mercosul tem passado por sucessivas crises econômicas e políticas. [...] O Parlasul não foge a esse quadro. Criada em um momento de revitalização política da integração, a assembleia conferiu um novo fôlego ao bloco ao constituir-se em uma arena suplementar de debate político, incluindo parlamentares e atores da sociedade civil. No entanto, ela não tem conseguido ultrapassar os limites

burocráticos estabelecidos pelos órgãos executivos e encontra-se em situação de paralisia institucional desde o início de 2011. (DRI E PAIVA, 2016, p.14)

A maior dificuldade no Parlasul é os representantes superarem a dimensão nacional e pensarem em ações e políticas de abrangência regional, atendendo as necessidades do bloco. As críticas ao Parlasul estão na condição das discussões serem limitadas a questões nacionais ou mesmo locais, nas sessões plenárias realizadas (DRI e PAIVA, 2016).

Na área social do bloco, existe o Plano Estratégico de Ação Social (PEAS), criado em 2010, inclui, entre outros objetivos, a erradicação da fome, da pobreza e do analfabetismo, bem como a universalização dos serviços públicos de saúde. Para consecução das atividades sociais do bloco foi criado o Instituto Social do Mercosul (2007), com sede em Assunção (PY).

Além disto, em 2010 foi aprovado o Estatuto da Cidadania do Mercosul que tem por objetivo garantir direitos comuns aos nacionais dos Estados partes e prevê um espaço de livre circulação de pessoas entre os países. A partir deste Estatuto, é possível perceber uma série de convênios e acordos que envolvem políticas fronteiriças, previdência social, educacional e cooperação consular.

Segundo dados do bloco (MERCOSUL, 2017), ele representa algo equivalente à quinta maior economia mundial, com PIB de US\$ 2,7 trilhões, as trocas comerciais dentro do MERCOSUL multiplicaram-se em mais de 12 vezes, passando de US\$ 4,5 bilhões, em 1991, para o pico de US\$ 57 bilhões, em 2013. Em 2017, os dados até julho mostram crescimento de 22,1% nas exportações brasileiras (US\$ 13 bilhões) e de 53% no saldo comercial do Brasil com o bloco (US\$ 5,9 bilhões) em relação ao mesmo período de 2016. Além disso, o bloco é o principal receptor de investimentos estrangeiros diretos no continente.

Um aspecto importante do bloco é a produção agrícola, principalmente as culturas de arroz, soja, trigo, açúcar e milho, considerado o maior exportador mundial de açúcar, o maior produtos e exportador mundial de soja e o primeiro produtor em carne bovina (Ano-base:2018).

Na área econômica, recentemente o Mercosul tem sido utilizado para favorecer negociações internacionais com a União Europeia e com os Estados Unidos, o que poderá dar novo impulso nas negociações inter-regionais. Na prática, depois da união aduaneira, a integração no Mercosul permaneceu estacionada e

marcada por dificuldades e atritos entre os membros. Além dessas condições, as crises econômicas e políticas por que passam os Estados membros impacta em um maior desenvolvimento e integração do bloco.

Todos esses aspectos econômicos, de certa forma, promovem a transfronteirização entre estes países, pela circulação de mercadorias e capitais. Entretanto, o lado humano e social desta condição teve que ser considerado pelo bloco. A partir da fundação do Mercosul, se inicia um processo migratório dentro da territorialidade, conforme aponta Mendes (2016, p. 18):

A Argentina, como se disse, é o destino preferencial dos fluxos migratórios regionais no Mercosul. O caráter de receptor de imigrantes se inscreve historicamente no ordenamento jurídico argentino. O país abriga grande coletividade de paraguaios, bolivianos, chilenos, peruanos e uruguaios, o que o torna uma intersecção de fluxo migratório entre as duas organizações sub-regionais: a Comunidade Andina de Nações e o Mercosul. O Paraguai tem, na sua população, contingentes elevados de migrantes brasileiros e argentinos. Os brasileiros e seus descendentes fixados no Paraguai constituem o principal fenômeno de emigração brasileira na América do Sul. O deslocamento em massa de brasileiros para o Paraguai teve início durante a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu (1975-1982), que inundou larga extensão territorial do Estado do Paraná com densidade demográfica considerável. A baixa indenização levou pequenos proprietários a optar pela compra de lotes no Paraguai, em um movimento facilitado pela nova Lei de Terras daquele país (1967), que promoveu o assentamento de lavradores estrangeiros. A legislação atraiu também latifundiários brasileiros, que estimularam a ida de trabalhadores sem terras para o país vizinho. O Brasil, por sua vez, viu crescer, nas últimas duas décadas, a migração de bolivianos para o Estado de São Paulo, além da continuidade de correntes nacionais de menor porte: argentinos, paraguaios, uruguaios e chilenos. (MENDES, 2016, p.18)

Ademais desses fluxos migratórios, o bloco teve que se organizar e planejar políticas de integração social e do trabalho. Ocorre que da mesma forma assimétrica e instável que opera o bloco na área econômica as áreas de migração e trabalho tem apresentado discrepâncias na efetivação das políticas entre os Estados. Ou seja, as questões sociais foram incorporadas pelo bloco em um segundo momento de atuação conjunta, pois o Tratado de Assunção não incluiu aspectos sociais, tampouco previu os impactos das migrações intraregionais e as questões do trabalho no Mercosul. (Mendes, 2016 e Souza, 2015)

A partir do Protocolo de Ouro Preto, assinado em dezembro 2014, os objetivos do bloco foram ampliados e refletiu mais a atenção as questões sociais e

migratórias, e para isto foi criado o Foro Consultivo Econômico-Social. Segundo Geneyro et al.:

O regime de administração integrada do trânsito de nacionais em fronteiras, estabelecido nos primeiros anos do Mercosul, deveria dar lugar a um sistema geral de cooperação em assuntos migratórios, definição e regulamentação de um conjunto de demandas. Entre elas, constavam tópicos sobre residência temporária e permanente, direitos trabalhistas, previdenciários e acesso a benefícios sociais (saúde, educação etc.) em igualdade de condições com os nacionais dos países de acolhimento. (GENEYRO, 1998, p. 193)

A partir desse momento, o bloco teve que considerar questões sociais e migratórias e analisar políticas comuns de gestão integrada. O que se percebe é que estes movimentos não se transformaram em medidas práticas em todos os Estados participantes do Mercosul. Nesse sentido, 2 documentos foram importantes para ampliação das políticas em comum:

- a) Acordo Multilateral de Seguridade Social, de dezembro de 1997: marco da proteção previdenciária e visa garantir direitos previdenciários e de saúde do trabalhadores, aos migrantes dos Estados membros. Ficou assegurada a aplicação dos mesmos direitos e obrigações devidos a seus nacionais, aos estrangeiros;
- b) Declaração Sociolaboral do Mercosul, de dezembro de 1998: assegura igualdade de oportunidades e tratamento no emprego, por meio do princípio da não discriminação.

Entretanto, do ponto de vista prático, se percebe entre os Estados membros dificuldade na aplicação de tais acordos, principalmente pelo argumento da defesa dos mercados nacionais e a igualdade nas oportunidades dos migrantes. Mesmo assim, diversos instrumentos foram criados para facilitar a permanência e circulação de trabalhadores migrantes, como Acordo de Regularização Migratória (2002), Acordo de Livre Trânsito e Residências para Nacionais dos Estados partes do Mercosul (2002) (MENDES, 2016)

Em dezembro de 2010, foi dado importante passo para a construção de uma ação social mais efetiva mediante a decisão de implementar um Estatuto da Cidadania do Mercosul, que prevê um conjunto de direitos fundamentais e benefícios disponíveis em igualdade aos nacionais do Mercosul, incluindo o livre trânsito, a fixação e as condições laborais. No entanto, pouco se avançou neste

assunto e principalmente nas políticas de cada país para implementação destes instrumentos.

Com relação à segurança territorial, poucas foram as medidas e ações realizadas em conjunto pelos Estados membros. De certa forma, os projetos de inserção regional são diferentes e cada país segue individualmente sua política de segurança pública. As políticas brasileiras de ocupação de fronteiras e controle de corredores de exportação é fonte de críticas por parte dos demais países, por considerarem fazer parte do projeto geopolítico expansionista. Assim, parece difícil a integração ou projetos de colaboração entre os países do Mercosul. (MIYAMOTO, 2002)

Conforme demonstra Miyamoto, a integração das políticas de segurança pública parece não fazer parte da agenda comum do bloco:

Enquanto não enfrentam problemas comuns, cada um realiza suas políticas individualmente como sempre fez. A Argentina está mais voltada para a questão do terrorismo contra a comunidade judaica (como ocorreu nos anos 90), com o tráfico de drogas e armamentos e com a presença de grupos islâmicos na fronteira tripartite argentino-brasileiro-paraguaia. A preocupação brasileira, por força das circunstâncias, acha-se dirigida para o território amazônico, apesar de não negligenciar o tráfico de drogas como uma de suas prioridades. Por razões como essas, não sentem necessidade de aprofundar a cooperação – já existente no âmbito da Justiça –, enquanto dão conta, sozinhos, de seus problemas. Na verdade, não se trata apenas disso. Cada um deles raciocina dentro de estreitos parâmetros de defesa dos interesses e de projeção de seus Estados nacionais. (MIYAMOTO, 2002, p.36)

De certa forma, o Mercosul, em função de ser um acordo comercial recente, parece não contar com senso de coletividade e de totalidade entre seus Estados membros, o que dificulta as políticas regionais de integração e de um pensamento de bloco. Isso, apontam Kegel e Amal (2013, p.25): “os limites do projeto de integração regional estariam mais vinculados aos problemas de ordem econômica e política interna de cada país, às percepções nacionais da importância estratégica do bloco, e à forma como as dificuldades domésticas afetam o grau de comprometimento nacional com a integração”.

Por outro lado, não se pode desconsiderar os avanços que o bloco possibilitou aos Estados membros, principalmente nas áreas econômicas com os acordos já firmados e o fluxo de investimentos recebido do exterior, possibilitando o adensamento do comércio intra-regional, a integração de cadeias produtivas e a

atração de investimentos. E, há de se citar a marca Mercosul, que já conta com o reconhecimento e identificação por parte da população e está presente nas relações internacionais. (KEGEL e AMAL, 2013).

Como se percebe o Mercosul ainda tem a avançar nas suas políticas de integração regional e criação de regiões transfronteiriças. No capítulo três desta pesquisa serão apresentados os elementos das TTI's e será verificado que ainda há espaço para o Mercosul contribua com a realidade desta territorialidade.

É perceber que as políticas de integração da União Europeia estão em estágios mais avançados de implementação e esta situação reflete na vida dos indivíduos em oportunidades transfronteiriças. Analisa-se tal situação nas políticas de trabalhos transfronteiriços, no acesso aos serviços de saúde, mas principalmente nas políticas de trânsito e mobilidade entre os países da União Europeia.

Já no caso do Mercosul, o que se percebe é que faltam avançar muitas políticas do bloco para refletir uma territorialidade de maior integração das políticas públicas entre os países do bloco. E mesmo aquelas políticas existente ainda carecem de maior aplicabilidade no contexto da vida dos habitantes do Mercosul. Todas estas condições impactam as TTI e os resultados que foram produzidos ao longo desta pesquisa.

No capítulo 3 desta pesquisa se dará destaque aos processos de integração existentes nesta territorialidade, parte destas condições são reflexos dos acordos existentes do Mercosul, mas também é possível verificar que as condições locais geram situações e políticas transfronteiriças próprias, e cria um poder local que transcende o poder nacional e mesmo do bloco econômico Mercosul.

Mesmo que a integração entre os países seja vista como discurso estatal, cabe destacar a importância do conjunto de todas estas políticas na vida do morador da fronteira e como isto pode afetar sua percepção e suas vivências multiterritoriais e transfronteiriças.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

A obtenção de resultados válidos pela pesquisa científica prevê, invariavelmente, a aplicação do método científico e suas técnicas diversas. Nesse sentido, a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está sempre referida a elas. O método depende do propósito e do objeto da pesquisa e é composto por processos ordenados para se atingir esse propósito (CRESWELL, 2007; FLICK, 2009).

A pesquisa é qualitativa, pois se pretendeu entender fenômenos de ordem subjetiva, na busca de sua compreensão. A ênfase desse tipo de pesquisa está no entendimento dos fenômenos nos meios sociais. Para isso, conforme afirma Creswell (2007, p.202), a pesquisa deve ter relatos em palavras (não apenas em números) e ter seu foco na percepção, nas experiências e no modo como os participantes da pesquisa entendem a sua vida. Pesquisa com essa natureza “proporciona melhor visão e análise do problema. [...] é baseada em amostras pequenas [...] e os dados não são analisados estatisticamente” (MALHOTRA et al., 2005, p. 113).

A pesquisa qualitativa dentre diversas características pode ser entendida, de acordo com Creswell (2007), como uma investigação que ocorre no cenário natural do sujeito pesquisado com métodos de coleta de dados que são interativos, afirma, que não tem como se evitar interpretações pessoais do pesquisador, que se baseia em fatos sócio-políticos e históricos daquele momento. Outros aspectos considerados por Flick (2009) essenciais para a pesquisa qualitativa são: boas escolhas de teorias e métodos; considerar a diversidade e as diferentes perspectivas dos participantes da pesquisa, além de tratar as reflexões do pesquisador e na diversidade das abordagens e métodos qualitativos.

Para González Rey:

o sujeito individual está inserido, de forma constante, em espaços de subjetividade social, e sua condição atualiza-se permanentemente na tensão produzida a partir das contradições entre suas configurações subjetivas individuais e os sentidos subjetivos produzidos em seu trânsito em atividades compartilhadas nos diferentes espaços sociais. É neste processo que o conhecimento tem lugar, definindo, assim, sua riqueza dinâmica. (GONZÁLES REY, 2005, p.25)

Por tal visão, a pesquisa qualitativa vai ao encontro dos sentidos produzidos pelos indivíduos para justamente evidenciar esta tensão entre o indivíduo e o social e procurar estabelecer a percepção deste indivíduo sobre os conceitos e assuntos que permeiam sua realidade social.

Na pesquisa qualitativa, a teoria mostra-se como um sistema aberto, pois junto com as representações teóricas adotadas, integram as ideias do pesquisador como o momento empírico particular, caracterizada pelo momento atual da pesquisa.

Além disto, segundo González Rey (2005), a pesquisa qualitativa envolve a imersão do pesquisador no campo de pesquisa, considera este como o cenário social em que tem o lugar o fenômeno estudado em todo o conjunto de elementos que o constitui, e que, por sua vez, está constituído por ele. Portanto, a pesquisa qualitativa, além dos seus métodos e instrumentos tem um papel importante do pesquisador e todo processo que ele utiliza para constituição dos tecidos de informação, neste tipo de pesquisa.

A pesquisa qualitativa se adequa melhor aos objetivos, principalmente pela necessidade de compreensão da percepção dos indivíduos das suas vivências transfronteiriças. Os indivíduos são a unidade essencial para o processo de construção da pesquisa qualitativa, pois a singularidade é a única via que estimula os processos de construção teórica portadores de um valor de generalização perante este tipo de estudo.

Com relação à abordagem da pesquisa, esta se classifica como descritiva, pois, como mencionam Selltiz *et al.* (1967), que uma grande quantidade de pesquisa social se volta para a descrição das características de comunidades, ou seja, pretende descrever a estrutura da organização social da comunidade ou dos principais padrões de comportamento.

A pesquisa adquire caráter que busca esclarecer a relação e a conexão de um fenômeno com outros, assim como suas características. A pesquisa descritiva tem como objetivo observar, registrar e equiparar esses fenômenos, conhecendo e considerando as relações que ocorrem no âmbito social, político, econômico e, em outros aspectos da conduta do ser humano como indivíduo sozinho e inserido em grupos (CRESWELL, 2007).

Flick (2009) se refere à reformulação das questões de pesquisa constituem pontos centrais de referência para a avaliação da apropriabilidade das decisões

tomadas pelo pesquisador em vários momentos, tornando-se relevante na decisão sobre a escolha dos métodos para a coleta de dados, a conceitualização da interpretação, ou seja, do método empregado e do material utilizado. Dessa forma, esta tese procurou responder às seguintes questões norteadoras dos procedimentos metodológicos:

- a) Quais são as características das TTI's?
- b) Como se dá, a partir de processos históricos, geográficos, sociais e culturais, uma territorialidade e vivência transfronteiriça?
- c) De que forma uma territorialidade transfronteiriça influencia na formação das vivências dos habitantes dessa territorialidade?
- d) O que é um viver transfronteiriço e quais são suas principais características?

Em função das perguntas de pesquisa que norteiam a pesquisa, procura-se instrumentos de coleta de dados adequadas a estes objetivos, que melhor possam apreender os elementos relevantes para o trabalho de pesquisa. Os instrumentos de coleta de dados devem privilegiar a expressão do outro como um processo, estimulando a produção de tecidos de informação, e não de respostas pontuais. Eles são os meios para se envolver as pessoas, o que facilitará a expressão dos sentidos subjetivos. (GONZÁLEZ REY, 2005)

Para este estudo, foi realizada busca de fontes primárias e secundárias, para levantar dados históricos, sociais e econômicos relacionados às TTI's. Segundo May (2004, p.208), os documentos, obtidos como a sedimentação das práticas sociais, têm o potencial de informar e estruturar as decisões que as pessoas tomam diariamente e, em longo prazo, eles consistem em leituras particulares dos eventos sociais.

Para a pesquisa documental, foram analisados dados econômicos, históricos, geográficos das cidades que formam as TTI, Foz do Iguaçu (Brasil), Ciudad del Este (Paraguai) e Puerto Iguazú (Argentina). Para isso, serão analisados documentos oficiais, sites das prefeituras e governos locais, além de outros estudos já realizados na territorialidade. A partir desses elementos objetivos, tem-se melhores condições de aprofundamentos os dados subjetivos, que serão coletados através de entrevistas semiestruturadas.

Na pesquisa documental, o que muda em relação à pesquisa bibliográfica é a natureza das fontes, que podem ser: cartas pessoais, memorandos, boletins, ofícios,

relatório de pesquisas ou de empresas, entre outros. Existirão dados previamente analisados, como elementos que não passaram por nenhuma análise. A relevância do uso de pesquisa documental está no fato de que esses documentos podem proporcionar melhor perspectiva do problema abordado (CRESWELL, 2007).

A partir desta pesquisa qualitativa, é interessante compreender a percepção dos indivíduos. Para isto foi adotado instrumentos de conversação, como entrevistas semiestruturadas. Tal condição difere de outros métodos em pesquisa, tal como aponta González Rey:

A ruptura com a epistemologia estímulo-resposta faz com que reivindicamos, em nossa metodologia, os sistemas conversacionais, os quais permitem ao pesquisador deslocar-se do lugar central das perguntas para integrar-se em uma dinâmica de conversação que toma diversas formas e que é responsável pela produção de um tecido de informação no qual implica que, com naturalidade e autenticidade, os participantes. (GONZÁLEZ REY, 2005, p.45)

Com os indivíduos das TTI foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com o objetivo de compreender a percepção destes indivíduos sobre suas experiências diárias nesta territorialidade. O roteiro desta entrevista encontra-se nos apêndices desta pesquisa e tem por objetivo recuperar do indivíduo informações sobre seu viver transfronteiriço. Segundo Creswel (2007) as entrevistas semiestruturadas são a combinação de perguntas abertas e fechadas, onde existe a possibilidade de o informante desenvolver melhor o tema proposto. Levando o pesquisador a seguir um conjunto de perguntas definidas previamente, com contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. A entrevista semiestruturada foca em assuntos sobre qual o pesquisador deve elaborar roteiro com as principais perguntas, complementadas por outras questões específicas as condições momentâneas à entrevista, este tipo de procedimento pode fazer emergir informações de maneira mais livre já que as respostas não são caracterizadas por uma padronização de alternativas.

É no processo de comunicação que o outro se envolve em suas reflexões e emoções sobre os temas que vão aparecer, e o pesquisador deve acompanhar, com o mesmo interesse, tanto o envolvimento dos participantes quanto os conteúdos que surgem. A entrevista é o instrumento associado ao estudo das representações e de crenças conscientes do sujeito, diante do qual esse sujeito constrói respostas mediadas pela sua intencionalidade. Suas respostas sempre estarão mediadas

pelas representações sociais e pelas crenças dominantes no cenário social em que se aplica o instrumento. (GONZÁLEZ REY, 2005)

Para as entrevistas, foram necessárias que se definissem o universo do estudo. Os indivíduos foram escolhidos ao acaso, através dos contatos do pesquisador. A partir de cada entrevista, o entrevistado sugeria novas pessoas para serem entrevistadas, de acordo com os objetivos da pesquisa, utilizando-se o método bola de neve. Buscou-se indivíduos que tenham relação direta com a fronteira, ou seja, vivem de alguma maneira a fronteira, seja na sua vida familiar, de trabalho ou estudos, e que habitam as cidades das TTI.

Parte-se do princípio que cada indivíduo estabelece uma relação particular com a fronteira e o resultado desta pesquisa se dá em função dos indivíduos que foram entrevistados. Por tratar-se de uma pesquisa qualitativa não se busca em nenhum momento generalizações e estabelecer representatividades frente ao objeto pesquisado. Os resultados trazem a forma como cada um dos indivíduos pesquisados percebe e vive a fronteira.

Para González Rey (2005) não é o tamanho do grupo que define os procedimentos de construção do conhecimento, mas sim as exigências de informação quanto ao modelo em construção que caracteriza a pesquisa. Portanto, em pesquisa qualitativa, não se fala em número mínimo de entrevistados, pois, esta decisão está baseada na qualidade das informações e recursos para o tecido informacional. O número ideal de pessoas a ser considerado na pesquisa qualitativa deixa, dessa forma, de ser um critério quantitativo, e passa-se a definir pelas próprias demandas qualitativas do processo de construção da informação.

Os sujeitos da pesquisa são indivíduos que nasceram e moram em uma das cidades das TTI. O critério é amplo, mas por outro lado, o objetivo é de compreender como essas pessoas construíram suas identidades a partir dos elementos presentes nessas territorialidades. Como critério de inclusão desses sujeitos procurou-se os moradores da territorialidade que “vivam” a fronteira e na fronteira, identificadas quais as relações que estabelecem a partir desta vivência. Como critérios de exclusão não serão aceitas pessoas que não tenham nascido nas TTI's e que apenas morem, ou vice e versa.

A análise dos dados consiste em procurar e encontrar sentido na quantidade de dados e depoimentos transcritos das pesquisas (CRESWELL, 2007). As informações e dados reunidos pelo pesquisador nas entrevistas (obtida como

comunicação entre as duas partes) são apresentados textualmente, portanto, o método para analisar os dados obtidos é o da interpretação e construção da informação, como assevera González Rey:

Compreendemos a produção e a interpretação da informação na pesquisa qualitativa como um processo constante que mantém um caráter recursivo com os instrumentos de pesquisa utilizados. Do momento em que o pesquisador entra no campo, começa um processo de produção intelectual que levará ao desenvolvimento de um modelo teórico, o que lhe permite significar uma variedade de aspectos empíricos apresentada no desenvolvimento da pesquisa. (GONZÁLEZ REY, 2005, p.102)

Na visão de González Rey (2005), a legitimidade do conhecimento está associada ao desenvolvimento progressivo de zonas de sentido em relação ao problema estudado e à forma com que as novas categorias se articulam para aumentar a capacidade heurística do modelo diante dos desafios que aparecem na pesquisa.

O sentido subjetivo, não aparece de forma direta na expressão intencional do indivíduo, mas sim indiretamente na qualidade da informação, no lugar de uma palavra em uma narrativa, na comparação das significações atribuídas a conceitos distintos de uma construção, no nível de elaboração diferenciado no tratamento dos temas, na forma com que se utiliza a temporalidade, nas construções associadas a estados anímicos diferentes, nas manifestações gerais do sujeito em seus diversos tipos de expressão. (GONZÁLEZ REY, 2005)

Outro passo para a construção de informações na Epistemologia Qualitativa de González Rey (2005) consiste em criar categorias, que são formas de concretização do processo construtivo-interpretativo que permite seu desenvolvimento por meio de núcleos de significação teórica portadores de certa estabilidade. Sem categorias, a processualidade pode-se desfigurar diante da falta de organização do processo construtivo.

Juntamente com a Epistemologia Qualitativa, foi utilizado para a construção das categorias o software de análise qualitativa Iramuteq, através dos recursos de geração de nuvem de palavras e análise de similitudes, a partir do *corpus* textual. Esta condição permitiu identificar as ocorrências entre as palavras e seus relacionamentos, para assim, proporcionar uma direção na construção das categorias a serem analisadas. Com a geração da nuvem de palavras é possível

organizar de forma gráfica a frequência como que cada palavra ou expressão aparece no *corpus* textual.

A utilização do software para as análises qualitativas auxiliou na definição e construção das categorias que serão analisadas conforme propõe Gonzáles Rey (2005). A partir deste percurso foram trabalhadas as categorias de análise destacadas na tabela 1 que serão melhor explicadas no capítulo 4.

Tabela 1 - Categorias de Análise

Categoria de Análise	Objetivo da Análise
1. Percepção da Fronteira	Explorar o conceito de fronteira para os indivíduos entrevistados
2. Viver a fronteira ou viver na fronteira	A diferença de se viver intensamente a fronteira ou apenas perceber a fronteira enquanto limite
3. Apropriações Identitárias Territoriais e Multiterritoriais	As apropriações que os indivíduos fazem de elementos, em termos identitários, do seu país e dos países vizinhos
4. Como é ter nascido na fronteira	Como é ter nascido na fronteira, as diferenças, aproximações e confrontos
5. Hibridismos Brasiguaios e Brasentinos	As formas híbridas resultados do contato de brasileiros, paraguaios e argentinos
6. Onde você nasceu?	A pergunta para esta simples resposta parece necessitar de mais elementos para aqueles indivíduos que nasceram em uma transfronteira

Fonte: o autor (2018)

2.1 O DESAFIO DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM FRONTEIRAS

As contribuições propostas para as Ciências Sociais e Humanas em auxiliar nos estudos fronteiriços, na busca de evidências psicológicas e sociais em uma territorialidade que foi e é palco de interesse e conflitos de nível político, social, econômico e cultural; em terceiro lugar, a pesquisa se justifica na discussão dos conceitos de territorialidades, contribuindo para os estudos da geografia humana e no avanço do pensamento interdisciplinar.

O objeto por sua natureza interdisciplinar, procura evidenciar uma leitura ampla do fenômeno das vivências transfronteiriças. A interdisciplinaridade torna-se

imperativo ao analisar ser humano como objeto e sujeito onde todas as disciplinas humanas que atuam buscam sua compreensão e investigação.

Morin dentro dos seus estudos da Complexidade, procura superar as fronteiras estabelecidas pelas disciplinas, para compreender a realidade do homem e sua natureza. Os saberes tradicionais foram reduzidos o que causou a perda da multiplicidade, da diversidade e da identidade do homem:

A identidade do homem, ou seja, sua unidade/diversidade complexa, foi ocultada e traída, no cerne mesmo da era planetária, pelo desenvolvimento especializado/compartimentado das ciências. Os caracteres biológicos do homem foram discutidos nos departamentos de biologia e nos cursos de medicina; os caracteres psicológicos, culturais e sociais foram divididos e instalados nos diversos departamentos de ciências humanas, de modo que a sociologia foi incapaz de ver o indivíduo, a psicologia incapaz de ver a sociedade, a história acomodou-se à parte e a economia extraiu do *Homo sapiens demens* o resíduo exangue do *Homo economicus*. Pior ainda, a noção de homem se decompôs em fragmentos desarticulados, e o estruturalismo triunfante acreditou que poderia eliminar definitivamente esse fantasma irrisório. (Morin, 1995, p.61)

Como se observa no trecho de Morin, a característica do homem é a sua diversidade e ela só será alcançada por um olhar interdisciplinar, as disciplinas em separado não conseguirão resgatar a essência da condição humana em sua complexidade. Portanto, para compreender esta natureza humana se propõe a pesquisa interdisciplinar.

É nesse sentido que aponta Frigotto (2010, p. 43) a necessidade da interdisciplinaridade na produção do conhecimento se funda no caráter dialético da realidade social que é, ao mesmo tempo, una e diversa e na natureza intersubjetiva de sua apreensão, caráter uno e diverso da realidade social impõe distinguir os limites reais dos sujeitos que investigam dos limites do objeto investigado. Delimitar um objeto para a investigação não é fragmentá-lo ou limitá-lo arbitrariamente.

A partir dessas premissas do estudo interdisciplinar, esta pesquisa pretende contribuir com a aplicação e discussão de métodos e técnicas de pesquisas relacionadas a realidades sociais, em que o objeto de estudo é o ser humano e sua perspectiva intersubjetiva.

2.2 AS ENTREVISTAS

A pesquisa se desenvolveu por meio de entrevistas com indivíduos que nasceram e moram nas cidades das TTI. O critério de escolha destes participantes da pesquisa se deu por conveniência, a partir dos contatos e conhecidos deste pesquisador e, posteriormente, a partir de indicações dos próprios entrevistados. Foi apresentado o objetivo da pesquisa aos entrevistados para que cada um pudesse decidir se iria participar das entrevistas. A partir daí foram agendadas as entrevistas que foram gravadas e posteriormente descritas para análise. O roteiro de perguntas utilizados consta no Apêndice A.

Todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Anexo I e autorizaram a publicação de sua entrevista para esta pesquisa. A partir destas entrevistas realizadas foi possível a criação de categorias de análise, de acordo com a Epistemologia Qualitativa (GONZALES REY, 2005), busca-se a compreensão de como se estabelecem as vivências transfronteiriças destes indivíduos. Nestas análises foram utilizados trechos das entrevistas para que os relatos tenham valor documental para a análise do objeto desta pesquisa.

A pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Unioeste - Anexo II.

Os entrevistados desta pesquisa serão apresentados nesse momento para se conhecer a sua história pessoal e suas características. Durante a análise dos dados, capítulo 4, utilizaremos os relatos e respostas destes indivíduos para a construção de categorias de análise, conforme descrito no percurso metodológico.

Uma questão norteadora, colocada logo no início da entrevista, foi para que cada um dos entrevistados relatasse onde nasceu e o seu desenvolvimento (infância- adolescência – adulto) na fronteira. A partir desta questão foi possível obter dados a respeito de como cada indivíduo vive a TTI. O roteiro completo da entrevista encontra-se no Anexo I desta pesquisa. Não houve nenhuma restrição quanto ao tempo, cada indivíduo ficou à vontade para falar o que quisesse.

1) Amanda, 19 anos.

A primeira entrevista foi realizada com Amanda, que nasceu na cidade de Foz do Iguaçu, mas como os pais trabalham em Ciudad del Este acaba tendo parte da sua vida nesta cidade, pois os pais têm negócios lá. Atravessa a ponte diariamente para trabalhar e ter seu sustento lá, mas tem residência e estudo no Brasil. Por passar todos os dias no Paraguai, fala que já adquiriu vários hábitos deste país, principalmente questões como mais paciência com pessoas diferentes: “Com tanta gente indo e vindo desde criança, aprendi a ser mais paciente com quem é diferente de mim e a aprender coisas novas com essas pessoas”. Traz a fronteira como oportunidade em aprender coisas novas. Tem um avô que é paraguaio e o outro que é argentino e essa condição fez com que ela aprendesse valores dos dois países. Não gosta do preconceito como as outras pessoas tratam Ciudad del Est pela bagunça e sujeira das ruas.

2) Débora, 21 anos

A entrevistada Amanda repassou o contato da Débora, que nasceu em Ciudad del Este, mas estuda em Foz do Iguaçu, e em função disto mora nesta cidade, para facilitar o acesso. Toda sua família está em Ciudad del Est onde tem seu trabalho e sua vida. Estudou no ensino fundamental e médio em colégio do Paraguai e relata que toda sua vida social está nesta cidade. Destacou na sua entrevista a mobilidade e a facilidade de acesso aos países para poder transitar e aproveitar o que a fronteira oferece. Nesse sentido, traz o problema da “fila” como dificultador para aproximar ainda mais o Brasil do Paraguai. Débora traz a oportunidade de aprender português quando está estudando e convivendo com pessoas no Brasil e as diferenças que percebe nos hábitos e cultura dos diferentes países da fronteira: *“Vivir en la frontera para mi es importante, ya que gracias a eso por ejemplo manejo de forma correcta el Portugues, cosa que personas de otras ciudades del Paraguay no manejan. La cultura, la educación y la comida interfieren bastante al convivir con personas de diferentes países”*. Na Argentina, destacou mais as questões de lazer e restaurantes.

3) Joaquin, 20 anos

Joaquin nasceu e vive em Puerto Iguazú, mas estuda no Brasil em uma universidade particular faz o curso de Publicidade e Propaganda. Na sua fala se

percebe a fronteira como oportunidade de convivência com as diferenças. Disse que só percebeu o que é viver na fronteira quando começou a viajar para outras cidades do seu país e principalmente ao fato de ter morado por 1 ano em outra cidade da Argentina e ver que vivenciava uma realidade diferente do que tinha na sua cidade, Puerto Iguazú. Diferenças proporcionadas pela fronteira e pelo acesso aos demais países. Relata que todos os dias cruza a fronteira, por diferentes razões. Joaquin fala que a fronteira teve influência na formação do seu jeito de ser, nos costumes, nas roupas que usa e nos hábitos alimentares: *“apesar de haber nacido en Argentina cuando muchas veces me preguntan de donde soy yo respondo “de la triple frontera” porque es ahí donde vivo, mi vida se reparte en este punto, en tres países y me considero muy afortunado al haber nacido en la frontera y poder aprovechar tan increíble lugar”*. Trouxe que tem amigos nas três cidades da fronteira, o que faz como ele tenha que transitar nestas distintas territorialidades. A entrevista de Joaquin trouxe vários elementos interessantes de um viver transfronteiriço e como esta condição modifica a forma desenvolveu sua visão de mundo.

4) Francielli, 25 anos

A entrevista com Francielli trouxe a questão de ser brasiguiaia, ela nasceu em Ciudad del Este, mas é filha de brasileiros e por este motivo destacou o preconceito que sofreu nas escolas paraguaias, em função do rancor que sentem pelos brasileiros: “Quando criança me vi muito afetada, porque por ser filha de brasileiros, sofri muito preconceito dentro do Paraguai, pois aqui muitos paraguaios ainda têm rancor dos brasileiros pela Guerra”. Ela considera que tem muitas das suas características pessoais relacionadas a cultura do Paraguai, mas acabou por desenvolver hábitos e tradições brasileiras, como o fato de frequentar um CTG em Ciudad del Este. No seu relato, traz a questão de ser considerada brasiguiaia, o que traz uma dupla conotação: um entre os próprios brasileiros que vivem no Paraguai e acabam por servir de referência uns aos outros e a segunda pelos próprios paraguaio, que em parte tratam esta condição com preconceito e discriminação. Ela mora e trabalha em empresa agropecuária no Paraguai, mas tem familiares no Brasil que visita com frequência.

5) Lúcia, 36 anos

A entrevista com Lúcia foi bastante rápida, ela nasceu em Hernandarias, mas se mudou para Ciudad del Este logo cedo. Lá estudou durante todo tempo, tem sua família que mora nesta cidade e trabalha em uma empresa de projetos. No seu relato, trouxe a influência da televisão brasileira no Paraguai, já que consegue assistir à programação na sua casa, acompanha as novelas e o telejornal. Trouxe a questão de aprender a língua portuguesa e aprender sobre novas culturas.

6) Sady, 40 anos

Sady nasceu em Hernandarias e mora há 3 anos em Ciudad del Este em função do trabalho dos pais dela que são proprietário de um comércio na região no centro da cidade, onde ela trabalha. Estudou durante 12 anos na mesma escola e formou amizades que tem até hoje. Se refere a fronteira como uma fusão de cultura e traz a possibilidade de visitar os três países em um mesmo dia. Na fala de Sady, fica claro os elementos da identidade nacional paraguaia que ela faz referência dizendo que tem muito orgulho disto: *“Los símbolos patrios de mi país sin duda son los elementos que forman parte de mi identidad, me considero una persona muy patriota.”*. Traz Foz do Iguaçu e Puerto Iguazú como possibilidades de fazer compras, estudar e passar suas férias.

7) Mário, 48 anos

A entrevista com Mário foi interessante pela sua idade, pois pode apresentar as vivências na fronteira em um período mais antigo do que outros entrevistados. Mário trabalha em uma empresa binacional no Paraguai e já vivencia no seu trabalho a transfronteiricidade e o encontro da cultura brasileira. Desde a infância, traz as trocas que estabeleceu com vizinhos de outras nacionalidades. Faz referência que parentes que moram em outras cidades acham perigoso que ele more na região da fronteira, mas ele não tem esta percepção sobre a região. No seu relato traz a fronteira como algo mais governamental do que a experiência que tem diariamente, podendo transitar sobre a fronteira: *Creo que eso de frontera son cosas de las autoridades, para autoprotegerse y crear el ambiente de las diferencias culturales, pero para nosotros que vivimos realmente por aquí no nos importa mucho eso, nosotros convivimos normalmente, si necesito algo del Brasil o Argentina voy y lo compro, tengo parientes en todos lados, voy vengo, salgo, entro y me muevo libremente y no hay ningún problema y creo que todos los que se manejan dentro de*

lo legal, el respeto y la decencia viven así. Esas perdidas de tiempo de pasaporte, controles y demas perdidas de tiempo son cosas de las autoridades, seguro tienen sus razones, pero para los que vivimos en la frontera esas cosas son innecesarias.”

Ao final se refere que as pessoas, dos diferentes lados da fronteira, são iguais nos seus interesses, motivações e problemas. Mário tem família no Brasil e na Argentina e visita frequentemente seus parentes. Trata a família como importante e vê esta condição como um valor ao povo do Paraguai.

8) Rafaela, 19 anos

Rafaela nasceu em Ciudad del Este, mas viveu a maior parte da sua vida no Brasil. Hoje faz faculdade em Foz do Iguaçu, apesar de ter sua vida escolar no Paraguai. Na forma como ela se define, pode-se perceber os efeitos da transfronteiricidade “uma brasileira com um pouco de paraguaia”, gosta dos dois países. Na sua fala traz a importância da mobilidade entre os diferentes países para se viver a fronteira: “O ruim é quando preciso fazer algo em algum país vizinho, principalmente no Paraguai pois as vezes temos que ficar horas e horas na fila para fazer algo de 30 min lá e ter que voltar e enfrentar toda uma fila novamente”. Destaca que aprendeu o “jeitinho brasileiro” como elemento cultural desse país.

9) Giderlei, 37 anos

Giderlei nasceu e mora em Foz do Iguaçu até os dias de hoje, trabalha como recepcionista em um hotel da cidade e por este motivo tem contato com turista que vem conhecer a região. Traz que desde a infância foi acostumado a conviver com a realidade transfronteiriça, seja por ouvir o idioma espanhol ou mesmo conviver com pessoas que nasceram no Paraguai ou Argentina. Disse que percebeu o quanto diferente é ter nascido na fronteira quando viajou para cidades pequenas no interior onde é comum as pessoas verem o estrangeiro de modo estranho ou até com medo: “O diferencial é que se lida com diferentes culturas e isso para ser natural. Desde pequeno é natural ouvir espanhol nas ruas, no comércio, e estar em contato com pessoas diferentes. O contrário é que chama atenção, ao ir em uma cidade pequena do interior e ver que algumas pessoas vêm os estrangeiros com desconfiança ou de modo estranho”. Traz uma visão pragmática da fronteira com a busca de recursos nas diferentes cidades, sempre que lhe é interessante. A convivência na fronteira trouxe para ele valores como maior tolerância e maior compreensão das diferenças

individuais. Traz a questão do portunhol, expressão que denota uma condição transfronteiriça quando trata de uma outra forma de comunicação, que mistura elementos do idioma português e espanhol.

10) Michael, 27 anos

Michel nasceu e mora na cidade de Puerto Franco, tem comércio de móveis sob medida e atende brasileiros que mora no Paraguai. Vê a fronteira como uma grande oportunidade que teve na sua vida, por ampliar sua cultura de outros países, tão perto do local que mora. Tem uma visão pragmática da fronteira, se referindo ao aproveitamento das oportunidades nos diferentes momentos da sua vida (criança, adolescência e adulto). Percebe diferenças culturais e nos hábitos dos moradores dos três países.

11) Sharon, 19 anos

A entrevista com Sharon mostra alguns elementos transfronteiriço, pois ela nasceu no Brasil, mora no Paraguai, estuda no Brasil, trabalha em um negócio de balsas entre Paraguai e Argentina, fala espanhol e guarani. Toda esta condição traz à tona vivências transfronteiriças bem particulares. Considera que nascer na fronteira trouxe para ela uma diversidade cultural, social e econômica, pois conviveu com pessoas dos diferentes países. Diariamente vivencia os três lados da fronteira, em função do seu trabalho, das suas relações sociais e da sua faculdade: *“Mi rutina con la frontera, es por ejemplo, mi facultad, ya que estoy cursando en foz-brasil, y trabajo en paraguay, pero mis feriados dependen de la argentina, ya que trabajo en un puerto en el cual tiene convenio con la argentina.”*. Trouxe o elemento do brasiguai, ao se referir a forma como fala, misturando o espanhol com o português.

12) Sthepanie, 26 anos

A entrevista com Sthepanie trouxe vivências transfronteiriças bem particulares. Apesar de ter nascido no Brasil e por muitas vezes se declarar como brasileira, tem família que mora no Paraguai e Argentina, e por algumas vezes se denomina “brasiguaia”. Ela trouxe a questão que não percebia esta realidade de ter nascido na fronteira até o dia em que começou a viajar para outros estados e pode fazer uma diferenciação de características das pessoas que vivem nesta fronteira. Traz a

fronteira como acúmulo de culturas diferentes e vê nas cidades da fronteira extensão de costumes e hábitos transfronteiriços. Nas suas vivências diárias percebe elementos das diferentes culturas dos países da fronteira, em função da influência das suas famílias. Sthepanie aborda um “efeito fronteira” colocando algumas questões que ficam em dúvida por estarmos em uma região de fronteira, como o que é lícito ou ilícito e a questão da língua “portunhol”.

13) José, 32 anos

José nasceu em Ciudad del Este, trabalha na empresa do seu pai e tem toda sua família nesta cidade. Traz que nascer na fronteira teve a oportunidade de aprender o “bom e o mal” de cada cultura e selecionar o melhor entre eles. Trouxe a questão linguística, pois no Paraguai aprendeu o guarani, mas de certa forma, este idioma afasta dos demais países da fronteira, o que dificulta a convivência, apesar de ser um elemento do seu país. Falou das diferenças (características da personalidade) entre as pessoas do Paraguai, Brasil e Argentina

14) Camila, 26 anos

Camila se define como brasileira, pois nasceu em Foz do Iguaçu, mas já fala que caso questionem sua aparência física ou seu sobrenome, explica que tem descendência paraguaia e argentina. Relata que isto gera curiosidade nas pessoas de como se dá a relação entre estes países. Define a cidade de Foz do Iguaçu, apesar de ser pequena, como uma cidade mundial, pois além da influência das demais cidades da fronteira recebe turistas de várias partes do mundo e outras etnias que vivem na região. Desde a infância convive com sua família paraguaia que vive, em parte, em Assunção, com quem estabeleceu relações sociais. Diz que viver na fronteira “nos torna mais abertos a experiências fora da nossa zona de conforto”. Trouxe os aspectos negativos do medo dos crimes na região, como tráfico de pessoas, roubos e circulações de armas e drogas. Sua família que mora em Foz do Iguaçu tem a avó, que é paraguaia, e sua tia avó, que é argentina e para simbolizar esta mistura traz como funciona um almoço em família “Na mesa do almoço, ao lado do churrasco brasileiro, tinha também a mandioca, a sopa paraguaia e as empanadas argentinas”. Consegue diferenciar as influências que recebeu da sua família, dos diferentes países da fronteira: Brasil, Argentina e Paraguai.

15) Ricardo, 40 anos

Ricardo nasceu em Ciudad del Este e diz que nascer na fronteira fez com que ele tivesse uma mente mais aberta e esta condição foi construída ao longo de toda sua vida, seus contatos e relacionamentos. Mesmo morando no Paraguai teve contato com os canais de televisão do Brasil e isto ajudou a aprender o idioma português e alguns elementos culturais. Agora como adulto, percebe a fronteira como oportunidade de trocas, de aprendizagem, de negócio pela mobilidade e facilidade de conexão que tem com os três países. Na sua fala faz distinção no acesso que tem ao Brasil, e diz que o trâmite fronteiriço é mais facilitado, o que faz com que seu contato com este país seja maior. Trouxe a questão das moedas e da economia dos três países que refletem de uma maneira nos outros países e por este motivo tem que acompanhar: *“Un factor de vivir importante de vivir en la triple frontera es la facilidad que da de manejar cotizaciones de varias monedas al igual que estar atentos a movimientos políticos y económicos que realizan los países fronterizo porque afecta directamente a la economía de la triple frontera.*

16) Mercedes, 42 anos

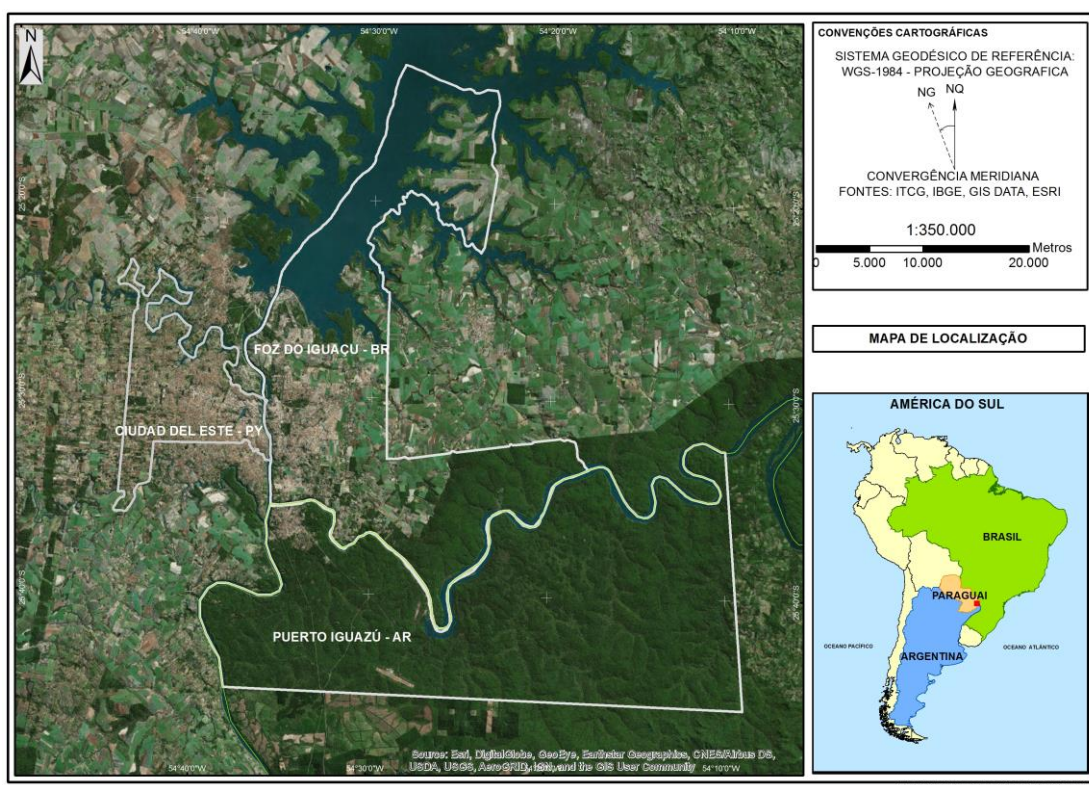
Mercedes morou por um tempo em Posadas, que faz fronteira com o Paraguai e depois de mudou para Puerto Iguazú. Percebe muita influência no Paraguai nestas cidades, como alimentação e alguns costumes. Transita pouco pelas cidades da fronteira, somente para algum programa de lazer ou mesmo para acessar serviços como os de educação, que não tem na sua cidade: *“Actualmente si también esta interfiriendo en mi educación ya que estoy haciendo un MBA, y esta posibilidad no lo a tenemos en Puerto Iguazu”.*

A pesquisa de campo envolveu duas partes essenciais que serão apresentadas nos próximos capítulos: na primeira etapa irá se procurar demonstrar elementos históricos, geográficos, sociais e econômicos das TTI, enfocando nas ações de transfronteirizações existentes nesta territorialidade. Na segunda etapa, explorarmos as entrevistas realizadas que procuram estabelecer categorias de análise das vivências transfronteiriças destes indivíduos, até mesmo ao propor elementos de um viver transfronteiriço.

3. AS TERRITORIALIDADES TRANSFRONTEIRIÇAS DO IGUASSU (TTI)

A investigação, demonstra elementos presentes que caracterizam o princípio da territorialidade transfronteiriça. Esta temática já foi abordada por outros autores (CURY, 2010; HAESBAERT, 2001 e CARNEIRO, 2016) que estudaram os elementos de aproximação entre as três cidades que fazem parte deste transfronteiriço, são elas as cidades de Foz do Iguaçu (Brasil), Puerto Iguazú (Argentina) e Ciudad del Este (Paraguai).

A Tríplice Fronteira é típica, pois esse espaço geográfico é compreendido por três países, com junção entre as cidades, separadas apenas por dois rios o Paraná e o Iguaçu, tendo Foz do Iguaçu (Brasil), com 300 mil habitantes, Ciudad de Leste (Paraguai), com 380 mil habitantes e Puerto Iguazú (Argentina), com 82 mil habitantes, formando uma fronteira característica, que será analisada. São consideradas territorialidades conurbadas unidas por duas pontes. A primeira ponte da Amizade, entre Brasil e Paraguai foi concluída em 1965 e a ponte que liga Brasil e Argentina, denominada Tancredo Neves, foi concluída em 1985.



Mapa 2 - Localização da Fronteira Brasil - Paraguai – Argentina
Fonte: Geovane Calixto (2018)

Nesse espaço, é possível perceber as aproximações por intermédio de políticas de determinados atores como Itiapu Binacional, os Estados e iniciativas não governamentais como investimentos privados nas áreas turísticas, industriais e infelizmente pela existência e ação das organizações criminosas (contrabando de armas e drogas). Todo esse processo de integração transfronteiriça traz consequências em escalas locais, regionais, nacionais e até mesmo internacionais. Na visão de Carneiro:

Na América do Sul, o papel das regiões transfronteiriças passou a ganhar mais destaque duas décadas antes da criação do MERCOSUL. No ano de 1969, a proposição de uma política transnacional que abrangia a fronteira. O Tratado da Bacia do Prata, assinado naquele ano por Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai, tinha como objetivo a promoção do desenvolvimento harmônico e a integração física da Bacia do Prata e de suas áreas de influência direta e ponderável. (Carneiro, 2016, p.39)

Essa rede de relação geográfica e socioespaciais que estão presentes nessa territorialidade transgride os limites oficiais do Estado-nação e se projeta-se para uma condição nitidamente transfronteiriça ou, em outras palavras, multi e, nesse caso, transterritorial – onde é possível verificar o fluxo e a mobilidade dos diferentes agentes nestes múltiplos territórios. (HAESBAERT, 2014)

De acordo com os objetivos desta tese, se procurou explorar elementos da constituição dessas três territorialidades e os elementos que favorecem movimentos de integração e visam o fortalecimento da territorialidade transfronteiriça.

3.1 AS ORIGENS DAS TTI

Como base para a caracterização das TTI, procura-se compreender como esta territorialidade se constituiu e se desenvolveu até os dias de hoje. Para iniciar o complexo histórico desta territorialidade, precisamos resgatar os Guaranis, que historicamente pertenciam a esta região que posteriormente passou pelo processo de colonização e definição das fronteiras nacionais.

Define-se como *Tekeo Guassú* a região que contém todas as tribos guaranis na região das TTI e que é permeada por um conjunto de simbologias relacionadas a sua relação com o divino, na busca de transcender sua realidade social (LADEIRA, 2006). Neste território se percebe a natureza original, seja em Parques Nacionais ou mesmo em reservas naturais. As condições da bacia platina permitiram o acesso aos índios guaranis a água para a promoção dos recursos naturais que garantissem sua sobrevivência.

Pontes Filho (2011) destaca que na região da tríplice fronteira existem talvez centenas de aldeias Guaranis, dos subgrupos Mbyá e Nhandéva. Hoje são 410 áreas indígenas legalmente constituídas nos três países fronteiriços e na tríplice fronteira são apenas onze áreas demarcadas: no Brasil, três na porção do extremo oeste do Território Guarani na tríplice fronteira fragmentos que resistem no espaço tempo 137 estado do Paraná (Terra Indígena Ava-Guarani-Ocoí, Terra Indígena *Tekohá Añetete* e Aldeia Indígena Itamarã); na Argentina, três no extremo norte da Província de Misiones (*Iriapú, Kaaguy Porá e Fortin Mbororé*); e no Paraguai, cinco comunidades (*Akaray-Mi, Puesto Kue – Medio Mundo, Puerto Península, Puerto Gimenez e Carrería Kue – Puerto Bertoni*). Estes grupos se deslocam constantemente entre as fronteiras internacionais.

Os grupos Guaranis povoaram a região do rio Madeira no Amazonas a cerca de 5000 anos. As imigrações do sul da América começam a 2.000 anos atrás, alcançando regiões ao sul do Paraguai e do Brasil e a nordeste da Argentina. Quando os primeiros colonizadores chegaram a América do Sul, os índios Guaranis ocupavam extensa faixa territorial tanto no Brasil, Paraguai e Argentina (BRAND E COLMAN, 2008)

Para Erneldo Schallenberger (2006) a bacia do Rio da Prata oferecia local de morada para se se plantar, caçar, coletar frutos ou mesmo banha-se nas águas. Essas populações nativas têm uma relação com o espaço habitado, que compreendem suas características da mobilidade residencial e do dinamismo social, o que pode ser percebido pelo constante movimento de mudanças, reassentamentos e ajustamento territorial. Para os guaranis as fronteiras do seu território eram constantemente contornadas na busca de novos espaços para firmar morada, em face de pressões de outras tribos ou mesmo alguma modificação do ambiente externo.

Segundo Cury (2010):

nos arredores de Foz do Iguaçu, Leste do Paraguai e Província de Misiones, sobre as TTI, encontram-se os índios Avá-Guarani de Oco'y. Embora os Ava-Guarani sejam correntemente conhecidos como Nhandéva pela literatura etnológica, os que habitam em Oco'y não se reconhecem como tal, pois dizem que Nhandéva é um termo que designa aqueles que são parentes (nosso parente) e não o seu povo. Alguns dos indígenas que moram em Oco'y dizem ainda que a denominação Ava-Guarani é um equívoco nascido do jeito que os paraguaios chamam os indígenas Guarani, isso se deve ao bilíngue do país.(CURY, 2010, p.134)

Nos dados apresentados por Litaff (2008) a presença dos guaranis no Brasil totaliza cerca de 6300 pessoas, nos estados do Paraná, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Já no Paraguai eles são cerca de 9.000 indivíduos e na Argentina próximo de 350. Assim, os subgrupos Mbyá e Chiripa ocuparam o amplo espaço dos três países da tríplice fronteira, sendo verificado até os dias de hoje a presença dos índios Guaranis no Oeste do Estado do Paraná (BR), na província de Alto Paraná (PY) e em Misiones (AR).

Os índios Guaranis são reconhecidos pela sua mobilidade que está relacionada a questão das terras e da religião. Este movimento é feito na busca de uma “terra sem mal”, uma ideia de paraíso mítico que faz este grupo se manter em constante movimento. Em função deste movimento, iniciam-se as interações transfronteiriças, pois os povos Guaranis não reconhecem os limites fixos, pois para eles a noção de território é um todo homogêneo.

A característica de constante movimentação desses grupos ainda é uma realidade, vivendo de certa maneira, a condição de fronteiras simbólicas. A linguagem, seus costumes, a espiritualidade e a organização da vida fazem com que estes grupos aproximem a relação com seu território e desenvolvam suas características identitárias. (SCHADEN, 1974)

Segundo Marques (2017), os povos habitantes de fronteira possuem o direito de ir e vir entre os países, já que a existência de seu território de ocupação tradicional, o *Tekoa Guassu*, é anterior ao estabelecimento dos próprios Estados Nacionais, e isto é garantia dada pela Convenção Internacional de Genebra nº 169/1989, da Organização Internacional do Trabalho – OIT – cuja Brasil ratificou pelo Decreto Legislativo nº 143/2002 e pelo Decreto Presidencial nº 5051/2004.

A partir do século XVI a região de ocupação dos índios Guaranis começa a ser disputada por espanhóis e portugueses, que foram atingidos por ambos os

lados, em função das necessidades lucrativas de cada colônia e o acesso aos recursos naturais. Para intensificar esta dominação por parte dos espanhóis, a Companhia de Jesus inicia, a partir de 1609 a catequização dos indígenas, em uma ação cultural e social dentro dos territórios guaranis.

Assim, fundam-se 61 reduções jesuíticas no Brasil, Paraguai e Argentina dos anos de 1610 até 1768. Segundo Cury:

Os jesuítas instalaram reduções desde Guaíra, ao norte, no atual Estado do Paraná, Brasil, até Yapeyú, ao sul, na margem direita do rio Uruguai, na atual província argentina de Corrientes, próxima da foz, na outra margem, do rio Ibicuí e, portanto, da cidade de Uruguaiana, no Brasil, e Paso de los Libres, na Argentina. No sentido leste-oeste, as missões vão desde Santo Ângelo e São Miguel, a leste, no atual Estado do Rio Grande do Sul, no Brasil, até Santo Inácio Guazú, a oeste, no atual departamento de Itapúa, no Paraguai. (CURY, 2010, p.101)

Com o Tratado de Santo Idelfonso de 1777, foram definidas as fronteiras entre as terras portuguesas e espanholas que deram origem as negociações para consolidação e constituição dos Estados Nacionais de Paraguai, Argentina e Brasil. Com a definição desses limites, os índios guaranis começam a perceber a decomposição do seu território ancestral e a consequente divisão das fronteiras, das terras, dos elementos da natureza, da família e por fim, da sua própria sobrevivência. Portanto, a fronteira física resultante desta contextualização histórica, dividiu um vasto território, habitado por povo indígena, que aos poucos foi sendo dilapidado. (CURY, 2010)

A maior parte dos deslocamentos transfronteiriços, que envolvem povos indígenas, refere-se a deslocamentos ou à mobilidade dentro de um mesmo território ancestral, fenômeno muito anterior às fronteiras nacionais. Esses deslocamentos são diretamente decorrentes do fato das fronteiras impostas pelos Estados Nacionais terem ignorado, completamente, as fronteiras territoriais indígenas e, dessa forma, cortado e fragmentado, em muitos casos, o território e os integrantes de um mesmo povo (BRAND e COLMAN, 2008).

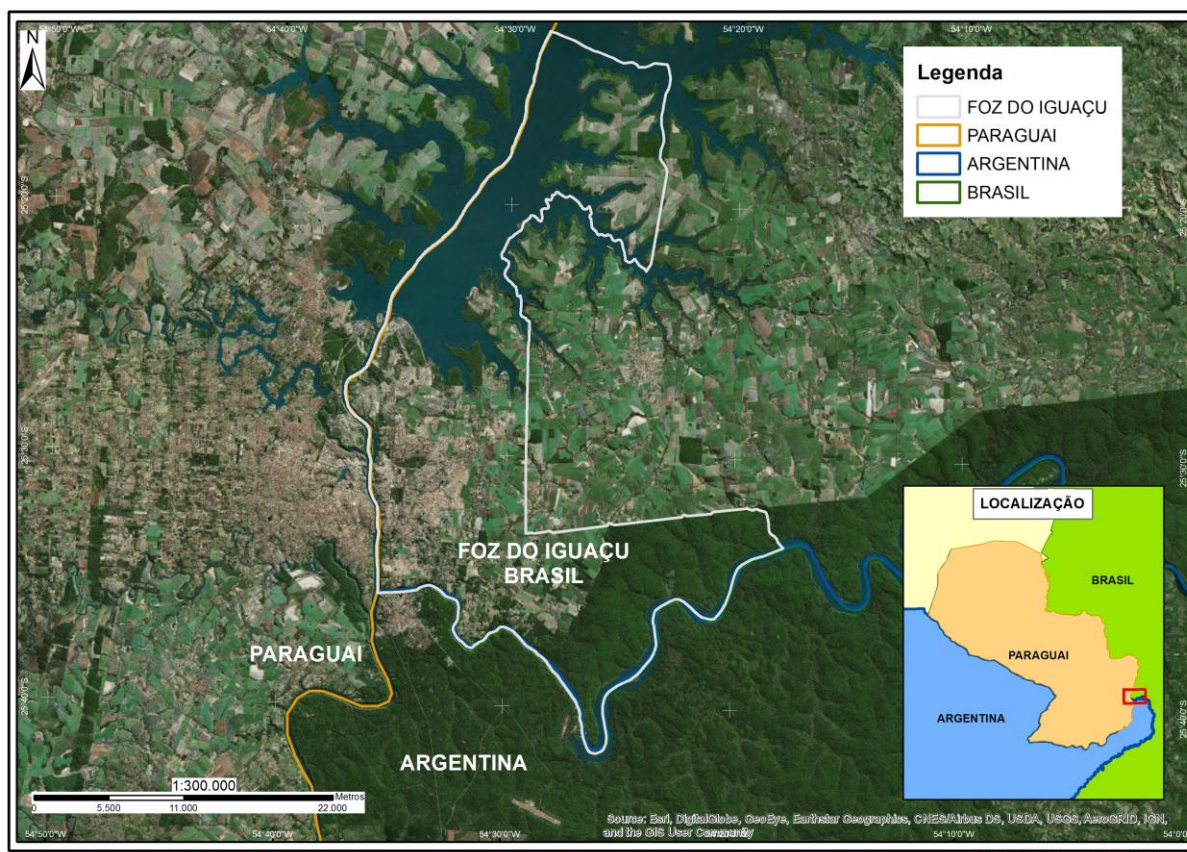
No Estado do Paraná ainda é possível verificar que os Guaranis têm o ponto central do seu território, principalmente pelos pontos de encontro proporcionados pela fronteira Brasil – Paraguai – Argentina. Dessa maneira, podemos destacar a característica transfronteiriça destas populações indígenas, pois de certa forma, o conceito de território (fixado pelo poder estatal) não está diretamente relacionado com a noção fixada por essas sociedades indígenas.

O estado nacional, em decorrência da necessidade tributária para controlar a circulação de mercadorias, também, acabou por dificultar a circulação dos Guaranis através de seus limites. Mas apesar de todas estas condições impostas pelos Estados Nacionais, a natureza transfronteiriça do Guarani continua prevalecendo e é perceptível as relações de trocas dos Guaranis do litoral do Brasil, com outras tribos que ficam nos territórios Argentinos ou Paraguaiois.

Feita essa consideração a respeito da origem das TTI e a relação com os povos Guaranis, passa-se a caracterizar aspectos geográficos, históricos, econômicos e sociais das três principais cidades desta territorialidade: Foz do Iguaçu (BR), Ciudad del Est (PY) e Puerto Iguazú (AR).

3.2 FOZ DO IGUAÇU

Por localizar-se na tríplice fronteira, a história de Foz do Iguaçu tem suas raízes influenciadas pela longa trajetória que conduziu a constituição da Argentina, do Brasil e do Paraguai. O Tratado de Tordesilhas, assinado em 7 de junho de 1494, na cidade espanhola de mesmo nome, dividiu as porções de terra descobertas na América entre os reinos da Espanha e Portugal. Com essa medida, toda a região oeste, que hoje é território paranaense, pertencia à Espanha. Os distintos padrões de ocupação e colonização (o português e o espanhol) ditaram o ritmo de desenvolvimento e crescimento, bem como influenciaram os principais conflitos bélicos ao longo do século XIX entre Brasil e Argentina, além daquela que foi a mais longínqua e violenta batalha armada da América Latina, a Guerra do Paraguai (1864-1870). (HORRI, 2014 e GOMES, 2008)



Mapa 3 - Localização de Foz do Iguaçu (BR)

Fonte: Geovane Calixto (2018)

Após a Guerra do Paraguai, toda a porção de terra que antes pertencia ao Paraguai e se estendia até Guarapuava, foi anexada ao estado do Paraná. Essa recomposição territorial foi facilitada pela baixíssima densidade demográfica e a quase nenhuma atividade econômica. Contudo, a dificuldade de acesso devido à mata atlântica densa, a inexistência de meios de comunicação e o acesso somente via hidrovias dificultavam a ocupação do local. Devido a isso, somente em 1889 foi realizado o primeiro censo no povoado que hoje é Foz do Iguaçu. Segundo o levantamento, a população era composta por 324 pessoas, a maioria paraguaios. No mesmo ano, chega de Guarapuava a expedição nomeada para fundar a Colônia Militar. Editais afixados na região anunciavam que o processo de fundação da Colônia Militar tinha início, e que lotes de terras seriam distribuídos a colonos interessados. (LIMA, 2001)

Nos primeiros anos do século XX, a população do vilarejo era de aproximadamente 2.000 pessoas, e o local já detinha uma boa estrutura, com

hospedaria, estação telegráfica, engenhos de cachaça e açúcar, mercearias e quartel general.

Segundo Lima (2001), em 1881, a cidade recebeu seus dois primeiros habitantes, o brasileiro Pedro Martins da Silva e o espanhol Manuel Gonzáles. Nos primeiros anos do século XX, a população chegou a aproximadamente 2.000 pessoas e o vilarejo dispunha de uma hospedaria, quatro mercearias, um rústico quartel militar, mesa de rendas e estação telegráfica, engenhos de açúcar e cachaça e agricultura de subsistência. Em 14 de março de 1914, pela Lei 1383, foi criado o Município de Vila Iguaçu, instalado efetivamente no dia 10 de junho do mesmo ano, com a posse do primeiro prefeito, Jorge Schimmelpfeng. Em 1918, o município passou a denominar-se “Foz do Iguaçu”.

Em 1920, é inaugurada a primeira estrada que ligava Guarapuava a Foz do Iguaçu, apesar de precária, facilitou o acesso a esta territorialidade. Quinze anos depois, em 1935, é inaugurado o primeiro campo de pouso, que recebeu um pequeno avião do Correio Aéreo Militar. E em janeiro de 1939 o Parque Nacional do Iguaçu é criado pelo Decreto nº 1035 do Governo Federal, após intensa negociação e disputa entre Brasil e Argentina pela definição de suas fronteiras.

Militieli traz a Marcha para o Oeste como movimento medida para a formação e ocupação das terras do oeste do Paraná:

Segundo Gregory (2002, p.91) junto à política “Marcha para o Oeste”, Vargas também pretendia criar o Território Federal do Iguaçu como medida de estabelecer de uma vez por todas as fronteiras com a Argentina e o Paraguai. Assim de 1930 a 1940, ocorre um aumento demográfico na fronteira. Em 13 de Agosto de 1943, cria-se o então Território do Iguaçu pelo governo Vargas, cuja intenção foi povoar a região Oeste aliada à exploração imobiliária, mercado consumidor e mão de obra agrícola (WACHOWICZ, 2002, p.244-246) a fim de criar um ambiente mais brasileiro concatenado com o crescimento econômico nacional por vias da colonização da região. (MILITIELI, 2016, p.61)

Outros dois momentos históricos, e importantíssimos para Foz do Iguaçu foram a construção da Ponte Internacional da Amizade, que foi inaugurada em 1965 pelos presidentes Castelo Branco, do Brasil, e Alfredo Stroessner, do Paraguai, e a assinatura da Ata do Iguaçu em 1966, que criou a Itaipu. Somente em 1973, quando o Tratado de Itaipu foi firmado e com isso definido o aproveitamento hidrelétrico do Rio Paraná é que foi possível iniciar as obras. Dessa forma, em 1982 foi inaugurada a Itaipu Binacional, considerada a maior hidrelétrica do mundo. (OLIVEIRA, 2012)

Segundo Marques (2017), a Ponte Internacional da Amizade, inaugurada em 27 de março 1965, interliga a BR 277 em Foz do Iguaçu à *Ruta 7* em Ciudad del Este. Esse empreendimento é fruto da assinatura de um Tratado assinado em 29 de maio de 1956 entre os presidentes Juscelino Kubitschek, do Brasil, e Alfredo Stroessner, do Paraguai. A referida BR 277 foi concluída em 1969, e além de interligar o município por via terrestre aos demais centros econômicos brasileiros, “o Paraguai conectou-se, por rodovia, ao Oceano Atlântico, e teve acesso a mais uma opção competitiva para escoar sua produção” (BRASIL. Ministério das Relações Exteriores, 2016).

Na visão de Militieli (2016, p.86), a construção da ponte da amizade altera o curso da cidade:

A partir da idealização e funcionamento da Ponte da Amizade, os sujeitos passam a perceber as mudanças que ora se desenhavam. O autor Luiz Eduardo Pena Catta (2003, p.13) classifica este período como crucial a transição de uma pacata, tranquila e "esquecida" cidade no interior do estado do Paraná para uma moderna cidade no início dos anos de 1970. O período tornou-se um marco importante no que se refere ao "redimensionamento espacial e cultural da fronteira" (CATTÁ, 2003, p.33.), dado as circunstâncias elaboradas pelas novas conjunturas da Usina de Itaipu. De acordo com a exposição das ideias apresentadas, podemos concluir que todos os habitantes do raio fronteiriço, “sofreram” com as mudanças empreendidas pela Usina, entre elas a socioeconômica. (MILITIELI, 2016, p.86)



Figura 1 - Foto da Avenida Brasil em Foz do Iguaçu (1969)
Fonte: CCLB (2017)

A conclusão da BR277 e a integração do município ao sistema de comunicação com os demais municípios se deram por volta da década de 40/50, mas sua expansão maior foi na década de 70 quando de 30 mil habitantes, passou a mais de 130 mil com a construção da nova Hidrelétrica. Dali para adiante, Foz cresceu e se desenvolveu, teve vários prefeitos interventores, por se tratar de área de segurança nacional, mas a partir da década de 80 com o incremento do turismo nas Cataratas e a eleição de prefeito passou a ser incluída nas cidades progressistas do Paraná.

O passo para integração entre Brasil e Argentina foi a construção da Ponte Tancredo Neves. Inaugurada em 29 de outubro de 1985, a ponte ligava Foz do Iguaçu ao município argentino de Puerto Iguazú. Nesse mesmo ano, o Congresso Nacional adotou eleições diretas para áreas de Segurança Nacional, caso de Foz do Iguaçu, que desde de 1968 tinha seus prefeitos nomeados pelo Governo do Estado com anuência do Presidente da República.

A cidade de Foz do Iguaçu, está localizada no extremo oeste do Paraná, sendo a principal economia da territorialidade, na tríplice fronteira do Brasil com Paraguai e Argentina. Possui área total: 617,71 km², distribuída em área urbana de 191,46 km², área rural de 138,17 km², o Parque Nacional do Iguaçu com 138,60 km², o Lago artificial de Itaipu com 149,10 km² e a Ilha Acaray com 0,38 km². O município possui aproximadamente 290 bairros, divididos em doze grandes regiões, que são elas: Região do Três Lagoas, Região da Vila C, Região do Morumbi, Região do Porto Meira, Região do Jardim São Paulo, Região do Jardim América, Região do Parque Imperatriz, Região da Vila A, Região do Centro/Vila Yolanda, Região dos Campos do Iguaçu, Região da Vila Carimã e Região Rural. Dentre as estas, a Região do Jardim América possui 22 bairros que somados possuem 14.820 habitantes. (OLIVEIRA, 2012; MILITIELI, 2016)

Por aproximadamente um século, entre o período de 1870 e 1970, a economia local estava atrelada à extração de madeira e ao cultivo de erva-mate atividades realizadas principalmente por Argentinos que utilizavam a mão-de-obra Paraguaia em regime de semiescravidão. Somente com a vinda da Colônia Militar a exploração de madeira passou a ser feita por brasileiros. Além disso, pequenos comércios foram fundados e pequenas propriedades rurais foram aparecendo. (MYSKIW, 2009)

Somente com a construção de Itaipu, que durou de 1970 a 1980 possibilitou contribuições para o desenvolvimento de Foz do Iguaçu, como o aumento da população, que chegou a atingir 385% de crescimento e passou de 34.000 habitantes para 136.000, no auge das obras, 40.000 somente funcionários da hidrelétrica, o aumento de investimentos em infraestrutura urbana, por parte do setor público, foi outro benefício.

Após a inauguração da usina, parte da população permaneceu no município, e com a abertura da Zona Livre de Comércio em Ciudad del Este, no Paraguai, iniciou-se um novo ciclo econômico, o das exportações e do turismo de compra. A

atração por investimentos árabes e asiáticos para a cidade vizinha a tornaram o terceiro maior centro comercial do mundo, além disso, esse ciclo foi responsável por absorver parte da mão-de-obra obsoleta que surgiu na cidade após o término das obras de Itaipu. Contudo, a carência do Paraguai por bens de consumo básicos de qualidade e que atendessem a demanda do país se apresentou como excelente oportunidade para empresários brasileiros que, ao identificarem a carência do país, migraram para Foz do Iguaçu a fim de atender a esse mercado. A cidade tornou-se assim um centro de mercadorias destinadas ao país vizinho, o que possibilitou emprego e renda para a população local. Esse ciclo durou de 1980 a 1995.

A população de Foz do Iguaçu era de 256.088 em 2010, ano que foi realizado o censo pelo IBGE. Estimativas mais recentes do instituto, uma de julho de 2013, apontou a cidade com 263.508 habitantes, e em 2015 de 263.782 habitantes.

Conforme a Figura 11, que ilustra a Pirâmide Etária do município, observa-se pelo alargamento mais próximo à base da pirâmide, uma população predominantemente jovem (10 a 14 anos e de 15 a 19 anos). Porém a população adulta, pertencentes às faixas etárias do meio da pirâmide, detém uma parcela significativa dos habitantes da cidade. A população mais idosa é pequena, comparada às outras faixas etárias.

Um fato histórico válido para análise do perfil demográfico da cidade é o incremento populacional no período de 1970 a 2007, ocorrido, principalmente, em consequência da construção da Hidrelétrica de Itaipu e do turismo de compra. O processo migratório em massa trouxe para a cidade parcela da população de baixa renda e com pequena qualificação profissional, contrastando com outro perfil, o da população menos numerosa, porém com alta qualificação e dos setores da produção de energia e do turismo. (OLIVEIRA, 2012)

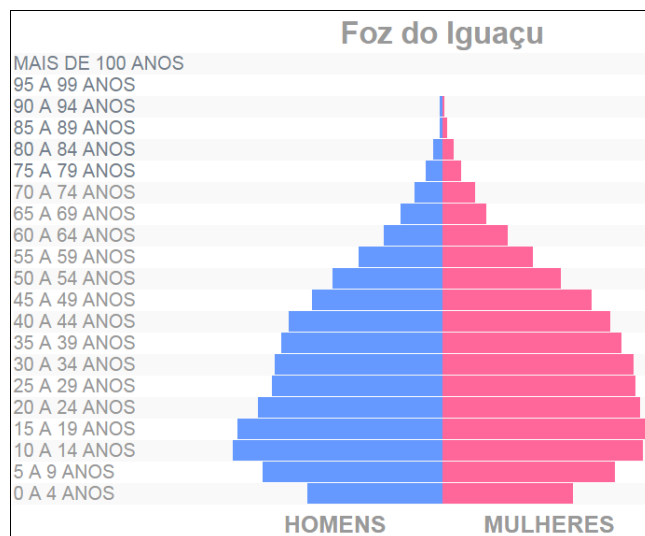


Figura 2 - Pirâmide Etária de Foz do Iguaçu
Fonte: IBGE: Censo Demográfico 2010

Segundo o Censo (2010), são 70.386 pessoas consideradas ocupadas totais, que compreendem as pessoas com ou sem vínculo empregatício, remuneradas diretamente por empresas. Outro dado que é possível analisar é o aumento de expectativa de vida da população da cidade, o que tem levado ao alargamento na pirâmide etária.

Outro dado interessante é sobre a economia familiar de Foz do Iguaçu.

Economia familiar	
Rendimento Familiar	Percentual
Até 1 salário mínimo	15,56%
Mais de 1 a 2 salários mínimos	29,32%
Mais de 2 a 3 salários mínimos	15,42%
Mais de 3 a 5 salários mínimos	15,25%
Mais de 5 a 10 salários mínimos	14,32%
Mais de 10 a 20 salários mínimos	5,38%
Mais de 20 salários mínimos	2,72%

Fonte: IBGE/Censo Demográfico 2010

Figura 3 - Economia familiar
Fonte: IBGE: Censo Demográfico 2010

O rendimento familiar mensal das famílias em 2010 concentrava-se mais em rendimentos de um a dois salários mínimos, correspondendo a aproximadamente 30%. Isso é fato agravador para o comércio, pois em momentos como o que o país passa, de altas taxas de juros e aumento da inflação, o poder de compra das

famílias tem diminuído, e uma vez que a maior parte da população de Foz do Iguaçu tem renda familiar baixa, sofrem mais com os aumentos dos preços.

Segundo o censo de 2010 do IBGE, quase 60% dos cargos de trabalho na cidade, estão localizados no âmbito informal, uma forte diferença, se comparado a outros municípios da região Oeste do estado, (Cascavel – Toledo), elevados índices, nessa área, afetam principalmente os números do PIB municipal, o que afeta as avaliações das regiões dinâmica de economias regionais e locais. Esse aumento no âmbito informal se deu nos anos de 1970 – 1980 devida à instalação de “barrageiros” (trabalhadores da construção civil, que migram a cidades com capacidade hidroelétrica para a construção das mesmas), que logo após a construção da barragem de Itaipu, acabaram sem emprego e com isso, se debandaram a áreas rurais e áreas informais de trabalho, tanto em território nacional, quanto no país vizinho o Paraguai.

Território	RAIS	Censo	Ocupados Informalmente	Grau de Informalidade
Paraná	2.783.715	5.307832	2.524.116	47,6%
Oeste Paraná	298.662	676.537	377.875	55,9%
Foz do Iguaçu	51.017	123.640	72.623	58,7%

Quadro 1 - Empregos Formais e Ocupação Total
Fonte: IBGE (2010)

Outro aspecto levado em consideração no estado do Paraná além do Turismo é o forte apelo agroindustrial, hoje potência reconhecida em todo o Brasil com a região Oeste grande responsável por esse título, e Cascavel como maior polo Agroindustrial do estado, e na sequência Foz do Iguaçu, viabilizando aos agricultores em torno da cidade, como (Santa Terezinha, São Miguel, Itaipulândia) aparato técnico, tais como, vias de acesso, desenvolvimentos de Cooperativas Agroindustriais e Bancos.

Como questão econômica, outro setor em destaque, e exclusivo a Foz do Iguaçu é o mercado imobiliário, que responde por algo entre 25% e 30% da movimentação de renda da cidade, tudo isso se deve à criação de condomínios horizontais na cidade, plano desenvolvido nos centros, que se tornou tendência na cidade a partir de 2002, devido ao crescimento de moradores na cidade, por conta da instalação de centros universitários, tais como Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) e Instituto Federal do Paraná (IFPR) que

juntas devem atrair nos próximos anos, um público estimado de 12 mil alunos, reforçando este setor.

Ao analisar Foz do Iguaçu no panorama geral, depreende-se que a cidade possui potencial representativo no estado do Paraná e no País. Sua população estimada pelo IBGE em 2015 era de 263.782 habitantes. Sua composição é bastante diversificada, mais de 80 etnias, o que a caracterizam como cidade cosmopolita. O município possui Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – IDHM de 0,751 (IBGE/2010) e Produto Interno Bruto - PIB (Valor Adicionado) de R\$ 8.509.714,00.

De todos os elementos territoriais, a Tríplice Fronteira (Brasil – Paraguai – Argentina) certamente tem especial destaque, principalmente se observada as relações transfronteiriças que se estabelecem nesta territorialidade. A facilidade com que ocorrem o transporte, comércio, circulação de pessoas e mercadorias, dentre outras traz significativa características para as populações que vivem nesta territorialidade. A fronteira, de formas diferentes, permeia a vida das pessoas que aqui vivem, seja no idioma, na moeda utilizada, nos relacionamentos de amizade, nas oportunidades de trabalho ou mesmo em elementos culturais que são incorporados por moradores, além dos limites da fronteira física. Ou seja, é possível perceber identificações com diversos elementos que estão presentes nestes três países e que começam a fazer parte da vida das pessoas que vivem na territorialidade.

Em 29 de Maio de 1956, Brasil e Paraguai realizaram acordo para construir uma ponte sobre o rio Paraná que ligaria os dois países. No dia 7 de setembro daquele ano o presidente paraguaio Alfredo Stroessner sancionou a lei 390 relacionada a este assunto. No dia 14 de novembro, o presidente Juscelino Kubitschek assinou o decreto 40350, que cria a Comissão Especial para Construção da Ponte Internacional da Amizade. O início das obras se deu em 1957 e foram concluídas em 1965. A ponte possui 553 metros de comprimento e um vão livre de 290 metros. (MARQUES, 2017)

A partir dos anos 50, segundo Marques, a região e a cidade de Foz do Iguaçu passam por um período de crescimento populacional, associado ao desenvolvimento de novas atividades econômicas:

Até 1950, o crescimento populacional permaneceu modesto e a principal atividade era a exploração de erva-mate e madeira, esta iniciada em 1820.

Foi nos anos de 1960 a 1980 que a Tríplice Fronteira “inchou em números de habitantes com as construções das obras de integração rodoviária, de construção da Usina de Itaipu e do estabelecimento da Zona Franca de Ciudad del Este” (SILVA, 2014, p. 65). Essas políticas governamentais atraíram além de brasileiros, argentinos e paraguaios residentes em outras regiões dos respectivos países, imigrantes libaneses, sírios, palestinos, jordanianos, egípcios e chineses. É útil destacar o fato de que grande parte da comunidade árabe se estabeleceu nesse território com intuito de fugir das guerras que assolam seus países de origem. (MARQUES, 2017, p. 83)

Ainda na visão de Marques (2017) todo o desenvolvimento socioeconômico de Foz do Iguaçu esteve pautado em eventos de infraestrutura como construção de estradas, pontes, aeroportos, universidades e da Usina de Itaipu, muitos destes baseados em políticas nacionais que culminaram na ratificação de Tratados e Acordos bilaterais entre Brasil-Argentina e Brasil-Paraguai. A ideia de integração territorial aliada ao então desenvolvimento das cidades vizinhas de Puerto Iguazú e Ciudad del Este esteve presente nessa territorialidade que é hoje a Tríplice Fronteira, cuja parte é Foz do Iguaçu.

3.3 PUERTO IGUAZÚ

Segundo a história apresentada por Thais Pacievicht (2016), a Argentina está localizada na América do Sul, faz fronteira com cinco países: Bolívia, Paraguai, Brasil, Uruguai e Chile. Possui área de 2.780.092 km², sua população é de aproximadamente 42,2 milhões de habitantes.

O nome Argentina provém do latim *argentum* que significa "prata" e está associado a lenda sobre a existência de prata na região norte do rio que Juan Diaz de Solis, em 1516, tinha denominado *Mar Dulce* e que os portugueses denominavam Rio da Prata. O território argentino foi colonizado pela Espanha no decorrer dos séculos XVI e XVII. A expedição espanhola, ao mando de Fernando de Magalhães chegou, ao estuário da Prata. (PACIEVITCH, 2016)

Os espanhóis se estabeleceram e começaram a colonizar a região da Argentina em 1516, quando o navegador espanhol *Juan Diaz de Sólis*, navegando pelo Rio da Prata, tornou oficial a conquista do território. Até então, a região dos

pampas era habitada por nações indígenas e a porção norte era parte do Império Inca. A capital, *Buenos Aires*, foi fundada em 1534 (PRADO, 1994).

Segundo Vallejos e Gonzáles (2014), no século XVI é iniciada a exploração da prata. No século XVII, os espanhóis passam a utilizar a mão-de-obra indígena para a exploração da prata. Aos poucos, os povos indígenas foram conquistados e dizimados pelos espanhóis. Os índios guaranis argentinos foram catequizados pelas missões jesuíticas nesse mesmo período. A Companhia de Jesus foi expulsa da Argentina em 1767.

Enquanto colônia, na visão de Aranha (2014), a Argentina se envolveu em dois conflitos. Em 1776, espanhóis e índios guaranis argentinos iniciaram a luta para expulsar os portugueses da região do Rio da Prata, e em 1806 a Argentina resistiu à invasão inglesa.

Em 9 de julho de 1816, a Argentina se tornou independente. Devido à exigência de autonomia provincial feita pelos federalistas do interior, e da oposição a essa autonomia dos unitaristas de Buenos Aires, após a Independência iniciou-se a guerra civil. Somente em 1853 os unitaristas conseguiram promulgar a Primeira Constituição da Argentina (PRADO, 1994).

Conforme abordado por Prado (1994), em 1865, a Argentina forma com o Brasil e o Uruguai a tríplice aliança, para lutar contra as forças paraguaias. A Guerra do Paraguai foi vencida pela tríplice aliança em 1879. Do fim do século XIX até as primeiras décadas do século XX, foi o período de imigração dos europeus para a Argentina, sobretudo dos italianos. O início do século foi marcado por Governos Radicais, que debilitaram a democracia e a economia, que sofreram sucessivas crises.

Após sucessivos golpes, governos militares, e dezenas de mortos e desaparecidos políticos, em 1983 a Argentina volta a ser uma democracia, com a eleição do presidente Raul Afonsin. Em 1989, Afonsin renunciou em favor ao presidente eleito Carlos Menem, que permaneceu na presidência por dois mandatos consecutivos, até 1999 (PRADO, 1994).

A população da Argentina é de aproximadamente 40.301.927 habitantes (Ano Base: 2016). A metade da população vive na província de *Buenos Aires* (pampas) e na Capital Federal, sendo essa a região de maior concentração populacional do país. A de menor concentração é a Patagônia. A recente crise

argentina diminuiu o número de pessoas de classe média e consequentemente aumentou o número da população de classe baixa.

A raça branca é a que predomina em cerca de 97% da população. Essa predominância é consequência da imigração europeia do início do século XX, a maioria é de origem espanhola ou italiana. O fato de ser pequena a população de negros no país é resultado da Guerra do Paraguai e de uma epidemia de febre amarela, que dizimou parte dos negros que viviam na Argentina, trazidos para o país por traficantes de escravos na época da colonização. (PACIEVITCH, 2016)

Quanto à religião, 92% da população são católicos, o restante se divide entre judeus (2%), protestantes (2%) e outras (4%). A comunidade judaica Argentina é a quinta maior do mundo, com aproximadamente 200.000 judeus. Só em *Buenos Aires* existem mais de 50 sinagogas. O idioma oficial no país é o espanhol, chamado de *castellano* pelos argentinos. No interior da Argentina, são faladas línguas indígenas como o guarani, o araucano ou o quíchua.

A maioria da população, 64,4%, tem idade entre os 15 e os 64 anos, sendo que há equilíbrio no número de homens e mulheres. Aproximadamente 24,9% da população está entre os 0 e os 14 anos, e nessa faixa etária há pequena diferença para mais no número de homens. Já na população com 65 anos ou mais, cerca de 10,7%, a pequena diferença é favorável às mulheres (estimativa em 2007).

A educação na Argentina, é obrigatória e gratuita para crianças entre 6 e 14 anos. A taxa de analfabetismo é baixa (2,8%). A economia argentina é baseada principalmente na agricultura e na pecuária. A produtividade da agricultura Argentina está entre as mais altas do mundo, o país é um grande produtor e exportador de cereais, tendo o seu principal produto o trigo. (PACIEVITCH, 2016)

A exportação de produtos derivados da pecuária, como a carne de gado e a lã, é de grande importância para a economia argentina. As técnicas de refrigeração e de processamento da carne são referências positivas do setor. A indústria pesqueira, apesar de seu potencial, não é explorada. A expansão da indústria argentina ocorreu a partir dos anos 90 graças principalmente ao fortalecimento do MERCOSUL, apesar de a economia permanecer centrada na produção agropecuária, atualmente a indústria argentina é responsável por aproximadamente 35% do Produto Interno Bruto (2006). As indústrias alimentícias, têxtil, química, petroquímica, de veículos, metalúrgicas e de aço são as principais no país. No fim dos anos 90, houve forte queda na produção industrial, prenúncio da crise do início

da década. O modelo econômico adotado a partir de 2002 possibilitou a volta do crescimento da indústria de forma ininterrupta. (PACIEVITCH, 2016)

Quanto às fontes de energia, a Argentina conta com trinta centrais hidrelétricas, duas centrais nucleares e sessenta centrais termoelétricas (combustível ou gás), que juntas formam o Sistema Interconectado Nacional (SIN).

Segundo Marques (2017), com a lei de Federalização da Argentina, que institui a Província de Misiones, de 1881, e mais tarde, em 1902, com a criação da cidade fronteiriça de Puerto Iguazú, inicia o povoamento do território, sobretudo com imigrantes europeus, especialmente poloneses, italianos e alemães.

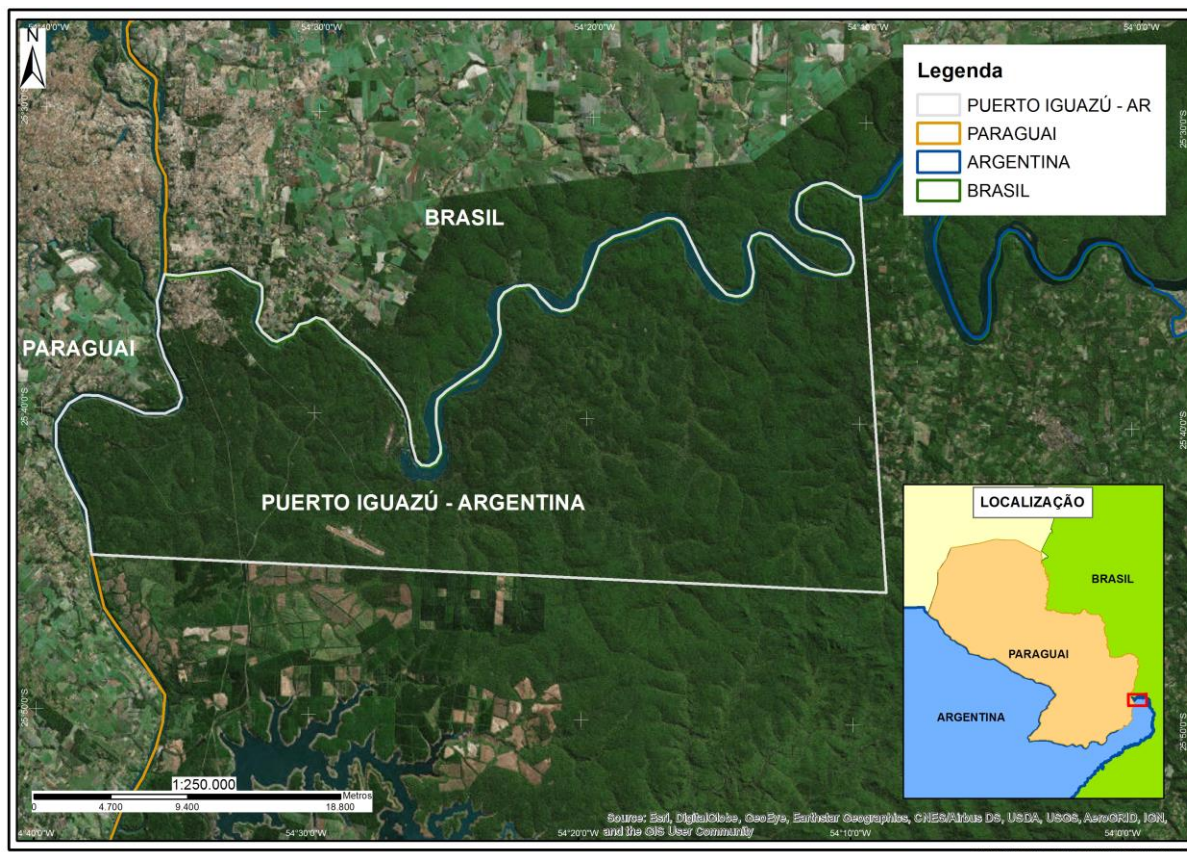
Na visão de Militelli (2016) “O que se pode compreender neste recorte é o “desenho” da ideia de Estado nacional, dentro do qual se escolheram símbolos por meio da representação da natureza e da geografia. Neste contexto, em específico, o norte argentino (atual província de Misiones) retrata um território que precisava ser demarcado e civilizado, pois fora considerado por muito tempo pelas elites como deserto, ao atestar uma espécie de vazio geográfico e demográfico do ponto de vista da civilidade e, da mesma forma, para resolver questões litigiosas com o Brasil”.

Ainda na abordagem de Militelli:

A pesquisa de Aranha (2014) discute a necessidade do governo argentino (centralizado em Buenos Aires) povoar e civilizar a província de Misiones no final do século XIX, localizada na região Norte da Argentina. Segundo ele, o objetivo de demarcar fronteiras, como já fora apresentado, está relacionado a resolução de antigas questões litigiosas frente ao Paraguai e ao Brasil, além de civilizar uma região marcada pela “barbárie” na representação das elites do Estado argentino. Esta concepção, idealizada pelo então presidente Júlio Argentino Roca³³, efetivamente o militar das fronteiras, busca encontrar neste espaço novas fontes de ganhos através da exploração econômica da erva-mate na natureza *missionera*. A partir desta reflexão pode-se concluir, que se iniciava o que mais tarde se tornará o ciclo ervateiro, responsável pela mudança da dinâmica da região Oeste paranaense, reconhecida como por ser explorada por mercadores argentinos. (MILITIELI, 2016, p.38)

Conforme os dados apresentados por Cammarata, Dieckow (2006), *Puerto Iguazú* é uma cidade da província de *Misiones* na Argentina, localizada a 18 km da área das Cataratas do Iguaçu, a cidade faz parte da área urbana conhecida na territorialidade como Tríplice Fronteira, que engloba a cidade brasileira de Foz do Iguaçu, no Estado do Paraná, e a cidade paraguaia de Ciudad del Este, do Departamento do Alto Paraná. A população de *Puerto Iguazú* é de 80.020 habitantes

(de acordo com os últimos Censos - INDEC 2010), e é a menor das cidades que compõem a tríplice fronteira.



Mapa 4 - Localização da cidade de Puerto Iguazú (AR)

Fonte: Geovane Calixto (2018)

Visitada por Cabeza de Vaca, na mesma viagem a Foz, no século XVI, somente em 1901 com a abertura do caminho de Puerto Aguirre para as Cataratas é que começou realmente a colonização e ocupação de Puerto Iguazú, e em 1934 foi criado o Parque Nacional de *Iguazu* com as Cataratas, e em 1943 é que se tornou comuna ou cidade, seguindo-se, em 1957, a criação da aduana. Em 1984, as Cataratas argentinas, que formam um conjunto de 274 quedas d'água, foram declaradas Patrimônio da Humanidade, junto com as Cataratas de Foz do Iguaçu, porque afinal formam um único bloco de quedas, desenvolvendo-se, a partir dessas conquistas, como foco de turismo de *Misiones*, com a construção de hotéis e infraestrutura destinada a receber os turistas. (SEIXAS, 2012)

Na visão de Silva (2014, p. 63) entre 1820 e 1940, Puerto Iguazú foi a cidade mais importante e movimentada da região. Navegando pelo Rio Paraná desde as

Sete Quedas (Guaíra), era possível atingir outros centros urbanos argentinos importantes como Posadas, Corrientes e Buenos Aires.

Marques (2017) afirma que A historiografia de Puerto Iguazú, na Argentina, se funde com a história de criação do Parque Nacional Iguazú. O povoamento e a urbanização da cidade estiveram vinculados aos movimentos de turistas que chegavam ao local para visitar as Cataratas del Iguazú.

Tem sua atividade principal no turismo, onde é possível encontrar bons hotéis, especialmente nas Cataratas do Iguazú. As atividades econômicas giram em torno do comércio de alimentos expostos em suas feiras e na propaganda de requintados restaurantes no circuito gastronômico. (MILITIELI, 2016)



Figura 4 - Ponte Tancredo Neves – Ponte Internacional da Fraternidade
Fonte: Tribuna Foz 2016

A cidade possui centro comercial próximo à Ponte Internacional, o *Dutty Free Shop*. No centro há bancos, casas de câmbio, bares, cassinos, restaurantes, lojas de roupas, lojas de artigos de desporto, discotecas, pubs, confeitarias, etc. Quanto ao alojamento, há hotéis de uma, duas, três, quatro e cinco estrelas, albergues, campings e cabanas. Silva (2014, p.63) traz que “em 1990, a cidade do lado argentino tinha pouco mais de 30 mil habitantes, com economia estagnada e que foi ainda mais castigada com a crise econômica”.

Na abordagem de Cury, vê-se a situação da cidade fronteiriça nos dias de hoje:

Através do controle intenso da Aduana argentina e a desvalorização do peso, o comércio é decadente. Ao final da década de 1980, o processo era inverso, pois, “no período de recessão econômica e alta inflação no Brasil, entre 1986 e 1988, recebiam-se milhares de paraguaios e argentinos para os mercados de Foz do Iguaçu, no sentido inverso do que acontece atualmente. (CURY, 2010, p.193)

O clima em Puerto Iguazú é quente e úmido, típico da selva, com temperaturas médias variando entre 15°C no inverno até 26°C no verão. Durante a temporada de verão (final de dezembro e início de março) o calor torna-se sufocante, especialmente na área das Cataratas, onde há maior concentração de umidade.

Marques (2017) aponta que a historiografia de Puerto Iguazú, na Argentina, se funde com a história de criação do Parque Nacional Iguazú. O povoamento e a urbanização da cidade estiveram vinculados aos movimentos de turistas que chegavam ao local para visitar as Cataratas del Iguazú.

3.4 CIUDAD DEL ESTE

As terras paraguaias foram habitadas por índios, guaranis, gaycurus e payaguás, população essa escravizada por tempo, o que impulsionou as missões jesuítas a fim de proteger os índios. Somente em 1814 é que começou o processo de industrialização e infraestruturas, devido à morte de José Gaspar Rodríguez López, e a posse de Carlos Antonio López, um exemplo foi a construção da primeira ferrovia na América do Sul. (FRANCISCO, 2016).

Algumas décadas depois, a nação paraguaia apresentou crescimento no desenvolvimento econômico o colocando em patamar elevado no continente, o que causou conflito com os países vizinhos como Brasil, Argentina e Uruguai, esse conflito ficou conhecido como Guerra do Paraguai (1865-1870). Francisco Solano López liderou a guerra em novembro de 1864 com a invasão no Brasil ao estado do Mato Grosso, sendo esta a maior guerra da história da América do Sul (MOTA, 2009).

As consequências dessa guerra foram negativas, pois além do país ter sido derrotado com aproximadamente metade da população morta, houve perda de infraestrutura, prejudicando até hoje o desenvolvimento econômico do país. Anos depois o país enfrentaria outro conflito: a Guerra do Chaco (1932–1935), travada contra a Bolívia com o mesmo objetivo da guerra anterior: disputa territorial, pois foi

descoberto petróleo nessa área. Porém, diferente do conflito anterior, o Paraguai abriu vantagem conquistando 75% da região disputada. (FRANCISCO, 2016).

Na sequência, o Paraguai passou por vários golpes políticos, interrompidos em 1954 com a queda do presidente Frederico Chávez e a posse do general Alfredo Stroessner. Com o apoio do Partido Colorado, instalou-se uma ditadura no Paraguai, com repressão a manifestações. (FRANCISCO, 2016).

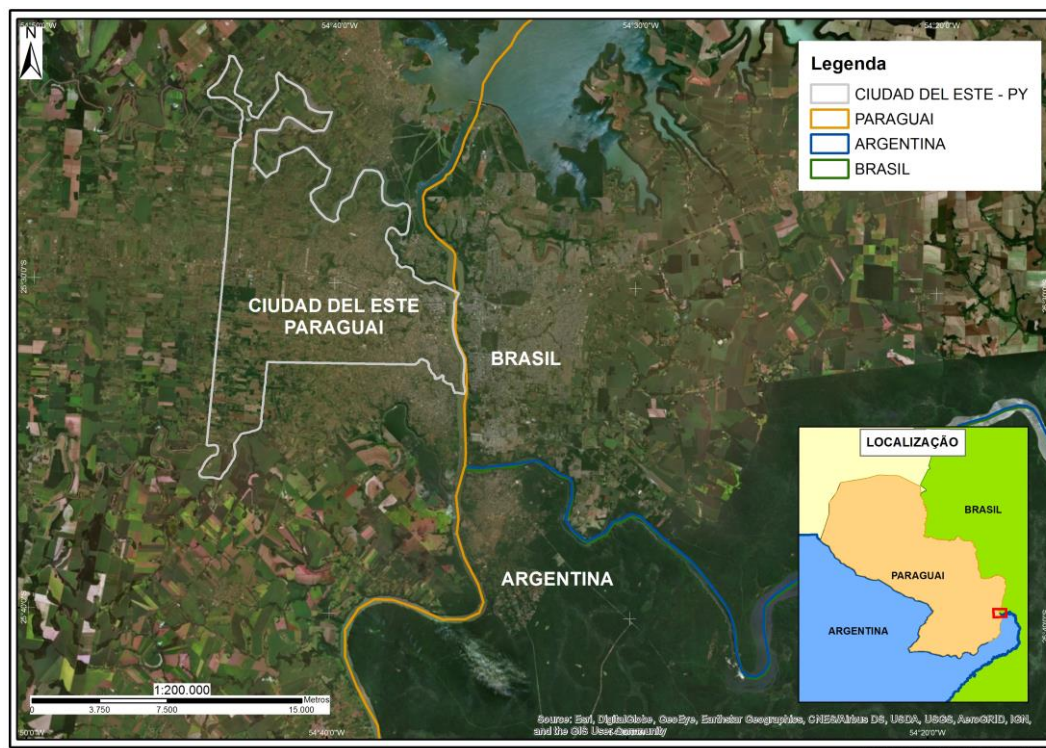
Segundo Marques (2017), no Paraguai, em 1945, é criado o Departamento do Alto Paraná, e Ciudad del Este teve sua fundação em 1957 como Puerto Presidente Stroessner, porém com a queda do Governo Stroessner, em 1989, passou para Ciudad del Este, sua apropriação ocorreu na época colonial pelos índios guaranis, que mantiveram o cultivo da erva mate e madeira. Na década de 70, com a implantação da Itaipu, após a construção da Ponte da Amizade os brasileiros colonos expulsos pela construção da usina começaram a conquistar pedaços de terra do lado da fronteira paraguaia para plantação de soja. Já na década de 80 o centro de Ciudad del Este ganhou ocupação, com aproximadamente vinte nacionalidades, dentre elas árabes e chineses, fomentando o comércio nestas cidades. (LIMA, 2011)

É a segunda cidade do Paraguai, só superada pela Capital, Assunção. A cidade é responsável por 10 por cento do produto bruto do País, em importação e exportação, num total de 3 bilhões de dólares, uma das maiores zonas francas de comércio livre do mundo, sendo superada por Miami e Hong Kong. O que originou o chamado “turismo de compras”, especialmente de eletrônicos e eletrodomésticos. E a “indústria” dos sacoleiros. Com essa expansão do comércio, foi crescendo econômica e demograficamente, especialmente na avenida principal, a San Blas, que se tornou o foco do comércio e das compras de brasileiros, principalmente. A recente criação da Lei dos Sacoleiros motivou mais o comércio, no entanto, a subida do dólar tem prejudicado as compras.

Sobre a influência do governo brasileiro sobre o Paraguai, Laino aponta que:

da estratégica traçada pelo então governo militar brasileiro (1964-1985) com o objetivo de trazer o Paraguai para dentro de sua órbita de influência fizeram parte: a construção de Itaipu, a Ponte da Amizade, a rodovia Paranaguá – Foz do Iguaçu, a concessão de créditos pelo governo brasileiro ao Paraguai para realização de obras de infraestrutura viária (asfaltamento de estradas e construção de pontes), o estabelecimento de uma empresa de colonização de origem brasileiro no Departamento de Nueva Asunción, entre outras medidas. (LAINO, 1979)

Fica nas redondezas da cidade, embora em Hernandarias, a maior Hidrelétrica do mundo, Itaipu Binacional, construída com recursos dos dois países. A cidade tem um aeroporto, utilizado para voos na América Latina.



Mapa 5 - Localização de Ciudad del Est (PY)
Fonte: Geovane Calixto (2018)

O crescimento do comércio impulsionado por elementos diversos, tanto com investimentos em infraestrutura como a vinda de emigrantes. Algumas medidas bilaterais foram tomadas para fomentar o comércio, tais como: construção de rodovias que ligam a Capital Assunção até os portos brasileiros, a construção de um corredor de rodovias entre os dois países no período de 1954 e 1969, a inauguração da Ponte da Amizade em 1965, acordos de cunho comercial como o “Convênio de Comércio Fronteiriço” de 1956 que legalizava o intercâmbio comercial realizado na fronteira, outro acordo bilateral importante foi no âmbito da circulação de pessoas, em 1958 o governo brasileiro firmou o “Convênio de Turismo e Trânsito” que eliminara a necessidade de passaportes para os naturais dos países envolvidos, em questão brasileiros e paraguaios, poderiam esses permanecerem no país vizinho por até sessenta dias. (SILVA, 2007)

Com essas medidas, as atividades comerciais foram alavancadas, e fortaleceram a fronteira a ponto do governo nos anos 70 incentivar o comércio da reexportação de produtos, isentar os turistas de compras de vários impostos tornando vários segmentos com preços baratos em comparação com seus países vizinhos, isenção que rege até os dias de hoje. Atualmente a cidade possui dez mil lojas formais e informais, além do amplo comércio de rua. A população de Ciudad del Este, sem contar com a população das cidades vizinhas do Alto Paraná, conta com aproximadamente com 240.000 habitantes, a segunda em população do Paraguai. (LIMA,2011).



Figura 5 - Comércio de Ciudad del Este
Fonte: ABColor (2017)

Na visão de Silva (2007), o povoamento do oeste paranaense e do leste paraguaio se deu num processo de formação contínuo de fronteira. Na margem oriental do rio Paraná, a ocupação do município de Foz do Iguaçu, no Brasil, e Puerto Iguazú, na Argentina. Na margem ocidental, os departamentos de Ciudad del Este, Hernandarias, Presidente Franco e Mingua Guazú, no Paraguai.

O turismo de compras em Ciudad del Este está fortemente ligado ao comercio fronteiriço. Na última década, o turismo de compras foi ultrapassado pelo turismo de negócios no ranking de atrativos turísticos na Tríplice Fronteira, com essa mudança no perfil do consumidor, aumentou o controle e a fiscalização pela Receita Federal, o que causa queda no fluxo de sacoleiros em Ciudad del Este, com isso alguns segmentos tiveram que se adaptar as mudanças no perfil de compras, um exemplo claro disso foi o setor de hotelaria. (CARNEIRO, 2016).

Neste capítulo, foram apresentadas as características dos países em estudo, bem como características das cidades da fronteira Brasil-Argentina-Paraguai, onde ocorre integração cotidiana influenciada pelo vai-e-vem de pessoas nas pontes da Amizade e da Fraternidade. Nos últimos anos, esta territorialidade passa por processo de integração fronteiriça, repetindo os padrões de domínio de mercado, tecnologias e centros de poder do Mercosul, e com forte liderança de investidores brasileiros no Paraguai.

Os processos de integração regional têm início por uma integração comercial e econômica, porém, devem avançar na direção da integração social, para que os propósitos não se percam, por isso a participação da sociedade é necessária em suas diferentes expressões.

3.5 ELEMENTOS DE CONSTITUIÇÃO DAS TERRITORIALIDADES TRANSFRONTEIRIÇAS DO IGUASSU (TTI)

Depois de se conhecer sobre cada cidade que compõem as Territorialidades Transfronteiriças do Iguassu (TTI), serão analisados os elementos que aproximam essas três cidades para que juntas se possa enxergá-las como territorialidade transfronteiriça.

O que se pode perceber é que cada indivíduo vivencia de forma diferente esses elementos transfronteiriços, na sua vivência e intensidade, mas por outro lado, analisa-se os equipamentos urbanos que são usados indistintamente pelas populações das diferentes cidades, percebem-se as aproximações em termos das identidades em curso. Segundo Farret (1997), setores como educação, saúde, comércio e lazer constituem mercados que variam de tamanho dependendo do custo e qualidade do bem ofertado. Nesse sentido, uma verdadeira política de cooperação em prol do desenvolvimento da territorialidade transfronteiriça deve levar em consideração: o tamanho da demanda, os limites da propriedade imobiliária, homogeneização de normas, a tarifação e remuneração por serviços prestados por um país e ou cidade e um plano diretor para o espaço urbano transfronteiriço.

Para a existência dessa territorialidade transfronteiriço, um ponto de extrema importância é considerar as permeabilidades dessas territorialidades, que fazem com que o fluxo de pessoas, mercadorias, ideias ocorra livremente, tanto de forma legal como ilegal. Assim, é comum cada indivíduo considerar na sua individualidade elementos de mais de um país, como a língua, a moeda, os hábitos alimentares e culturais, dentre outros. Essas condições já estabelecem as premissas da vivência transfronteiriça, como será abordado no próximo capítulo.

Na visão de Carneiro:

Não obstante a ausência de homogeneidade sociocultural, alguns aspectos como as redes de parentesco, a presença de grupos étnicos nos diferentes lados do limite internacional, as atividades comerciais, religiosas e culturais e os fluxos de pessoas, mercadorias, capitais e informações que diariamente atravessa os limites internacionais embasam a hipótese de que estão em andamento transformações territoriais que tendem a formar espaço regional transfronteiriço no coração da Bacia do Prata. (Carneiro, 2016, p.115).

Para Marques (2017) nesta territorialidade os governos e populacionais procuram representar suas intenções ou mesmo procurar soluções para os problemas locais a partir da assinatura de Atos e Declarações, com o Ata de Iguaçu (Brasil – Paraguai - 1966) e a Declaração do Iguaçu (Brasil – Argentina – 1985) ou no Tratado de Integração, Cooperação e Desenvolvimento, assinado em 1988 entre Brasil e Argentina. No quadro 1, é possível perceber alguns dos acordos e tratados firmados entre os países, dentro de uma perspectiva de gestão transnacional.

Ainda na visão de Marques (2017) Entre Brasil e Argentina, a Comissão de Cooperação e Desenvolvimento Fronteiriço – CODEFRO – criada em 5 de maio de 1999 por meio da assinatura em 10 de novembro de 1997 de um Acordo entre ambos países, e ratificado no Brasil através do Decreto nº 3.078 de 1º de junho de 1999, com complementações dadas por Protocolo Adicional assinado em 31 de janeiro de 2011, constitui-se numa instância política de diálogo, deliberação e tratamento de demandas para a integração e a cooperação bilateral.

Quadro 2 – Mecanismo de Cooperação e Integração na Tríplice Fronteira - continua

MECANISMO	DATA DE CRIAÇÃO	ABRANGÊNCIA	FUNÇÕES / CARACTERÍSTICAS
Ata de Iguaçu (Ata das Cataratas)	22 de junho de 1966	Brasil – Paraguai	- Elaborar estudo econômico dos recursos hidráulicos pertencentes aos dois países, do Salto Grande de Sete Quedas ou Salto de Guairá; - Estabelecer que a energia elétrica produzida pelos desníveis do rio Paraná, desde o Salto Grande de Sete Quedas até a foz do rio Iguaçu, será dividida em partes iguais entre os dois países.
Tratado de Itaipu (Tratado para Aproveitamento Hidrelétrico dos Recursos Hídricos do Rio Paraná pertencentes em Condomínio aos dois Países)	26 de abril de 1973	Brasil – Paraguai	- Tratado entre la Republica del Paraguay y la Republica Federativa del Brasil para el aprovechamiento hidroelectrico de los recursos hidraulicos del rio Paraná, pertenecientes en condominio a los dos países desde e inclusive el Salto del Guaira o Salto Grande de Sete Quedas hasta la boca del rio Yguazu.
Comitê de Integração Fronteira Foz do Iguaçu-Ciudad del Este	3 de outubro de 1978	Brasil – Paraguai	- Agilizar o tráfego internacional na ponte; - Debater assuntos dos setores saúde, economia e mobilidade.
Tratado de Amizade e Cooperação Brasil-Paraguai	4 de dezembro de 1975	Brasil – Paraguai	- Instaurar e aperfeiçoar mecanismos permanentes de cooperação, entendimento e troca de informações sobre assuntos de interesse comum nas relações políticas, econômicas, comerciais, financeiras, científicas, técnicas, culturais, turísticas e de toda ordem.
Acordo Tripartite sobre Coordenação Técnico-Operativa para o Aproveitamento Hidrelétrico de Itaipu e Corpus (Acordo Tripartite Itaipu – Corpus)	19 de outubro de 1979	Brasil – Argentina – Paraguai	- Resolver o contencioso entre Brasil-Paraguai e Argentina sobre o aproveitamento hidrelétrico dos rios da bacia do Prata.

Quadro 2 – Mecanismo de Cooperação e Integração na Tríplice Fronteira - conclui

Comitê de Integração Fronteira Foz do Iguaçu-Puerto Iguazú	29 de novembro de 1988	Brasil – Argentina	- Facilitar a circulação de pessoas, bens e serviços na área de fronteira e promover o desenvolvimento conjunto e a integração das localidades vizinhas do Brasil e da Argentina; - Presidido pelas autoridades consulares do Brasil e da Argentina; - A sede são as cidades fronteiriças de Foz do Iguaçu e Puerto Iguazú; - Primeira reunião: agosto de 1989; - Três Comissões: Infraestrutura, comércio e turismo, Facilitação fronteira, Cultura, saúde e educação.
Declaração do Iguaçu	30 de novembro de 1985	Brasil – Argentina	Expressão de vontade política para acelerar o processo de integração bilateral, em harmonia com os esforços de cooperação e desenvolvimento regional com participação de todos os setores de suas comunidades nacionais; Instituição da Comissão Mista Diplomática para Cooperação e Integração Econômica Bilateral.
Acordo de Facilitação Turística	18 de novembro de 2009	Brasil – Argentina	- Facilitar a circulação dos turistas dentro da área geográfica conhecida como "Corredor Turístico Iguaçu", constituído pelos territórios dos Municípios de Foz do Iguaçu e Puerto Iguazú.

Fonte: Marques (2017) – adaptado pelo autor

A partir desse contexto, serão tratados, portanto, exemplos que fazem das Territorialidades Transfronteiriças do Iguaçu (TTI) preâmbulo da territorialidade transfronteiriça, dentro da perspectiva dos atrativos e empreendimentos transfronteiriços, saúde, transportes, economia, mobilidade urbana, educação e trabalho.

3.5.1 Atrativos e Empreendimentos Transfronteiriços

A TTI apresenta elementos que demonstram a característica transfronteiriça da região, compartilhando atrativos naturais, como as Cataratas do Iguaçu, ou mesmo com um empreendimento hidrelétrico binacional, como a usina hidrelétrica de Itaipu.



Figura 6 - Cataratas do Iguaçu
Fonte: o autor (2016)

Com relação as Cataratas do Iguaçu, em Julho de 1916, o então presidente da província do Paraná, Affonso Alves de Camargo, assinou o decreto de desapropriação de 1008 hectares da área que era privada. Em 1918 foi assinada a Escritura Pública de Venda e em 19 de Janeiro de 1939 o decreto federal 1035 do Presidente Getúlio Vargas oficializou a propriedade como Parque Nacional do Iguaçu. A UNESCO declarou como patrimônio natural da humanidade em 1986. O Parque possui 185.262,5 hectares. (SEIXAS, 2012)

As Cataratas do Iguaçu trazem o elemento da natureza na cidade de Foz do Iguaçu e este atrativo, e atrai a atenção de turistas brasileiros e principalmente estrangeiros. Assim, tem-se um fluxo constante de turistas que acessam por via rodoviária ou aérea e trazem características cosmopolitas para a cidade.



Figura 7 - Itaipu Binacional
Fonte: Itaipu (2017)

A inauguração da Usina de Itaipu reconstruiu o desenvolvimento dessa cidade e trouxe vários elementos que passaram a fazer parte do cotidiano dos moradores. Desde a sua construção, a idealização de um bairro próximo à usina, da organização dos trabalhadores e barrageiros, da constituição das vilas de moradores, da criação de estruturas de saúde, educação e lazer, Itaipu agregou várias características que passaram a ser incorporadas pelos moradores desta cidade. (OLIVEIRA, 2012)

Segundo Militeli (2012), o Tratado de Itaipu, é o documento símbolo do processo de integração e cooperação entre ambos os países e que influenciou as cidades de Foz do Iguaçu, no Brasil, e Ciudad del Este e Hernandárias, no Paraguai. As negociações iniciaram em 1966 e no primeiro momento visavam resolver um desconcerto entre os dois países sobre a quem pertencia a região de Sete Quedas – conhecida como Salto Grande ou Saltos del Guairá –, local onde o Brasil intentava

construir uma usina hidrelétrica. Como fruto das conversações, publicaram a Ata de Iguaçu (ou Ata das Cataratas) assinada em Foz do Iguaçu, na data de 22 de junho de 1966 pelos Ministros das Relações Exteriores, o Embaixador brasileiro Juracy Magalhães e o paraguaio Raúl Sapena Pastor.

Nos dados trazidos por Marques (2017), o entendimento de que a utilização do trecho do rio Paraná desde as Sete Quedas até a foz do rio Iguaçu seria feita de forma conjunta por Brasil e Paraguai, resultou no Tratado de Itaipu, firmado no dia 26 de abril de 1973 pelo Embaixador Mário Gibson Barboza, Ministro das Relações Exteriores do Brasil e Raúl Sapena Pastor, Ministro das Relações Exteriores do Paraguai, na condição de plenipotenciários. No Brasil, o Tratado foi promulgado pelo Decreto nº 72.707, de 28 de agosto de 1973; e, no Paraguai, pela Lei nº 389, de 11 de julho de 1973.

Em 1961, no governo Jânio Quadros, aparece o primeiro esboço de projeto para se aproveitar o potencial das Sete Quedas de Guaíra, criando a Itaipu Binacional, com diretoria empossada em maio de 1974. A construção da hidrelétrica começou em 1975, e foi concluída em 6 de maio de 1991, quando entrou em funcionamento o 18º gerador. No ápice da obra, chegou a ter 40 mil trabalhadores.

Sobre Itaipu Binacional, Marques destaca que:

Sobre a Usina de Itaipu, interessante destacar o que delineia o parágrafo 1º, do artigo VII do Tratado: “As instalações e obras realizadas em cumprimento do presente Tratado não conferirão, a nenhuma das Altas Partes Contratantes, direito de propriedade ou de jurisdição sobre qualquer parte do território da outra”. A Itaipu é rotulada como binacional por abranger dois territórios internacionais distintos, destarte, é “uma empresa juridicamente internacional e sujeita somente aos procedimentos de tutela representados em controles administrativos ou financeiros, de ordem externa ou interna, constantes das disposições pertinentes dos atos internacionais que a regem (PARECER L-208, de 22.9.1978 – Consultoria Geral da República – CGU). (MARQUES, 2017. P.124)

Além de representar um acordo binacional, a usina de Itaipu empreende diversas ações ambientais, sociais e educacionais por meio dos seus projetos como Cultivando Água Boa, Parque Tecnológico de Itaipu – PTI, Hospital Costa Cavalcanti, dentre outros. Essas ações são realizadas tanto no Brasil quanto no Paraguai, criando condições para o fortalecimento das relações binacionais não só na parte de geração de energia, mas em dimensões que envolvem a vida dos indivíduos que vivem nestas cidades e são beneficiadas por diversos projetos estabelecidos pela usina.

3.5.2 Saúde

Com relação à saúde na territorialidade transfronteiriça do Iguassu, é possível perceber o dinâmico fluxo da população em busca de melhores condições da saúde pública. A cidade de Foz do Iguaçu conta com melhores e mais modernos serviços de saúde, tendo no Hospital Costa Cavalcanti um hospital de referência em diversas especialidades como Obstetrícia, Oncologia, Traumas, dentre outros para o atendimento da população regional. É comum a população de brasileiros que vive no Paraguai procurar os serviços de saúde no Brasil, mas há bastante procura da população de paraguaios e argentinos em serviços de medicina e odontologia em Foz do Iguaçu. Segundo Carneiro (2016, p. 161), “a população flutuante de pacientes sobrecarrega os serviços de saúde do município de Foz do Iguaçu. Prova disso é o número de atendimentos prestados no Hospital Costa Cavalcanti (Figura 8) a pacientes oriundos do Paraguai cuja média vem subindo nos últimos três anos”.

Tanto a cidade de Puerto Iguazú como Ciudad del Este contam com hospitais públicos e privados, entretanto esses hospitais são de menor porte e com menor capacidade para grandes cirurgias e procedimentos médicos, como o Hospital Sara Schawarz (AR), figura 9, e o Hospital Regional de Ciudad del Este (PY), mostrado na figura 10.

A discussão sobre recursos públicos do SUS na cidade de Foz do Iguaçu é bastante presente, tendo em vista o atendimento da população flutuante, que supera o número de habitantes da cidade. Os recursos do SUS são planejados a partir de dados do IBGE da população e, nesse caso, não inclui a população que utiliza os serviços de saúde, oriunda do Paraguai e Argentina. (MARQUES, 2017; CARNEIRO, 2016)

Soares aborda as questões relacionadas a fronteira e o financiamento do Sistema Único de Saúde (SUS):

Assim, observando o que comentamos anteriormente sobre a população flutuante existente na fronteira, aqui se percebe o motivo da falta de recursos para a saúde, pois o quanto de recursos por município é calculado com base nos valores populacionais, valores que nem sempre retratam a realidade da situação vivenciada dos municípios de fronteira, como é o caso

de Foz do Iguaçu. Na Ação Civil Pública nº 2006.70.02.007108-9, que abordarei a seguir, um dos pedidos se refere à condenação da União para inclusão, no cálculo da parcela a ser entregue ao SUS local, do número de “[...] brasiguaios residentes na região de fronteira [...]”, bem como solicita o ressarcimento dos atendimentos realizados à estrangeiros em situação de emergência.

Analisando em conjunto esses dois artigos, podemos concluir que a Ação Civil Pública sobre o acesso dos brasiguaios e estrangeiros ao atendimento de saúde na Tríplice Fronteira foi o mecanismo adotado pelo Ministério Público Federal buscando a efetivação do direito fundamental e universal da saúde que faz apelo a um discurso transestatal, ou seja, para além da história social das fronteiras e territórios nacionais. Isso ocorre quando a OMS, ao apelar para um conceito de cidadania trans, aponta para os direitos humanos de sobrevivência como superior à vontade do ente federativo. (SOARES, 2017, p.65)

Marques (2017) aponta que, na saúde, Foz do Iguaçu é a primeira cidade brasileira a implantar o Sistema Integrado de Saúde das Fronteiras – SIS-Fronteira que consiste em apoio financeiro às regiões de fronteira para a atendimento de moradores dos países vizinhos (brasileiros ou estrangeiros). As unidades de saúde do Jardim América e a reforma na unidade de saúde da Vila Yolanda, na cidade de Foz do Iguaçu, foram financiadas em parte com estes recursos.



Figura 8 - Hospital Costa Cavalcanti – Foz do Iguaçu (BR)
Fonte: HMCC (2017)



Figura 9 - Hospital Marta Schawarz – Puerto Iguazu (AR)
Fonte: Radio Nacional (2017)

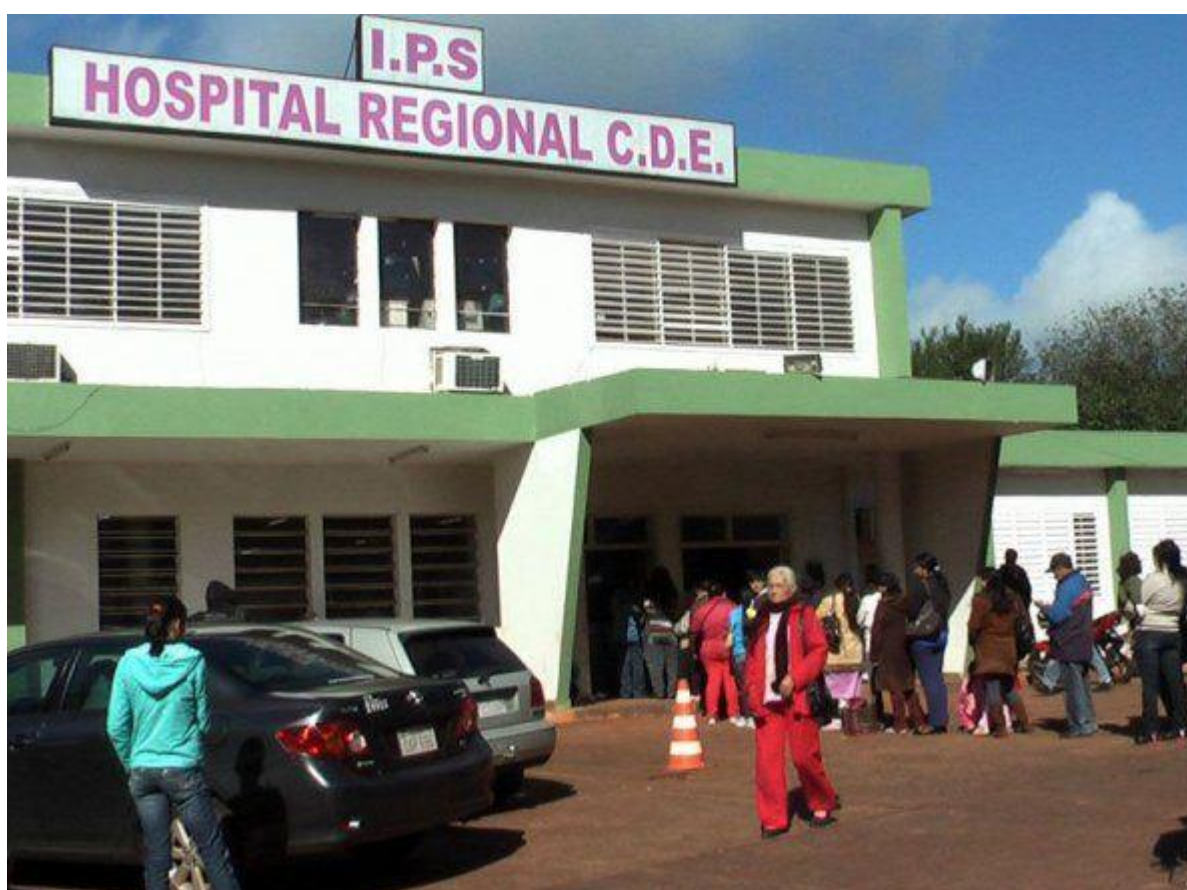


Figura 10 - Hospital Regional de CDE – Ciudad del Este (PR)
Fonte: ABC Color (2017)

A unidade básica de saúde do bairro Jardim América é modelo de cooperação transfronteiriça. A unidade, que presta atendimento à população de 20 bairros da região oeste de Foz do Iguaçu, atende à comunidade brasiguia, que chega a vir de cidades distantes, como *Santa Rosa del Monday* (71km), *Santa Rita* (78km) e *Naranjal* (105km). (SOARES, 2017)

No âmbito da saúde privada, é comum encontrar em clínicas médicas e odontológicas, pacientes vindos de cidades próximas à tríplice fronteira. Em determinados serviços, esse público pode representar até 50% do movimento de pacientes, demonstrando o fluxo de pessoas na busca de produtos de saúde que avançam os limites das fronteiras.

Marques (2017), também destaca a implementação do Termo de Cooperação Técnica que visa harmonizar os atendimentos emergenciais pré-hospitalares, de salvamento, de combate a incêndios e outras ações da defesa civil. O Corpo de Bombeiros presta assistência a ocorrências registradas em Puerto Iguazú, Argentina, e Ciudad del Este, no Paraguai, porém são ações informais que carecem de acordos bilaterais. (Atas das XXXI e XXXIII Reuniões do Comitê de Integração Fronteiriça Foz do Iguaçu-Puerto Iguazú).

Este mesmo comitê de integração aprovou em 29 de Outubro de 2012, a proposta de criação da Rede de Urgência e Emergência Internacional, com equipe argentina que trabalha junto à Central do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência – SAMU 192 e do Serviço Integrado de Atendimento ao Trauma em Emergência – SIATE 193. (MARQUES, 2012)

3.5.3 Transportes – Aeroportos, Rodoviárias e Estradas

A territorialidade conta com diversas modalidades para o atendimento ao fluxo de pessoas, entre aeroportos, rodoviárias, estradas, em cada uma das cidades das TTI. Segundo Pradeau (1994), “A integração física de um bloco de países implica a construção de infraestrutura transfronteiriça de transporte, comunicação e energia, bem como o aproveitamento compartilhado dos recursos naturais disponíveis na territorialidade fronteiriço”. Entretanto, é comum observar estruturas duplicadas, ou no caso da fronteira Brasil-Paraguai-Argentina, triplicada, o que demonstra uma falta de planejamento e desenvolvimento regional integrado.

No caso dos aeroportos, a territorialidade conta com 3 internacionais. Em Foz do Iguaçu, o aeroporto internacional (Figura 11) é o 17º em volume de passageiros no Brasil e cerca de 60% dos passageiros são estrangeiros. Na cidade de Puerto Iguazú, o aeroporto (Figura 12) recebe voos regionais e internacionais e

majoritariamente os turistas estrangeiros que chegam da Europa e dos EUA. Em Mingua Guazú (cidade próxima de Ciudad del Este – Figura 13), o aeroporto recebe voos regionais para a capital Asunción e com destinos para outros países como Brasil (São Paulo) e Argentina (Buenos Aires). Pode-se perceber o uso desses três aeroportos pelos habitantes, sempre na busca de voos mais atrativos e preços mais competitivos.



Figura 11 - Aeroporto Internacional de Foz do Iguaçu (BR)
Fonte: AviaçãoJor (2017)

Em 2017, foram anunciados voos para Europa (Madrid) que partirão do aeroporto de Iguazú e novas empresas aéreas estão operando nos aeroportos de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, o que possibilita o incremento e fluxo de passageiros entre os países, assim como a ampliação dos turistas e viajantes de negócios. Mesmo com os três aeroportos operando, não existe uma política transfronteiriça que trabalhe para a gestão integrada da territorialidade. Cada país conta com sua legislação própria e políticas de atração de novos voos, desintegrada da política transfronteiriça, com relação à gestão dos meios de transporte.

Marques (2017) apresenta os documentos e tratados assinados entre os três países com o objetivo de facilitar o trânsito de pessoas nesta territorialidade, conforme o quadro 3.



Figura 12 - Aeroporto Internacional de Puerto Iguazú (AR)
Fonte: Igazu.gob.ar (2017)



Figura 13 - Aeroporto Internacional Guarani (PY)
Fonte: Aeropuertos.net (2017)

Quadro 3 – Acordos de Cooperação para a o Trânsito Transfronteiriço

DOCUMENTO	DATA DE RATIFICAÇÃO	EMENTA
Declaração do Iguaçu	30 de novembro de 1985	Expressão de vontade política para acelerar o processo de integração bilateral, em harmonia com os esforços de cooperação e desenvolvimento regional com participação de todos os setores de suas comunidades nacionais; Instituição da Comissão Mista Diplomática para Cooperação e Integração Econômica Bilateral.
Acordo de Facilitação Turística	18 de novembro de 2009	Destina-se a facilitar a circulação dos turistas dentro da área geográfica conhecida como 'Corredor Turístico Iguaçu', constituído pelos territórios dos Municípios de Foz do Iguaçu e Puerto Iguazú.
Tratado de Integração, Cooperação e Desenvolvimento	29 de novembro de 1988	Consolidação do processo de integração e cooperação econômica entre a República Federativa do Brasil e a República Argentina.
Acordo sobre Localidades Fronteiriças Vinculadas	30 de novembro de 2005	Facilitar a convivência das localidades fronteiriças vinculadas e impulsionar sua integração através de um tratamento diferenciado à população em matéria econômica, de trânsito, de regime trabalhista e de acesso aos serviços

Fonte: Marques (2017)

No transporte rodoviário, a territorialidade conta com uma rodoviária em cada uma das cidades com trajetos regionais e internacionais em cada uma delas, ampliando as possibilidades de conexão e mobilidade de pessoas entre os três países. Da rodoviária internacional de Foz do Iguaçu, por exemplo, diariamente, saem ônibus com destino a Asunción (PY) e Buenos Aires (ARG). Nas imagens pode-se ver as estruturas da Rodoviária Internacional de Foz do Iguaçu (Figura 14), o *Terminal de Autobuses de Puerto Iguazú* (Figura 15) e o *Terminal de Omnibus de Ciudad del Este* (Figura 16).



Figura 14 - Rodoviária Internacional de Foz do Iguaçu (BR)
Fonte: Radioculturafoz (2017)



Figura 15 - Rodoviária Internacional de Puerto Iguazú (AR)
Fonte: Puertolguazu.net (2017)



Figura 16 - Rodoviária Internacional de Ciudad Del Este (PY)
Fonte: Iguassufallstrip (2017)

3.5.4 Economia

Quando se analisam os aspectos econômicos, pode-se perceber heterogeneidade e complementariedade das forças produtivas das três cidades fronteiriças. Um fator que integra economicamente é o desenvolvimento do turismo, entretanto é possível verificar diferenças entre as cidades na estrutura econômico do turismo.

No caso da cidade de Foz do Iguaçu, percebe-se maior estrutura da rede hoteleira, maior número de empresas de receptivo, melhor infraestrutura de transportes, no caso do aeroporto e das rodoviárias internacionais. Quando se olha para Ciudad del Este, se percebe a estrutura para o turismo de compras, redes de lojas que vendem produtos importados a preços competitivos. Além da rede de comércio, percebe-se a existência de cassinos que atraem turistas de todas as regiões. (WELTER, 2018)

A territorialidade ficou conhecida como polo de empresas de importação, que são vendidas no comércio de Ciudad del Este, principalmente pelo trabalho de migrantes chineses e árabe que transformaram a cidade no terceiro polo mundial de compras de turismo. Na Figura 18, vê-se o centro comercial de Ciudad del Este recentemente remodelado com novos espaços comerciais, juntamente com as tradicionais lojas da Avenida San Blás. (OLIVEIRA, 2012; MILITIELI, 2016)



Figura 17 - Área Comercial em Ciudad del Este (PY)
Fonte: MinutoUno (2017)

A cidade de Puerto Iguazú é conhecida pelas atrações gastronômicas, casas noturnas e cassinos que movimentam a fronteira, além do atrativo das Cataratas do Iguazú que atraem a atenção de turistas, especialmente os europeus. Na Figura 18 vê-se a principal rua de comércio do centro da cidade de Puerto Iguazú, nela é possível encontrar comércio de artesanatos e restaurantes. Esta mesma avenida dá acesso ao marco das três fronteiras na cidade argentina. (MILITIELI, 2016)

Além do turismo, é de se destacar que a estrutura econômica de cada cidade apresenta significativas diferenças, Enquanto Ciudad del Este é considerada a 2º cidade em termos populacionais e econômicos do Paraguai, tendo empresas de agronegócio e ampla rede de comércio, Puerto Iguazú é considerada uma pequena cidade do departamento de *Misiones*, que vive basicamente de seus atrativos turísticos. Já Foz do Iguaçu é a 5º cidade em população do estado do Paraná e tem sua economia baseada no comércio e turismo.



Figura 18 - Centro de Puerto Iguazú (AR)
Fonte: o autor (2017)

Em termos da economia industrial, ambas as cidades apresentam baixo número de indústrias instaladas nos municípios. Nos últimos anos (2015-2017), percebe-se incremento na indústria de Ciudad del Este pelas leis de incentivo adotados pelo governo, principalmente atraindo industriais estrangeiros por conta dos custos de instalação e energia elétrica baixas, conhecida como Lei Maquila. Na Figura 19, pode ver um dos projetos de parques industriais na cidade paraguaia que têm atraído a atenção de investidores para a abertura de plantas industriais, com o subsídio de terreno, construção de galpão, energia elétrica e impostos.



Figura 19 - Projeto de Parque Industrial – Parque Mercosul – Ciudad del Este (PY)
Fonte: LaNación (2017)

Um ponto importante a observar nesse sentido conforme (2016, p.146) apresenta é que “...as três cidades estejam submetidas a decisões externas a elas, como aquelas provenientes de órgãos nacionais, como a Receita Federal e o Ministério da Fazenda do Brasil, que causam impactos na vida dos habitantes da fronteira”. Ou seja, a territorialidade fronteiriça não consta com instâncias decisórias, do ponto de vista econômico, próximas a realidade da região, o que pode trazer distanciamento das decisões à necessidade regional. Não se verifica, da mesma forma, uma integração transfronteiriça dos aspectos econômicos e nem esforços que explore as complementariedades de cada cidade, fomentando o desenvolvimento global.

3.5.5 Mobilidade Urbana

A mobilidade urbana certamente é uma demonstração da transfronteiricidade diária que a população vivencia. Diariamente, o fluxo de pessoas e veículos entre as três cidades é intenso, o que demonstra como as pessoas vivenciam a fronteira, a partir da criação da rede regional, por meio de diversos laços que se estabelecem

além da fronteira ou do limite geográfico dos países (CARNEIRO, 2016, RABOSSI, 2004).

Na Figura 20 mostra-se uma das linhas de transporte urbano internacional que faz o trajeto entre as cidades de Puerto Iguazú (AR) e Foz do Iguaçu (BR). O trajeto pode ser realizado em menos de 1 hora. E na Figura 21, se vê a linha internacional Foz do Iguaçu – Ciudad del Este. Na região se encontra a linha trinacional que faz o trajeto Puerto Iguazú – Foz do Iguaçu - Ciudad del Este. Além do transporte entre as cidades da fronteira, é possível acessar em cada uma das cidades transporte urbano para cidades próximas, como Hernandarias e Presidente Franco (PY) e Santa Terezinha de Itaipu (BR).



Figura 20 - Linha Internacional – Puerto Iguazú (AR) – Foz do Iguaçu (BR)
Fonte: LaNación (2017)



Figura 21 - Linha Internacional – Foz do Iguaçu (BR) – Ciudad del Este (PY)
Fonte: F24 (2017)

O Centro Universitário Dinâmica das Cataratas (UDC), anualmente realiza pesquisa do fluxo de pessoas e veículos na Ponte Internacional da Amizade (Brasil – Paraguai) e na Ponte Internacional da Fraternidade (Brasil-Argentina). Os resultados da pesquisa demonstram a intensidade dessa mobilidade entre pessoas da tríplice fronteira.

Como se pode analisar no gráfico 1, o fluxo de pedestres, ou seja, as pessoas que passam caminhando pela fronteira no ano de 2016 representa em média 12.853 pessoas, chegando ao máximo de 19.940 no ano de 2011. Isto mostra grande mobilidade de pedestre que a ponte da Amizade (Brasil-Paraguai) possui em comparação com a Ponte da Fraternidade (Brasil-Argentina), onde não é comum o trânsito de pedestres entre os dois países, dada a distância entre as duas cidades fronteiriças.

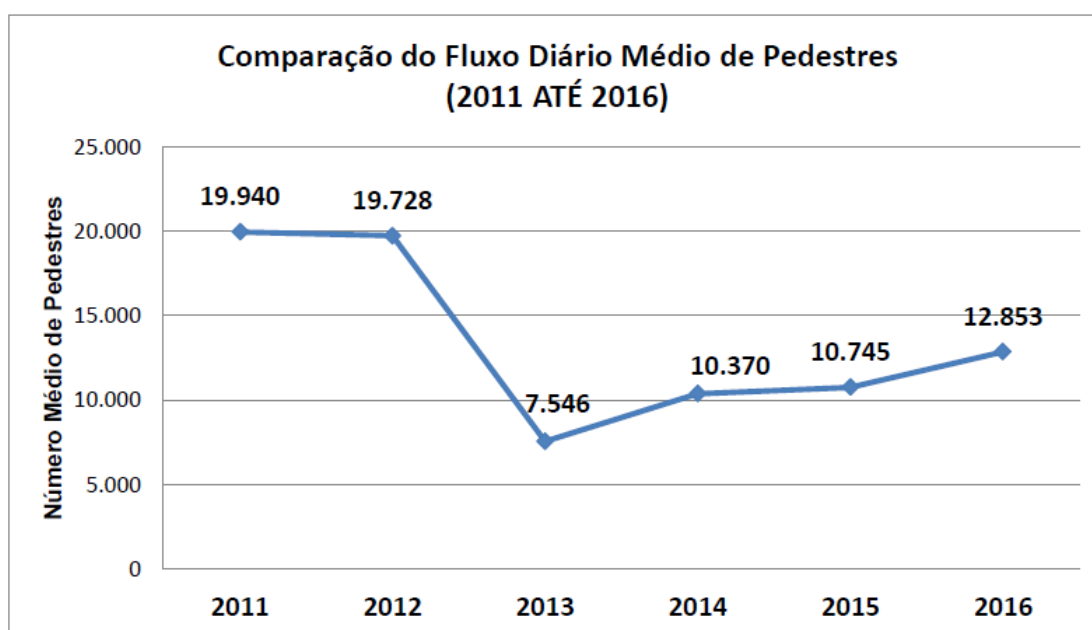


Gráfico 1 - Comparação do fluxo diário médio de pedestres (2011 até 2016) – Ponte da Amizade
Fonte: UDC, 2017

Já no gráfico 1, é possível analisar um comparativo entre os meios utilizados na ponte da Amizade (Brasil–Paraguai), além do pedestre, predominam as motos, quem em 2016 foram contadas em 11.065 motos em média, por dia. Apesar dos ônibus estarem em número menor, nesse gráfico não está considerado o número de passageiros, apenas de veículos. De forma geral, é possível perceber que o fluxo de

veículos diminuiu nos últimos 2 anos, quando comparados aos anos de 2012 e 2014.

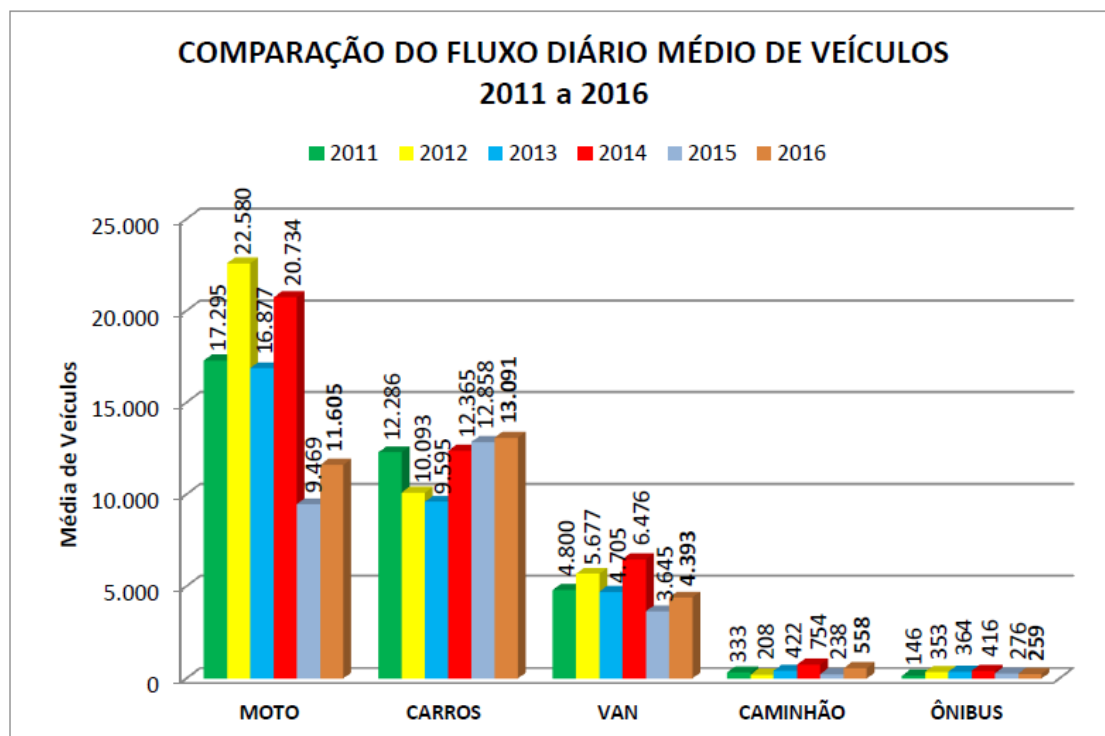


Gráfico 2 - Comparação do fluxo diário médio de veículos (2011 a 2016) – Ponte da Amizade

Fonte: UDC, 2017

Já na ponte da Fraternidade (Brasil-Argentina) os números são inferiores aos registrados na Ponte da Amizade, predominante o número de carros para a passagem da fronteira, ao contrário das motos, mais utilizadas na ponte da Amizade. O número de automóveis em 2016 foi de 4.985, este número é praticamente um terço do fluxo de automóveis registrados na Ponte da Amizade em 2016, que no total foi de 13.091.

O número de ônibus atravessando a fronteira Brasil-Argentina em 2016 foi de 169, e comparado ao trânsito de ônibus na fronteira Brasil – Paraguai que foi de 259, é menor.

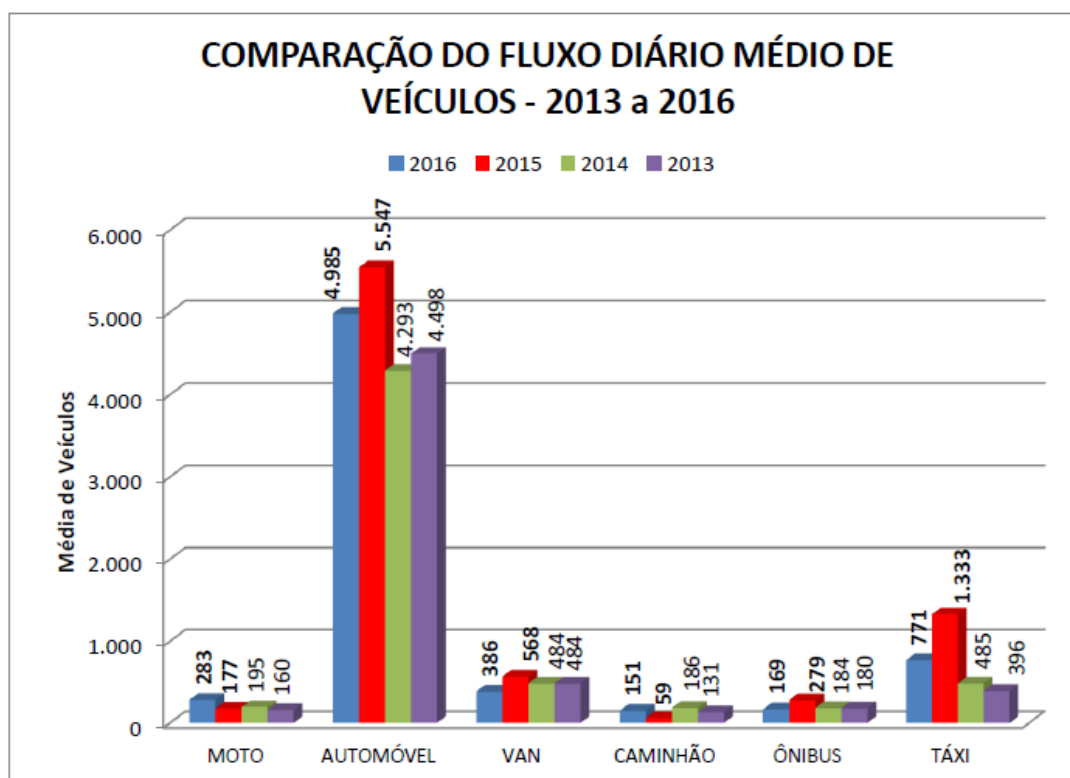


Gráfico 3 - Comparação do fluxo diário médio de veículos (2013 a 2016) – Ponte da Fraternidade

Fonte: UDC, 2017

Apresenta-se esses dados para comprovar o dinamismo e o intenso trânsito de pessoas, veículos e mercadorias entre as fronteiras Brasil-Paraguai e Brasil-Argentina. Sem dúvida, o fluxo mais intenso é observado na Ponte da Amizade e dentre os fatores que se pode citar para que isso ocorra:

- a) o número de habitantes de Ciudad del Este é maior do que o de Puerto Iguazú;
- b) a facilidade no acesso e no trânsito aduaneiro é mais facilitado na fronteira Brasil-Paraguai;
- c) o comércio de importados existente na cidade de Ciudad del Este que atrai a atenção dos moradores de outras cidades tanto do Brasil quanto da Argentina;
- d) o número maior de brasileiros que moram no Paraguai, em relação aos brasileiros que moram na Argentina.

Assim, a condição da mobilidade reforça a existência da territorialidade transfronteiriça e tal condição trará consequências para a formação e construção das identidades, tema que será trabalhado na sequência desta pesquisa. Na Figura 22 tem-se a Ponte Internacional da Amizade após a reforma finalizado no ano de 2017 e na Figura 23, o acesso à Ponte Internacional da Fraternidade, limite entre Brasil e Argentina. (WELTER, 2018; OLIVEIRA, 2012; MILITIELI, 2016)



Figura 22 - Ponte Internacional da Amizade
Fonte: Portaliguaçu (2017)



Figura 23 - Ponte Internacional da Fraternidade
Fonte: Clickfoz (2017)

3.5.6 Educação

Em termos educacionais, é possível verificar ações que procuram integrar a região da fronteira, em especial a criação da Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA) que tem como objetivo principal ter 50% de estudantes dos países latino-americanos e 50% de estudantes brasileiros. A UNILA foi fundada em 17 de Janeiro de 2008 e hoje conta com 3.889 (Ano Base 2017) alunos distribuídos em 29 cursos de graduação e 13 de pós-graduação (Mestrados), e tem como proposta o estudo e a criação de condições favoráveis para a integração e o desenvolvimento regional por meio da formação de recursos humanos que compreendam a dinâmica da América Latina e seus países.

Segundo Marques (2017), essa instituição federal de ensino remonta a sua historiografia ao mês de maio de 2007, quando em uma reunião na Usina de Itaipu, é estabelecida a criação do IMEA, unidade precursora da Universidade, através do Convênio entre a Hidrelétrica de Itaipu, a UFPR e a Universidade de Pisa, da Itália. Em dezembro de 2007, o MEC enviou ao então presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva projeto de lei para a criação da Universidade, na cidade de Foz do Iguaçu. Em 17 de janeiro de 2008, a Secretaria de Educação Superior – SESU baixou a Portaria nº 43-Sesu/MEC57, pela qual se instituiu a Comissão de Implantação da Unila – CI-UNILA), composta por 14 membros. Em 12 de janeiro de 2010, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou o Projeto de Lei nº 2.878 de 2008 para criação da Universidade, através da Lei nº 12.189.

Outro ponto importante é a integração dos alunos dos três países em escolas e faculdades. É possível ver alunos paraguaios estudando em escolas regulares no Brasil e da mesma forma estudantes brasileiros matriculados em escolas no Paraguai. O destaque dessa situação é o contingente de estudantes brasileiros matriculados em faculdades de Medicina em Ciudad del Este. Isto ocorre pela facilidade de acesso, ou seja, não há necessidade de vestibular para ingresso tendo em vista que sobram vagas e pelo baixo valor das mensalidades cobradas por essas universidades quando comparadas a universidades no Brasil. Esses estudantes movimentam a fronteira, pois ora moram em Foz do Iguaçu e estudam no Paraguai ou em certos casos se mudam para Ciudad del Este onde moram e estudam.

Somente uma das faculdades UPAP tem 2000 alunos brasileiros regularmente matriculados nos cursos de medicina (UPAP, 2018)

Da mesma forma, serão encontrados em menor número estudantes argentinos e paraguaios matriculados em escolas do Brasil, seja no nível básico ou fundamental. Isto representa enorme desafio, tendo em vista as diferenças no idioma, hábitos culturais e na própria dinâmica educacional.

Outro aspecto destacado por Marques (2017) é a designação de fundos nacionais para o Programa Bilíngue de Fronteira, com a instituição do ensino da língua portuguesa e da língua espanhola desde o nível fundamental nas escolas das cidades de Foz do Iguaçu e Puerto Iguazú. O Programa deve ser executado de diferentes formas: com contratação de professores de ambos os países, intercâmbio de alunos e docentes, com facilitação migratória na fronteira a título de prioridade. Esta foi uma decisão constante das Atas XXX e XXXI das reuniões do Comitê de Integração Fronteiriça Foz do Iguaçu-Puerto Iguazú.

3.5.7 Trabalho

O fluxo de trabalhadores na tríplice fronteira é intenso. Seja em atividades legais ou ilegais, a criação de vagas de trabalho nos setores de comércio, contrabando e turismo movimenta o mercado de trabalho nas três cidades. Muitos desses trabalhadores operam na ilegalidade, tendo em vista a dificuldade para obtenção da documentação que legaliza sua condição de trabalhador fronteiriço. Nesse sentido, já existe a iniciativa governamental da Carteira de Trânsito Vicinal Fronteiriça, onde cidadãos brasileiros e argentinos poderão ocupar postos de trabalho nos dois países. No Brasil, este acordo foi aprovado no congresso em 2011 e desde já aguarda promulgação presidencial. Na Argentina, o acordo já foi aprovado e promulgado. Nele está prevista a possibilidade do exercício do trabalho de acordo com as leis nacionais, tendo todos os direitos trabalhistas e previdenciários assegurados ao trabalhador, assim como as mesmas obrigações. (MERCOSUL, 2017)

Segundo Marques (2017), sobre a carteira vicinal:

Em 30 de novembro de 2005 foi assinado o Acordo sobre Localidades Fronteiriças Vinculadas. Neste previu-se a institucionalização da Carteira de Trânsito Vicinal Fronteiriço que visa facilitar a mobilidade entre as fronteiras Brasil e Argentina, em menor escala Foz do Iguaçu-Puerto Iguazú, com procedimento migratório ágil e simplificado, além de dá direito ao seu portador o livre exercício de trabalho, de atendimento médico e de ensino público de forma gratuita. Em 2007 a *Dirección Nacional de Migraciones de Argentina* implantou um sistema de confecção dessas carteiras, porém, o Brasil permaneceu inerte ao assunto e somente em 13 de janeiro de 2016 o Acordo foi promulgado pela então presidente brasileira Dilma Vana Rousseff com o Decreto nº 8.636 que dá competência ao Departamento da Polícia Federal proceder com as emissões. (MARQUES, 2017, p.83)

O comércio é a principal fonte de participação dos trabalhadores na fronteira, mas outras demandas econômicas crescentes começam a abrir possibilidade de trabalho como o Agronegócio no Paraguai, o Turismo no Brasil e Argentina e a forte industrialização no Paraguai, atraindo mão-de-obra especializada e técnica.

É possível observar os trabalhadores transmigrantes, ou seja, aqueles que no exercício das suas atividades profissionais cruzam as fronteiras diariamente. Dentre desse grupo, destaca-se os taxistas, moto taxistas, sacoleiros, representantes comerciais, dentre outros. (OLIVEIRA, 2012; RABOSSI, 2004)

Outro elemento importante na transfronteirização do trabalho é a Itaipu Binacional, que nos seus regulamentos conta com a meta de ter 50% dos trabalhadores do Brasil e os outros 50% de trabalhadores do Paraguai, trabalhando nas atividades de geração de energia da usina.

O objetivo até este ponto do trabalho era trazer elementos da história, geografia, economia e cultura das cidades que compõem a fronteira Brasil – Paraguai – Argentina e os aspectos que criam embrião da territorialidade transfronteiriça. A partir de agora, procurar-se-á desvelar como se dão as vivências transfronteiriças dos indivíduos que vivem nas TTI.

4. VIVÊNCIAS TRANSFRONTEIRIÇAS: A PERCEPÇÃO DOS INDIVÍDUOS NAS TERRITORIALIDADES TRANSFRONTEIRIÇAS DO IGUASSU

Neste capítulo, foram analisadas as entrevistas com os indivíduos que nasceram e moram nas TTI, de acordo com os critérios apresentados no capítulo sobre o caminho metodológico. As entrevistas foram realizadas de 20 de agosto de 2017 até dia 25 de setembro de 2017 e foram transcritas para análise. Para a definição das categorias de análise foi utilizado como recurso o software Iramuteq para identificar os tópicos mais relevantes.

Para aprofundar a análise das entrevistas foram criadas categorias ou zonas de sentido. A primeira delas é que será trabalhada a percepção da fronteira por parte dos entrevistados. Através do questionamento do que é a fronteira pode-se perceber qual o significado da fronteira para cada indivíduo e como este significado pode ser relacionado com as propostas teóricas de fronteira relacionadas no capítulo 1 desta pesquisa. Entendendo a fronteira temos condições de perceber que para estes indivíduos a ideia de limite é secundária e a fronteira é vista como oportunidade de encontros, das diferenças e da vivência da diversidade.

Em uma segunda categoria de análise passa-se a analisar a condição de viver na fronteira ou viver a fronteira. Em função dos relatos dos entrevistados, percebe-se que a vivência desta multiterritorialidade é diferente para cada um dos indivíduos, ou seja, as pessoas vivem de forma diferente esta realidade. Para alguns indivíduos a fronteira é sim uma oportunidade em diferentes aspectos. Já para outros entrevistados a fronteira é vista apenas como demarcação geográfica que traz poucas consequências práticas para sua vida. Estas duas condições serão aprofundadas.

Na próxima zona de sentido serão analisadas as apropriações identitárias que os indivíduos fizeram, em um contexto territorial e multiterritorial. Parte-se das definições de identidade e da compreensão da identidade territorial como matéria-prima para apropriações identitárias. A partir das entrevistas foi possível perceber dois movimentos utilizados na construção identitária: um primeiro relacionado aos elementos contidos na identidade nacional, os princípios, hábitos e costumes relacionados ao país de origem do indivíduo; e um segundo movimento de apropriação de elementos transfronteiriços, próprios da cultura e dos hábitos dos

demais países da fronteira. Neste contexto, destaca-se a condição do multipertencimento como características deste viver transfronteiriço, permitindo ao indivíduo multiapropriações identitárias.

Na sequências desta reflexão temos a categoria de “Como é ter nascido na fronteira?”. A partir dos relatos dos entrevistados percebe-se que nascer na fronteira e vivenciar a transfronteiricidade diariamente é um elemento naturalizado por estes indivíduos, mas no momento em que pessoas de outras localidades trazem este questionamos, isto possibilita uma reflexão a respeito das especificidades e particularidades desta condição.

A partir desta condição de percepção de como é ter nascido na fronteira, aprofundamos a análise trazendo a categoria das designações brasiguaios e brasentinos. Este hibridismo apresentado por estas duas palavras representa importante realidade transfronteiriça, que foi trazida por nossos entrevistados. Esta condição traz à tona questões culturais, linguísticas, hábitos, tradições e até mesmo situações de preconceitos vividos por estes indivíduos na sua vida transfronteiriça.

Para finalizar as categorias analíticas da pesquisa serão apresentadas as respostas a pergunta “onde você nasceu?”. Pode parecer uma simples pergunta, mas para a condição transfronteiriça vivenciada pelos entrevistados, a pergunta se revelou bastante complexa, denotando as particularidades de se viver em uma territorialidade transfronteiriça. Talvez esta seja a questão que mais causou surpreendência neste estudo, tendo em vista a diversidade nas respostas, para uma pergunta que parecer ter apenas uma óbvia resposta.

Ao final deste capítulo procurou-se estabelecer algumas proposições teóricas de características deste viver transfronteiriço. A partir dos elementos analisados nas entrevistas e nas categorias analíticas apresentadas pode-se propor elementos comuns deste viver na multiterritorialidade transfronteiriça, caminhando ao encontro dos objetivos desta pesquisa.

Todas estas considerações e categorias de análises apresentadas, foram possíveis através da utilização do software de análise qualitativa Iramuteq. Os resultados oriundos desta ferramenta de análise serão apresentados neste momento.

A partir da análise da nuvem de palavras obtidas por meio das entrevistas com os moradores das TTI, verificou-se que as palavras com maior repetição foram: cultura, argentino, Brasil/brasileira, Paraguay/paraguaio, fronteira/frontera, diferente, cidade, idioma, vida. Importante ressaltar que como parte das entrevistas foram realizadas no idioma espanhol e parte das entrevistas em português, o software categorizou a repetição das palavras nas distintas línguas e por este motivo podemos encontrar a mesma palavra nos dois idiomas, dentro da nuvem de palavras. A escolha por reunir todas as entrevistas teve por objetivo demonstrar que mesmo com idiomas distintos os termos utilizados pelos entrevistados foram semelhantes e muitas vezes iguais, dando suporte para a criação das categorias de análise que foram adotadas neste capítulo.

Outra informação obtida por meio do software Iramuteq foram as análises de similitudes em que é possível analisar as relações entre as palavras e expressões utilizadas pelos entrevistados, como se percebe na figura 25.

A análise de similitude é a representação da conexidade entre as palavras trazidas pelos entrevistados, auxiliando na interpretação da estrutura da representação. Por meio da figura é possível identificar as conexões temáticas que são estabelecidas pelos entrevistados. A partir desta condição é possível aprofundar as categorias de análise ou zonas de sentido, que serão propostas na sequência.

A partir da análise das similitudes, podemos definir alguns núcleos de sentido com as palavras “cultura”, “país”, “*Paraguay*”, “*Argentino*”, “*Brasil*” e “*frontera*”. Novamente se percebe a repetição das expressões nos dois idiomas caracterizando que a mesma expressão ou palavra foi utilizada pelos entrevistados brasileiros, paraguaios e argentinos. Com os núcleos de sentido é possível perceber pela análise das similitudes as palavras e expressões que estão relacionadas pelas falas dos entrevistados conferindo maior representatividade as análises propostas nesta pesquisa.

Para iniciar as categorias de análise trabalhou-se a noção da fronteira com os indivíduos entrevistados, como cada um percebe e o que entende pela fronteira. Esta categoria é central na nuvem de palavras e aparece na análise de similitude e foram analisadas na sequência dentro dos tópicos: A percepção da Fronteira e Como é ter nascido na fronteira?

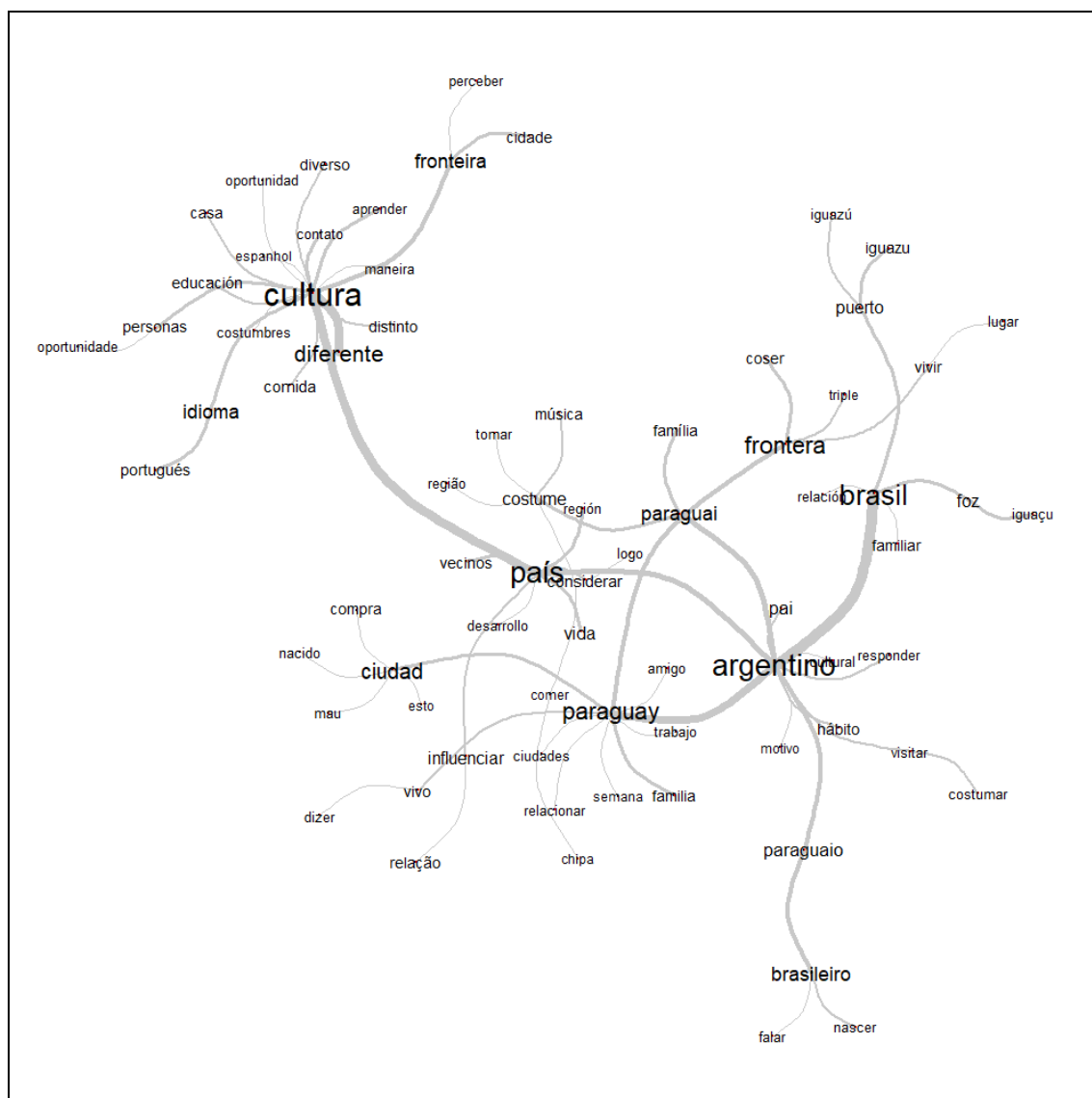


Figura 25 - Análise de Similitude - Software Iramuteq
 Fonte: Elaborado pelo autor a partir do Software Iramuteq (2018)

Em outras categorias, percebe-se a constante referência aos elementos nacionais, seja em parte de costumes, hábitos, tradições ou mesmo no uso que cada entrevistado faz dos recursos dos países que formam a TTI. Isto fica evidente no momento em que as palavras “Brasil”, “Argentina” e “Paraguai” aparecem com forte representação na nuvem de palavras e na análise de similitudes. Ligadas aos três países, aparecem as palavras “familia”, hábito, “visitar”, “trabajo”, “ciudad”. As diferenças que se estabelecem entre estes países serão percebidas nas falas dos entrevistados desde a referência a hábitos e costumes ou mesmo na forma como cada um vivencia cada territorialidade da TTI. O título deste trabalho faz referência a

condição de “Viver a fronteira ou Viver *na* fronteira”, procurando explorar a ideia de como o viver transfronteiriço pode mudar a relação do indivíduo com a sua territorialidade.

Destacamos nas análises os elementos da “cultura” e do “diferente”, conforme se verifica nas figuras 26 e 27. Nos discursos dos indivíduos a fronteira é vista como oportunidade de encontros, de vivência das diferenças, do desenvolvimento de maior tolerância e aprendizagem com o diferente. Na análise da similitude a palavra cultura é acompanhada de “diferente”, “*costumbres*”, “maneira”, “comida”, “idioma”, “diverso”, “oportunidade”, “*educación*”, dentre outras.

A palavra “país” forma a estrutura central dentro da análise de similitude e mostra que como para os entrevistados moradores da TTI a noção do país está diretamente ligada as suas vivências transfronteiriças. Junto a palavra “país”, temos “*vecinos*”, “vida”, “costume”, “região”. Tal condição foi abordada nas categorias de análise ligada as apropriações identitárias territoriais e multiterritoriais, apresentado na sequência.

Dessa forma, as análises das entrevistas que serão realizadas nos tópicos que seguem, foram orientadas pelo software Iramuteq, conferindo maior precisão nas escolhas das categorias ou zonas de sentido.

4.2 A PERCEPÇÃO DA FRONTEIRA

O primeiro ponto que foi analisado é o de compreender o que representa e qual a percepção que essas pessoas têm a respeito da fronteira. Com isto, se pode confrontar tais percepções com o que a teoria traz sobre fronteiras, que já foi explorado no capítulo 1.

Interessa analisar como os indivíduos que vivem na fronteira percebem o fenômeno, suas dificuldades, facilidades e seu cotidiano. A primeira fala é de Mercedes que avalia a territorialidade como positiva, principalmente pelo uso que ela faz dos recursos nas diferentes cidades da fronteira:

Para mi es una gran región que convive, creo que los tres países nos beneficiamos de ser vecinos/hermanos. Es positivo en mí día a día, puedo

aprovechar determinados servicios que ofrecen Brasil y Paraguay que en Puerto Iguazu hoy no los tenemos. (Mercedes, 42 años)

O relato de Mercedes mostra uma característica transfronteiriça, no momento em que ela aborda que pode aproveitar serviços que se oferecem no Brasil e no Paraguai. O fator da mobilidade é um importante item para caracterizar a territorialidade como transfronteiriça, principalmente pelo fato de que o indivíduo parece não perceber dificuldades na fronteira ou nos limites propostos pelas fronteiras. Ele acessa serviços de acordo com sua conveniência e seu interesse, não importando em que cidade encontra tal serviço. Isto ganha destaque, pois é visto por Mercedes como vantagem que todos os vizinhos podem acessar.

As limitações de uma determinada cidade, como referido por Mercedes, podem ser compensadas pelo acesso ao serviço em outra cidade, ampliando as possibilidades de acessibilidade que os habitantes das TTI apresentam. Por essa fala, não se percebe dificuldade alguma no trânsito transfronteiriço, portanto a percepção da fronteira tradicional (a ideia de limite físico, de separação) parece não estar presente. A fronteira, nesta abordagem, parece dinâmica e a serviço dos indivíduos que moram nessa territorialidade.

Já no discurso de Joaquin se pode perceber a facilidade de acesso, quando ele refere que cruza a fronteira todos os dias, por razões diferentes:

Vivir en la frontera es algo totalmente magnifico, pienso que si algún día iría a vivir a otra ciudad quisiera que la misma este en frontera, debido a la gran diversidad cultural que encontramos en un punto así. En mi día a día la cuestión de frontera es algo totalmente cotidiano, tanto así como que todos los días cruzo al menos una vez a el país vecino por distintas cuestiones. (Joaquin, 20 años)

Joaquin aborda a fronteira como algo que faz parte do seu cotidiano e ressalta o privilégio e as vantagens de se viver neste contexto. Sharon traz este dinamismo fronteiriço, abordando que suas atividades cotidianas transcendem os limites da fronteira:

La Frontera entre estos países, da paso a una gran confraternizacion y apoyo por ser vecinos, como las múltiples ayudas a los ciudadanos, pero también como todo país cada uno tiene sus exigencias con la cual se debe respetar en cuando se encuentre en ese país. Mi rutina con la frontera, es por ejemplo, mi facultad, ya que estoy cursando en foz-brasil, y trabajo en paraguay, pero mis feriados dependen de la argentina, ya que trabajo en un puerto en el cual tiene convenio con la argentina. (Sharon, 19 años)

É destacada neste trecho a ajuda mútua e o apoio que Sharon percebe entre os três países, de fato, modificando a percepção de fronteira-separação, para uma fronteira de apoio e auxílio mútuo. Percebe-se o dinamismo quando Sharon traz que trabalha em um país, estuda em outro e aproveita para fazer lazer em um terceiro país. Assim, fica demonstrada que a facilidade de acesso e mobilidade nas TTI faz com que os indivíduos acessem atividades e serviços em qualquer das cidades, de acordo com sua conveniência e necessidade.

Sharon traz a preocupação de seguir determinadas regras de cada país. Isto é um ponto interessante de se pensar, pois como territorialidade dinâmica transfronteiriça ela é composta por 3 países diferentes, que apresentam distintas legislações, por exemplo. Talvez a condição mais facilmente identificada se refere às regras de trânsito, que são diferentes nos três países. Para trafegar na Argentina, por exemplo, é conhecida a necessidade de o carro ter 2 triângulos e cambão, itens que não são obrigatórios no Brasil. Esta condição reforça a necessidade de pensar em condições específicas para regiões transfronteiriças, onde se busquem unificar determinados procedimentos e regras para facilitar a mobilidade da população.

Por fim, Sharon se refere ao porto onde se realizam serviços de transporte entre Paraguai-Argentina, mostra, mais uma vez, as portas de acesso e de transportes entre as cidades fronteiriças.

Já na fala de Amanda o que ganha destaque é a questão do turismo e do fluxo de pessoas na Ponte da Amizade (Brasil-Paraguai):

A fronteira traz muitos turistas para os 3 lados, influencia na economia dos países. Eu passo a fronteira pro Paraguai todos os dias, sempre cheio de brasileiros atravessando pro lado paraguaio quanto paraguaios para o lado brasileiro. (Amanda 19 anos)

A fronteira atrai a atenção de muitas turistas, seja em Foz do Iguaçu, Ciudad del Este ou Puerto Iguazú. Parte, pelos atrativos que a cidade apresenta (Cataratas do Iguaçu, Itaipu Binacional, Parque das Aves, dentre outros). Interessante observar que mesmo esses atrativos são transfronteiriços. Por exemplo, as Cataratas do Iguaçu podem ser acessadas pelo Parque Nacional do Iguaçu (Foz do Iguaçu-Brasil) ou pelo Parque Nacional Iguazú (Puerto Iguazú – Argentina). Já a usina de Itaipu, pode ser acessada pela barragem do lado brasileiro ou pelo lado paraguaio.

Giderlei aborda as mesmas condições de facilidade de acesso da fronteira:

Vejo como cidades vizinhas e que têm culturas diferentes e isso me favorece, quando preciso de algo, ou diferente, ou complementar ao que tenho no Brasil, assim tanto posso ir para Puerto Iguazú, como para Ciudad del Leste. Nesse caso a fronteira me, ou nos favorece. (Giderlei, 37 anos)

O que se pode destacar é a expressão “neste caso a fronteira me, ou nos favorece”. Isto denota a percepção da fronteira não como fator dificultador, pelo contrário, a territorialidade percebida como positiva em função dos múltiplos recursos que ela dispõe.

Essas percepções vão ao encontro ao que traz Haesbaert (2014, p,274) “viver no limite significa, em primeiro lugar, ser dotado de mobilidade, pois o limite-fronteira, nesse caso, não é estabelecido apenas para controlar, conter, deter, mas também (e as vezes sobretudo) para ser transposto, contornado, transgredido, enfim “usufruído”, já que, de algum modo, muitas vezes pode tornar-se o próprio lócus central da nossa vida e, ao propor diferenciá-las, incita mais diretamente a enfrentá-las ou partilhá-las.

Sady traz essa mesma perspectiva da facilidade de trânsito e acesso à fronteira, de acordo com a conveniência e interesse:

Es como una fusión de culturas donde los habitantes de esta región tenemos la oportunidad de estar en los tres países en un solo día por ejemplo, o tal vez hacer compras en brasil o en argentina, la verdad que los fines de semana es donde salgo con la familia a dar un paseo, durante la semana trabajo en paraguay. (Sady, 40 anos)

Rafaela e Débora já trazem a realidade do trânsito fronteiriço Brasil-Paraguai, que é a fila:

O ruim é quando preciso fazer algo em algum país vizinho, principalmente no Paraguai pois as vezes temos que ficar horas e horas na fila para fazer algo de 30 min lá e ter que voltar e enfrentar toda uma fila novamente. (Rafaela, 19 anos)

La frontera creo que es un privilegio, ya que tenemos posibilidades de acceder a los otros países muchas veces buscando accesibilidad. Muchas veces cruzar el puente Paraguay-Brasil resulta un poco complicado debido a la fila. (Debora, 20 anos)

De fato, apesar das mudanças realizadas na aduana tanto do lado brasileiro como do lado paraguaio, o acesso a esses países passa pela “fila”, que Rafaela se

refere como prejuízo do seu tempo, falando, inclusive, de ter que permanecer horas na fila. Este é um ponto importante na perspectiva de maior integração transfronteiriça, a facilidade nos acessos aos países por seus usuários. A forma como tais acessos são oferecidos aos usuários, de certa forma, tem consequências nas relações entre as pessoas e na própria percepção da fronteira. Ricardo apresenta a sua abordagem sobre o assunto:

En mi modo de ver existe una relación más cordial con el Brasil debido a que el paso fronterizo se da de forma más fácil y nos permite incorporar a Foz de Iguazu como una alternativa para diversas actividades tanto académicas, recreativa, cultural y de negocio, en cambio Puerto Iguazú propone una dificultad mayor por las trabas en el paso que realiza la Argentina y hace de que la relación sea más áspera con Argentina y que a mi modo de ver condiciona al poco desarrollo comercial de Puerto Iguazú. Un factor de vivir importante de vivir en la triple frontera es la facilidad que da de manejar cotizaciones de varias monedas al igual que estar atentos a movimientos políticos y económicos que realizan los países fronterizo porque afecta directamente a la economía de la triple frontera. (Ricardo, 40 anos)

Ricardo traz diferenças no trânsito fronteiriço no caso do Brasil-Paraguai e o mesmo trânsito com a Argentina. Para esclarecer esse ponto, na aduana Brasil-Argentina é necessário o cadastramento individual das pessoas, do carro e a fiscalização do carro em cada uma das passagens pela aduana (ida e volta), o que torna mais difícil a passagem para a Argentina, em função dessa fiscalização. No caso da aduana Brasil – Paraguai, não é necessário o cadastramento de pessoas e veículos e a fiscalização dos carros é feita de forma aleatória. Por essa condição, Ricardo traz que as relações entre Brasil e Paraguai são bem mais próximos, fazendo com que ele utilize mais o que é oferecido no Brasil. Isso demonstra que a facilidade do acesso está relacionada com o uso que o indivíduo faz desta fronteira, afetando sua percepção.

Destaca que tal dificuldade de acesso a Puerto Iguazú, faz com que o desenvolvimento daquela cidade não seja tão próspero quanto ele percebe na cidade do Brasil e do Paraguai.

Outra característica presente no relato de Ricardo está nas questões monetárias e econômicas. Primeiro, pelo uso simultâneo de 4 moedas (peso, guarani, real e dólar) nas três cidades da fronteira e, em segundo lugar, as condições políticas e econômicas dessas cidades, afetando o desenvolvimento da territorialidade. Esta é uma percepção interessante de como a vida nas TTI é

integrada, ou seja, mudanças políticas e econômicas em uma das cidades afetam a vida dos indivíduos em toda a territorialidade. Como exemplo, já se passou por crises de abastecimento de combustível e alimentos na Argentina, que faz com que todo fluxo de consumo seja transferido para cidades do Brasil ou do Paraguai. Ou mesmo o fluxo de turistas é afetado pela valorização de determinada moeda, modificando a presença de turistas e a dinâmica do comércio transfronteiriço.

Em outra perspectiva, a fronteira é local de encontros de culturas, de aprendizagem de outras realidades, como foi abordado por Stephanie:

A região da tríplice fronteira é atípica, já que é um acúmulo de culturas diferentes, pois de acordo com dados da Polícia Federal há mais de 70 etnias na região que acabam absorvendo costumes que pertencem a outros países. (Stephanie, 26 anos)

Se percebe a fronteira como territorialidade de convivência de diferentes etnias e que cada habitante dessa territorialidade acaba convivendo e aprendendo com as diferenças. Ao invés da fronteira ser vista como exclusão ela é destacada como espaço de aprendizagem com as diferenças. Tal condição é percebida por José:

Para mi es sinónimo de lo obvio, es decir, personas distintas, cultura distintas, paradigmas distintos de los cuales mucho se aprende a mis 32 años pude observar y aprender mucho de estos países en cuanto a la cultura, sociedad y desarrollo económico. (José, 32 anos)

Já na percepção de Mario encontram-se elementos que mostram nitidamente a percepção da fronteira como marco legal e a fronteira como espaço vivido:

Creo que eso de frontera son cosas de las autoridades, para autoprotegerse y crear el ambiente de las diferencias culturales, pero para nosotros que vivimos realmente por aquí no nos importa mucho eso, nosotros convivimos normalmente, si necesito algo del Brasil o Argentina voy y lo compro, tengo parientes en todos lados, voy vengo, salgo, entro y me muevo libremente y no hay ningún problema y creo que todos los que se manejan dentro de lo legal, el respeto y la decencia viven así. Esas perdidas de tiempo de pasaporte, controles y demas perdidas de tiempo son cosas de las autoridades, seguro tienen sus razones, pero para los que vivimos en la frontera esas cosas son innecesarias. Al fin y al cabo somos todos iguales, todos tenemos similares necesidades, similares problemas, salud, trabajo, comida y todo se comparte muy bien entre los países (Mario, 48 anos)

Este relato é significativo para o interesse em compreender as características do viver transfronteiriço, pois, demarcar a diferença entre a fronteira sob o olhar estatal, legal e a fronteira do ponto de vista de quem mora e usa esta fronteira. Mário se refere à fronteira como territorialidade de convivência em que ele pode, livremente, transitar entre estas diferentes territorialidades. Faz crítica sobre as dificuldades de acesso que são criadas pelas autoridades, dificultando a mobilidade. E finaliza trazendo elementos comuns nos três países, como problemas nas áreas de saúde e trabalho.

É uma percepção de fronteira que, ademais do papel do Estado de controle e segurança, parece não ser percebida como dificultador ou limitador, pelo contrário.

Outro aspecto trazido pelos entrevistados é a facilidade ou a ampliação das possibilidades de negócios, pelo viés econômico e de trabalho:

Fase Adolescência, en esta fase resalto la diferenciación de las actividades y entretenimiento estando en la fronteras algo muy resaltaste en esta fase Adulto, Simplemente un campo mayor de negocios y selección de que lugar es mejor para vivir. (Michel, 27 anos)

Creio que é uma boa oportunidade para negócios e conhecer e conviver com distintas culturas. É uma porta para conhecimento e convivencia pra vida. (Francielle, 25 anos)

Tanto Francielle como Michel qualificam a fronteira como possibilidade de ampliação de negócios e trabalho, ou seja, a facilidade de acesso aos três países cria oportunidade de negócio, emprego e renda que as pessoas que vivem nesta territorialidade podem aproveitar. É conhecido o número de brasileiros que trabalham no Paraguai, principalmente nos ramos de comércio e agricultura, aproveitando as oportunidades das cidades fronteiriças. Logo, a fronteira para essas pessoas é percebida como uma oportunidade de acesso a trabalho e renda.

Para finalizar, Camila traz um aspecto negativo e a sua percepção de fronteira:

De um aspecto negativo, desde pequena sempre sofri com o medo de crimes comuns a essas regiões, como o tráfico de pessoas, roubos e a circulação de armas e drogas, logo cresci sempre atenta ao meu redor em razão desse temor. (Camila, 26 anos)

A entrevistada destaca a questão dos crimes de fronteira e do seu medo em relação a estas ocorrências. Camila traz o tráfico de pessoas e tráficos de armas e

drogas. Isto faz parte da fronteira, se por um lado se facilita o acesso das pessoas e a sua circulação, por outro a fronteira pode estar aberta para fluxos ilegais, como o de drogas, armas e capitais. Entretanto, não será o fechamento das fronteiras que resolverá a criminalidade transfronteiriça, como muitas pensam. Será sim, por meio de políticas conjuntas de inteligência, vigilância e integração entre os países para o combate a estes crimes.

O tema tem dedicado vários estudos e discussões sobre a política de proteção das fronteiras brasileiras e a criminalidade, não sendo o foco desta pesquisa.

Assim, a percepção de fronteira dos entrevistados parece ir ao encontro ao que Haesbaert reflete:

Esse viver no limite, numa situação de multi/transterritorialidade imbricada a dinâmicas de contornamento, não significa, assim, estancar o movimento pela presença de uma fronteira – até porque “fronteira”, no nosso ponto de vista, muito mais do que uma linha divisória que separa (no sentido mais estrito de limite), é um lugar de encontro (ou, em outras palavras de com-front(o) e des-encontro, como destacam Martins e Porto Gonçalves, 2003), o espaço em que, ao nos depararmos com um Outro, realizamos o movimento mais explícito de sua subjugação (colonização) e/ou de (re)definição de nós mesmos (transculturação) – seja pelo aprofundamento do próprio olhar sobre nossa singularidade, seja pela indagação colocada pelo olhar do Outro que nos impões, ao mesmo tempo, questionamentos e conflitos, re-afirmações e relativizações. É um pouco o que podemos verificar através do exemplo dos brasileiros migrantes nos países vizinhos do Mercosul. (HAESBAERT, 2104, p. 279)

Nota-se que a percepção de fronteira por parte dos entrevistados vai ao encontro do que as teorias apresentam, abordando a fronteira não apenas como limite, mas sim como ponto de encontro. Um local dinâmico em que a vida das pessoas acontece no transitar por esta fronteira (Hissa, 2006; Farret, 1997; Rosier, 2007)

De fato, fronteira, para essas pessoas não representa em nenhum momento divisão e sim uma territorialidade de encontro onde se deparam com diferenças que somam na subjetividade de cada indivíduo que vive a multiterritorialidade. Essa diferença faz com que cada pessoa amplie seus horizontes pessoais e perceba a humanidade (aproveitando nas palavras de Morin, 1995) presentes em cada um de nós, o que nos identifica.

4.3 VIVER NA FRONTEIRA OU VIVER A FRONTEIRA...

Ao longo das entrevistas, pode-se perceber uma diferença na vivência da fronteira por parte dessas pessoas, o que levou a caracterizar esta diferença para compreendê-la melhor. Foi abordada esta situação em dois grupos: o primeiro como aqueles que vivem na fronteira, como as pessoas que vivem nesta territorialidade, mas que de alguma forma percebem mais claramente os limites das três cidades. Já o segundo grupo de indivíduos, aqueles que vivem a fronteira, será caracterizado como os que vivem a condição transfronteiriça, sem distinção dos limites e diferenças entre os três países.

Haesbaert (2014, p.96) registra tal condição da vivência desigual das potencialidades das territorialidades:

O mesmo ocorre no caso da maior abertura (global) de nossos territórios: não é pelo simples fato de um bairro, por exemplo, possuir ou estar aberto a uma grande diversidade cultural que todos os seus habitantes irão usufruir dessa multiplicidade, ou seja, experimentar ali, efetivamente uma intensa multiterritorialidade (ou, se preferirmos, transterritorialidade, para enfatizar o transitar entre essas diferentes territorialidades). Haesbaert (2014, p.96)

Para compreender melhor esta condição, analisou-se o relato dos indivíduos. A primeira fala é a de Joaquin, onde ele ressalta o viver a fronteira como oportunidade:

Vivir en la frontera es algo totalmente magnifico, pienso que si algún día iría a vivir a otra ciudad quisiera que la misma este en frontera, debido a la gran diversidad cultural que encontramos en un punto así. En mi día a día la cuestión de frontera es algo totalmente cotidiano, tanto así como que todos los días cruzo al menos una vez a el país vecino por distintas cuestiones. (Joaquin, 20 anos)

Para Joaquin, é possível ver a fluidez e a facilidade com que ele se move pela fronteira e sua percepção da oportunidade que ele tem em viver neste contexto. A questão da diversidade cultural é enfatizada como ponto alto de se viver na fronteira. Esta é uma das características que será chamada de viver a fronteira, ou seja, a percepção da diversidade cultural é vista como oportunidade de se ampliar o conhecimento e as vivências e não como algo antagônico ou que crie algum tipo de disputa. Em toda pesquisa, pelo menos nos indivíduos que foram entrevistados, em

nenhum momento se percebeu um discurso de preconceito, disputa, supremacia nacional, dentre outros. Pelo contrário, o que se observou é um discurso de maior tolerância, compreensão da diversidade e aceitação das diferenças.

Isso é o viver a fronteira, compreender que as diferenças que as fronteiras demarcam, na realidade, não representam disputas, mas sim oportunidades de se entender e aceitar o outro. Por isso, a condição transfronteiriça não deve ser vista como oportunidade de homogeneização ou eliminação das diferenças culturais de cada país, mas sim, oportunidade de integração e valorização do potencial cultural e social de cada lado da fronteira. Esta condição de viver na fronteira reforça os argumentos da identidade territorial (Haesbaert, 2004; Saquet e Briskievicz, 2009; Albagali, 2004) conferindo a territorialidade e não a separação dos Estados, os elementos para configuração da identidade pessoal.

Pode-se perceber esta mesma condição com Amanda:

Minha melhor amiga é paraguaia, tenho um avô que veio do Paraguai e outro que é Argentino, isso influenciou em eu aprender coisas de ambos os lados, ver por exemplo, o Paraguai com outros olhos, acredito que ainda exista muito preconceito com Ciudad del Este, por causa da bagunça do dia-a-dia mas se você for um pouquinho mais longe, verá que não é assim. Vou para o Paraguai de segunda a sexta porque trabalho lá. (Amanda, 19 anos)

Pela referência que ela faz a integrantes da sua família e dos seus amigos, se percebe como a questão da nacionalidade não faz diferença na vivência familiar, pelo contrário, isso trouxe condições de aprendizagem das diferenças do outro. Amanda mostra o preconceito que as pessoas têm, principalmente com relação ao Paraguai, mas quem, de fato, vive a fronteira sabe que isto não é a realidade do país, ou pelo menos as diferenças não são encaradas como preconceito, mas parte da realidade de determinado país. Certamente, Amanda, além de viver em uma cidade, trabalhar em outra cidade da fronteira, tem a representação dos seus avôs, um do lado paraguaio e outro do lado argentino, que trouxeram referências para a formação da sua identidade.

O viver a fronteira faz parte do relato de Sharon:

La relación que tengo con estos países, es que soy ciudadana de uno de ellos, frecuento Brasil toda la semana y un par de veces al mes Argentina, puede ser por placer, trabajo y obligatoriamente por estudios. (Sharon, 19 años)

Observa-se que a percepção de limite fronteiriço é secundária, no momento em que ela coloca que a relação é que ela nasceu em um país, vai toda a semana em outro, e várias vezes em um terceiro país. Ou seja, a percepção dessas diferenças é apenas situacional, onde quer que estejam seus compromissos ou mesmo seus interesses ela vai estar, sem se importar em qual país está. No mesmo sentido, se pode perceber, na fala da sua nacionalidade, que o fato de ser cidadã de um dos países, parece mera causalidade, própria de quem vive a fronteira.

Toda esta percepção de viver a fronteira traz a condição da transfronteiricidade, como aponta distintos autores (Rolim, 2004; Cury, 2010; Matias, 2002 e Jessop, 2004). Assim, o viver a fronteira está relacionado com o viver a transfronteiricidade ou a possibilidade de transitar entre territórios que vivem integrados ou buscando maior integração.

Por outro lado, se percebe o viver na fronteira, como a condição em que o sujeito usa todos os recursos disponíveis nas três cidades da fronteira para sua vida cotidiana. Esta condição parece mais utilitarista, no sentido de buscar os diferentes recursos onde ele seja melhor, com menor preço etc. Isto faz parte do viver transfronteiriço, a busca de recursos de acordo com as necessidades das pessoas que vivem nessa territorialidade.

Pode se caracterizar tal situação com José:

Muchos en el sentido económico (Compras de alimentos, universidad, profesionales médicos etc) todo esto en Brasil. En Paraguay (el trabajo, la formación académica básica y las relaciones interpersonales). En Argentina, solo turismo (José, 32 anos)

Assim, fica evidenciado o viver na fronteira, de acordo com sua necessidade e motivação, ele acessa os diferentes recursos no Brasil, Paraguai e Argentina, caracterizando o trânsito transfronteiriço constante, como já foi visto nesta pesquisa. Nesse caso, o fator mobilidade é importante para que esta condição aconteça. A construção das Pontes da Amizade (Brasil–Paraguai) e a Ponte da Fraternidade (Brasil-Argentina) favoreceram o viver na fronteira, possibilitando melhor acesso aos moradores da fronteira aos diferentes países. Outro ponto que já foi discutido nessa pesquisa é o controle fronteiriço quem influencia nesta mobilidade. Na Argentina, o processo fronteiriço é mais demorado, o que faz com que a frequência seja menor para aquele país.

Sthepanie apresenta esta condição de aproveitar o que a fronteira tem:

Eu costumo ir à Ciudad del Este para compras, almoço, janta e também visitar minha família, sendo uma prática corriqueira e até semanal. Já em Puerto Iguazú vou com objetivo de consumir apenas e isso ocorre mensalmente. (Sthepanie, 26 anos)

Ciudad del Este é conhecida pelas compras, por ter concentração de lojas e *shoppings* que comercializam produtos importados a preços competitivo, o que faz com que muitas pessoas acessem a cidade para compras. Já Puerto Iguazú é conhecida por seus restaurantes e atrações turísticas, o que leva muitas pessoas a frequentarem a cidade para estas atividades.

Sthepanie confirma o elemento da temporalidade, ou seja, da frequência com que ela acessa os diferentes lados da fronteira. Certamente, esta é uma condição que afeta o viver a fronteira ou o viver *na* fronteira, a frequência com que a pessoa acessa cada uma das cidades e o uso que ela faz desses contextos.

Outro ponto nesse relato é a questão de visitar a família. Muitas pessoas têm integrantes da família que vivem em cidades diferentes e o trânsito nessas cidades se dá para visitar parte da família.

A família foi abordada por Francielle:

Sim, o Brasil vou com frequência para visitar familiares pois a maioria se encontra lá e também costumo viajar nas minhas férias pro Brasil. Na Argentina costumo ir jantar em bares da cidade da fronteira. (Francielle, 25 anos)

Já com Fernanda é possível destacar uma especificidade nesse trânsito transfronteiriço, que é a condição dos serviços de saúde:

O país onde mais costumo frequentar é Brasil, desde a infância íamos para consultas médicas e isso perdura até os dias de hoje, como também costumo ir para alguns lugares de lazer, como restaurantes, pubs, etc. Como mínimo 1 vez ao mês. (Fernanda, 23 anos)

Na fronteira, os serviços de saúde são reconhecidos como de melhor qualidade em Foz do Iguaçu e, como já foi abordado nesta pesquisa, é bastante frequente o acesso a esses serviços por paraguaios e argentinos. Isso traz sobrecarga dos serviços médicos, principalmente na rede pública de saúde. Por outro lado, tal especificidade transfronteiriça resulta em desafio aos profissionais da

saúde, que tem que compreender aspectos culturais dos seus pacientes para melhor orientação diagnóstica e médica. Tais são os desafios de se viver na fronteira, tanto do lado do usuário dos serviços, mas principalmente pelo lado do prestador de serviço ou produto, a fronteira exige uma ampliação das referências teóricas e práticas, para que seja possível lidar melhor com essa realidade.

Um aspecto diferente trazido por Sady é a questão econômica:

Suelo acudir más al Brasil que la Argentina por motivos de vacaciones, Brasil tiene playas muy bonitas es uno de los motivos por el cual prefiero ir, además de la cotización de monedas suelo ir por lo menos una vez al mes a hacer compras ya sea al supermercado o a comprar ropas o zapatos. (Sady, 40 anos)

Além de se referir às cidades da fronteira de acordo com suas motivações, Sady traz a questão econômica como preponderante para as relações transfronteiriças. Ou seja, de acordo com a valorização das moedas dos países e os preços cobrados por produtos ou serviços, percebe-se um fluxo maior de pessoas da fronteira. Por exemplos, há alguns anos atrás (2005-2006), o subsídio da gasolina argentina levava milhares de brasileiros e paraguaios a consumirem o produto na Argentina, o que levou inclusive o governo a criar cotas de consumo e filas especiais em postos de gasolina para estrangeiros. Com a mudança de governo e valorização da moeda, hoje (2018), está mais interessante (economicamente) abastecer o carro nos postos do Paraguai. Logo, se percebe fluxo de brasileiros e argentinos a Ciudad del Este para abastecerem seus carros.

O mesmo exemplo pode ser aplicado a outros setores como supermercados, eletrodomésticos, material agrícola, etc. De acordo com a valorização da moeda e os movimentos econômicos do país, percebe-se alteração do fluxo de pessoas na fronteira. Isso caracteriza o viver na fronteira, onde está mais interessante e economicamente rentável, as pessoas vão atrás para consumir os produtos ou serviços.

Outras falas caracterizam o que será chamado de viver na fronteira:

Generalmente estoy mas em Brasil porque estudio ali, tambien suelo estar em Argentina para cenar y visitar lugares. (Debora, 21 anos)

La relación es buena y suelo asistir en forma frecuente a Foz de Iguazú y forma excepcional a Puerto Iguazu y en ambos países son de láser, educativa y deporte. (Ricardo, 40 anos)

La relación es excelente, suelo asistir con frecuencia de una vea por semana a Brasil y dos veces por año a Paraguay. (Mercedes, 42 anos)

Dessa maneira, se pode verificar que a vivência fronteiriça é percebida de diferentes formas pelas pessoas que estão nesta territorialidade. Isso corrobora o argumento apresentado por Haesbaert:

Alguns transitam por diversos territórios porque puderam optar por um tipo de trabalho – ou lazer – que só se realizar via mobilidade constante, mas segura, sempre dentro de uma espécie de bolha onde têm todas as necessidades básicas (e suas práticas culturais garantidas). Outros estão “em trânsito” quase o tempo inteiro, pressionados justamente pela precarização de suas condições sociais dentro da ordem capitalista hegemônica: contratos temporários, trabalho precário, laços efêmeros com locais de residências ou simples trânsito, segregação cultural (e ao mesmo tempo potencial abertura à transculturação com distintos grupos identitários, em geral de mesma condição socioeconômica) etc. A multi ou transterritorialidade de uns pode ser completamente distinta e, por meio desta distinção, afetar profundamente a multi ou transterritorialidade de outros. (HAESBAERT, 2014, p. 287)

As condições que vão se dar a vivência transfronteiriça serão sempre desiguais, uns por necessidade outros por motivação e interesse. O que importa é que, mesmo a partir dessas diferenças, a marca na identidade pessoal é inequívoca. Viver na fronteira ou viver a fronteira representa formas distintas de se apreender a realidade transfronteiriça e de se vivenciar as potencialidades desta multiterritorialidade.

4.4 AS APROPRIAÇÕES IDENTITÁRIAS TERRITORIAIS e MULTITERRITORIAIS

Um dos objetivos com as entrevistas de história de vida realizadas com os sujeitos que nasceram e vivem nas TTI era perceber, por meio de seus discursos, como foi a construção da sua identidade pessoal. Para isto, foi procurado fazer aproximação dos elementos identitários apropriados em cada uma das territorialidades, para depois analisar os elementos apreendidos a partir da transfronteiricidade.

Certamente, esta é uma tarefa desafiante, pois reconhecer os elementos que formam a identidade de cada pessoa pode parecer utopia, tal a complexidade da

tarefa. Mas, pelos discursos é possível perceber pontos de convergência onde as apropriações dos elementos presentes na territorialidade contribuíram para a formação da subjetividade.

De acordo com Milton Santos (2007, p.16) o território representa formas, mas o território usado é objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado. Mesmo a análise da fluidez posta a serviço da competitividade, que hoje rege as relações econômicas, passa por aí. De um lado, tem-se a fluidez virtual, oferecida por objetos criados para facilitar essa fluidez e que são, cada vez mais, objetos técnicos. Mas os objetos não dão senão uma fluidez virtual, porque a real vem das ações humanas, que são cada vez mais ações informadas, ações normatizadas. Assim, será procurado identificar o uso desta territorialidade por parte desses indivíduos, principalmente focando os aspectos identitários.

O primeiro ponto que se pode verificar foi a questão a língua aprendida e falada, como um dos elementos definidoras de identidade, e nesse particular perceber determinadas diferenças entre os três países da fronteira. Observam-se exemplos:

Principalmente el hecho de que en mi País se habla 2 idiomas (Español y Guaraní) (Ricardo, 40 anos)

Ricardo destaca a particularidade de no Paraguai se falar 2 línguas, o espanhol como língua oficial do país e o guarani como uma segunda língua oficial, utilizada pelos habitantes de Ciudad del Este. Tal condição é encontrada apenas no Paraguai, pois, em função das influências indígenas facilmente verifica-se pessoas conversando em guarani, no cotidiano das suas atividades.

Além de a língua representar elemento de apropriação cultural, no caso específico do Paraguai, o guarani expressa um conjunto de valores da sociedade paraguaia, relacionado com suas tradições indígenas. Ao utilizar o guarani, ou as suas variantes linguísticas como o *yopará*, o sujeito assume para si uma série de valores, próprios da sua cultura, e que o diferencia dos demais habitantes da fronteira. Falar o guarani é, de fato, reconhecer-se como paraguaio e esta condição traz consequências do ponto de vista da formação da identidade pessoal.

A condição do idioma guarani, foi trazida por José:

y por su puesto el idioma guaraní. (José, 32 anos)

Débora, igualmente, destaca a forma de falar como um dos elementos identitários que a diferencia e que a identifica com determinada nacionalidade:

Tal vez la forma de hablar, o el idioma nada mas. La personalidad creo que es algo que desenvolvemos a parte. (Debora, 21 anos)

Além da língua, outros elementos culturais presentes nessas territorialidades foram colocados como diferentes, por exemplo, a questão dos hábitos alimentares. De acordo com cada hábito, é possível identificar o indivíduo como de uma determinada nacionalidade e assim identificá-lo com as características de um país. Joaquin se refere ao mate:

Un elemento particular que creo que es muy característico del país en el que vivo es el mate, a pesar de que en otras ciudades brasileñas es común el chimarrão, es diferente, así también como dentro del mismo país varían las formas de ingerirlo, es algo que creo que me identifica como Argentino. (Joaquin, 20 anos)

Joaquin traz o *mate* como hábito alimentar e cultural relacionado à Argentina e o compara com o hábito dos brasileiros de tomar chimarrão. Esse ponto, demonstra como hábitos alimentares identificam o indivíduo em determinada nacionalidade e ampliam suas apropriações em termos identitários. Logo, pode-se dizer que se você toma *mate* pode ser considerado um argentino, e se toma chimarrão pode ser considerado brasileiro. Por meio desses hábitos o indivíduo se apropria de simbolismos que passam a fazer parte da sua identidade. Este é o processo de (des)identificação que foi abordado.

Nessa mesma linha, percebe-se que a cultura do Paraguai hábitos alimentares que definem o sujeito como paraguaio e, ao mesmo tempo, os diferenciam dos demais indivíduos da fronteira, como é o caso do *tererê*, como identificado por Fernanda:

Tomar um (*RICO TERERE COM YUYO*), seria tomar um bom terere com chás. Isso é costume, tomar terere com chás naturais da terra. (Fernanda, 23 anos)

Interessante perceber como um pequeno hábito alimentar traz simbolismo e representa para os indivíduos elementos formadores das suas identidades, os

identificando com determinada nacionalidade e elementos culturais específicos. Certamente, mediante este exemplo, consegue-se perceber que mesmo vivendo em uma transfronteira os sujeitos se apropriam de elementos únicos da sua territorialidade, se diferenciado dos demais sujeitos (aqueles que nasceram em outras cidades da fronteira).

Mercedes aborda a questão do hábito alimentar do mate e do tererê:

Costumbres, como el mate influencia Argentina pero también el terere que es sin dudas una influencia de Paraguay. (Mercedes, 42 anos)

Nos discursos, foi possível compreender características que são relacionadas a cada país e que os sujeitos percebem ter apropriados esses elementos, que passaram a fazer parte da sua subjetividade. Mario, por exemplo, traz a questão do apego à família, como um dos elementos da cultura paraguaia:

Apegado a la familia, la relaciones familiares son muy cercanas, aunque tambien se notan en los demas paises, creo que en Paraguay se destaca un poco mas, les noto mas frios a los Argentinos y Brasileños. (Mario, 48 anos)

No discurso de Mario, é possível verificar que a proximidade das relações familiares ocorre de diferentes formas nas três cidades da fronteira e a cultura paraguaia lhe parece ser a mais próxima. Na percepção de Mario, brasileiros e argentinos são mais frios na convivência familiar, já os paraguaios são mais próximos das suas famílias.

José aborda a hospitalidade como parte da cultura paraguaia e como um elemento que o diferencia dos demais países da fronteira:

Podría ser, la forma un poco mas hospitalaria de tratar a las personas, la cultura en algunos aspectos (NO TODOS)... (José, 32 anos)

Todas estas condições trazidas pelos entrevistados, relacionado à língua, aos costumes e aos hábitos alimentares demonstram os aspectos relativos às identidades nacionais que foi abordado nesta pesquisa (Jurt, 2012; Schneider, 2004; Cheloti, 2010). De fato, os indivíduos apreendem elementos nacionais para formação das suas identidades a partir do seu cotidiano.

Outros elementos a que se faz referência Sharon, são as músicas, as tradições e a religião:

Como mis padres son paraguayos me inculcaron la musica paraguaya especialmente los que cuentan la historia de un amor o de paraguay(guarania), la semana santa hay que pasar reunida con toda la familia ,hacer chipas, cocido,sopa y otras comidas típicas del Paraguay, como motivo de valorar el amor de Dios y la familia. (Sharon, 19 anos)

Sharon, apesar de ter nascido no Brasil, coloca a influência dos seus pais nas suas apropriações identitárias, relacionadas ao Paraguai. Nesse sentido, a música e as tradições revelam formas de apropriação destes valores, assim como a religião.

Do Brasil, os nascidos em Foz do Iguaçu trouxeram características nas quais eles se apropriaram na formação das suas identidades e que os diferenciam dos demais países:

Do Brasil eu sinto que tenho principalmente a alegria. Também acredito que sou bastante acolhedora e pacífica com relação a diferentes culturas. (Camila, 26 anos)

Camila define a forma do acolhimento como parte das características do brasileiro, ampliando esta condição para sua tolerância com relação às diferentes culturas. O Brasil, com sua miscigenação e diferenças culturais, acaba desenvolvendo nos seus habitantes um senso maior de tolerância e pacifismo, quando comparados a outros países.

Já Rafaela faz referência ao jeitinho brasileiro, ao incorporar tal elemento no seu discurso:

O famoso jeitinho brasileiro, de sempre tentar arranjar uma forma diferente de fazer as coisas (Rafaela, 19 anos)

O jeitinho brasileiro está na aversão aos limites claros, ao “sim ou não”, ao “público ou privado” ou “à casa e à rua” (Da Matta, 1981). Aí reside uma característica notadamente brasileira, esta genuína forma de superar os limites, através da improvisação e dissimulação, transitando entre o negativo e o positivo, entre o legal e o ilegal.

Para outros entrevistados, percebe-se que a incorporação de elementos nacionais é mais amplamente assimilada, como o exemplo de Lúcia e Sady:

Todo.. me siento identificada con todo lo que sea de mi nación. La cultura, la comida, la educación Familiar (Lúcia, 36 anos)

Los símbolos patrios de mi país sin duda son los elementos que forman parte de mi identidad, me considero una persona muy patriota. (sady, 40 anos)

Nessas duas falas se percebe o papel dos elementos territoriais, a identidade territorial, apropriada pelos indivíduos, seja por meio de hábitos, da educação, dos símbolos da pátria. Com Sady se encontra a expressão patriota, como referência a sua assimilação dos elementos relacionados à identidade nacional.

Essa condição dos elementos territoriais corrobora a visão de (Haesbaert, 2014, p.117):

A luta pela definição de territórios juridicamente reconhecidos envolve assim uma reconstrução identitária, envolvida na própria legislação que, pelo menos em determinado momento, força o grupo a uma definição clara entre eles e “os outros”, definição a partir da qual será traçada sua delimitação territorial. Assumidas ou atribuídas, essas identidades estão imersas no jogo político pelo estabelecimento de uma área geográfica bem delimitada e pretensamente uniforme em bases culturais.

Assim, se percebe as diversas fontes que são utilizadas para a construção de identidade pessoal, seja mediante elementos culturais, símbolos nacionais, hábitos alimentares, tradições, músicas, dentre outros. Cada um desses formatos está disponível aos indivíduos que fazem seus usos como base para a formação da identidade, onde os elementos territoriais têm importância.

Mesmo que de maneira desigual, viver mudando de territorialidade é uma marca do nosso mundo atual, pois até em condições fronteiriças, onde a separação é pretendida, se percebe a transposição natural de limites e de restrições para um viver mais dinâmico e integrado. Toda esta condição das territorialidades na modernidade está de acordo com a proposta dos autores (Saquet, 2009; Haesbaert, 2014; 1988).

Depois de analisar os elementos identitários que diferenciam os indivíduos da fronteira foi verificado, nas entrevistas semiestruturadas realizadas, elementos que aproximam os habitantes das TTI ou características que a vida na fronteira facilitou em termos de apropriação identitária. Esta avaliação auxiliou na compreensão das características do viver transfronteiriço, ou seja, como se constituem as experiências e vivências dos indivíduos em contexto transfronteiriço.

Foi procurado explorar aqui, do ponto de vista prático, o apontado por autores ao se referirem aos processos de transfronteiridades (Carneiro, 2016; Rolim, 2004;

Ligrone, 2006; Ianni, 1996). Entretanto, a perspectiva nesta análise foi a da subjetividade ou da constituição das identidades destes indivíduos que vivem na transfronteira Brasil – Paraguai – Argentina.

É possível identificar no discurso dos entrevistados excertos que caracterizam elementos transfronteiriços na construção da identidade, como o descrito abaixo:

Por ejemplo: en la forma brasiguaya en la que hablo, ya que vivo cerca de la frontera, como tambien disfruto de algunas celebraciones de Brasil y de Argentina. (Sharon, 19 anos)

Sharon traz a expressão brasiguaya, da qual já fez referência nesta pesquisa, mas para afirmar que sua forma de falar é uma mescla de elementos do Brasil e do Paraguai. A expressão confere uma perspectiva transfronteiriça importante, relacionada à condição da língua. A língua identifica o indivíduo ao seus país e confere elementos culturais que ajudam a caracterizar a personalidade do indivíduo. Ao usar a expressão “brasiguaya” para caracterizar sua fala, fica evidenciada condição multicultural presente na sua personalidade. Esta é uma característica do viver transfronteiriço, ou seja, a utilização de múltiplos elementos (multi/transterritoriais).

Já Giderlei fica mais clara essa apropriação transfronteiriça, quando ele aborda que, além do idioma, incorporou elementos culturais, como a alimentação, preferências, dentre outras características dos países da fronteira:

Sim, na maneira de falar, até o mesmo oportunhol, ou de se sentir também latino e não estranho à eles. E muitas vezes gostar das mesmas coisas (alimentação, música, futebol). (Giderlei, 37 anos)

Observa-se que se percebe a abordagem que de se sentir “latino e não estranho a eles”. Em termos identitários a expressão revela a ampliação da identidade territorial, ou seja, além dos elementos da cultura brasileira e de se afirmar brasileiro, Giderlei se sente latino, pela aproximação que tem com a cultura dos demais países da fronteira. A territorialidade no qual Giderlei fez suas apropriações identitárias é o transfronteiriço, o que permitiu a ampliação da sua subjetividade pessoal.

As questões do idioma foram trazidas por Joaquin:

Si, son varios los elementos adquiridos, muchas veces palabras que quizás percibo cuando visito otras ciudades de Argentina y me doy cuenta que no son propias del español, como fue hace muy poco tiempo que me tome por sorpresa que "picolé" no es una palabra en español, y sí en portugués que inconscientemente adopte y utilice siempre; el habito del tercer a pesar de ser común en la provincia de Misiones, no deja de ser un habito Paraguayo, adoptado por la gran influencia y ciudades de frontera con ciudades de Paraguay, así también como el guarani, algunas palabras muy utilizadas en distintas oportunidades. (Joaquin, 20 anos)

Além do idioma, é possível perceber outros elementos culturais que foram incorporados na identidade pessoal, a partir da vivência da transfronteira:

Tienes el conocimientos de otros menús, la selección de educación y sobre todo el poder de decisión de que hacer (Michel, 27 anos)

Uso muchos forma de hablar, términos y modismos brasileiros, las canciones en portugués me gustan mucho, soy mas influenciado por el brasil. (Mario, 48 anos)

Eu nasci em Foz do Iguaçu, entretanto tenho uma bisavó que nasceu na região de Corrientes na Argentina e meu pai que foi criado no Paraguai, logo acabei adquirindo alguns costumes da culinária, música e hábitos dos dois países. Porém, não absorvi a religião predominante, que é a católica. (Stephanie, 26 anos)

No relato de Michel se percebe a presença das questões relacionadas à alimentação. Cada país tem suas tradições e costumes alimentares e viver na fronteira possibilita que a pessoa apreenda outros hábitos, que fazem parte da sua identidade pessoal.

Mário já traz a questão das músicas em português e percebe que é influenciado pela cultura brasileira, pelo uso de modismos e termos do idioma português. Na convivência transfronteiriça, os indivíduos acabam incorporando elementos culturais dos outros países. É o caso da música sertaneja do Brasil (comum no interior do Paraná) e das músicas paraguaias.

Já Stephanie, a partir da influência dos seus avós, percebe que incorporou vários elementos da alimentação, das músicas e dos hábitos, mas não incorporou o hábito da religião católica. Isto mostra que essa incorporação passa por processo de (des)identificação do sujeito, ou seja, no caso da religião ficou claro que não houve identificação, enquanto nos demais elementos culturais se percebe maior identidade. Por isto mesmo, usa-se a expressão incorporação, não como um processo passivo no qual o indivíduo não percebe estas influências, mas sim na perspectiva ativa e reflexiva, como identificou Giddens (2002)

Já com a Francielli aparece o elemento cultural que é os CTG:

Sim, principalmente a brasileira, especificamente a cultura gaúcha, pois praticamente cresci dentro de um CTG cultivando a cultura dos meus pais (Francielli, 25 anos)

Os Centros de Tradições Gaúchas (CTG) são entidades que procuram promover a cultura dos gaúchos (região sul do Brasil) e se encontram espalhados por todo o mundo. Portanto, Francielli frequenta um CTG no Paraguai, cultivando as tradições e a cultura do sul do Brasil. Ou seja, além dos elementos da territorialidade do Iguassu, é possível estabelecer relações com outras culturas, como a gaúcha, pelo CTG. Existem CTG instalados tanto no Paraguai, quanto na Argentina.

Mudando o foco, Ricardo já traz a questão interessante de se “imitar” o que se faz nos países vizinhos, quando se considera positivo:

Principalmente en cuanto al desarrollo de la región del Estado de Paraná hace de que copiemos ciertas formas de trabajo. En cuanto a cultura tanto Paraguay, Brasil y Argentina son muy parecidos por lo que en mi caso particular trato de encontrar cuestiones positivas a imitar de los países vecinos en su conjunto. (Ricardo, 40 anos)

Essa condição favorece uma interação transfronteiriça, pois quando se percebe algo de positivo em um dos países vizinhos, isto pode ser “imitado” ou mesmo adaptado à realidade regional. Existem muitas desigualdades presentes nas TTI e de adotar boas experiências dos vizinhos, se podem diminuir os problemas de desenvolvimento da territorialidade.

Nesses relatos, se identificam elementos específicos de apropriação transfronteiriça, próprio da experiência social e familiar de cada sujeito, mas que refletem situações transfronteiriças:

Do Paraguai eu sinto que aprendi a ter mais ligação com a família. Embora o Brasil também se caracterize por ter famílias grandes e amorosas, no Paraguai é diferente, a força e o apoio entre familiares é muito mais forte, há um carinho e cumplicidade mais intenso, ao menos na minha experiência individual. Da Argentina eu recebi menos influência direta, mas se tem algo que percebi de característico nesse povo é a força e a coragem. Há uma sensação de certeza e auto estima que se percebe neste país e é algo que eu tento inserir na minha vida. (Camila, 26 anos)

Camila, com sua experiência de ter avós paraguaios e argentinos, destaca a questão da valorização da família como condição apreendida dos paraguaios,

diferenciado do que percebe em relação aos outros países. Já da Argentina, destaca a força e a coragem das pessoas. Assim, mostra que ocorre a incorporação de tradições e características dos distintos países na sua personalidade.

No mesmo sentido, Stephanie aponta elementos que incorporou, mas outras em que percebe criticamente seu afastamento:

Como já disse, vejo que a cultura dos três países ainda é muito machista, há sempre uma subjugação da mulher a figura masculina, que pode ser o pai ou o marido, o que é um pouco influenciado pela religião católica predominante nos países, principalmente no PY e Argentina. Logo, eu absorvi mais hábitos alimentares e culturais (filmes, novelas, música), mas posso afirmar que meu jeito de pensar sobre diversos assuntos é tido como subversivo pela minha família. (Stephanie, 26 anos)

Um ponto que merece destaque está na condição de maior compreensão da diversidade, entendimento do outro e na oportunidade que o viver na fronteira possibilitou a cada uma dessas pessoas:

Com tanta gente indo e vindo desde criança, aprendi a ser mais paciente com quem é diferente de mim e a aprender coisas novas com essas pessoas. (Amanda, 19 anos)

Amanda ilustra que teve de aprender a lidar com pessoas diferentes, que pensam e agem de forma diferente da dela. Percebe essas diferenças como uma oportunidade de aprendizagem e não como preconceito, discriminação e exclusão. A vivência da fronteira, enquanto integração, faz com que as pessoas aprendam a lidar melhor com as diferenças culturais e desenvolvam características como a tolerância, a pacificidade e a inclusão.

Como já abordado ao longo deste estudo, em nenhuma entrevista foi percebida animosidades ou contrariedades com relação a vivência das diferenças na fronteira. Isto não quer dizer que elas não existem, é claro, mas por outro lado, se percebe uma prevalência da identidade mais inclusiva e tolerante à diversidade e a um “outro” diferente de si próprio.

Isso está presente no discurso de Giderlei:

A tolerância à diversidade cultural e não o outro com xenofobismo. (Giderlei, 37 anos)

Em parte, toda essa realidade transfronteiriça é, utilizando a expressão de Telles (2010), uma arte do contornamento. Da mesma forma, as identidades usam dessa arte para seu processo contínuo de construção em cada sujeito que vive na fronteira:

o próprio dessa “arte de contornamento” é justamente saber transitar entre fronteiras sociais, lidar com os códigos, jogar com as identidades, passando de um lado (o mundo oficial dos programas sociais e mediações públicas) e dos outros (o mundo bandido), e mais por entre todas as outras mediações (a família, o trabalho, a igreja, as associações comunitárias...) um “saber circulatório” que se transforma em recurso para inventar possibilidades de vida e de formas de viver (Telles, 2010, p. 170)

Não se pode desconsiderar esses elementos transfronteiriços nas identidades dos indivíduos que nasceram e se desenvolveram na fronteira. Como mostrado, os indivíduos (re)constroem suas identidades a partir da apropriação múltipla, da percepção do multipertencimento e da melhor vivência da diversidade e da tolerância com o outro. Esse fato cria novas formas de se viver e novas possibilidades de vida entre os agentes dessas territorialidades.

A condição da apropriação transfronteiriça pode ser relacionada com as atuais teorias de identidade enquanto construção social (Giddens, 2002, Hall, 2006; Bock, 2001), ou mesmo com a ideia da identidade na modernidade (Baumann, 2004; Jenkins, 2008).

4.5 COMO É TER NASCIDO NA FRONTEIRA?

Ao aprofundar essa construção dos entrevistados, vai-se procurar compreender como foi para estas pessoas terem nascido e se desenvolvido na fronteira. Isso ajudará a compor mais elementos do viver transfronteiriço.

Uma parte dos entrevistados entende que ter nascido na fronteira foi e é oportunidade de convívio com outras culturas e tradições, não percebem a fronteira como limite ou como contenção-separação e sim encontro dos diferentes:

Para mim foi e é normal. O diferencial é que se lida com diferentes culturas e isso para ser natural. Desde pequeno é natural ouvir espanhol nas ruas,

no comércio, e estar em contato com pessoas diferentes. O contrário é que chama atenção, ao ir em uma cidade pequena do interior e ver que algumas pessoas vêm os estrangeiros com desconfiança ou de modo estranho. (Giderlei, 37 anos)

Considero una oportunidad haber nacido en frontera por el hecho que poder ampliar la cultura de las naciones de forma tan cercana y rutinaria. (Michel, 27 anos)

Tanto Giderlei quanto Michel destacam a oportunidade de ampliar as suas culturas pessoais de forma tão rotineira e cotidiana. Interessante que esta condição criou certa naturalização do estrangeiro, como está presente quando Giderlei compara tal condição em outra cidade do interior. E, de fato, se percebe essa condição na vida transfronteiriça uma naturalização das diferenças que se reflete em maior tolerância e em melhor convívio entre os diferentes. É raro ocorrência de violência transfronteiriça onde o motivo é a questão da nacionalidade ou do xenofobismo.

José faz distinção entre o que pode aprender de bom e ruim de cada cultura, e incorporou aqueles aspectos que considera positivo das culturas fronteiriças:

Fue lindo, pues tuve la oportunidad de aprender lo bueno y lo malo de cada cultura y poder seleccionar entre ellas lo mejor. (José, 32 anos)

Evidente que esses conceitos de “bom” e “ruim” são extremamente relativos, entretanto, o que interessa é a possibilidade que José teve de escolher e incorporar aquelas características que para ele são consideradas positivas. Assim, a fronteira é vista como oportunidade de desenvolvimento e ampliação do mundo pessoal.

Sharon, por outro lado, reforça esses elementos que apreendeu ao longo da sua infância e na vida adulta, destacando as opções de estudo e trabalho:

El haber nacido en un país con transito vecinal fronterizo tiene excepciones en parte cultural, social y económica, ya que en mi infancia y adolescencia aprendi a llevarme con personas de diferentes culturas y estar acostumbrada a las diferentes costumbres, comidas y pensamientos de cada personas, como así también disfrutar de ello, como adulta, me dio oportunidades en el ambito laboral y educativo. (Sharon, 19 anos)

Destaca-se aqui a condição transfronteiriça da educação, que já foi descrito nesta pesquisa. É comum se ter estudantes paraguaios e argentinos em universidades brasileiras e, da mesma forma, estudantes brasileiros em universidades do Paraguai e Argentina. Sharon, por exemplo, frequentar curso

superior em uma universidade brasileira. Fez essa opção, pois, apesar de ter cursos superiores em Ciudad del Este, considera que no Brasil a educação superior tem melhor qualidade.

Já Ricardo faz a distinção da sua vivência na fronteira nas diferentes fases da sua vida:

En mi infancia: puedo decir que fue un poco más confusa ya que el hecho de estar viviendo en una ciudad donde se mezcla muchas culturas e idiomas hacía de que la enseñanza del hogar no fueran clara por que alrededor de mi vecindario se manejaban otro tipo de cultura es decir; Tenias distinto tipos de vecinos y amigo, algunos Arabes, Chinos y Brasileños fundamentalmente que tienen otras tradiciones diferentes a las nuestra que como niño no comprendía.

Otro punto importante a destacar es la comprensión del idioma portugués ya que en la época la mayoría de los canales de televisión eran del Brasil y de ahí que muchos crecimos con programas como el de Xuxa, Sergio Malandro, Angélica y otros por lo que el idioma Portugués no resultase un obstáculo.

Adolescencia: en esta etapa creo que se inició el desprendimiento de los amigos de otras nacionalidades principalmente por el colegio y la mezcla en sí de cultura se vio interrumpida por esa factor y ya hubo una dificultad de acercamiento principalmente a los Árabes, Chinos, Japoneses y demás, no así a los Brasileños por La facilidad del idioma.

En cuanto la como afecto la frontera creo que en forma positiva principalmente por el negocio del comercio floreciente que empezaba a importarnos y de cierta forma empezábamos a interactuar.

Adulto: El hecho de vivir en la frontera como adulto nos abre muchas oportunidades de negocios, no solo a nivel nacional sino internacional ya que estamos conectado con varias personas de diversos lugares y facilita las relaciones. (Ricardo, 40 anos)

Nesse relato, pode-se perceber diferentes momentos, quando criança destaca o choque cultura no momento em que teve o ensino formal mostrava a certa realidade e sua vizinhança (Brasileiros, Árabes e Chineses) demonstravam outros hábitos e costumes. Interessante observar, de maneira retrospectiva, como é para uma criança nascer e viver a fronteira. Pode-se encarar como aula prática de multiculturalismo que, ao mesmo tempo, provoca certo estranhamento aos hábitos e tradições formais, daquilo que se aprende na escola.

Outro ponto destacado, novamente, é a questão da linguagem e a influência que a televisão brasileira trouxe para ele. Nas cidades da fronteira, facilmente se consegue acessar canais de televisão aberta do Brasil, Argentina e Paraguai, ou seja, é possível adquirir hábitos e a linguagem de cada um dos países por meio da programação oferecida pela televisão aberta, como se refere Ricardo.

Já na fase de adulto aparecem mais os interesses relacionados a trabalho e estudo e as oportunidades que a fronteira abriu nesse sentido.

As dificuldades e oportunidades com a língua portuguesa, espanhola e guarani, foram abordadas por Fernanda:

Ter nascido em uma cidade de fronteira foi ótimo, pois tive oportunidades de conhecer duas culturas bem diferentes. Afetou o meu desenvolvimento linguístico e gramático, tanto no espanhol como português. O espanhol sei escrever e ler corretamente, mas o sotaque de falar o espanhol não é igual como deveria ser. O português afetou na escrita como nunca estudei no Brasil e difícil escrever e também pronunciar algumas palavras corretamente. (Fernanda, 23 anos)

Assim, se percebe as dificuldades relacionadas ao domínio da língua para quem nasce na fronteira e tem uma vida multiterritorial, pois, pode parecer, que em nenhum dessas territorialidades você estará identificada por sua língua pátria. Ou seja, se não domina bem a língua portuguesa, no Brasil, pode não ser considerada brasileira. Se não tem uma boa expressão verbal do espanhol, no Paraguai pode não ser reconhecida como nativa. Enfim, o desafio linguístico transfronteiriço parece ter importância, com relação as inúmeras referências feitas pelos entrevistados. Daí a origem das denominações híbridas, como o “portunhol”, o brasiguaio e o brasentinos. Denominações que marcam uma mescla de elementos multiterritoriais.

Sobre o processo linguístico, se percebe a relação com que Santos e Cavalcanti (2008), trazem a partir do estudo realizado com brasiguaio e seu processo educacionais. Muitas vezes tal condição, do ponto de vista linguístico é visto como errado, tendo a hibridização da língua. Segundo as autoras “uma das questões que se evidenciou como mais preocupante para os professores em relação ao desempenho escolar dos alunos “brasiguaio”, durante as entrevistas, foi justamente em relação à língua(gem) híbrida que quase sempre estes apresentam.”

Ocorre que se está habituado a processos monolingüísticos e ao considerar a linguagem híbrida, como o portunhol, isto pode parecer errada e do ponto de vista educacional deve ser eliminado. Na visão das autoras “essa atitude quase sempre contribui para a construção de uma imagem negativa do aluno em relação ao seu próprio desempenho, resultando em uma insegurança quanto à capacidade de escrita e ao sucesso escolar”. (Santos e Cavalcanti, 2008, p. 442)

O portunhol é mais uma “criação” transfronteiriça e denota e conexão da língua com os aspectos identitários relacionados a ideia de nação e de símbolos nacionais, como apontaram os entrevistados.

Por outro lado, foram apontados aspectos mais obscuros de se viver em uma fronteira, como é o caso da Mário ao se referir aos perigos da fronteira:

Familiares que viven en otras zonas del país dicen que donde vivo es peligrosa, zona roja y cosas por el estilo, pero yo no lo considero así, creo que es igual en todos lados. (Mario, 48 anos)

A fronteira é oportunidade para a criminalidade, para a contravenção e tais situações podem trazer a percepção de maior insegurança ou violência. Entretanto, como Mario aborda esta não é a percepção de quem vive na fronteira e sim das pessoas que estão mais distantes.

Existem trabalhos que já se propuseram a estudar as questões de criminalidade e violência na fronteira, com temáticas relacionadas ao tráfico de drogas e armas, a vida e o trabalho dos sacoleiros, a corrupção na fronteira dentre eles se pode citar: Cardin (2010); Abbot (2005); Amaral (2010); Andrade (2009) Ciancio (2005); Naím (2006); Rabossi (2004).

Por fim, e talvez o elemento que mais chama a atenção, é o que vai se chamar aqui de senso de universalidade:

Nascer numa cidade de fronteira influencia muito no seu ponto de vista com relação ao mundo. Embora Foz do Iguaçu seja considerada uma cidade pequena, as ligações com outros países fazem com que ela se torne uma cidade mundial. Além das culturas da Argentina e do Paraguai, a fronteira atrai outras etnias e isso faz com que o cidadão dessas regiões aprenda a tolerância entre povos diferentes e até mesmo passe a aceitar e adotar alguns de seus costumes. Desde a minha infância estou em contato com o Paraguai por ter família em Assunção, de maneira que a cultura paraguaia sempre esteve dentro de casa. Com isso, eu tive a chance de perceber as formas como a história de um país pode influenciar nas relações sociais, o que me fez ter mais respeito e compreensão pelas nossas diferenças. (Camila, 26 anos)

El haber nacido en una ciudad fronteriza me ayudo fundamentalmente a tener una mente mucho más abierta. (Joaquin, 20 anos)

Tanto Camila quanto Joaquin se referem ao nascer e viver na fronteira como oportunidade de ter a “mente mais aberta” e ter maior aceitação da diversidade, o que se reflete em tolerância às diferenças e ao outro. Tal situação já apareceu em outras análises que foram realizadas nesta pesquisa e se denominou senso de

universalidade. Faz parte do viver transfronteiriço uma maior compreensão da totalidade, das diferenças ou da universalidade, expressa pelas diferentes pessoas, culturas, hábitos, costumes e tradições.

Quem nasceu na fronteira, desde sempre, foi compelido a viver com as diferenças, sejam elas quais forem, e isto auxiliou na construção de identidades que dentre suas características se colocam como pessoas mais tolerantes e acessíveis, ou melhor, com um senso maior de universalidade.

É óbvio que isto não pode ser generalizado para todos os habitantes desta e de outras fronteiras, mas não se pode negar as evidências que nossos entrevistados trouxeram ao longo desta pesquisa. As pessoas têm vivências e experiências diferentes em qualquer territorialidade, mas o viver a fronteira parece oportunidade de desenvolvimento de uma “mente mais aberta” ou de um senso maior de universalidade.

4.6 OS HIBRIDISMOS BRASIGUAIOS E BRASENTINOS

O viver na fronteira cria condições híbridas em termos identitários. No caso específico das TTI, surgem duas designações, que é o caso dos Brasiguaios e dos Brasentinos, que irá se discutir a partir daqui. Será apresentado aqui mais uma evidência do viver transfronteiriço, onde elementos de dois países são agregados, formando uma nova designação para um conjunto de pessoas nas TTI. (Sprandel, 2006; Alves, 1990; Batista, 1990; Rabossi, 2004; Santa Bárbara, 2005; Wagner, 1990)

Os Brasiguaios são originalmente definidos como aqueles camponeses brasileiros que se transferiram para o Paraguai nos anos de 1970, cerca de 500 mil pessoas, expulsos pelas novas plantações de soja e a própria construção da Usina de Itaipu. Esses grupos chegam ao Paraguai em busca de terras baratas para continuar sua atividade produtiva. Já no novo território, enfrentam problemas relacionados à documentação, legalização da sua atividade, disputa e conflitos com produtores locais, dentre outros. Por outro lado, encontram-se os empresários ricos,

atraídos pelos baixos preços das terras e pela permissão de compra destas terras por estrangeiros.

Ocorre que tal grupo passou por uma transformação desde então, mas mantém a mesma denominação de brasiguaios, porém é um grupo mais heterogêneo de brasileiros que moram no Paraguai.

Segundo Sprandel (2006), tais grupos podem ser subdivididos e caracterizados de forma separada:

- a) Brasileiros no Paraguai como camponeses em situação de injustiça: este grupo refere-se aos camponeses expulsos das terras do Sul do país pela monocultura da Soja e se transferem ao Paraguai pelas oportunidades na agricultura e facilidades oferecidas pelo governo. Enfrentam problemas com a legalização das terras e acabam passando por crises sociais, o que ocasionou o fato de voltarem para o Brasil, em situação de pobreza, passando a fazer parte do Movimento dos Sem Terra (MST) e outras organizações sociais.
- b) Brasileiros no Paraguai como grupo étnico em situação de fronteira: este grupo é reconhecido como os agricultores que vão para o Paraguai e acabam se estabelecendo, registrando seus filhos como paraguaios, colocam seus filhos em escolas paraguaias e os educam segundo a língua e a cultura desse país. Usam a denominação brasiguaios para estabelecer lutas políticas e sociais visando melhores condições de vida e trabalho em terras paraguaias.
- c) Brasileiros e paraguaios em situação de interação – a dinâmica das identidades nacionais: neste caso os brasiguaios se juntam aos paraguaios para estabelecer movimentos organizados sobre os conflitos da terra e as disputas por aprovação de leis de segurança na fronteira. Nessa condição, os brasileiros se colocam como paraguaios e junto a eles passam a fazer pressão sobre o governo central pelos seus direitos e reivindicações.
- d) Espaço Brasiguai: defende a criação de um espaço brasiguai na América do Sul, compreendida pela fronteira Brasil-Paraguai, um espaço

que não é totalmente paraguaio nem tampouco brasileiro, um território de contato entre estruturas territoriais locais, favorecendo uma integração econômica e política dessa territorialidade.

- e) Brasileiros no Paraguai como grupo linguístico: este cenário se refere ao processo linguístico enfrentado pelos filhos de brasiguaios, que são alfabetizados no Paraguai com a língua espanhola e o guarani, mas ao retornarem ao Brasil precisam dar conta da língua portuguesa escrita, que não dominam.
- f) Brasileiros no Paraguai como brasileiros no exterior: já este grupo de brasiguaios se refere às pessoas que emigraram do Brasil em busca de oportunidades de trabalho. Os brasileiros no Paraguai são o segundo maior grupo de emigrantes, só perdendo para os brasileiros que vivem nos EUA. Basicamente, esse grupo é formado por agricultores ou profissionais da agricultura. Mais recentemente se percebe uma emigração de empresários industriais do Brasil indo ao Paraguai para obter os benefícios da Lei Maquila.

Dessa forma, percebe-se que os grupos de brasiguaios são heterogêneos e ao longo dos anos foram ganhando novas conformações, de acordo com as mudanças no cenário econômico e político, tanto do Brasil quanto do Paraguai.

Sobre o processo identitário desses indivíduos, se pode afirmar que eles fazem parte de uma vida transfronteiriça, no momento em que apreendem elementos culturais e territoriais diversos para a formação das suas identidades. Vários dos entrevistados desta pesquisa se autodesignam brasiguaios. Esta condição extrapola as teorias de identidade nacional (Schneider, 2004; Mota, 2009), pois além os elementos nacionais parecem não ter preponderância na constituição e consolidação das identidades.

Uma das primeiras características desse grupo é o processo multilinguístico, conforme aponta Sprandel (2006):

No âmbito dos aspectos socioculturais, são características de grande parte dos brasiguaios, em especial aqueles com raízes no sul do Brasil: o aspecto multilíngue – decorrente da vivência da fronteira –, e o processo identitário de alguns alunos brasiguaios no contexto escolar. Muitos filhos de brasileiros migraram para o Paraguai e retornaram ao Brasil, se fixando em Foz do Iguaçu e cidades vizinhas, tem como primeira língua, o português,

mas foram alfabetizados no Paraguai em Espanhol e Guaraní. Quando chegam as escolas brasileiras esses jovens precisam fazer uso da língua portuguesa escrita, que não dominam. (Sprandel, 2006, p. 121)

Portanto, o processo de multiapropriações dos brasiguaios começa na questão linguística, mas se estende a aspectos culturais, hábitos de vida e tradições dos três países da fronteira, mas especificamente entre Brasil e Paraguai. Haesbaert apresenta a descrição do cotidiano de um brasiguai:

Um migrante brasileiro no leste do Paraguai, um “brasiguai” pode estar residindo num município paraguaio dirigido por um prefeito brasileiro, cultivando numa propriedade agrícola que paga impostos ao Paraguai, assistindo a Rede Globo todas as noites, falando mais português do que espanhol ou desconhecendo uma das duas línguas oficiais nacionais, o guarani, torcendo pelos times de futebol brasileiros, como o Internacional ou o Grêmio, realizando determinado tipo de compra, utilizando periodicamente serviços (como o médico-hospitalar) e votando (pois não transferiu o título) do outro lado da fronteira. Esse “ir e vir” ou esse trânsito entre diferentes territórios – e territorialidades, enquanto referências simbólicas – pode representar, no fim das contas, a construção de uma espécie de multi ou mesmo transterritorialidade. Isso tanto no sentido mais estritamente político de usufruir de dois ou mais territórios ao mesmo tempo quanto no sentido do poder simbólico proporcionado por sua condição “transidentitária” – a ambígua condição de “brasiguai” permitindo-lhe acionar mais de uma identidade territorial, dependendo das estratégias de poder que estiverem em jogo. (HAESBAERT, 2104, p.272)

É possível perceber que os limites fronteiriços Brasil – Paraguai não estão nada claros na vida de brasiguaio, pois, mesmo vivendo em território paraguaio, educados em escolas oficiais, vivem uma vida dupla e, de acordo com as conveniências, fazem uso da sua identidade brasileira ou paraguaia. É a evidência da transterritorialidade ou neste caso da transfronteiricidade que acaba tendo suas consequências nos aspectos identitários. Nesta pesquisa, a condição foi identificada no tópico “Onde você nasceu?”, pois ao mesmo tempo em que se tem uma simples pergunta, as respostas que foram obtidas em nada são simples, na verdade demonstram a transfronteiricidade e a multiapropriação de elementos na formação e construção de identidades.

Já os brasentinos são identificados como aqueles grupos de brasileiros que foram empurrados do Sul do Brasil pelas plantações de soja e procuram a Argentina para estabelecer sua atividade econômica da agricultura. Estima-se que desde 1970 mais de 30.000 brasileiros vivem na província de *Misiones* (da qual pertence a cidade de Puerto Iguazu), vivendo basicamente da agricultura.

Este grupo é menor do grupo de brasiguaios e por esse motivo o número de estudos acadêmicos dessas populações acaba sendo menor.

Carneiro (2016), sobre os brasentinos, observa que:

...é importante destacar que existem diferenças socioculturais entre os contingentes de brasileiros residentes na Argentina. O perfil do brasentino que vive em Misiones é o de indivíduos normalmente oriundos dos estados do sul do Brasil, como ocupação laboral no setor primário, em atividades rurais, enquanto os residentes na Província de Buenos Aires e na Capital Federal estão ocupados majoritariamente em atividades laborais urbanas, no setor terciário da economia, sendo provenientes de diversos estados brasileiros.(CARNEIRO, 2016. P.111)

Outra observação para a diferença entre os brasiguaios e brasentinos consiste na presença das representações oficiais brasileiras (consulados). Em Ciudad del Este, o Brasil conta com um Consulado-Geral do Brasil nessa cidade para atendimento da população de brasileiros que vivem ou passam pela cidade. No caso de Puerto Iguazú esta representação não existe, ficando o consulado brasileiro somente na capital da Argentina, em Buenos Aires.

A designação brasentinos denota a mescla de elementos do Brasil e da Argentina e oferece aos indivíduos oportunidades de multiapropriações identitárias, mais uma evidência da construção do viver transfronteiriço.

Portanto, esses grupos sociais de brasentinos e brasiguaios, além das questões de mobilidade especial e da imbricação territorial que estão imersos, são profundamente afetados por movimento identitários complexos que buscam mesclar elementos de diferentes naturezas (territoriais, étnicas, nacionais, religiosas) para a formação das identidades e o seu uso em distintas manifestações, de acordo com o grupo social ou momento histórico. Por um lado, o uso de mais de uma identidade pode ser um recurso, mas por outro está relacionado com os “contornamentos” próprios da condição fronteiriça, ou seja, de acordo com vantagens econômicas, sociais ou políticas estas identidades são acionadas para a obtenção de determinados benefícios (Telles, 2010 e Haesbaert, 2014).

Essa condição dos brasiguaios e dos brasentinos está de acordo com as modernas teorias de identidade, que se pesquisou no início desta pesquisa (Baumann, 2004; Giddens, 2002; Jenkins, 2008).

4.7 A RESPOSTA DA SIMPLES PERGUNTA: “ONDE VOCÊ NASCEU?”

Uma das questões que merece destaque na análise das entrevistas de história de vida realizadas é a última pergunta realizada aos sujeitos da pesquisa: Onde você nasceu? Esta parece ser uma simples pergunta, que oferece, normalmente, uma simples resposta para ela. Mas para os nascidos nas TTI a resposta parece não ser tão simples e objetiva, como foi verificado na sequência.

Nas respostas a esta pergunta, pode-se identificar claramente os elementos da vivência transfronteiriça, que é o objeto maior desta pesquisa.

As respostas mais comuns a essa pergunta são aquelas que demonstram mistura de características para uma questão que normalmente seria muito simples, como nos exemplos abaixo.

Na resposta da Rafaela, se percebe a identificação com os dois países, pois em parte ela nasceu em um país, mas vive em outro, e isso faz com que ela se refira as duas territorialidades quando se perguntou onde nasceu,

“Costumo responder brasileira mas com um pouco de paraguaia, pois nasci no Brasil e vivi a maior parte de minha vida no Paraguai, e sempre gostei dos dois países.” (Rafaela, 19 anos)

Percebe-se a incorporação de mais de um elemento na sua definição identitária, colocada na expressão “mas com um pouco”. Nesse sentido, percebe-se a necessidade da Rafaela em se referir aos dois países (Brasil e Paraguai) como elementos que constituem sua subjetividade ou seu local de nascimento. E esta fala está associada ao sentimento de satisfação pelo fato de dizer que gosta dos dois países. Aqui percebe-se a característica do viver transfronteiriço que trataremos como o multipertencimento, ou seja, os sujeitos das TTI se referem com muita facilidade a mais de uma territorialidade como formadores da sua identidade ou mesmo para se referir em onde nasceram.

Parece ser uma resposta objetiva dizer onde se nasceu, espera-se sempre uma resposta que designa um lugar. Mas aos que nascem na transfronteira, percebe-se facilmente o multipertencimento.

Observa-se tal condição com Sharon:

Yo nací en Brasil, pero vivo en Paraguay ya que mis padres se encuentran allí” (Sharon, 19 anos)

Apesar de ter nascido no Brasil, Sharon faz referência ao Paraguai, país onde vive e onde está localizada sua família. Nessa condição, o Brasil está referenciado apenas como o local físico do nascimento, mas a referência com o Paraguai é mais forte em termos identitários. Uma opção de Sharon seria falar objetivamente que é paraguaia ou nasceu no Paraguai, mas ao dizer que nasceu no Brasil ela faz questão de se referir ao país como elemento da sua subjetividade, demonstrando, mais uma vez, o multipertencimento.

Numa outra face dessa pergunta, tem-se a resposta da Camila:

Digo que nasci em Foz do Iguaçu, sou brasileira. Caso questionem a minha aparência física ou o meu sobrenome, digo que tenho descendência paraguaia e argentina. Para quem vive na fronteira, essa informação é comum, mas quando é um cidadão de outra cidade que me faz essa pergunta, há uma curiosidade em compreender como se dá essa relação entre países, especialmente com relação a trabalho e criminalidade. (Camila, 26 anos)

Camila traz já uma explicação para suas características físicas a partir da pergunta de onde nasceu. Apesar de ter nascido em Foz do Iguaçu parece, em função dos seus traços físicos e por seu sobrenome, que a identificam como paraguaia ou argentina. Pode-se depreender que suas características físicas ou mesmo seu sobrenome chamem a atenção das demais pessoas quando ela aborda que nasceu no Brasil. Assim, a descendência paraguaia e argentina explicada para as demais pessoas e denota forte elemento de transfronteiridade ao relato da Camila.

Ela traz a curiosidade que essa condição desperta em pessoas que não nasceram nesta territorialidade. De fato, chama a atenção como esses elementos transterritoriais se relacionam na vida das pessoas que nascem e moram na fronteira. Certamente, esta vivência é diferente daquelas pessoas que não conhecem ou vivenciam essa realidade. E a dita condição é retratada por Camila.

Nessa mesma direção, obtém-se a resposta da Stephanie para a pergunta:

Normalmente respondo que sou brasileira, mas sempre comento que possuo família que mora no Paraguai e Argentina, falando em algumas vezes que sou "brasiguia. (Stephanie, 26 anos)

A resposta de Stephanie traz detalhes interessantes do ponto de vista da vivência transfronteiriça. A primeira condição está na palavra “normalmente” que reflete uma situação em que possivelmente a resposta mude, de acordo com quem está perguntando, ou seja, por ora ela pode ressaltar sua condição de brasileira, em outros momentos, quando isto parece ser mais interessante, ressaltar sua condição de “brasiguiaia”. Esta palavra mostra certa flexibilidade, ou melhor, uma adaptabilidade da sua identidade, de acordo com determinados interesses ou mesmo estruturas de poder.

Outro aspecto é que Stephanie traz a condição de brasiguiaia, que já foi discutida no tópico anterior, mas, mais uma vez apresenta a condição transterritorial, de querer ser reconhecida como paraguaia e, ao mesmo, tempo brasileira. Certamente isto se dá, pela origem da sua família, como ela se referiu no seu relato.

Cabe destacar que Stephanie elenca elementos familiares do Paraguai e da Argentina, ampliando mais seu multipertencimento quanto aos três países das TTI. Para deixar tal condição em enfatizada, ela usa a expressão “sempre comento”, como determinação que relata a importância desta influência familiar multiterritorial.

De certa forma, pode-se apontar que o multipertencimento tem relação com aquilo que outros autores propõem como múltiplas identidades ou identidades em curso (Baumann, 2004; Hall, 2006; Jenkins, 2008).

Já a Fernanda mostra a condição da transterritorialidade na sua identidade, mas procura ressaltar o orgulho pelo Paraguai:

Sou Paraguaia filha de Brasileiros, nasci no Paraguai, e tenho muito orgulho da minha nacionalidade, pois é um País incrível para viver, um País de oportunidades. (Fernanda, 26 anos)

Ao falar que é paraguaia, filha de brasileiros, Fernanda faz questão de enfatizar as raízes da sua identidade, ressaltando sua transfronteiricidade, ao mesmo tempo em que ela relata seu orgulho em ser paraguaia e/ou de ter nascido nesse país, enfatizando ser um país de oportunidades e excelente para se viver.

Pode-se perceber mais uma característica do viver transfronteiriço, que está na condição de que, mesmo reconhecendo sua nacionalidade e ter orgulho do país onde vive, o sujeito aceita e reforça outros elementos identitários, de outra nacionalidade ou de outra identidade nacional ou étnica. Isto demonstra maior aceitação da diversidade e tolerância com as diferenças, pois ao incorporar na sua

subjetividade estes elementos, o indivíduo se torna mais flexível com a identidade do outro. Apesar de considerar o “outro” um diferente, ele talvez não seja tão diferente do “eu”, principalmente quando é percebida uma miscigenação ou uma hibridização identitária.

Assim, ao mesmo tempo em que o nacionalismo é referenciado, um sentimento de maior compreensão com as diferenças é perceptivo na vida transfronteiriça. É a condição do estar-entre, proposto por Haesbaert (2014), que será explorada no próximo tópico.

No relato de Joaquin, pode-se aprofundar tais reflexões sobre o estar-entre, a transterritorialidade e a formação de uma vivência transfronteiriça:

...apesar de haber nacido en Argentina cuando muchas veces me preguntan de donde soy yo respondo "de la triple frontera" porque es ahí donde vivo, mi vida se reparte en este punto, en tres países y me considero muy afortunado al haber nacido en la frontera y poder aprovechar tan increíble lugar (Joaquin, 20 anos)

Na resposta de Joaquin, já é possível perceber elementos do viver transfronteiriço, pois ele coloca, apesar de ter nascido na Argentina, amplia sua área de abrangência levando em conta toda a tríplice fronteira. Ou seja, ele coloca como se tivesse nascido nessa região, maior do que seu próprio país, ou melhor, nasceu em uma transterritorialidade ou na transfronteira. Isso se deve, basicamente, à percepção dos sujeitos de que a tríplice fronteira e as facilidades de mobilidade, de fato, marcam o local de nascimento do sujeito.

Seu discurso mostra como uma identidade pode ir além das fronteiras e das identidades nacionais (Jurt, 2012; Schneider, 2004 e Cheloti, 2010). No momento em que é perguntado ao indivíduo onde ele nasceu, sua primeira reação é falar do seu país, mas logo na sequência percebe-se uma explicação maior, que engloba a territorialidade vivida por este sujeito, no caso as TTI. Joaquin traz outro elemento importante que é o que sua vida se dá nos três países, ou seja, de acordo com suas necessidades e interesse, ele tem a liberdade e a mobilidade de transitar por essa territorialidade, se referindo que é ali que ele vive.

Ademais, Joaquin finaliza trazendo o elemento de satisfação em ter nascido nessa condição da tríplice fronteira, que considera um lugar incrível.

Já Mário foi além da condição das TTI, ao ampliar sua percepção de que nasceu no planeta terra:

*Digo de Paraguay, pero quisiera responder soy del mundo, del planeta tierra
(Mario, 48 anos)*

Talvez sua resposta seja significativa ao mostrar que o habitante da tríplice fronteira tem mais facilidade em percepção que é cidadão do mundo, haja vista que sua vida diária se estabelece em três países simultaneamente. Ou seja, o sujeito amplia seu mundo pessoal para além do país em que nasceu e da sua identidade nacional.

De maneira geral, estas respostas complexas para a simples pergunta têm embasamento teórico na condição da multiterritorialidade e transterritorialidade (Haesbaert, 2014; Saquet, 2009, Carneiro, 2016) vivenciadas por estes indivíduos. Está é uma demonstração das consequências do processo da territorialidade nas identidades pessoas.

Uma das características da vivência transfronteiriça parece ser a de maior tolerância e compreensão das diferenças e a diminuição dos regionalismos e nacionalismos. Pode parecer paradoxal, mas o habitante da transfronteira respeita, valoriza e reconhece as diferenças culturais e locais ao mesmo tempo em que sabe transitar entre os diferentes países sem triunfalismos ou supremacias nacionais.

Por outro lado, cada indivíduo percebe a fronteira de uma determinada forma e assim, serão encontradas respostas simples para essa pergunta de onde você nasceu, como nos exemplos abaixo:

“Em Foz do Iguaçu, ou em ser brasileiro, somente.” (Giderlei, 37 anos)

“Paraguay - Ciudad del Este” (José, 32 anos)

“Puerto Iguazú, Argentina” (Mercedes, 42 anos)

“Foz do Iguaçu” (Amanda, 19 anos)

“Paraguay, nací em Ciudad del Este – Paraguay” (Débora, 21 anos)

Desta maneira, pode-se caminhar para propor algumas características de um viver transfronteiriço, ou seja, como as pessoas experimentam e percebem o viver a fronteira.

4.8 VIVER A FRONTEIRA: AS CARACTERÍSTICAS DO VIVER TRANSFRONTEIRIÇO

Depois das análises realizadas a partir dos discursos, procurou-se agora reunir, neste tópico, características desta vivência transfronteiriça, que é o objeto central desta pesquisa.

Nos excertos anteriores, foi possível visualizar uma série de características dos sujeitos que nascem e moram na fronteira, quando se pensa nas suas identidades. É certo que essa temática é extremamente complexa e em nenhum momento se quer reduzir a formação das identidades destes indivíduos a determinadas características. Por outro lado, o viver na fronteira é diferente de qualquer outra realidade e torna-se válido compreender as diferenças desse fenômeno que se está estudando.

Assim, procurou-se propor teoricamente características do viver transfronteiriço, baseado no multipertencimento, nas apropriações transfronteiriças, no binômio liberdade- flexibilidade, nas aproximações, confrontos, (re)definições e (re)afirmações, e por fim, no estar-entre. Cada um destes itens é apresentado na sequência com a ideia de se compreender características do viver transfronteiriço.

4.8.1 Multipertencimento

Uma das características que mais apareceu nas entrevistas realizadas é o que se denomina de multipertencimento, que seria a condição do indivíduo sentir-se pertencente a mais de uma territorialidade, bairro, cidade ou, neste caso, país. Essa situação vai além daquelas teorias que foram estudadas relacionadas à identidade territorial ou mesma à identidade nacional, pois o sujeito, de fato, de sente parte de diferentes contextos. É a condição das multi ou das transterritorialidades aplicada ao contexto identitários.

Como pode-se perceber, os indivíduos nascidos na fronteira, de acordo com suas necessidades, motivações, interesses e jogos de poder, utilizam suas referências de pertencimento a um determinado país ou cultura, ou seja, alteram

suas referências de pertencimento sempre que se mostre mais vantajoso para ele. Quando fazem isso, aceitam viver e ter como referência pessoal mais de uma territorialidade, muitas vezes antagônicas ou com diferenças culturais marcantes.

Ao compreender como ocorre tal processo de multipertencimento nos sujeitos, verifica-se que as origens podem ser distintas, de acordo com a pesquisa, por exemplo:

- a. Familiar: quanto os integrantes da família são de origens de países diferentes na fronteira, por exemplo, avós maternos paraguaios, avós paternos argentinos e pais brasileiros. A educação e a convivência familiar transfronteiriça fazem com que o indivíduo acabe desenvolvendo um multipertencimento em função das suas referências familiares;
- b. Social: percebe-se que o grupo social (de amigos, de colegas de trabalho) pode ser outra fonte do multipertencimento. O fato de você conviver com pessoas de diferentes referências territoriais pode desenvolver o senso de multipertencimento. É o caso do indivíduo ter como vizinho, ou amigos próximos, pessoas de diferentes nacionalidades e culturas;
- c. Educacional: os modelos educacionais de diferentes países acabam trazendo múltiplos elementos que desenvolvem o multipertencimento no indivíduo. Como exemplo, tem-se os brasileiros que estudaram em escolas paraguaias, aprenderam seus símbolos, tradições e língua e com isso ampliaram sua referência de pertença;
- d. Econômica: esta condição foi trazida em função das mudanças econômicas que se passam nas cidades fronteiriças e de acordo com a valorização de uma moeda ou de determinado produto ou serviço o indivíduo pode alterar suas referências de pertencimento.
- e. Legal: aqui se trata da condição da cidadania, da nacionalidade utilizada de maneira a tirar vantagens da condição de

multipertencimento. É o caso dos brasileiros que vivem no Paraguai, mas se aposentam no Brasil utilizando sua nacionalidade brasileira.

Como se pode perceber, a condição do multipertencimento vai desde uma situação mais simbólica, própria das relações interpessoais até uma condição mais interessada em jogar com as múltiplas referências para vantagens pessoais.

No dia a dia dos indivíduos da fronteira, esse multipertencimento pode ser percebido de diferentes formas:

- a) no uso dos recursos linguísticos (espanhol, português, guarani, yopará, “portunhol”);
- b) nos hábitos de alimentação dos diferentes países da fronteira (exemplo: o tererê, o mate e o chimarrão);
- c) no uso de documentação brasileira, paraguaia ou argentina, conforme a situação;
- d) na maneira como a pessoa se refere as suas características pessoais, de personalidade;
- e) nos elementos culturais como músicas, programas de televisão, modismos.

De qualquer forma, os relatos produzidos pelas entrevistas marcam o multipertencimento como uma das características dessa vivência transfronteiriça. Os entrevistados, inclusive, fizeram referência que gostariam de ser identificados como da “tríplice fronteira” fazendo referência aos três países simultaneamente. Esse excerto retrata exatamente o que se quer dizer com o multipertencimento.

4.8.2 Apropriações Transfronteiriças

Outra característica verificada nas identidades transfronteiriças é as apropriações transterritoriais, ou seja, na perspectiva da identidade territorial os indivíduos da fronteira utilizam elementos transfronteiriços para suas apropriações identitárias. As referências do indivíduo não são apenas o conjunto de recursos

disponíveis na sua nacionalidade ou na sua territorialidade, ele utiliza recursos que avançam as fronteiras do Estado para (re)constituir sua identidade pessoal.

Essa característica é evidente nos relatos e trouxe a participação ativa na apropriação desses elementos. Os entrevistados trazem que apropriam os elementos disponíveis conforme o consideram positivo ou de alguma maneira de identificam com ele. Isso confere uma ação bastante ativa na formação das identidades, utilizando os elementos disponíveis nas multiterritorialidades para tal ação.

A diferença está em que essas apropriações atravessam a fronteira nacional e busca elementos transfronteiriços, ampliando as possibilidades de referências identitárias. A condição percebida vai ao encontro do que Haesbaert (2014, p.86) assevera:

O território, como espaço focalizado a partir das relações de poder, seja de dominação, seja de apropriação (nos termos de Lefebvre), manifesta hoje um sentido multiescalar e multidimensional que só pode ser devidamente aprendido dentro de uma concepção de multiplicidade, tanto na perspectiva da convivência de múltiplos (tipos) de território quanto a construção efetiva da multiterritorialidade. Toda ação que se pretenda transformadora hoje, necessita, obrigatoriamente, encarar esta questão: por mais que a desordem capitalista pretenda uniformizar nossos espaços, se não trabalharmos com a multiplicidade de nossas territorializações, não se promoverá nenhuma transformação efetiva. (HAESBAERT, 2014, p.86)

Nesse contexto é que surgem as denominações que se estão acostumados a ouvir na fronteira, como, por exemplo, a condição dos “brasiguaios”, dos “brasentinos”. Estas denominações denotam que foram utilizados elementos transfronteiriços para a constituição das identidades e da forma como a pessoa de auto referência.

Para essas apropriações transfronteiriças foram citados elementos como: língua, hábitos nacionais, tradições, costumes alimentares e características específicas de cada nacionalidade.

4.8.3 O binômio Mobilidade-Liberdade

O binômio mobilidade-liberdade a condição que os entrevistados relataram ao se referirem à vivência da fronteira. O sentimento de liberdade proporcionado pela fácil mobilidade transfronteiriça faz parte das características dessa vivência transfronteiriça. A liberdade do ir e vir na fronteira é o que faz o indivíduo transitar entre as diferenças e apreender novos conhecimentos e experiências.

Essa parece ser uma condição para se considerar a territorialidade uma transterritorialidade, a facilidade do acesso à mobilidade das pessoas entre os diferentes lados da fronteira. Em termos da identidade, é esse movimento que permite que o indivíduo faça as suas multiapropriações.

Nos relatos se nota como marco para a vivência da transfronteiricidade a construção da Ponte da Amizade (1965) e a Ponte da Fraternidade (1985) como formas de facilitar o acesso e o trânsito na fronteira. Nesse ponto de vista, se percebe a importância para a integração da territorialidade a construção da terceira ponte, que está prevista para ser construída, ligando ao mesmo tempo, os três países da fronteira.

A mobilidade e o acesso facilitam a interação entre as pessoas, possibilitando acesso a experiências novas nas diferentes cidades da fronteira. E quanto mais fácil é o trânsito, mais interações são realizadas tendo consequências na construção das identidades. Nos relatos, isto pode ser observado nas referências de maior facilidade de acesso à fronteira Brasil-Paraguai quando comparada à fronteira Brasil-Argentina. Neste mesmo sentido, pouco foram as menções do trânsito entre Paraguai-Argentina, pois ele só ocorre por meio de embarcações fluviais, o que dificulta o trânsito e o acesso.

Esta condição é que Haesbaert compreende como viver no limite:

Abordamos assim a ideia de um “viver no limite”, que tem dupla conotação de, primeiro, num sentido mais abstrato experimentar uma situação limite, viver no limiar do novo – seja para melhor, seja para pior – e, segundo, num sentido mais concreto, vivenciar uma condição de passagem constante entre fronteiras, entre limites espaços-socialmente reconhecidos, isto é, entre diferentes territórios – pois o limite, como já indicava Heidegger, não é onde algo termina, mas onde “começa a ser” (HAESBAERT, 2014, p.273)

Para o transfronteiriço ocorrer as facilidades no acesso têm que ser melhores estudadas, não se trata da eliminação das fronteiras, mas sim de integração e inteligência a favor do maior trânsito de pessoas entre os países da fronteira. A fronteira não pode deve ser vista como um fim, mas sim como oportunidade de encontros, diferenças e diversidade.

4.8.4 Adaptabilidade e Flexibilidade

Outro ponto que se pode observar como característica da vivência transfronteiriça é a condição da adaptabilidade e da flexibilidade identitária. Como se percebe, a partir do multipertencimento e das apropriações múltiplas o indivíduo vai desenvolvendo uma capacidade de ser flexível a diferentes contextos, sempre procurando melhor adaptação à pessoas, lugares e situações. Trata-se da habilidade do indivíduo viver bem em condições das quais não está naturalmente acostumado, sem desequilíbrios ou dificuldades.

Essa condição diz respeito principalmente aos aspectos culturais, hábitos, costumes e formas comportamentais de diferentes grupos sociais. É a condição de procurar as melhores respostas comportamentais para estar de acordo com o que é compartilhado por todos naquele grupo social. Como exemplo, pode-se citar o uso dos recursos linguísticos, as tradições culturais, os hábitos alimentares, dentre outros.

Assim, se reconhece a facilidade em lidar com mudanças. Como se pode analisar nas falas dos entrevistados, o viver na fronteira, para maior parte deles, é visto como oportunidade de aprendizagem das diferenças, ou seja, as mudanças são vistas como positivas e como oportunidades. A maneira como o indivíduo encara mudanças, mostra sua capacidade de se adaptar a circunstâncias diferentes dos habituais e no caso específico desta pesquisa, os indivíduos parecem ter uma reação positiva ao vivenciar as diferenças e mudanças.

Desta maneira, as características que foram trabalhadas até o momento e a condição da adaptabilidade leva a outra faceta da vivência transfronteiriça, que se denomina de senso de universalidade.

4.8.5 Senso de Universalidade

O senso de universalidade traz as características de um viver transfronteiriço que se caracteriza por uma melhor compreensão daquilo que é universal ou que procura compreender melhor a abrangência total. A universalidade nesse caso está relacionada ao que os entrevistados se referiram como “uma mente mais aberta”, a aceitação das diferenças, ser mais tolerante com o outro.

De certa forma, desenvolver uma identidade em contexto transfronteiriço para conferir ao indivíduo a capacidade maior de vivenciar a diversidade, compreender as diferenças que se tem entre culturas, hábitos, costumes e de certa forma até mesmo integrar determinadas características na sua identidade pessoal. Seria, talvez, a raiz bioantropológico do homem, como Morin (1995) faz referência:

As diferenças nascidas da diversidade das línguas, dos mitos, das culturas etnocêntricas ocultaram a uns e a outros a identidade bioantropológica comum. As barreiras protetoras de cada cultura fechada em si mesma durante a diáspora da humanidade têm doravante efeitos perversos em nossa era planetária: a maior parte dos fragmentos da humanidade, hoje em comunicação, tornou-se inquietantes e hostis uns aos outros exatamente por causa dessa comunicação... A nação e a ideologia edificaram novas barreiras, suscitaram novos ódios. Donde a necessidade primordial de desocultar, revelar, na e através da sua diversidade, a unidade da espécie, a identidade humana, os universais antropológicos. (Morin, 1995, p. 60)

Ao conviver com diferenças, proporcionadas pela fronteira, o homem reconhece a humanidade do outro e compreende que as diferenças na língua, na cultura e no hábito, na verdade, escondem um mesmo ser humano, o que cria identificações e aproximações.

As diferenças fazem parte da fronteira e tal convívio cotidiano, de certa forma, naturaliza estas diferenças e aumento o senso de universalidade do indivíduo. O viver transfronteiriço, ao mesmo tempo, acomoda as referências nacionais e dos outros países, em função do multipertencimento e das múltiplas apropriações, que já foram feitas referências nesta pesquisa.

4.8.6 As aproximações, os confrontos, as (re)definições e as (re)afirmações

O viver transfronteiriço é um movimento dinâmico, proporcionado pela condição da fronteira e dos limites e permite que o indivíduo pela sua própria decisão e vontade possa realizar transformações identitárias, por exemplo, de:

- a) Aproximações: o dinamismo que se vive na territorialidade transfronteiriça favorece maior contato e movimentos de identificação com o outro e com as diferenças;
- b) Confrontos: por outro lado, a diferença mostra aquilo que não se é ou talvez aquilo que se quer ser, e a partir daí se estabelecem mudanças e crises. A fronteira é um amplo campo das diferenças (de culturas, de pessoas, de ideias, etc) o que possibilita o desenvolvimento de maior senso de universalidade;
- c) (Re)definições: a partir dessas aproximações e confrontos vai-se definindo ou mesmo redefinindo suas características identitárias. Quem nós somos enquanto indivíduos, o que faz parte da identidade, o que nos desidentifica? Estas certamente são questões que permeiam a construção do viver transfronteiriço;
- d) (Re)afirmações: e por fim, todas estas vivências vão sendo apropriadas pelo indivíduo que incorpora na sua forma de viver.

A vivência transfronteiriça traz maior movimento para esta construção identitária, pela própria condição da fronteira e da diversidade que se encontra.

Quando se pensa em uma condição análoga, de poucas mudanças e transformações, em uma territorialidade onde as estruturas de poder, classes sociais e referências culturais permanecem intactas ao longo dos anos. Pensar em identidade nesta situação parece bem mais estável e inabalável, bem distinto da condição da fronteira, em especial as TTI.

4.8.7 O estar-entre

O termo utilizado por Haesbaert (2014) parece bem adequado para designar outra característica do viver transfronteiriço, analisada por meio das entrevistas realizadas. O estar-entre seria a condição no qual as pessoas que vivem na fronteira se colocam nessa multiterritorialidades, dando a ideia de movimento, de acessibilidade de liberdade entre territorialidades. O “estar-entre” representa a condição do indivíduo que quer dizer que ele não está nem aqui, nem ali, ele “*está-entre*” essas duas territorialidades, em um constante ir e vir.

Diferente dessa condição seria o “passar-por” ou “estar-em”, demonstrando a condição de fixação territorial ou mesmo do movimento temporário e efêmero. A ideia está associada a maior consolidação do Estado-Nação, dos nacionalismos e da identidade territorial. Não é o que se percebe na dinâmica transfronteiriça.

Nos relatos dos habitantes da fronteira, além do aspecto da mobilidade-liberdade, já referenciado nesta pesquisa, a condição de viver a transterritorialidade fica evidente, diferenciado da questão da passagem por entre distintas territorialidades da fronteira. Assim, na percepção desses indivíduos, a territorialidades parece não ser delimitado pelas fronteiras estatais, mas a percepção territorial engloba os diferentes limites da fronteira e o território vivido por esses indivíduos é mais amplo que os limites nacionais.

De acordo com Goettert e Mondardo (2009), pode-se considerar essa territorialidade como uma transterritorialidade aberta, passível de incorporação pelo menos parcial da territorialidade “estranha”, do “outro”, dominam aqui as relações de mediação e de negociação. Já a transterritorialidade fechada é aquela marcada pela negação da territorialidade do “outro”, onde predominam as restrições, preconceitos e constrangimentos.

De fato, a condição do *estar-entre* denota uma territorialidade aberta onde faz parte da construção identitária dos sujeitos a incorporação de elementos do “outro”, como se demonstra no tópico apropriações identitárias transfronteiriças. Nos discursos, por exemplo, fica mais caracterizada a condição da territorialidade o como espaço vivido pelo indivíduo, indo além da sua territorialidade nacional para designar seu campo de atuação e vida.

A partir dos dados apresentados nesta pesquisa, procurar-se-á demonstrar o esboço do viver transfronteiriço nas TTI, traçando estratégias e proposições para a consolidação do cenário onde a subjetividade e a territorialidade criam novas formas identitárias, diferentes daquelas tradicionais onde o Estado, ou mesmo o conceito de nação tem papel fundamental nas definições identitárias.

Na literatura estudada, os autores (Hiernaux-Nicolas, 2006; Carneiro, 2016 e Haesbaert, 2014) trazem a dificuldade em se estabelecer uma identidade transfronteiriça, situação percebida como possível entrave para maior integração entre os três países. Como propõe Carneiro:

A cultura e a identidade podem representar entraves mais sério do que a construção institucional, uma vez que elas vão de encontro as formas tradicionais de se conceituar o território, como a sua caracterização através da homogeneidade, por exemplo. No que tange a hipótese de uma região transfronteiriça vir a ser constituída na Tríplice Fronteira Brasil – Argentina – Paraguai, as pré-condições de identificações nem sempre estariam presentes. Contudo, os símbolos da Tríplice Fronteira – rio paraná, Cataratas do Iguaçu, Itaipu, etc -, a bandeira do MERCOSUL, a UNILA e iniciativas locais, ainda que de pouco alcance na m dia, como o Projeto Iguassu – Aguas Grandes, o Fórum Social da Tríplice Fronteira e o Núcleo de Fronteira do Paraná, seriam elemento de apoio   constru o de uma identidade transfronteiriça.(CARNEIRO, 2016, p. 186)

De acordo com essa visão, para a consolida o da territorialidade transfronteiriça seria necessária a constitui o de uma identidade ou como apresentada, certa homogeneidade na manifesta o das identidades dos indivíduos que vivem na fronteira.

Entretanto, a rela o entre homogeneidade e identidade está mais relacionada ao conceito tradicional de identidade, onde determinado grupo de pessoas socialmente relacionadas apresenta um grau de estabilidade e homogeneidade em suas representa es identitárias. Por outro lado, as conceitua es mais modernas de identidade, própria desta realidade globaliza o e multiterritorial, propõem identidades múltiplas.

As heterogeneidades que foram encontradas como característica da popula o fazem parte desse viver transfronteiriço. Um ponto importante na consolida o desta identidade   as políticas públicas e governamentais que aprofundam a integra o e as rela es entre países, ampliando os relacionamentos entre os indivíduos.

Assim, considera-se que a vivência transfronteiriça tem que acomodar as diferenças de cultura, de costumes e de hábitos, tal como se pode observar na análise das entrevistas realizadas nesta pesquisa. Essa condição vai ao encontro do que apresenta Morin:

A diversificação também é psicocultura. Conforme as culturas, manifestam-se tipos dominantes de atitudes, de comportamentos, de agressividade, de complacência, etc. Além do mais, em toda civilização, e particularmente na nossa, cada indivíduo assume personalidades diferentes, conforme seu humor e conforme a pessoa que encontra, ou à qual se submete (filho, pai, esposa, amante, chefe, subordinado, rico ou mendigo); são duas personalidades radicalmente antinômicas num mesmo indivíduo que se manifestam na cólera ou amor. Cada indivíduo, dispõe de uma panóplia de personalidades múltiplas, virtuais mas capazes de se atualizar. Ora, são exatamente essa multiplicidade, essa diversidade, essa complexidade que fazem também a unidade do homem. (MORIN, 1995, p. 59)

Como se demonstra, fazem parte do viver transfronteiriço as características de multipertencimento e apropriações múltiplas, ou de acordo com Morin, uma identidade que permite a integração de possibilidades, capazes de se constituir e se atualizar, de acordo com suas vivências e relacionamentos.

Assim, o que se quer demonstrar aqui é que a diversidade cultural e a heterogeneidade que se encontra como característica marcante desta fronteira, ao invés de ser fator dificultador de uma identidade transfronteiriça é sim um dos pilares de existência da identidade e deve ser levada em consideração para futuras análises. Uma identidade que acomoda distintas representações e que é utilizada de acordo com o momento e necessidade.

Todo este resultado apresentado neste capítulo incitou no autor interesse de se compreender melhor a construção das referências do viver transfronteiriço como base da visão mais universalista da própria sociedade onde vivemos. Com isto, no tópico seguinte ampliou-se as referências do senso de universalidade ou mesmo da cidadania cosmopolita, tendo como parâmetro as experiências que foram descritas neste trabalho, a partir das entrevistas com os moradores das TTI.

4.9 O VIVER TRANSFRONTEIRIÇO: PRINCÍPIO UM SENSO DE UNIVERSALIDADE OU DE UMA CIDADANIA COSMOPOLITA?

Como uma das características do viver transfronteiriço se aponta para o caminho do senso de universalidade, da maior tolerância com as diferenças e do sentimento de compreensão com o outro, a partir da vivência dos habitantes da transfronteiricidade. Desta forma, parece que a vida no ambiente onde as fronteiras-limite não estão claramente definidas pelos sujeitos confere traço identitário mais próximo da realidade do ser humano.

Para estas reflexões procura-se o apoio nas propostas feitas por Edgar Morin (1995), em seu livro *Terra-pátria*, onde o autor aborda a realidade do ser humano como pluridentitária e a terra como sua morada autêntica. Logo, tem-se que resgatar a condição humana, para quem sabe, no futuro, ter-se um mundo com maior senso de universalidade, compreensão do outro e diversidade.

Morin (1995) traz a sua concepção de ser humano:

Cada ser humano é um cosmos, cada indivíduo é uma efervescência de personalidades virtuais, cada psiquismo secreta uma proliferação de fantasmas, sonhos, ideias. Cada um vive, do nascimento à morte, uma tragédia insondável, marcada por gritos de sofrimento, de prazer, por risos, lágrimas, desânimos, grandeza e miséria. Cada um traz em si tesouros, carências, falhas, abismos. Cada um traz em si a possibilidade do amor e da devoção, do ódio e do ressentimento, da vingança e do perdão. Reconhecer isso é reconhecer também a identidade humana. O princípio da identidade humana é *unitas multiplex*, a unidade múltipla, tanto do ponto de vista biológico quanto cultural e individual. [...] sua identidade biológica é plenamente terrestre, uma vez que a vida emergiu da terra, de misturas químicas terrestres em águas turbilhonantes e sob céus de tempestades. E essa identidade físico-química terrestre, inerente a toda organização viva, comporta nela mesma uma pluri-identidade cósmica [...] (MORIN, 1995, p.59)

Pela ideia do autor, reconhecer essa potencialidade em termos de identidade pessoa, ou múltiplas identidades, é reconhecer a natureza real de todos os seres humanos. As diferenças que nasceram das diversidades de línguas, culturas e mitos ocultaram uns aos outros a identidade bioantropológica comum. As barreiras que as culturas fechadas em si mesmo criaram trouxeram efeitos perversos na nossa era planetária: a fragmentação da humanidade. As nações e as ideologias criaram novas barreiras e suscitaram novos ódios, onde a necessidade primordial era a de

desocultar e revelar, através desta diversidade, a unidade da espécie, a identidade humana e os universais antropológicos. (MORIN, 1995)

De certa forma, pode-se relacionar essas ideias de Morin com o que foi encontrado neste estudo, uma fronteira onde o convívio com as diferenças e a diversidade (em termos de culturas, língua, hábitos, costumes) proporcionou aos indivíduos uma identidade que reconhece o ser humano como diferente e que aceita esta condição, com mais naturalidade e não com discriminação ou exclusão.

O viver transfronteiriço, o senso de universalidade, talvez estejam mais próximos do que assinala Morin (1995) em resgatar a essência do ser humano e a terra como sua pátria. Um mundo sem fronteiras, ou com fronteiras abertas, pode ser o início das condições para a cidadania planetária.

Para demonstrar o avanço da cidadania planetária, Morin (1995, p.36), traz condições que já está se vivenciando e traz a emergência de uma identidade planetária:

- a) A persistência de uma ameaça nuclear global: a todo momento, se é surpreendido com ameaças de bombas nucleares que poderiam trazer consequências globais e catastróficas para a sociedade; esta percepção de ameaça global, ainda que de forma negativa, reforça os laços planetários e evoca uma consciência mais ampla dos riscos que se corre enquanto sociedade planetária;
- b) A formação de uma consciência ecológica planetária: já é conhecida a preocupação global que se tem que ter com a natureza do nosso planeta e seus efeitos (aquecimento global, derretimento de geleiras, etc). A consciência ecológica a todo momento clama por uma ação global, entendendo que somos parte de um grande holograma e cada parte do mundo conta no todo;
- c) A entrada no mundo do terceiro mundo: com a entrada desse terceiro mundo no mundo globalizado, a partir da descolonização dos anos de 1950-1960, passa-se a mundializar a percepção das coisas humanas. Os problemas do terceiro mundo passaram a ser vistos como problemas do próprio mundo;

- d) O desenvolvimento da mundialização civilizacional: esta condição se percebe para pior e para melhor. Para pior, nos processos de destruição e homogeneização dos costumes, o lado mais perverso da globalização. Por outro lado, redes internacionais de cooperação em áreas de tecnologia, saúde, meio ambiente criando soluções globais para problemas locais e representam o lado bom;
- e) O desenvolvimento de uma mundialização cultural: um processo ambivalente, por um lado, homogeneização, perda de diversidade, degradação; por outro, encontros, novas sínteses, novas diversidades.
- f) A formação de um folclore planetário: a produção e a difusão da mistura de culturas por meio, por exemplo, da televisão, do cinema e da internet. A facilidade com que se tem acesso aos bens culturais do mundo traz a sensação de mundialização, para quem tem esse acesso;
- g) A teleparticipação planetária: através dos meios de comunicação de massa, o mundo acompanha, em tempo real, o que acontece. Se consome como espectadores, se participa da vida dos outros e se comove com aquilo que é apresentado pela televisão e pela internet;
- h) A Terra vista da Terra: uma parte muito grande da humanidade pôde contemplar nas telas da televisão, em 1969, a Terra vista da lua, concretizando um sentimento de que há uma entidade planetária à qual se pertence.

Todas estas condições criam a consciência planetária, um reconhecimento maior de que, de fato, se é filho da terra e se ocupam territorialidades reconhecidas como Estado-nação, apenas como parte desta natureza humana. Estados-nação se formaram para reivindicar soberania de uma etnia, como aspiração irresistível para atender necessidades (de autonomia e de autoafirmação, de retorno às fontes, de raízes, de comunidade).

Além do Estado-nação, criação do homem, Morin (1995) traz que a real identidade do ser humano é a cósmica, as demais identidades são todas criadas, produzidas pelo próprio homem:

O super-vivente que é o homem criou novas esferas de vida: a vida do espírito, a vida dos mitos, a vida das ideias, a vida da consciência. E é ao produzir essas novas formas de vida, que dependem da linguagem, das noções, das ideias, que alimentam o espírito e a consciência, que ele se torna progressivamente estranho ao mundo vivo e animal. Donde o duplo estatuto do ser humano. Por um lado, depende totalmente da natureza biológica, física e cósmica. Por outro, depende totalmente da cultura, isto é, do universo da palavra, do mito, da ideia, da razão, da consciência. Assim, a partir e para além das identidades que o enraízam na terra e o inscrevem no cosmos, o homem produz suas identidades propriamente humanas – familiar, étnica, cultural, religiosa, social, nacional. (Morin, 1995, p. 57)

E observando o que ocorre no mundo, talvez sejam encontradas resistências e dificuldades neste processo de mundialismo. Verifica-se forças de integração e desintegração entre sociedades, nações, religiões, etnias e no interior de cada sociedade. Mesmo nas populações heterogêneas, observa-se mais justaposições e hierarquizações do que uma integração verdadeira. No encontro de culturas, muitas vezes, se percebe mais a incompreensão e forças de rejeição do que a aceitação do outro. Parece que o mundo sempre está em constante movimento de integração, por um lado, e por forças de separação e desintegração, por outro. Esta é a realidade com que se está diariamente convivendo na atualidade.

A vivência transfronteiriça, está mais próxima do que Morin propõe em cidadãos do mundo ou cosmopolitanos:

É somente quando nos tornamos de fato cidadãos do mundo, isto é, cosmopolitas, que seremos vigilantes e respeitosos das heranças culturais, bem como compreensivos das necessidades de retorno às fontes. Por isso assumimos a palavra cosmopolita que significa (literalmente) cidadão do mundo e (concretamente) filho da Terra – e não indivíduo abstrato que perdeu todas as suas raízes. Desejamos o desenvolvimento das redes no tecido planetário, queremos a mestiçagem, nas condições em que ela é simbiose e não tomada de substância de uma civilização para a outra. (Morin, 1995, p.120)

Portanto, a reflexão que se quer deixar aqui é que, a partir dos resultados produzidos nesta pesquisa, se possa estar mais otimista na criação de uma sociedade mais compreensiva. Mas, para isso, tem-se que trabalhar para uma maior integração social e territorial. Uma geopolítica não centrada nas nações e sim descentrada e subordinada aos imperativos associativos e vínculos cooperativos entre zonas, fazendo convergir caminhos de aproximações múltiplas.

Lembrando que, quando se aborda uma maior integração e aproximação, não está se tratando em homogeneização ou padronização, pois, a natureza do ser

humano é ser diverso e esta aproximação deve privilegiar as diferenças, assim como foi visto nas vivências transfronteiriças dos habitantes das TTI. Na origem de todas as culturas, inclusive das que parecem mais singulares, há encontro, associação, sincretismo, mestiçagem. Todas as culturas têm a possibilidade de assimilar dentro dela o que lhes é a princípio estranho, pelo menos até certo limiar, variável conforme sua vitalidade, além do qual elas se fazem assimilar ou se desintegrar. A partir disso, pode-se pensar em uma cidadania planetária, como assinala Morin :

De qualquer modo, a associação planetária é exigência racional mínima para um mundo estreitado e interdependente. Cumpre, inclusive já considerar, no seio dessa associação, a cidadania planetária, que daria e garantiria a todos direitos terrestres. Essa ideia, que parece hoje utópica, foi no entanto realizada pelo édito de Caracala (no ano de 212), que concedeu a cidadania romana a todos os habitantes de um império que era então, a seus próprios olhos, o mundo mesmo. (MORIN, 1995, p.116)

Um planeta por pátria é isto que devemos difundir, tendo a cidadania planetária como um agrupamento de identidades concêntricas, a partir da identidade familiar, local, regional ou nacional. O mundialismo quer fazer do mundo um Estado, tendo o planeta como casa comum para a diversidade humana. (MORIN, 1995)

Falar de identidade remete à ideia de alteridade nas comunidades fronteiriças. A alteridade não é sinônimo de diferença, implica ver-se por intermédio do olhar do outro para entender as diferenças entre identidades, expressa na diversidade que se encontrou em uma territorialidade transfronteiriça, por exemplo.

As identidades só existem na medida em que as diferenciações subjetivas são construídas com outros grupos ou indivíduos, do que deriva a importância da alteridade como referente ao processo de identificação. Para isso são utilizados elementos subjetivos e objetivos. Os elementos objetivos referem-se à linguagem, mitos e tradições, enquanto os elementos subjetivos são as construções com os quais os grupos distintos estabelecem suas diferenças.

A presença de diferentes culturas em uma mesma territorialidade marca as sociedades nos dias de hoje. Seja por movimentos migratórios ou pela vivência de multi ou transterritorialidades, passa-se a conviver com o “outro”, que até certo tempo estava desconhecido e vivia longe de cada um de nós. De certa forma, essa condição desafia diariamente as fronteiras pessoais e cria as condições para o estabelecimento de múltiplas identidades.

Nesse sentido, autores como Garcia (2014), Vieira (1997), Bilbeny (2007), Delanty (2008) já trazem a discussão da identidade cosmopolita, ou em outras palavras as pessoas que se definem como cidadãos do mundo. Os indivíduos que se movem entre territorialidades, seja ao redor do mundo ou em diferentes países, quando entram em contato com diferentes culturas, questionam suas próprias identidades e ao mesmo tempo ampliam suas noções de pertencimento a uma determinada territorialidade limitada, estabelecido por fronteiras específicas e passam a se caracterizar como cidadãos do mundo. (GARCIA, 2014)

Essa condição se percebe a partir dos relatos produzidos pelos entrevistados, uma vez que a vivência na fronteira ampliou suas referências de pertencimento, ao ponto de permitir identificações múltiplas com elementos territoriais. Talvez aí esteja uma tendência que se encontram mais presentes em um mundo de transterritorialidades, de fronteiras abertas e de múltiplas identidades.

Segundo Garcia (2014), a ideia de uma cidadania cosmopolita pretende superar a ideia de pertencer a um território nacional e ter uma identidade homogênea. A natureza da identidade pessoal é plural, mesmo ao agregar elementos de diferentes grupos sociais, e de possibilitar a inclusão de referências multiterritoriais e não apenas a ideia de nação.

Essa condição nacionalista que cria a relação entre cultura e um estado e reduz a identidade das pessoas e o seu pertencimento a um território delimitado por fronteiras tem por objetivo criar identidades uniformes para aqueles que vivem nesta territorialidade, criando certo fundamentalismo cultural (STOLCKE, 1999). Assim é criado um grupo de valores a referido grupo que permite a classificação perante aos outros, justificando a superioridade e as diferenças. Daí que surgem os nacionalismos, os xenofobismos e os preconceitos, de uma forma geral.

Evidentemente que a situação de viver em múltiplas territorialidades pode provocar diferentes efeitos em termos identitários: por um lado as pessoas podem reforçar suas identidades nacionais sentindo-se mais ligados à sua terra natal ou, outros, já não se sentem em lugar nenhum, ou se sente em vários lugares ao mesmo tempo, não encontram uma pátria com o qual se identificar e podem ser identificados como cidadão do mundo. Há aqueles indivíduos, como o que esta pesquisa apresentou, que conseguem ao mesmo tempo reforçar suas referências identitárias nacionais, tendo orgulho da sua nação, mas ampliam suas referências

com elementos de outras nações, ou no caso específico, dos distintos países que fazem parte da transfronteira. (CAMPILLO, 2010)

Toda essa situação está próxima do que Baumann (2004) apresenta como a pós-modernidade líquida, onde o compromisso com o outro e com a sociedade foi deixado para trás e a insegurança que isso produz leva a mobilidade constante.

Na realidade, se pode dizer que se é parte do relacionamento interdependente entre nós e o Estado ao qual se pertence e esta condição pode se ampliar ou se restringir de acordo com as políticas e com as práticas que este Estado opera. Exemplo disto, foi a análise que se realizou ao longo da pesquisa sobre a União Europeia e do Mercosul como estratégias de ampliar as territorialidades dos Estados Nacionais para uma macrorregião. Da mesma forma o exemplo que se trouxe da tríplice fronteira europeia mostra como as políticas de integração interferem na mobilidade, nas oportunidades e no poder que essas regiões passam a ter frente aos seus estados nacionais.

A pátria da cidadania cosmopolita não é um lugar específico, nem é um mundo sem cultura. Este mundo é onde todos têm lugar e todas as culturais locais são valorizadas e desejadas, assim, a diversidade se torna riqueza.

Segundo Bilbeny (2007), pode-se entender a cidadania cosmopolita de diferentes formas: primeiro quanto aquelas pessoas que não se sentem enraizadas em nenhuma territorialidade particular e que se movem e se adaptam por meio de culturas, espaços e pessoas; em segundo lugar como uma posição de alguém que defende a liberdade de ir e vir e de algum modo não vê sentido nas fronteiras, bandeiras e demais elementos nacionais; e por fim, como forma de representar o sentimento daquelas pessoas que se mudaram e não se sentem mais enraizadas com o território de origem.

A cidadania cosmopolita, em essência, é construída por múltiplas identidades, tendo a flexibilidade característica desta condição, ou seja, ao longo da vida e das experiências sociais o indivíduo pode dispor de uma identidade ou de outra, conforme a pertinência, interesse ou predisposição. Conviver com o outro possibilita estar de cara com as diferenças e com as semelhanças, com as identificações e as desidentificações, fazendo com que as fronteiras culturais fiquem diluídas.

O mundo de múltiplas territorialidades e fronteiras abertas permite que cada um defina seu território a partir da identificação que realiza com este território, emergindo identidades que vão compor o repertório individual do sujeito em seu

ambiente social. Por esse motivo é que o viver transfronteiriço é um passo para a construção da cidadania cosmopolita ou mesma na construção do senso mais amplo de universalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência contemporânea representa um momento histórico que ora acolhe ampla diversidade de manifestações culturais e territoriais e ora impõe forças de separação e exclusão que levam à construção de novos muros e fechamento de fronteiras. A todo momento se vive a contradição de abertura/fechamento, inclusão/exclusão, integração/isolamento, aceitação/discriminação e homogeneidade/heterogeneidade. Entender os limites destas contradições permite avançar na compreensão da função e efeitos de todas as fronteiras impostas. As fronteiras permitem encontros, desencontros, reconhecimentos, identificações, desidentificações e, mais significativo, possibilitam entrar em contato com o diferente.

Nesse contexto, a investigação procurou estudar aspectos relacionados às fronteiras, mais especificamente as questões subjetivas que envolvem viver na fronteira. Para tanto, esta pesquisa objetivou desvelar como ocorrem as vivências transfronteiriças dos indivíduos nas TTI. Nessa territorialidade, formada pelas áreas das cidades de Foz do Iguaçu (BR), Ciudad del Este (PY) e Puerto Iguazú (AR) já existem evidências de processos avançados de transfronteirização que envolvem questões geográficas, econômicas, sociais e de mobilidade urbana, favorecidos pela constituição do Mercosul.

Por transfronteirização compreende-se os processos de aproveitamento de uma fronteira limite territorial, que separa países e sistemas políticos econômicos, pelos habitantes desta territorialidade. A partir da mobilidade, os habitantes de uma transfronteira podem valorizar e incorporar em suas vidas aspectos que transcendem a fronteira limite, definida pelo Estado, e estabeleçam relações de integração com os demais territórios, vivendo, de fato, a fronteira. É possível perceber todas essas condições nas TTI, conforme foi demonstrado em outros estudos e nas evidências apresentadas no presente estudo.

Ademais, em todas essas condições transfronteiriças que foram abordadas, o que interessa saber aqui se resumiu na pergunta, no problema da pesquisa: Como ocorrem as vivências transfronteiriças dos indivíduos que moram nas Territorialidades do Iguaçu? Assim, procurou-se evidenciar os aspectos subjetivos deste viver na fronteira, para a compreensão de como esta realidade transfronteiriça

influenciou a vida destas pessoas. Foram estabelecidas relações entre territórios, fronteiras e identidades, na perspectiva interdisciplinar.

Para responder à pergunta, a problemática central desta pesquisa, se adotou a ideia do viver transfronteiriço para caracterizar o processo de vivências e percepções que estes indivíduos estabelecem nesta territorialidade. Esta condição está relacionada a como os indivíduos estabelecem suas vivências, indo além dos limites das fronteiras estabelecidas, ou seja, utilizam de elementos transfronteiriços para o constante (des)identificar-se. Isso inclui elementos culturais, linguísticos, sociais, econômicos, dentre outros. Esses elementos foram identificados nos indivíduos que participaram desta pesquisa e contribuíram, a partir das suas histórias, para as conclusões que ora são apresentadas.

Para chegar a essas considerações, primeiramente se recupera o primeiro objetivo específico que foi o de realizar levantamento de dados a respeito das Territorialidades Transfronteiriças do Iguassu, identificando sua história, constituição, evolução, mudanças e importância no contexto geoeconômico. A partir de pesquisas documentais, foi possível construir panorama das TTI em seus múltiplos aspectos, o que colaborou para a análise posterior dos dados das entrevistas e dos sujeitos da pesquisa.

Iniciou-se por caracterizar as três maiores cidades destas TTI, em busca de indicadores e fatos econômicos, históricos e sociais que colaboraram para a vida na fronteira e têm influência na configuração das identidades. Neste objetivo foram demonstradas, evidências de uma territorialidade transfronteiriça a partir da análise das políticas e ações em saúde, transportes, educação, economia e mobilidade.

O segundo objetivo específico era o de identificar, por meio de entrevistas semiestruturadas com indivíduos que nasceram e moram nas TTI, a sua percepção das vivências transfronteiriças. Foram realizadas entrevistas de história de vida com 16 pessoas que nasceram e se criaram em uma das cidades buscando compreender os elementos que cada um utilizou e utiliza para estabelecer suas vivências: o viver a fronteira ou o viver *na* fronteira.

A partir dos aportes teóricos de identidade, identidade nacional e identidade territorial, se pode perceber que a territorialidade tem influência nos processos de constituição de identidades. Os indivíduos se apropriam de elementos que estão presentes nas territorialidades para criar fontes de identificação e significação. Nesse sentido, os símbolos nacionais como a cultura, as tradições, a língua, os

aspectos sociais presentes fazem com que o indivíduo estabeleça sua individualidade. Especificamente se estudou a territorialidade transfronteiriça como espaço de constituição desse sujeito, confrontos, aproximações, pontos e contrapontos.

As entrevistas forneceram material prático e vivencial para as proposições teóricas que este estudo se dedicou e na perspectiva qualitativa não se pretendeu universalizar os fenômenos estudados, mas sim compreender através destes indivíduos como os processos subjetivos se estabelecem e se recriam no seu cotidiano.

A partir dos resultados dessas entrevistas, explorou-se o terceiro objetivo, que era o de delinear as características da vida transfronteiriça a partir dos elementos relatados pelos entrevistados. Com o material analisado, pode-se estabelecer proposições a respeito do viver transfronteiriço, no sentido de ampliar as compreensões dos fenômenos que se estabelecem nas fronteiras, entendendo o componente humano desta realidade geopolítica.

Como características deste viver transfronteiriço, cita-se: o multipertencimento, percebido pela maneira como os indivíduos se sentem pertencentes em múltiplos contextos territoriais e transnacionais; as múltiplas apropriações identitárias, que avançam as fronteiras e limites para a constituição das identidades; a adaptabilidade e flexibilidade, a capacidade de se adaptar nos distintos contextos fronteiriços; o binômio mobilidade-liberdade, observada na fluidez e nos contornamentos que a experiência transfronteiriça proporciona; o senso de universalidade, aceitação das diferenças e a tolerância com o outro; os confrontos e aproximações, a constante dinâmica que a fronteira possibilita em termos (des)identificações e o *estar-entre*, a percepção de transcender os limites e aproveitar as oportunidades que a fronteira cria.

Para complementar a investigação, pode-se pensar em reflexões no sentido de ampliação das políticas e ações de transfronteirizações com potencial de viabilizar e facilitar as vivências transfronteiriça nas TTI, como:

- a) Ampliação e facilitação da mobilidade transfronteiriça: um ponto observado durante a análise dos resultados desta pesquisa é que a mobilidade, a facilidade no acesso e o sentimento de liberdade são bases para a construção da vivência transfronteiriça. Quanto maior

forem as condições de acesso e mobilidade aos moradores da tríplice fronteira, melhores serão as condições de desenvolvimento de uma identidade mais integrada. No caso específico das TTI, a construção da terceira ponte ligando Brasil – Paraguai seria um importante avanço nas políticas de mobilidade, além disto, pode-se trabalhar para que o livre trânsito de pessoas de fato possa ocorrer com maior fluidez, como no caso da U.E. A territorialidade já dispõe de transporte rodoviário e hidroviário que auxilia no deslocamento das pessoas na fronteira, entretanto as políticas aduaneiras e de controle poderiam ser facilitadas para moradores das TTI;

- b) Políticas Públicas Transfronteiriças: nos setores de saúde, educação e assistência social seria necessária maior integração nas políticas públicas de atendimento à população transfronteiriça. Como se pode perceber, a população se movimenta de acordo com a percepção da prestação do melhor serviço em um dos países, o que sobrecarrega o atendimento de algum deles. Como o deslocamento da população é fato, novas políticas públicas transfronteiriças devem ser propostas e implantadas, com planejamento e orçamentos integrados. No campo da saúde, por exemplo, se demonstrou que a população procura nos países da fronteira os melhores serviços, sendo assim, uma política de atendimento a essa população deveria levar em consideração a características transfronteiriça regional. Hoje, o que se percebe são planejamentos independentes dos países da fronteira para sua população local, mas na prática o que ocorre é ampliação do público atendido. Na área de educação, o trânsito transfronteiriço é evidente e, apesar de se ter legislação específica para a aceitação de diplomas nos países do Mercosul, na prática isso não ocorre. Ou seja, é preciso ampliar as políticas educacionais para atendimento das necessidades transfronteiriças;
- c) Políticas Econômicas Transfronteiriças: outro aspecto que foi trazido nos resultados desta pesquisa é relativo às questões econômicas. Além das políticas de integração previstas no Mercosul, a fronteira

deve ampliar os aspectos da integração econômica, privilegiando as trocas das cidades fronteiriças e a convergência de esforços para o desenvolvimento econômico. As cidades da fronteira acabam por sentir os efeitos da política econômica adotada em cada país, o que faz com que enormes diferenças da realidade econômica destas cidades sejam percebidas. Tais políticas de integração deveriam levar em consideração a vocação econômica de cada cidade, mantendo suas características e com condições para ampliar as relações comerciais com as outras cidades da fronteira. Nesse sentido, pode-se pensar em padronização de procedimentos comerciais, aduaneiros, fiscais e legais para produtos e serviços da fronteira. Outro fator que poderia ampliar as trocas fronteiriças seria a integração monetária ou a criação da moeda comum, adotada pelos países do Mercosul;

- d) Políticas linguísticas transfronteiriças: a língua foi fator muito abordado nos resultados nesta pesquisa e nesse sentido seria importante uma política linguística específica para a fronteira, para ampliação da integração e das trocas entre os habitantes das TTI. Uma das propostas seria a adoção pelas escolas da tríplice fronteira do espanhol ou do português com segunda língua obrigatória, não como hoje é realizado com baixas cargas horárias de estudo, mas sim escolas com ensino bilíngue, onde a língua espanhola e portuguesa possa ser tratada da mesma forma, com a mesma importância para o seu domínio e fluência. Dessa forma, se manteriam as especificidades linguísticas dos países, mas por outro lado, se ampliariam as possibilidades de convergência entre os indivíduos. Tal situação favoreceria a eliminação dos contornamentos linguísticos da fronteira, como é o caso que se apresentou do “portunhol”;
- e) Educação transfronteiriça: outra perspectiva interessante seria se as escolas de educação formal da fronteira adotassem o que está se chamando de uma “Educação Transfronteiriça”, que representa a aprendizagem de elementos culturais, hábitos, tradições, histórias nacionais, símbolos pátrios e outros dos três países da fronteira. Ou

seja, além do habitual trabalho das questões nacionais, oferecer aos alunos a possibilidade de estudarem, formalmente, aspectos culturais dos demais países que compõem a fronteira. Isso faria com que se ampliasse o espaço de conhecimento, permitindo a aceitação da cultura do outro e a identificação transfronteiriça. É importante deixar claro que tal condição está relacionada com o ensino formal, pois, como se pode perceber, na educação informal (em casa, família, amigos, etc) essa educação já ocorre trazendo os resultados que foram demonstrados nesta pesquisa, de um maior senso de universalidade, de mais tolerância e pacificidade;

- f) Políticas e legislação transfronteiriça: para facilitar o livre trânsito e circulação entre os três países da fronteira se faz necessário uma integração ou padronização das legislações em determinadas áreas, conforme se demonstrou nesta tese. Por exemplo, a legislação de trânsito poderia ser melhor integrada para facilitar a circulação de carros entre os três países. Outro exemplo, a legislação de trabalho transfronteiriço, além das propostas já existentes, precisa ser melhor encaminhada para retratar a realidade das pessoas que vivem em um país e trabalham em outro. A política de aceitação de títulos acadêmicos (graduação, mestrado, doutorado) precisaria também ser melhor integrada para ampliar a capacidade acadêmica e as possibilidades de intercâmbio científicos e técnicos;
- g) Políticas de Segurança Pública: não se pode deixar de falar dos aspectos relacionados à segurança pública, pois comumente a fronteira é tratada apenas pelas suas facetas do contrabando e da criminalidade transfronteiriça. Nesse sentido, pelo que se demonstrou na pesquisa, as políticas de fechamento da fronteira e da construção de “novos muros” não são eficazes para conter uma rede de crimes internacionais, muitos deles inclusive virtuais. Sendo assim, esta é mais uma necessidade de incremento da integração das políticas de segurança pública, das inteligências das polícias dos três países da fronteira. Já existem iniciativas nesse sentido, como o Gabinete

Tripartite de Segurança da Fronteira (integrando os corpos diretivos policiais federais dos três países), mas precisaria-se avançar na segurança transfronteiriça. Com planejamento, inteligência e integração, é possível estabelecer políticas que façam frente às necessidades de segurança. Pensar em uma *polícia transfronteiriça*, integrada por comandos e pessoal dos três países, seria uma alternativa à tradicional política adotada pelos Estados.

Estas reflexões são possíveis a partir da compreensão da realidade transfronteiriça que foi verificada nesta territorialidade e no fato de como as pessoas vivenciam as TTI. O estudo procurou diferenciar a condição de viver a fronteira; como aqueles que relataram a facilidade de acesso, a mobilidade aos serviços e locais dos três países, da condição de viver na fronteira; como a condição de apenas assumir como casualidade estar vivendo em uma territorialidade de fronteira e não tirar partido desta oportunidade.

Algumas reflexões possíveis, na verdade, deixaram novas interrogações e questionamentos. Do ponto de vista da construção das individualidades, o que se pode verificar é que as fronteiras limites, impostas por condições econômicas e legais pelos Estados, não são necessariamente observadas pelos indivíduos para a constituição das suas identidades e para definição do espaço vivido. Esta condição é favorecida por uma dinâmica transfronteiriça marcada pela integração e liberdade de ir e vir destes indivíduos. As diferenças linguísticas, culturais, as tradições e os hábitos parecem não se constituírem barreiras, mas sim oportunidades de ir além das fronteiras pessoais e conhecer o outro.

Utopicamente, pode-se pensar em como seria um mundo sem fronteiras, um mundo sem limites em que as pessoas poderiam estabelecer suas bases identitárias em múltiplos elementos, sem limitações ou *divisões*. Seria um Estado único, sem disputas por supremacia e territórios, com mais igualdade, tolerância e compreensão do outro? Não se sabe. O que já se torna possível é iniciar a ampliação da solidariedade humana, de pertencimento ao mesmo complexo tecido da era planetária. Nas palavras de Morin (1995) “somos solidários desse planeta, nossa vida está ligada à sua vida. Deve-se arrumá-lo ou morrer. Assumir a cidadania terrestre é assumir nossa comunidade de destino”.

Este estudo se mostrou empreendedor no aspecto de procurar aproximar os conhecimentos dos indivíduos da realidade territorial, e no caso específico das TTI, a partir da realidade vivida pelos indivíduos, obtida pela pesquisa de campo realizada. Além disto, a busca por evidências do viver transfronteiriço se mostra inovadora no campo das ciências humanas e sociais.

Do ponto de vista metodológico, adotou-se a perspectiva da Epistemologia Qualitativa, de acordo com o proposto por Gonzáles Rey (2005), dando enfoque às trajetórias e discursos dos indivíduos entrevistados, para compor as proposições teóricas que foram feitas. Para auxiliar a definição das categorias de análise foi utilizado o software Iramuteq para a geração da nuvem de palavras e análise de similitudes. Complementando as entrevistas semiestruturadas, foram realizadas pesquisas bibliográficas e documentais na tentativa de explorar os aspectos já conhecidos das TTI. As escolhas metodológicas possibilitaram o alcance dos objetivos propostos, que foi se construindo ao longo da pesquisa e das atividades realizadas.

Outro ponto a destacar é que este estudo se propôs a ser interdisciplinar. Para alcançar os objetivos propostos procurou-se ampliar o olhar sobre o objeto de pesquisa para, sem pré-concepções teóricas, compreender subjetivamente as dimensões humanas. Este foi um desafio, afinal a educação e pensamento é disciplinar e o exercício de pensar interdisciplinarmente tira as bases para um mergulho na realidade do fenômeno estudado.

De forma prática, a interdisciplinaridade pode ser percebida pela utilização de diversos pontos de vista teóricos (Psicologia, Sociologia, Antropologia, Geografia) e na busca da essência do que se encontra no campo prático, sem apriorismos teóricos e disciplinares. A própria forma do homem se constituir enquanto sujeito torna a interdisciplinaridade uma necessidade para compreensão de tal fenômeno. Para isso, precisa-se transcender a visão fragmentada e reducionista do ser humano, buscando sua totalidade.

Como sugestão de pesquisas futuras, para ampliar ou mesmo contrapor a temática estudada nesta pesquisa, pode-se pensar no estudo da identidade transfronteiriça em outros contextos transterritoriais, para analisar como se constituíram as identidades em tais territorialidades e se as características da identidade transfronteiriça podem ser ampliadas, refutadas ou mesmo confirmadas.

O que se percebe é que o viver transfronteiriço não é homogêneo e linear, constituindo simples esquemas. Pelo contrário, retrata a diversidade e as diferenças que a fronteira estabelece. Estudar as dinâmicas individuais associadas à multiterritorialidade é um desafio, dada a complexidade da dimensão humana. A pesquisa se propôs a demonstrar a existência do viver transfronteiriço, com características comuns das pessoas que nasceram e se desenvolveram na fronteira e que a percebem não como limite, mas como ponto de encontro das diferenças. Que os esforços (teóricos e práticos) estejam voltados em integrar as pessoas no mundo, diminuindo as fronteiras e barreiras, para um viver com mais paz social e fraternidade.

REFERÊNCIAS

- ABCOLOR. Sanatorio Nacional sin Medicos. Disponível em <<http://www.abc.com.py/nacionales/sin-medicos-por-vacaciones-1441073.html>>. Acessado em 29 out. 2017.
- ABBOTT, Philip. A ameaça terrorista na Tríplice Fronteira: mito ou realidade. In: **Military Review**. Janeiro/Fevereiro de 2005. Págs. 18 – 23.
- AEROPUERTOS.NET. Aeropuerto Internacional Guarani. Disponível em <<http://www.aeropuertos.net/aeropuerto-internacional-guarani/>>. Acessado em 29 out. 2017.
- AGRODIGITAL, Via Confagri. *Mercosul perto de fechar Acordo de Livre Comércio com EU*. Em: <<http://www.agrotec.pt/noticias/mercosul-perto-de-fechar-acordo-de-livre-comercio-com-ue/>>. Acesso 10/10/2017.
- ALBAGALI, Sarita. Território e territorialidade. In:_____. BRAGA, Cristiano; MORELLI, Gustavo; BRAGA, Vinicius Nobre. **Territórios em movimento: cultura, e identidade como estratégia de inserção competitiva**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004. Disponível em: <[http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/E7B7/\\$File/NT000A61AE.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/E7B7/$File/NT000A61AE.pdf)>. Acesso em: 20 de set. 2017.
- ALVAREZ, R. R. J. The mexican-US border: The making of an anthropology of borderlands. **Annual Review of Anthropology**, 24, 1993, p. 447.
- ALVES, J. L. **Brasiguaios: destino incerto**. São Paulo: Global, 1990.
- AMARAL, Arthur Bernardes do. **A Tríplice Fronteira e a Guerra ao Terror**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010
- ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. Trad. de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDRADE, Luciano. **Análise da Distribuição Espacial dos Homicídios Juvenis em um Município Brasileiro de Tríplice Fronteira no Período de 2000 a 2007**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Maringá: UEM, 2009.
- ARANHA, Bruno P.L. **De Buenos Aires a Misiones: Civilização e barbárie nos relatos de viagens à terra do mate (1882-1898)**. São Paulo: USP, 2014. (Dissertação de Mestrado).
- ARAUJO, F. G. B.; HAESBAERT, R. **Identidades e Territórios: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro: Access, 2007.
- ARAÚJO, J. & ÁLVAREZ, V. Redes de cooperação transfronteiriça, parcerias e desafios da governação local. **RACE, Revista de Administração, Contabilidade e**

Economia, 13 (3),, 2014, 803-828. Acessado em 15/09/2016, de <http://editora.unoesc.edu.br/index.php/race>

ARRAIGA RODRIGUES, Juan Carlos. El concepto de frontera en la perspectiva humana. **Perspectiva Geográfica**. Vol. 17, 2012.

AVIAÇÃOJÓR. Aeroporto de Foz do Iguaçu é o único a crescer mais de 10% no Brasil. Disponível em <<http://aviacao.jor.br/aeroportos/aeroporto-foz-do-iguacu-unico-brasil-crescer/>>. Acessado em 29 out. 2017.

BAUMANN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BATISTA, L. C. **Brasiguaios na fronteira: caminhos e lutas pela liberdade**. São Paulo, 1990. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

BILBENY, N. **La identidad cosmopolita: Los límites del patriotismo en la era global**. Barcelona, Editorial Kairós, 2007

BOCK, Ana Maria Mercês. **Psicologias**. São Paulo: Saraiva, 2015.

BOURDIEU, Pierre. Espírito de Estado. Gênese e estrutura do campo burocrático. In: **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.

BRAND, Antônio; COLMAN, Rosa; MACHADO, Neimar. Os Guaranis nas fronteiras do MERCOSUL. In: 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2008, Porto Seguro. Comunicação... Porto Seguro: Centro Cultural de Eventos do Descobrimento, 2008.

BUSTAMANTE, J. A. The silent invasion issue: A view of the Border from Mexico. **Journal of Fronteras**, El Colegio De La Frontera Norte, 1976, p. 11-21.

CABEZA DE VACA, Álvaro Núñez. **Naufraios e Comentarios**. Madrid: Anaya, 1992.

CALAME, J., & CHARLESWORTH, E. **Divided cities. Belfast, Beirut, Jerusalem, Mostar, and Nicosia**. Philadelphia, E.E.U.U.: University of Pennsylvania Press, 2009.

CAMMARATA, Emilce Beatriz; DIECKOW, Mgter Liliana. Estudio Integral del Destino Turístico Iguazú-Cataratas: Controversias y Desafíos para el Desarrollo. In: IV SEMINTUR – SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 4, 2006, Caxias do Sul. Seminário. 2006: Universidade de Caxias do Sul, 2006. p. 1 - 16. Disponível em: <http://www.ucs.br/ucs/tplSemMenus/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_4/arquivos_4_seminario/GT09-4.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2018.

CAMPILLO, A. (2010). Nomadismo, globalización y cosmopolitismo. En Vicente, A. F. (Ed.). (2010). **Nomadismos contemporáneos: formas tecnoculturales de laglobalización** (Vol. 16). Murcia, Editum, 2010.

CANCELA O., C. . La Eurorregión Galicia-Norte de Portugal: un escenario de cooperación territorial. **Eurorexión Galicia-Norte de Portugal**. NÚMERO 74 NOVIEMBRE 2010 – ENERO, 2011.

CARNEIRO, Camilo. **Transfronteirizações na Bacia do Prata**. Porto Alegre, 2016.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

CARDIN, Eric Gustavo. **A expansão do capital e as dinâmicas da Fronteira**. Araraquara: UNESP. Pesquisa (Doutorado em sociologia), 2010.

CCLB. Centro Cultural Luso-brasileiro. Disponível em <<http://cclbdobrasil.blogspot.com.es/2013/09/foz-do-iguacu.html>>. Acessado em 29 out. 2017.

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A.; SILVA, Roberto da. **Metodologia Científica**. 6 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CIANCIO, Miguel Angel Pangrazio. **Corrupción e Impunidade en el Paraguay**. Assunção: Servilibro, 2005.

CHELOTTI, Marcelo Cervo. Reterritorialização e identidade territorial. **Soc. nat. (Online)**, Uberlândia , v. 22, n. 1, p. 165-180, abr. 2010 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-45132010000100012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 11 nov. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1982-45132010000100012>.

CLICKFOZ. Câmara de turismo quer eliminar cobrança de pedágio para entrar na Argentina. Disponível em <<http://www.clickfozdoiguacu.com.br/camara-de-turismo-e-contra-cobranca-de-pedagio-para-entrar-na-argentina/>>. Acessado em 29 out. 2017.

COURLET, Claude. **Globalização e fronteira**. Porto Alegre: Ensaios FEE (17) 11-22, 1996.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CRUZ, Valter do Carmo. Itinerários teóricos sobre a relação entre território e identidade. In: BEZERRA, A. C. A.; GONÇALVES, C. U.; NASCIMENTO, F. R. do; ARRAIS, T. A. (orgs.). **Itinerários geográficos**. Niterói: Ed UFF, 2007. p. 13-35.

CURY, M.J.F. **Territorialidades Transfronteiriças do Iguassu (TTI): interconexões, interdependências, interpenetrações nas cidades da Tríplice Fronteira de Foz do Iguaçu (BR), Ciudad del Este (PY) e Puerto Iguazú (AR)**. Pesquisa defendida no Programa de Pós Graduação em Geografia. Curitiba, 2010.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro, Zahar, 1981

DA MATTA, Roberto. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1991

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

DELANTY, G. (2008). La imaginación cosmopolita. **Revista CIDOB d'afers internacionals**, p. 35-49, 2008.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DÍAZ FERNANDEZ, J. A. "Las relaciones transfronterizas Galicia–región Norte de Portugal: estrategias para la dinamización del potencial de desarrollo endógeno de la eurorregión". **Revista de Desarrollo Rural y Cooperativismo Agrario (2006-2007)**, p. 291-308

DOMINGUEZ, L. C. "Asimetrías y puntos de encuentro: la raya entre España y Portugal (1991-2011)", in **Estudio socioeconómico de la frontera entre Portugal y España**, p. 7-35. RIET ediciones. Salamanca, 2013.

DORFMAN, Adriana. Panorama, percurso e possível agenda para os Estudos Fronteiriços brasileiros. In: Dorfman, Adriana (Org.) **Anuário Unbral das fronteiras brasileiras 2014**. Porto Alegre: Editora Letra 1, Instituto de Geociências – UFRGS, 2015.

DRI, Clarissa Franzoi; PAIVA, Maria Eduarda. Parlasul, um novo ator no processo decisório do Mercosul?. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba , v. 24, n. 57, p. 31-48, mar. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782016000100031&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 15 out. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1678-987316245703>.

DROOGERS, André. Religião, identidade e segurança entre imigrantes luteranos da Pomerânia, no Espírito Santo (1880-2005). **Relig. soc.**, Rio de Janeiro , v. 28, n. 1, p. 13-41, jul. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872008000100002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 01 mar. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-85872008000100002>.

ERIKSON, Erik H. **Identidade: juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

EPELBOIM, Solange. Identidade judaica: considerações psicológicas acerca da dimensão religiosa. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas , v. 23, n. 1, p. 47-54, mar. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2006000100006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 15 nov. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2006000100006>.

EURODISTRICTBASEL. Eurodistrict Trinational de Bâle. Disponível em <<http://www.eurodistrictbasel.eu/de/>>. Acessado em 18 jan. 2018.

EUROAIRPORT. Euroairport. Disponível em <<http://www.euroairport.com/>>. Acessado em 18 jan. 2018.

F24. Ladrões agredem passageiros em assalto a linha de ônibus internacional. Disponível em <<http://www.f24.com.br/editorial/foz-do-iguacu/seguranca/05022015-237037-ladros-agridem-passageiros-em-assalto-a-onibus-da-linha-internacional-em-foz-do-iguacu>>. Acessado em 29 out. 2017.

FARRET, Ricardo. Especificidades das áreas urbanas de fronteira. In: **Fronteiras da América Latina: espaços em transformação**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1997.

FERNANDES, Karina; ZANELLI, José Carlos. O processo de construção da identidade dos indivíduos na organização. **Revista de Administração Contemporânea**. São Paulo, v.10, n.1, p.55-72, jan/mar. 2006.

FIGUEIREDO, A. M. & Leal, I. Diagnóstico da situação socioeconômica da fronteira Galiza - Norte de Portugal. in **Estudio socioeconomico de la frontera entre Portugal y España**, p. 37-137. RIET ediciones. Salamanca, 2013.

FONSECA, Carlos da. Deus está do nosso lado: excepcionalismo e religião nos EUA. **Contexto int.**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 149-185, June 2007. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-85292007000100005&lng=en&nrm=iso>. access on 10 set. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-85292007000100005>.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Trad. Raquel Ramalhete. 34. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população: curso no Collège de France**. São Paulo : Martins Fontes, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade : curso no Collège de France**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRANCISCO, Wagner De Cerqueira E. "**Dados do Paraguai** "; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/geografia/dados-paraguai.htm>>. Acesso em 30/08/2016

FRIGOTTO, GAUDÊNCIO. A INTERDISCIPLINARIDADE COMO NECESSIDADE E COMO PROBLEMA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS. **Ideação**, [S.l.], v. 10, n. 1, p. p.41-62, set. 2010. ISSN 1982-3010. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4143>>. Acesso em: 21 jan. 2016.

FURTADO, Odair. Dialética e contradições da construção da identidade social. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 259-268, ago. 2010. Disponível

em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822010000200006&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 18 jul. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822010000200006>.

GARCIA, Alda OCHOA. Ciudadanos del mundo: desafiando las fronteras. **Revista Periferia**. Número 19, Dezembro, 2014

GENEYRO, R; MUÑOZ, M. “Evolución del tratamiento de la tematica socio laboral. Enumeración y análisis del SGT nº 10/GMC Relaciones Laborales, Empleo y Seguridad Social”. In: **Revista de Direito do Mercosul/Revista de Derecho del Mercosur**, nº 5, ano 2, Buenos Aires, p.193- 204, out. 1998.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GIL, Antonio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIMENEZ, G. **Cultura, territorio y migraciones. Aproximaciones teóricas, Alteridades**, 2001, p. 5-14.

GOETTERT, Jones Dari e MONDARDO, Marcos Leandro. O “Brasil Migrante”: gentes, lugares e transterritorialidades. **Revista Geographia**. V.11, n.21, 2009.

GOMES, Cristiane. Legislação ambiental do Mercosul e a gestão de recursos hídricos na Tríplice Fronteira. 2008. 182 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Departamento de Geografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008. Disponível em: <[http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/17281/Dissertação de Mestrado Cristiane 2008 PDF.pdf?sequence=1](http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/17281/Dissertação%20de%20Mestrado%20Cristiane%202008%20PDF.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 4 jun. 2018.

GOMES-DA-SILVA, J. R.; WETZEL, U. A construção de um quadro analítico sobre as significações de espaço no contexto das mudanças organizacionais. In: **Anais do Encontro Nacional de Programas de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração**, 30, 2006, Salvador. Anais... Salvador: ANPAD, 2006.

GONZALES REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: Os processos de construção da informação**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GOTTMANN, J. confronting centre and periphery. In: GOTTMANN, J. (Org.) **Centre and periphery – spatial variation in politics**. Beverly Hills and London: Sge Publications, 1980.

GRABBE, H. **The Sharp Edges of Europe: Extending Schengen Eastwards**. International Affaire, 76 (3), p. 519-536, 2000.

GRANATO, Leonardo. MERCOSUR, ASIMETRÍAS E INTEGRACIÓN PRODUCTIVA: discusión y balance a 25 años de la creación del bloque. **Cad. CRH**, Salvador , v. 29, n. 77, p. 381-394, Aug. 2016 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-

49792016000200381&lng=en&nrm=iso>. access on 06 jun. 2017.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792016000200012>.

GRIMSON, A. **Los límites de la cultura: crítica de las teorías de la identidad**. Buenos Aires, Siglo Veintiuno Editores, 2011.

GUERIOS, Paulo Renato. As condições sociais de produção das lembranças entre imigrantes ucranianos. **Mana**, Rio de Janeiro , v. 14, n. 2, p. 367-398, out. 2008 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132008000200004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 12 set. 2017.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132008000200004>.

GUICHONNET, P; RAFFESTIN, C. **Géographie des frontières**. Paris: Presses Universitaires de France, 1974, 224 p.

GUILD, Elspeth. Quem é o imigrante? O direito europeu e a categorização das pessoas na União Europeia. **Contexto int.**, Rio de Janeiro , v. 33, n. 1, p. 19-45, June 2011 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-85292011000100002&lng=en&nrm=iso>. access on 29 Out. 2017.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-85292011000100002>.

GUIMARAES, Luisa; GIOVANELLA, Lígia. Integração europeia e políticas de saúde: repercussões do mercado interno europeu no acesso aos serviços de saúde. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro , v. 22, n. 9, p. 1795-1807, Sept. 2006 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2006000900010&lng=en&nrm=iso>. access on 30 out. 2017.

GUTIERREAZ CASAS, L. E. Ciudad Juarez en los sesenta: la estructura urbana en transición. **Nóesis**, v. 18(36), 2009, p.128-154.

HABERMAS, Jurgen. **A lógica das Ciências Sociais**. São Paulo, Vozes, 2009.

HAESBAERT, R. **Des-territorialização e identidade**. Niterói: EDUFF, 1997.

HAESBAERT, R. **O Mito da Desterritorialização: “do fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, R. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto. 2002.

HAESBAERT, R.; SANTA BÁRBARA, M. J. Identidade e imigração em áreas transfronteiriças. **Revista Geographia**. Niterói, v. 3, n. 5, 2001.

HAESBAERT, Rogério. Elementos para uma nova regionalização em um mundo global des-territorializado. In: **Le bassin du Río de la Plata**. Développement local et intégration régionale. Martine Guibert et al (orgs.). Toulouse : Presses Universitaires du Mirail, 2009. p. 27-49.

HAESBAERT, Rogério. Região e redes transfronteiriças em áreas de migração brasileira nos vizinhos do MERCOSUL. In: **Fronteiras e espaço global**. Porto Alegre: AGB, 1998, 109 p.

HAESBAERT, Rogério. Regiões transfronteiriças e redes "brasileiras" no MERCOSUL. In: 8º Encontro de Geógrafos da América Latina, 2001, Santiago. **Anais do 8º Encontro de Geógrafos da América Latina**. Santiago: Universidad de Chile, 2001.

HAESBAERT, Rogério. **Viver no Limite**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HAESBAERT, Rogério Haesbaert da. **Latifúndio e Identidade Regional**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

HAESBAERT, W. M. **Geografia Política e Geopolítica: Discursos sobre o território e o poder**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

HIERNAUX-NICOLAS, Daniel. ¿Identities móviles o movilidad sin identidad? In: **Questões territoriais na América Latina**. Amália Lemos; María Laura Silveira e Mónica Arroyo (organizadoras). Buenos Aires: Clacso, 2006.

HISSA, C. E. V. **A mobilidade das fronteiras: Inserções da geografia na crise da modernidade**. Belo Horizonte: U.F.M.G., 2006.

HOBSBAWN, Eric. **Nações e nacionalismos desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HORII, Angélica Karina Dillenburg. Território guarani na tríplice fronteira: fragmentos que resistem no espaço-tempo. **Faz Ciência**, Francisco Beltrão, v. 14, n. 16, p.96-111, jul. 2014. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/fazciencia/article/view/11400/8247>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

HMCC. Hospital Costa Cavalcanti. Disponível em <<http://www.hmcc.com.br>>. Acessado em 29 out. 2017.

IANNI, Octavio. **Teorias da Globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>>. Acessado em 10 out. 2017.

IGUASSU.GOB.AR. Nuevo aeropuerto de Puerto Iguazú <<http://iguazu.gob.ar/2017/07/25/turismo-asi-lucira-el-nuevo-aeropuerto-internacional-de-iguazu-a-partir-del-2019/>>. Acessado em 29 out. 2017.

IGUASSUFALLSTRIP. Estación de Autobuses Ciudad del Este. Disponível em <<http://iguassufallsareatips.blogspot.com.es/2009/02/ciudad-del-este-paraguay-international.html>>. Acessado em 29 out. 2017.

INDOVINA, Francesco e CALABI, Donatella. Sull'uso capitalístico del territorio. In LUSSO, G. (Org.) **Economia e Territorio**. Milano: Angeli, 1974.

JENKINS, Richard. **Social identity**. Abingdon; New York: Routledge, 2008.

JESSOP, Bob. La economía política de la escala y la construcción de las regiones transfronterizas. In: **Revista Eure**, vol. XXIX, n° 89, p. 25-41. Santiago, 2004.

JESUS, Diego Santos Vieira de. Os processos de partilha da soberania na União Européia. **Rev. bras. polít. int.**, Brasília, v. 52, n. 2, p. 115-132, Dec. 2009. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292009000200007&lng=en&nrm=iso>. access on 22 Nov. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-73292009000200007>.

JURT, Joseph. O Brasil: um Estado-nação a ser contruído. O papel dos símbolos nacionais, do Império à República. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 471-509, dez. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132012000300003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 08 abr. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132012000300003>.

KEGEL, Patrícia Luiza; AMAL, Mohamed. Perspectivas das negociações entre o Mercosul e a União Europeia em um contexto de paralisia do sistema multilateral e da nova geografia econômica global. **Rev. Econ. Polit.**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 341-359, June 2013. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572013000200009&lng=en&nrm=iso>. access on 13 Out. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-31572013000200009>.

LANACION. Construyen Parque Industrial em Ciudad del Este. Disponível em <<http://www.lanacion.com.py/2017/01/27/construyen-parque-industrial-45-galpones-este/>>. Acessado em 29 out. 2017.

LAINO, Domingo. **Paraguai: fronteiras e penetração brasileira**. São Paulo: Global Editora, 1979, 247 p.

LIGRONE, Pablo. **Transfronteirización**. In: Diccionario del pensamiento alternativo. Biagini, H.; Roig, A. Buenos Aires: Biblos, 2006.

LIMA, Fernando Raphael Ferro de. **Desenvolvimento regional na fronteira Foz do Iguaçu/BR, Ciudad del Este/PY**. 2011. Pesquisa (Doutorado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

LIMA, Perci. **Foz do Iguaçu e sua história**. Foz do Iguaçu: Serzegraf, 2001.

MAALOUF, A. **Identidades asesinas**. Madrid, Alianza Editorial, 1999.

MALHOTRA, Naresh K.; ROCHA, Ismael; LAUDISIO, Maria Cecília; ALTHEMAN, Édman; BORGES, Fabio M. **Introdução à Pesquisa de Marketing**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

MARQUES, Josiel Alan Leite Fernandes. **Integração e cooperação territorial da tríplice fronteira de foz do iguaçu (brasil), puerto iguazú (argentina) e ciudad del este (paraguai)**. 2017. 171 p. Dissertação - Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Campus de Foz do Iguaçu.

MATIAS, Sérgio. Øresund: dois países, uma região? O nascimento de uma região transfronteiriça. In: **Periódico Informação Internacional**. Análise Económica e Política, 2002. Disponível em http://www.dpp.pt/pages/files/infor_inter_2002_VI.pdf. Acesso em: 10 jan. 2017.

MAY, Tim. **Pesquisa Social: questões, métodos e processos**. São Paulo: Artmed Editora, 2004.

MEDEIROS, Marcelo de Almeida; VIEIRA, Amanda Aires. Lógicas de centro versus dinâmicas de margens: a questão subnacional na União Européia. **Contexto int.**, Rio de Janeiro , v. 29, n. 2, p. 363-392, Dec. 2007 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-85292007000200004&lng=en&nrm=iso>. access on 22 Nov. 2017.

MENDES, José Sacchetta Ramos. ¿PUERTAS ABIERTAS? migrações regionais, direito e integração na Comunidade Andina de Nações e no Mercosul. **Cad. CRH**, Salvador , v. 29, n. spe3, p. 77-92, 2016 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792016000600077&lng=en&nrm=iso>. access on 22 Nov. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792016000400006>.

MERCOSUL. Página brasileira do Mercosul. Disponível em <<http://www.mercosul.gov.br>>. Acessado em 14 out. 2017.

MESQUITA, Zilá. **Antenas, redes e raízes da territorialidade**. São Paulo: USP, 1992, Pesquisa de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1992.

MILITIELLI, Edson Matias. **A representação do argentino na (s) fronteira (s)**. 2016. 149 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Foz do Iguaçu.

MINUTOONO. 10 mejores lugares para hacer shopping em Ciudad del Este. Disponível em <<https://www.minutouno.com/notas/3038949-los-10-mejores-lugares-hacer-shopping-ciudad-del-este>>. Acessado em 29 out. 2017.

MYSKIW, Antonio Marcos. **A fronteira como destino de viagem: a Colônia Militar de Foz do Iguaçu (1888-1907)**. 2009, 245p. Tese (Pós-graduação em História) Universidade Federal Fluminense – UFF.

MONDARDO, M. L. **Territórios Migrantes: transterritorializações e identidades em Francisco Beltrão – PR**. Dourados: Editora da UFGD, 2012.

MORIN, E. **Terra Pátria**. 1. ed. Porto Alegre: Editorai Sulina, 1995.

MOURA, R. **Arranjos urbano-regionais no Brasil**: uma análise com foco em Curitiba. Pesquisa (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Curso de Doutorado em Ciências da Terra. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2009.

MOTA, Katia Maria dos Santos. O tripé identidade, língua e nação nas falas de jovens brasileiros imigrantes nos Estados Unidos. **Trab. linguist. apl.**, Campinas, v. 47, n. 2, p. 309-322, Dec. 2008. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132008000200003&lng=en&nrm=iso>. access on 04 Nov. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-18132008000200003>.

MIYAMOTO, SHIGUENOLI. O Mercosul e a segurança regional: uma agenda comum? **São Paulo Perspec.**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 54-62, Jan. 2002. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392002000100007&lng=en&nrm=iso>. access on 22 Nov. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392002000100007>.

MURTAGH, B. **New spaces and old in ‘post-conflict’ Belfast** www.conflictincities.org/workingpapers.html. Acessado em 12 de janeiro de 2018.

NAÍM, Moisés. **Ilícito: o ataque da pirataria, da lavagem de dinheiro e do tráfico à economia global**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

NEWMAN, D. Boundaries. In: Agnew, J. *et. al.* **A Companion to Political Geography**. 1ª ed. Oxford: Basil Blackwell, 2003.

NUÑEZ, Ana Carolina. En Puerto Iguazú, Misiones (Arg.): Ordenamiento territorial e políticas hegemónicas, una visión crítica. In: XXVII CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE SOCIOLOGÍA, 27, 2009, Buenos Aires. Congresso. Buenos Aires: Asociación Latinoamericana de Sociología, 2009. p. 1 - 13. Disponível em: <<http://www.aacademica.org/000-062/479.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

OLIVEIRA, Nara Regina Olmedo. **Foz do Iguaçu Intercultural: cotidiano e narrativas de alteridade**. 2012, 151p., Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Foz do Iguaçu.

PACHECO, José Augusto. Políticas educativas para o ensino superior na União Europeia: um olhar do lado português. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 24, n. 82, p. 17-36, Apr. 2003. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302003000100002&lng=en&nrm=iso>. access on 22 Nov. 2017.

PARLASUL. Parlamento del Mercosul. Disponível em <<http://www.parlamentomercosur.org>>. Acessado em 14 out. 2017.

PERKMANN, M. Cross-border regions in Europe. Significance and drivers of regional cross-border co-operation. **European Urban and Regional Studies**, v. 10 (2), p. 153-171, 2003

PIMENTEL, Thiago Duarte; CARRIERI, Alexandre de Pádua. A espacialidade na construção da identidade. **Cadernos EBAPE.BR**, v.9, nº1, p.1-21, 2011.

PONTES FILHO, Almir. O direito indígena dos Guarani na área da Tríplice fronteira: Brasil-Paraguai-Argentina. *Cadernos da Escola de Direito e Relações Internacionais*, Curitiba, vol.1, n.15, p. 228-257, 2011.

POMBO, OLGA. EPISTEMOLOGIA DA INTERDISCIPLINARIDADE. **Ideação**, [S.l.], v. 10, n. 1, p. p.9-40, set. 2010. ISSN 1982-3010. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4141>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

PORTALIGUAÇU. Segunda ponte entre Brasil e Paraguai pode mudar perfil econômico e turístico da região. Disponível em <<https://portaliguacu.com.br/noticias-gerais/segunda-ponte-entre-brasil-e-paraguai-pode-mudar-perfil-economico-e-turistico-da-regiao-3706>>. Acessado em 14 out. 2017.

PRADO, Maria Lígia. **A formação das nações latino-americanas**. São Paulo: Atual, 1994.

PUERTOIGUAZU.NET. Transportes. Disponível em <<http://www.puertoiguazu.net/transportes.html>>. Acessado em 29 out. 2017.

RABOSSI, Fernando. **Nas ruas de Ciudad del Este: Vidas e vendas num mercado de fronteira**. Pesquisa (Doutorado em Antropologia Social). Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2004

RADIOCULTURAFOZ. Reforma da Rodoviária Internacional de Foz do Iguaçu. Disponível em <<http://www.radioculturafoz.com.br/reforma-da-rodoviaria-de-foz-e-tema-de-audiencia-publica/#.WfdFMNNSzIU>>. Acessado em 29 out. 2017.

RADIONACIONAL. El Hospital Marta Schwarz celebra 70 años. Disponível em <<http://www.radionacional.com.ar/hospital-marta-schwarz-celebra-70-anos/>>. Acessado em 29 out. 2017.

RAFFESTIN, Claude. **Autour de la fonction sociale de la frontière**. In: *Espaces et sociétés*, n. 70-71, 1992. p.157-164.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1994.

RAMMINGER, Tatiana; NARDI, Henrique Caetano. Subjetividade e trabalho: algumas contribuições conceituais de Michel Foucault. **Interface (Botucatu)**, Botucatu , v. 12, n. 25, p. 339-346, June 2008 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-

32832008000200009&lng=en&nrm=iso>. access on 21 dez. 2016.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832008000200009>.

REBOUÇAS, Lidia Marcelino. **O planejado e o vivido: o reassentamento de famílias ribeirinhas no pontal do Paranapanema**. São Paulo: Annablume, 2000.

ROLIM, Cássio. **Como analisar as regiões fronteiriças**: esboço de um enquadramento teórico-metodológico a partir do caso de Foz do Iguaçu. São Paulo: Nereus, 2004, 20 p. Disponível em http://www.usp.br/nereus/wp-content/uploads/TDNereus_05_04.pdf. Acesso em: 09 abr. 2017.

REITEL, B. Les logiques de projet dans l'agglomération transfrontalière de Strasbourg-Kehl et de l'agglomération trinationale de Bâle : vers l'émergence de nouvelles territorialités ? In: **Après les frontières, avec la frontière**. Nouvelles dynamiques transfrontalières en Europe. La Tour d'Aigues: Éditions de l'aube, 2006.

ROSIÈRE, Stéphane. **Géographie politique et Géopolitique**: une grammaire de l'espace politique. Paris: Ellipses, 2007, 426 p.

RÜCKERT, Aldomar A. **Reforma do Estado e tendências de reestruturação territorial. Cenários contemporâneos no Rio Grande do Sul**. 2001. 662 f. Pesquisa (Doutorado) – FFLCH, Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001

SANTA BÁRBARA, M. **Des-caminhos brasileiros em terras paraguaias**. Rio de Janeiro, 2005a. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Geografia, Universidade Federal Fluminense.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2004.

SANTOS, M. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: EDUSP, 2008. 231

SANTOS, M. O retorno do território. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A.; SILVEIRA, Maria Laura (Orgs.). **Território: globalização e fragmentação**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1996, p.15-20.

SANTOS, M. **Território, territórios: ensaio sobre o ordenamento territorial**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000, 174 p.

SANTOS, Maria Elena Pires; CAVALCANTI, Marilda Do Couto. Identidades híbridas, língua(gens) provisórias-alunos "brasiguaios" em foco. **Trab. linguist. apl.**, Campinas, v. 47, n. 2, p. 429-446, Dec. 2008. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132008000200010&lng=en&nrm=iso>. access on 23 Nov. 2017.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-18132008000200010>.

SAQUET, Marcos. **Os tempos e os territórios da colonização italiana**. Porto Alegre/ RS: EST Edições, 2003.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SAQUET, Marcos Aurelio; BRISKIEVICZ, Michele. Territorialidade e identidade: um patrimônio no desenvolvimento territorial. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 1, n. 31, p. 3-16, 2009.

SAQUET, M. A. **Por uma Geografia das Territorialidades e das Temporalidades**. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

SCHADEN, E. **Aspectos fundamentais da cultura Guarani**. 3. ed. São Paulo: EPU/Edusp, 1974.

SCHALLENBERGER, E. **A integração do Prata no sistema colonial. Colonialismo interno e Missões Jesuíticas do Guairá**. Toledo: Editora Toledo, 1997.

SCHALLENBERGER, E. **O Guairá e o espaço missioneiro: índios e jesuítas no tempo das missões rio-platenses**. Cascavel: Coluna do Saber, 2006.

SCHNEIDER, Jens. Discursos simbólicos e símbolos discursivos: considerações sobre a etnografia da identidade nacional. **Mana**, Rio de Janeiro , v. 10, n. 1, p. 97-129, abr. 2004 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132004000100004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 jul. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132004000100004>

SEIXAS, Lara Luciana Leal. Memória dos desapropriados do Parque Nacional do Iguaçu: as fronteiras do cotidiano em terras (i)legais. , 2012, 181 p. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) – Universidade do Oeste do Paraná. Foz do Iguaçu.

SELLTIZ, C.; JAHODA, M.; DEUTSCH, M.; COOK, S. M. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: Herder, 1967.

SILVA, Micael A. **Breve História de Foz do Iguaçu**. Foz do Iguaçu: Epígrafe, 2014.

SILVA, Wanise Cabral; AMARAL, Nemo de Andrade do. A imigração na Europa: a ação política da União Europeia para as migrações extracomunitárias. **Sequência (Florianópolis)**, Florianópolis , n. 66, p. 235-259, July 2013 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-70552013000100010&lng=en&nrm=iso>. access on 30 Out. 2017.

SILVA, Fidel Miranda. **Alto Paraná, su historia, ciudades y recuerdos**. Ciudad del Este: Sancho's Libros, 2007.

SOARES, Jéssica Aparecida. **A saúde pública na tríplice fronteira: estrutura de atendimento e estratégias de usuários fronteiriços para acesso à saúde**. 2017. 160 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) -Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Foz do Iguaçu, 2017.

SOHN, C.; REITEL, B.; WALTHER, O. Cross-border metropolitan integration in Europe: the case of Luxembourg, Basel and Geneva. **Environment and Planning C: Government and Policy**, 27, p. 922-939, 2009.

SOUZA, E. A.; PEDON, N.R. Território e Identidade. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros** – Seção Três Lagoas, v. 1, n.6, p. 126-147, Novembro, 2007.

SOUZA, Vitor Hélio Pereira de. Integração territorial no Mercosul: o caso da IIRSA/COSIPLAN. **Soc. nat.**, Uberlândia , v. 27, n. 1, p. 21-36, abr. 2015 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-45132015000100021&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 19 set. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-451320150102>.

STOLKE, V. La nueva retórica de la exclusión en Europa. **Revista Internacional de Ciencias Sociales**, 1999.

SPRANDEL, M. A. **Brasiguaios: conflito e identidade em fronteiras internacionais**. Rio de Janeiro, 1992. Dissertação (Mestrado) – PPGAS, Museu Nacional.

SPRANDEL, Marcia Anita. Brasileiros na fronteira com o Paraguai. **Estud. av.**, São Paulo , v. 20, n. 57, p. 137-156, Aug. 2006 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000200011&lng=en&nrm=iso>. access on 10 Nov. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142006000200011>.

STERRETT, K., HACKETT, M., & Hill, D. Agitating for a design and regeneration agenda in a post-conflict city: The case of Belfast. **The Journal of Architecture**, 16(1), 2011, p. 99-119.

TELLES, V. **A cidade nas fronteiras do legal e do ilegal**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010.

TRIBUNAFÓZ. Ponte Tancredo Neves: símbolo de integração com a Argentina. Em: <http://tribunadefoz.com.br/v1/artigo/661/Not%C3%ADcias/1/desfile_que_ja_e_tradicao_comemora_102_anos_de_foz.html>. Acesso 30/10/2017.

TRILLO SANTAMARIA, Juan Manuel, y LOIS GONZÁLEZ, Rubén C. “La frontera como motivo de atracción: una breve mirada a las relaciones Galicia-Região Norte”. Geopolítica(s). **Revista de estudios sobre espacio y poder**, vol. 2, núm. 1, 109-134, 2011

TRIPADVISOR. Centro de Puerto Iguazú. Disponível em <<https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g303444-d12213186->

i246809254-Foz_Atrativa-Foz_do_Iguacu_State_of_Parana.html>. Acessado em 29 out. 2017.

UDC. Centro Universitário Dinâmica das Cataratas. Disponível em <<http://www.udc.edu.br>>. Acessado em 29 out. 2017.

U.E. Web Oficial de la Unión Europea. Disponível em <<http://www.europa.eu>>. Acessado em 29 out. 2017.

UNAM. Levantan 2 km de muro de acerco e concreto entre Ciudad Juárez e EU. Disponível em <http://www.jornada.unam.mx/2016/12/12/estados/034n1est>. Acessado em 25/01/2018.

UNILA. Projeto Arquitetônico da UNILA e a Sustentabilidade. Disponível em <<https://www.unila.edu.br/noticia/projeto-modelo-de-sustentabilidade>>. Acessado em 29 out. 2017.

UPAP. Medicina Ciudad del Est. Disponível em <http://medicina.upap.edu.py/ciudad-del-este>; Acessado em 01 de Julho de 2018.

VALLEJOS, Jorge Emanuel; GONZÁLEZ, Alejandra Betriz. Selva, Tierra y Agua: 80 años del Parque Nacional Iguazú (1934-2014). Historia y Frontera, Puerto Iguazú, v. 3, n. 1, p.1-37, 2014. Disponível em: <<http://historiayfrontera.org/ojs-2.3.8/index.php/historiayf/issue/view/3>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

VIEIRA, Liszt. **Cidadania e globalização**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

VIERA, Liszt. **Os argonautas da cidadania**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

WAGNER, C. **Brasiguaios: homens sem pátria**. Petrópolis: Vozes, 1990.

WELTER, Viviane da Silva. **A hospitalidade e o controle na fronteira entre o Brasil, o Paraguai e a Argentina sob a perspectiva do turista brasileiro**. 2018. 119 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Foz do Iguaçu.

APÊNDICE A - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

- 1) Como é para você ter nascido em uma cidade de fronteira? Como esta condição afetou o seu desenvolvimento enquanto indivíduo?
- 2) O que é a fronteira Brasil – Paraguai – Argentina para você? Como você esta questão da fronteira no seu dia-a-dia?
- 3) Que elementos e características do país que você nasceu que você considera fazer parte da sua personalidade e da sua identidade?
- 4) Você consegue identificar elementos dos outros países da fronteira que fazem parte da sua forma de ser, de agir, de pensar?
- 5) No seu grupo social, familiar ou de trabalho como fica os limites estabelecidos pela fronteira?
- 6) Na sua vida diária, desde sua infância até hoje, qual sua relação com as diferentes cidades do Brasil, Paraguai e Argentina? Você costuma frequentar estas cidades? Com qual objetivo e frequência?
- 7) Onde você nasceu?

ANEXO

ANEXO I



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP

Aprovado na
CONEP em 04/08/2000

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Título do Projeto: POR UMA IDENTIDADE TRANSFRONTEIRIÇA: UM ANÁLISE DA CONSITUIÇÃO DAS IDENTIDADES PESSOAIS NA TERRITORIALIDADE TRANSFRONTEIRIÇA DO IGUASSU (TTI).

Equipe de Pesquisadores:

- Giuliano Derrosso (gderrosso@yahoo.com.br, 45 9916-9594) – Responsável e
- Mauro José Cury (maurojfc@gmail.com, 45 9993-1961) – Orientador da Pesquisa

Convidamos _____ a participar de nossa pesquisa e está relacionado com a tese de doutorado intitulada: POR UMA IDENTIDADE TRANSFRONTEIRIÇA: UM ANÁLISE DA CONSITUIÇÃO DAS IDENTIDADES PESSOAIS NA TERRITORIALIDADE TRANSFRONTEIRIÇA DO IGUASSU (TTI). Esta pesquisa pretende levantar informações sobre a identidade transfronteiriça do Iguassu, ou seja, compreender como se formou a identidade pessoal daqueles que nasceram na fronteira Foz do Iguaçu – Ciudad del Est – Puerto Iguazu. Os benefícios que se podem obter: contribuir com os estudos de fronteira, ampliar a compreensão da formação da identidade pessoal; Não haverá custos para os entrevistados desta pesquisa, sendo os custos absorvidos pela equipe da pesquisa. Para tanto, os procedimentos a serem utilizados serão realizados através de entrevistas individuais que serão gravadas e posteriormente transcritas.

Os possíveis riscos identificados neste processo de entrevista são: através das respostas podem ocorrer lembranças e memórias que evoquem sentimento e emoções no entrevistado, podendo o mesmo resignificar suas experiências vividas em períodos anteriores, questionar suas memórias, trazer lembranças emocionais dos fatos relatados que causem sofrimento e as perguntas e respostas podem oferecer constrangimento ao entrevistado. Estes riscos podem ser caracterizados como moral ou psicológico.

No caso de ocorrer situações de imprevistos do entrevistado como mal súbito durante a entrevista, o pesquisador acionará as estruturas de apoio como SIATE ou

mesmo contato do entrevistado e dará apoio e suporte durante todo o processo, até o término do projeto.

Sua identidade não será divulgada e seus dados serão tratados de maneira sigilosa, sendo utilizados apenas fins científicos. Você também não pagará nem receberá para participar do estudo. Além disso, você poderá cancelar sua participação na pesquisa a qualquer momento. No caso de dúvidas ou da necessidade de relatar algum acontecimento, você pode contatar os pesquisadores pelos telefones mencionados acima ou o Comitê de Ética pelo número 45 3220-3272.

Este documento será assinado em duas vias, sendo uma delas entregue ao sujeito da pesquisa.

Declaro estar ciente do exposto e a participar da pesquisa.

(Assinatura)
(Nome do sujeito de pesquisa ou responsável)

Eu, Giuliano Silveira Derrosso, declaro que forneci todas as informações do projeto ao participante e/ou responsável.

_____, ____ de _____ de ____.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
OESTE DO PARANÁ/
UNIOESTE - CENTRO DE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: POR UMA IDENTIDADE TRANSFRONTEIRIÇA: UM ANÁLISE DA CONSITUIÇÃO DAS IDENTIDADES PESSOAIS NA TERRITORIALIDADE TRANSFRONTEIRIÇA DO IGUASSU (TTI)

Pesquisador: Gíuliano Silveira Derrosso

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 56009616.5.0000.0107

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.697.445

Apresentação do Projeto:

O projeto está em conformidade com as Resoluções 466/2012 e 510/2015 CNS/MS

Objetivo da Pesquisa:

Desvelar a existência de uma Identidade Transfronteiriça a partir do estudo da construção das identidades pessoais nas Territorialidades Transfronteiriças do Iguassu. Realizar levantamento de dados a respeito da região das Territorialidades Transfronteiriças do Iguassu, identificando sua história, constituição, evolução, mudanças e importância no contexto geoeconômico da região.

Identificar, através de entrevistas com indivíduos do Iguassu, como ocorreu a configuração das identidades pessoais. Analisar de que forma a territorialidade transfronteiriça contribui para a (re)formulação das identidades dos sujeitos da tríplice fronteira do Iguassu. Propor a categoria analítica da Identidade Transfronteiriça, a partir dos elementos analisados.

Os objetivos apresentados encontram-se adequados ao estudo

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

os Riscos e benefícios foram apresentados, estando em conformidade com as Resoluções

Endereço: UNIVERSITARIA

Bairro: UNIVERSITARIO

UF: PR

Município: CASCAVEL

CEP: 85.819-110

Telefone: (45)3220-3272

E-mail: cep.prpgg@unioeste.br

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
OESTE DO PARANÁ/
UNIOESTE - CENTRO DE**



Continuação do Parecer: 1.697.445

466/2012 e 510/2015 CNS/MS

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Esta pesquisa trata-se de estudo de doutorado na área de Sociedade, Cultura e Fronteiras, tendo, portanto, caráter interdisciplinar e sendo relevante aos estudos nas áreas de Geografia, História, Sociologia, Psicologia dentre outras

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todas as pendências documentais foram revistas e os documentos estão em conformidade com as Resoluções 466/2012 e 510/2015 CNS/MS

Recomendações:

sem mais recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

sem pendências. Projeto Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_687726.pdf	08/08/2016 15:57:51		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLENovo.docx	08/08/2016 15:57:23	Giuliano Silveira Derrosso	Aceito
Outros	Instrumentoentrevista.docx	05/07/2016 14:15:22	Giuliano Silveira Derrosso	Aceito
Outros	RespostasConselho.docx	05/07/2016 14:07:11	Giuliano Silveira Derrosso	Aceito
Declaração de Pesquisadores	dadosmarquivo.jpg	05/07/2016 14:04:10	Giuliano Silveira Derrosso	Aceito
Declaração de Pesquisadores	naoinicio.jpg	05/07/2016 14:03:34	Giuliano Silveira Derrosso	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Introducao.doc	05/05/2016 23:04:11	Giuliano Silveira Derrosso	Aceito
Folha de Rosto	images.pdf	05/05/2016 23:03:19	Giuliano Silveira Derrosso	Aceito

Situação do Parecer:

Endereço: UNIVERSITARIA

Bairro: UNIVERSITARIO

UF: PR

Município: CASCAVEL

CEP: 85.819-110

Telefone: (45)3220-3272

E-mail: cep.prppg@unioeste.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
OESTE DO PARANÁ/
UNIOESTE - CENTRO DE



Continuação do Parecer: 1.697.445

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CASCADEL, 18 de Agosto de 2016

Assinado por:
Fausto José da Fonseca Zamboni
(Coordenador)

Prof. Dr. Dartel Ferrari de Lima
Coord. do Comitê de Ética em
Pesquisa em Seres Humanos
Portaria nº 6519/2016-GR